ANTOLOGIA DE PEDRO VELHO

Câmara Cascudo



edufrn

A presença constante nos sessenta anos de existência das universidades, a versão física do livro consagra uma tradição que ultrapassa meio século no caso da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Inicialmente, esses livros, compondo acervos trazidos pelas faculdades que constituíram a recém-criada Universidade do Rio Grande do Norte, tornaram-se a semente da Biblioteca Central Zila Mamede – BCZM e das publicações surgidas desde os primeiros passos da Imprensa Universitária, depois Editora Universitária.

Hoje, contando com as grandes vantagens oferecidas pela tecnologia, outra fronteira editorial se apresenta com uma significativa produção de e-books lançados pela Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – EDUFRN e acessíveis por meio do Repositório Institucional da UFRN. Dessa forma, ampliou-se sistematicamente o uso do livro em nossa universidade. Em reforço dessa ampliação, tornou-se importante a atuação da Secretaria de Educação a Distância – SEDIS. Uma e outra modalidade editorial apresentam-se em rica produção no contexto das comemorações dos sessenta anos, representada por um conjunto de obras impressas que atinge o número de 18 livros, além do expressivo catálogo de e-books lançado pela EDUFRN, com ênfase para a publicação acadêmico-científica com acessibilidade.

ANOS

UFRN
UNIVERSIDADE DO RIO GRANDE DO NORTE

ANTOLOGIA DE PEDRO VELHO

CÂMARA CASCUDO

edufrn
Editora da UFRN

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

Reitora
Ângela Maria Paiva Cruz

Vice-Reitor
José Daniel Diniz Melo

Diretoria Administrativa da EDUFRN
Luis Álvaro Sgadari Passeggi (Diretor)
Wilson Fernandes de Araújo Filho (Diretor Adjunto)
Judithe da Costa Leite Albuquerque (Secretária)

Conselho Editorial
Luis Álvaro Sgadari Passeggi (Presidente)
Alexandre Reche e Silva
Amanda Duarte Gondim
Ana Karla Pessoa Peixoto Bezerra
Anna Cecília Queiroz de Medeiros
Anna Emanuella Nelson dos Santos Cavalcanti da Rocha
Arrailton Araujo de Souza
Carolina Todesco
Christianne Medeiros Cavalcante
Daniel Nelson Maciel
Eduardo Jose Sande e Oliveira dos Santos Souza
Euzébia Maria de Pontes Targino Muniz
Francisco Dutra de Macedo Filho
Francisco Welson Lima da Silva
Francisco Wildson Confessor
Gilberto Corso
Glória Regina de Góis Monteiro
Heather Dea Jennings
Jacqueline de Araujo Cunha
Jorge Tarcísio da Rocha Falcão
Juciano de Sousa Lacerda
Julliane Tamara Araújo de Melo
Kamyla Alvares Pinto
Luciene da Silva Santos
Márcia Maria de Cruz Castro
Márcio Zikan Cardoso
Marcos Aurélio Felipe
Maria de Jesus Goncalves
Maria Jalila Vieira de Figueiredo Leite
Marta Maria de Araújo
Mauricio Roberto Campelo de Macedo
Paulo Ricardo Porfírio do Nascimento
Paulo Roberto Medeiros de Azevedo
Regina Simon da Silva
Richardson Naves Leão
Roberval Edson Pinheiro de Lima
Samuel Anderson de Oliveira Lima
Sebastião Faustino Pereira Filho
Sérgio Ricardo Fernandes de Araújo
Sibele Berenice Castella Pergher
Tarciso André Ferreira Velho
Teodora de Araújo Alves
Tercia Maria Souza de Moura Marques
Tiago Rocha Pinto
Veridiano Maia dos Santos
Wilson Fernandes de Araújo Filho

Secretária de Educação a Distância
Maria Carmem Freire Diógenes Rêgo

Secretária Adjunta de Educação a Distância
Ione Rodrigues Diniz Morais

Coordenadora de Produção de Materiais Didáticos
Maria Carmem Freire Diógenes Rêgo

Coordenadora de Revisão
Maria da Penha Casado Alves

Coordenador Editorial
José Correia Torres Neto

Gestão do Fluxo de Revisão
Rosilene Paiva

Revisão de ABNT
Verônica Pinheiro

Digitalização de Originais
Luíza Souza

Capa
Lilly Rocha

Tratamento de imagens, diagramação
Anderson Gomes do Nascimento
Morena Gil

Finalização para digital
Clara Wanderley

Fotografia da capa (Busto de Pedro Velho, Natal - RN)
Cícero Oliveira

Revisão Tipográfica
Renata Ingrid de Souza Paiva

Catalogação da publicação na fonte. UFRN
Secretaria de Educação a Distância

Cascudo, Câmara.
Antologia de Pedro Velho [recurso eletrônico] / Câmara cascudo. – Natal: EDUFRN, 2019.

247 p.: il. : 1 PDF

ISBN 978-85-425-0893-2

Modo de acesso: https://repositorio.ufrn.br

1. História – Rio Grande do Norte. 2. Geografia. 3. Nordeste. 4. Brasil. I. Título.

CDU 94 (813.2)
C334a

Elaborada por Cristiane Severo da Silva CRB-15/557.

O PAPEL DO LIVRO EM SESSENTA ANOS DE UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

Ângela Paiva Cruz - Reitora da UFRN

Embora pareça uma tautologia enfatizar-se a importância do livro tradicional, impresso em papel, no cotidiano de uma instituição universitária, nunca é demais chamar a atenção para sua importância em um tempo em que, por razões óbvias, verifica-se uma forte tendência a privilegiar o livro eletrônico.

Ninguém ousará negar a importância de contar com um suporte informacional que corresponda à velocidade presente no dia a dia das sociedades nas quais o uso da tecnologia tornou-se imprescindível. Contudo, a existência do livro físico – em alguns casos assemelhando-se a descobertas preciosas em minas ainda não tocadas pela internet – é igualmente inegável e justifica o evento editorial dos sessenta anos.

Notável é o caso de obras diretamente relacionadas com o evento, como, por exemplo, o livro iconográfico 60 anos, 60 olhares ou a reedição do memorável discurso do historiador Luís da Câmara Cascudo, que marcou a instalação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, à época ainda estadual. Não menos importantes, as reedições da História do Rio Grande do Norte, de Rocha Pombo – para a qual projeta o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte uma edição eletrônica – e o conjunto de livros que trata de seca e açudagem e estudos econômicos do estado, clássicos que não envelhecem, ambos, já tendo merecido edições da Coleção Mossoroense e da Fundação José Augusto, chegam à academia em novas edições.

O atual lançamento coloca-se à altura do ocorrido na década anterior – justamente quando se completaram os cinquenta anos da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – oferecendo ao leitor da academia, e também à sociedade norte-rio-grandense, interessados na valorização da cultura potiguar, um acervo bibliográfico que ficará como marco nas comemorações do sexagenário da UFRN.

ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

ANTOLOGIA DE PEDRO VELHO

Departamento de Imprensa
N A T A L — 1 9 5 4
Rio Grande do Norte

Pedro Velho enche a metade de um século.

Não há setor de atividade pública, na vida republicana do Rio Grande do Norte, em que sua presença não seja uma constante, um estigma benfazejo.

Em grande manifestação política de que foi alvo no seu dia aniversário de 1901, pronunciava êle estas palavras: "Não é a um indivíduo, qu'estais aplaudindo, os vossos hosannahs dirigem-se a uma instituição..." A referência era à família, gérmen de Nacionalidades, mas poderia bem ser aplicada ao seu autor, como definição exata e justa.

Quando lhe pronunciamos o nome ou nos descobrimos ante o seu monumento é a uma instituição que invocamos e prestamos homenagem.

Tal condição de símbolo, entretanto, tem impedido uma aproximação mais cotidiana (e tão necessária), com sua personalidade, cujos detalhes, ao lado da condição humana, se vão diluindo no tempo.

Duas razões determinaram o fenômeno: a ausência de uma biografia do homem Pedro Velho e a falta de contacto com sua produção no plano do jornalismo e da oratoria, com que abriu caminhos e enfrentou montanhas.

Esta antologia, cuja idéia submeti à apreciação do Governador Sylvio Pedroza, de quem mereceu pronta aprovação e integral apoio, pretende eliminar a segunda dessas dificuldades e constitui o ponto de partida, a primeira contribuição do Rio Grande do Norte e do Brasil,

às festas centenárias do fundador e consolidador do regime republicano nesta provincia, que serão, em 1956, levadas a cabo.

Convidando o escritor Luís da Câmara Cascudo para anotá-la e completá-la com um estudo biográfico e interpretativo de Pedro Velho, tive em mente unir o mais vivo padrão de cultura do Estado, em qualquer época, ao seu mais alto expoente político.

Natal, setembro de 1954.

ANTONIO PINTO DE MEDEIROS
Diretor do Departamento de Imprensa

PELA PATRIA!

"A REPUBLICA", orgão do partido nacional ou anti-monarchico nesta provincia, tem por missão essencial diffundir e propagar as ideias que o seu titulo synthetisa. Entretanto, a batalha que, com as armas da razão, vamos empenhar contra a realeza corrompida e corruptora não nos fará esquecer quaes as necessidades e os males desta terra infeliz, para dize-los sincera e lealmente aos nossos comprovincianos: isto é, será um novo e grande estimulo para levantar o espirito publico que *ignora* e que se não tem procurado esclarecer, emancipando-o de preconceitos vãos e perniciosas influencias. Cada um deve conhecer os seus deveres, mas não é menos necessario que conheça também os seus direitos.

Havemos de fazer destas modestas columnas não o vehiculo de paixões e odios, mas a tribuna onde o partido venha pensar alto, para ser ouvido e julgado pelo povo.

Atravez da forma menos brilhante, da phrase mais tosca e illetrada, ha de sempre transparecer aqui, como o nosso destino unico e jamais desmentido, a defeza das justas e nobres esperanças de um futuro melhor — o bem publico, emfim, que se traduz no mais completo desenvolvimento do progresso, à sombra protectora da liberdade e da paz.

Ardua a empreza para tão fracas forças; mas a consciencia recta do ignorante vale mais que a razão culta a que se não alia, robustecendo-a, a dignidade e o caracter, e isto nos alenta.

A causa sagrada da patria brasileira, o entranhado amor pelo pobre, mas estremecido torrão que nos servio de berço, eis o nosso programma: aquella nós a encaramos como todos os bons espiritos desinteressados e patrioticos na propaganda republicana; este só o poderemos affirmar pela conquista infatigavel do nosso bem estar.

Vamos pugnar pelo povo e pela nação.

O instincto da egualdade é o movel e a aspiração que encadeia e dirige todo o drama historico da humanidade, e esta sublime conquista não será feita sem a lucta constante contra todas as tyrannias, todos os privilegios, todas as excepções odiosas e injustas que dividem os homens em um pequeno grupo de favoritos e n'uma immensa turba de infelizes.

De todos os privilegios o mais humilhante, o mais pernicioso é a realeza hereditaria e irresponsavel; contra ella estremece em assomos da mais digna e justificada revolta a opinião cansada e desilludida; e entre a dynastia e a nação a escolha não é difficil, nem para hesitações.

Pela Patria! Eis o nosso compromisso; para o cumprimento deste encargo temos um só recurso — dizer ao povo a verdade inteira, clara e honradamente. Isto havemos de fazer, custe o que custar!

NOTA — É o artigo de apresentação d'"A REPUBLICA" no seu primeiro número, 1.º de julho de 1889. Foi escrito por Pedro Velho.

"A REPUBLICA" era impressa na tipografia do "Correio de Natal", periódico do velho político e jornalista João Carlos Wanderley (1811-1899), situada num prédio onde se ergue o edifício da Prefeitura Municipal. "A REPUBLICA" custava anualmente cinco mil reis e Pedro Velho pagava 100$ por edição. O último número distribuído antes da proclamação da República foi o n.º 20, a 11 de novembro. Constava de quatro páginas com três colunas cada uma, medindo 35 por 25 centimetros. O escritório era na Rua Visconde do Uruguai, n.º 6, a Rua Doutor Barata atual.

PARTIDO REPUBLICANO DO RIO GRANDE DO NORTE

I

Está sobejamente provado e é incontestavel que a simples mudança de pessoal do governo é inefficaz e insufficiente para melhorar e moralisar a vida publica no Brasil.

Convencidos de que uma reforma radical, dando à politica uma orientação mais seria e democratica, nos póde tirar do abatimento e desanimo em que vemos arrastar-se o pais; pedimos aos nossos comprovincianos que, por se e desapaixonadamente, observem o muito que nos falta para a nossa felicidade e procurem conhecer as causas do mal.

Feita com sinceridade a critica dos acontecimentos presentes, relembradas com magua as desgraças do passado, e antevistos com sobressaltos os desastres futuros, cremos que no espirito de cada cidadão se firmará inabalavel a certeza de que o que existe é pessimo e irremediavel, sem uma completa e definitiva transformação da nossa fórma de governo.

A missão que nos impomos é derramar pelo povo a propaganda democratica, procurando conquistar adeptos convictos e leaes.

No terreno das idéas, com a mais perfeita independencia de pensar, com as nossas convicções solidamente firmadas, sem violencias nem excessos, mas com perseverança e constancia, sempre na linha recta da propaganda doutrinaria, sem prestar ouvidos a intrigas nem calumnias, nos esforçaremos por convencer o eleitorado da incapacidade provada do actual governo para levar-nos com segurança e bom rumo, ao porto da felicidade e do progresso que aspiramos.

Sabemos que muita gente é republicana no Rio Grande do Norte e que só considerações de natureza transitoria demoram

o apparecimento de numerosas adhesões à causa da republica; mas os politicos sinceros hão de afinal reconhecer que na republica está o remedio unico aos males que affligem a nação, retardando-lhe as forças progressivas e arredando-a da communhão dos interesses sociaes, que tendem a unificar sob a bandeira branca da democracia todos os povos americanos.

Quando o Brasil, que já sacudio o jugo do captiveiro, se tiver egualmente libertado do monarchico, encontrará em si todas as forças necessarias para a grande romaria do progresso.

Quasi todos os brasileiros são republicanos, confessando que o advento da republica será o desfecho fatal e necessario da marcha da nossa civilisação. Concordam que a lição do abolicionismo fez nascer no espirito nacional uma certa confiança em si, animando-a a novas conquistas. Mas... Aqui as objeções não são todas afinadas pelo mesmo diapazão.

Os pretensos monarchistas podem ser classificados em 7 cathegorias: — indifferentes, timidos, opportunistas, illudidos, dependentes, especuladores, amigos pessoaes do rei. Mas o povo, o verdadeiro povo brasileiro, não póde estar em nenhuma destas condições, todas incompativeis com a conciencia civica e com a soberania nacional.

Quando a democracia brasileira abrir os olhos e comprehender a lepra que tem derramado sobre o corpo da patria o virus monarchico, ha de procurar um balsamo que lhe cure as chagas, e este achal-o-ha seguro e prompto na proclamação da republica.

A republica ha de vir certa e infallivelmente. Como e quando eis o problema. Pouco importa. Se trabalharmos sem a esperança de gozar pessoalmente os fructos da grande reforma ao menos estamos preparando um futuro melhor para os nossos filhos. Cremos entretanto que a liberdade triumphará em curto prazo e sem abalos nem convulsões. Contamos com a victoria pacifica da opinião que progride e cada dia mais e mais se fortalece.

A corôa terá de capitular. Se assim não for, mais uma vez ficará evidente o antagonismo entre a nação e o throno e provada a grande superioridade moral do homem do povo sobre a dynastia privilegiada. Aquelle generosa e espontaneamente abrio mão

da propriedade escrava, que as leis do Imperio garantiam; esta não quer deixar-nos livres a nós, a nós que não quizemos a escravidão dos pretos.

E são estes mesmos libertos, que nós arrancamos do azorrague e do tronco, que se pretende sublevar contra o generoso povo que lhe deu a liberdade, á custa de heroicas dedicações e sublimes sacrificios.

Quando a nação vio que o governo não fazia a abolição, começou a fazel-a por se, e a marcha triunphante que levara a idéa não deixava duvidas sobre o resultado; mais tarde os proprios escravos começaram a abandonar o eito. Verdade é que o faziam pacificamente e sem desordens, dizendo que não fugiam ao trabalho e sim da escravidão.

Foi então que o throno resolveu não resistir mais; e fez bem, porque seria, além de odiosa, impossivel a resistencia.

Felizmente a nefanda especulação que pretende reescravisar os libertos de hontem, explorando-lhes uma pretendida gratidão, além de revoltante para todos os espiritos elevados e dignos, tem levantado energicos protestos entre os proprios libertos, que vão comprehendendo a perfida manobra.

Querem transformar os trabalhadores ruraes, apenas livres das algemas do captiveiro, em janizaros não menos escravisados. Para isto vão illudindo alguns e recrutando os outros.

A idéa republicana sempre existio em germen na alma deste povo. A compressão do despotismo abafou-lhe longos annos a força e a vitalidade, porém ella nunca se extinguio. Presentemente eil-a cheia de um novo e potente vigor que surge em todos os pontos do nosso vasto territorio, fazendo proselytismo ainda mais rapido e enthusiasta do que o pensamento abolicionista ha pouco triunphante.

Os dous recursos de que até hoje têm lançado não a monarchia para fazer face ao movimento republicano são duas indignidades de quem os inventou. Os defensores do throno por um lado calumniam a republica, dizendo-a despeitada e indemnisista, por outro illudem e exploram os pobres libertos, instituindo a vergonha guarda-negra, onde a inconsciencia de uns é victima da insensatez de outros. Convém, entretanto, notar que a gloria de tal creação pertence exclusivamente aos homens do poder;

o partido constitucional hoje em opposição não a quer perfilhar e a tem repellido como cousa indigna da politica de um povo civilisado.

Esta provincia nada deve à monarchia. O desmoralisado governo que hoje administra o paiz tem por chefe, ao menos em nome, um estadista do norte (*) e que portanto deveria conhecer as necessidades desta zona, para procurar sanal-as ou attenual-as; mas ou não quer ou não pode, ou não sabe fazê-lo. A agricultura está farta de descursos, e exausta de meios. Aqui ella se estorce n'uma miseria visinha da agonia. Os decantados auxilios se não foram uma inepcia foram uma burla. O orçamento da agricultura abrio a valvula das obras publicas, uteis umas, outras duvidosas; a immigração no sul custa rios de ouro; fazem-se estradas e portos; ha um verdadeiro delirio de concessões e contractos, não se regateiam despezas quiçá infructiferamente.

O Rio Grande do Norte não foi contemplado com a minima parcella nesta chuva de favores. Tambem que cuidado póde dar aos poderes publicos este despresivel canto do vasto Imperio? Accresce que a indifferença e dobrez de seus representantes não procuram tornar conhecidas as suas mais urgentes e palpitantes necessidades. A infeliz provincia abysma-se desamparadamente; todos veem com tristeza a ruina dos seus recursos naturaes: a industria pastoril atravessa uma crise permanente, a lavoura vegeta desprotegida n'outra crise egual. Mas lá fora ninguem sabe disto; nem ha-de o governo incommodar-se por uma gente pobre e decahida de suas energias, que nem ao menos sabe pedir e reclamar.

O patriotismo dos cearenses, incansavel em exigir que lhes deem meios para luctar contra as hostilidades do clima, vai obtendo o fructo dos seus esforços; aqui morreremos de fome resignadamente, sem um protesto, sem um reclamo.

Uma politica de aldeia, cheia de perfidias e de intrigas, antepõe pequenos interesses individuaes ao bem publico. Os espiritos cegam-se e desvairam-se n'um partidarismo sem orientação e sem principios; rebaixa-se o nivel da moralidade;

(*) O "estadista do norte" era o conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira, presidente do então gabinete ministerial. Nascera em Pernambuco.

fazem-se e dizem-se desassombradamente (sem medo da consciencia, sem medo da opinião), cousas vergonhosas; injuriar, calumniar os adversarios que pugnam com sinceridade pelas suas idéas, é permittido, é meritorio. Agora os mais desbragados nessa escura vereda da diffamação chamam aos republicanos especuladores. Ha individuos tão corrompidos e tão perversos que, quando planejam commetter alguma indignidade, começam a attribuil-a ardilosa e antecipadamente a outra para desviar de se as attenções. Ás vezes são bastantes habeis para illudir incautos, outras vezes são bastante conhecidos os seus manejos e o effeito falha.

Especuladores os republicanos! quando são elles justamente aquelles que mais desinteressadamente militam na politica, porque tem contra se o odio da monarchia, da qual ainda infelizmente depende toda a vida social deste povo, que só agora vai reconhecendo o servilismo em que jazia e procura afinal emancipar-se.

Terminada a campanha, a justiça da historia, na sua sentença soberana e irrevogavel, dirá quaes foram os especuladores, quaes foram os patriotas leaes e desinteressados.

II

Ás 12 horas do dia 27 de Janeiro de 1889, teve lugar nesta capital, na residencia do cidadão João Avelino Pereira de Vasconcellos, (*) a primeira reunião do partido republicano nesta provincia, após os movimentos revolucionarios, tragicamente afogados no sangue dos patriotas de 1817 e 1824.

Presentes muitos cidadãos, e achando-se sobre a meza um grande numero de adhesões de correligionarios, que motivos poderosos impediram de comparecer à Capital, foi convidado para assumir a presidencia da assembléa o Dr. João de Albuquerque Maranhão, servindo-lhe de secretário o Rev. Vigário José Paulino de Andrade e o cidadão Juvencio Tassino de Menezes.

Obtendo então a palavra o Dr. Pedro Velho expoz os fins da reunião e submetteu á approvação dos cidadãos presentes as bases da lei organica do partido, as quaes foram unanimemente acceitas.

(*) Onde está o "Grande Hotel", na Praça José da Penha.

Continuando, o orador lembrou a creação de um jornal ou revista que désse conta dos progressos do partido no paiz e especialmente que se mandasse tirar uma grande edição das obras de propaganda de Assis Brasil e Silva Jardim, para distribuição gratuita entre o povo, e animou os correligionarios vindos do interior a que promovessem a creação de clubs locaes em seus respectivos municipios. Passou então a fazer a leitura de um manifesto, cuja redacção foi approvada, resolvendo a assembléa que fosse mandado á impressão, afim de ser distribuido largamente na provincia.

Usaram ainda da palavra outros cidadãos, todos de accordo com as idéas emittidas pelo Dr. Pedro Velho.

Em seguida procedeu-se a duas eleições: a primeira tinha por fim constituir uma commissão executiva provisoria, até que no Congresso do partido se nomeie o directorio annual.

Esta commissão ficou composta dos cidadãos seguintes: Dr. Pedro Velho, João Avelino Pereira de Vasconcelos, Dr. Hermogenes Joaquim Barbosa Tinoco, Dr João de Albuquerque Maranhão, Vigario José Paulino de Andrade, Fabricio Gomes de Albuquerque Maranhão, José de Borja Caminha Raposo da Camara, João Ferreira Nobre, Carlos Manoel de Jesus Nogueira e Costa, Antonio Minervino de Moura Soares e Manoel Onofre Pinheiro, os quaes d'entre se deverão escolher presidente, vice-presidente, thesoureiro e secretários.

A segunda eleição tinha por fim constituir a diretoria do Centro Republicano da capital, que ficou assim composta; Presidente Dr. Hermogenes Joaquim Barbosa Tinoco, Vive-presidente Manoel Ferreira da Silva Veiga, Thesoureiro Manoel Alves de Souza, 1.º Secretario Benedicto Ferreira da Silva, 2.º Secretario José Joaquim das Chagas Junior.

Terminada a reunião, se fez entre os cidadãos presentes uma bolsa para ocorrer ás despezas mais urgentes, telegraphando-se ao presidente do Conselho Federal do Rio de Janeiro sobre a reunião e seus resultados.

E para constar se lavrou a presente acta em que todos assig-

naram. João de Albuquerque Maranhão, Presidente. — Vigário José Paulino de Andrade, 1.º. — Juvencio Tassino Xavier de Menezes, 2.º Secretario.

* * *

Nomes dos cidadãos que compareceram á reunião do partido republicano no dia 27 de Janeiro de 1889 e que adheriram ao mesmo partido, residentes nesta Capital, Macahyba, Ceará-merim, Touros, Angicos, Santa Rita, Nova Cruz, Canguaretama, Goyaninha, Arêz, Papary e S. José de Mipibú.

João Ferreira Nobre.
Dr. Hermogenes Joaquim Barbosa Tinoco.
Vigario José Paulino de Andrade.
João Ferreira Nobre Junior
Advogado José de Borja Caminha R. da Camara.
Coronel Estevão José Barbosa de Moura.
José Justino de Oliveira Pinto.
Theophilo Oswaldo Ferreira da Rocha.
Thomaz Barbosa de Moura.
José Ferreira de Oliveira.
José Alipio de Menezes.
Ignacio Marçal de Andrade.
João de Lyra Tavares.
Joaquim Maria Maciel.
Vicente Thomaz de Lima.
Joaquim Correia de Mello.
Jeronymo Vieira de Mello.
José Carvalho de Góes.
Melchiades Ferreira Nobre
Joaquim Ferreira de Azevedo
Francisco Xavier de Lima.
Manoel Ferreira de Oliveira
Joaquim Vieira de Mello.
Manoel Paulino da Silva
Florencio do Rego Leite.
Felix Barbosa Tinoco

Francisco Gomes de Brito.
Ouriculo Mattos.
Manoel Ignacio Ferreira.
João Evangelista Ferreira da Silva.
José Paulino da Silva Junior.
Enéas Paulino da Silva.
Pedro Fernandes da Camara.
José Pinheiro de Castro.
Joaquim Tavares de Oliveira.
Emygdio A. de Moraes.
Dioclecio Duarte.
Antonio Joaquim Ferreira.
José Gomes da Costa.
José Paulino da Silva.
Raymundo de Medeiros Dantas.
Xisto Baptista Vieira.
Felippe Ferreira da Silva.
José Pedrosa de Oliveira.
Fabricio Gomes de Albuquerque Maranhão.
Olympio Tavares.
Antonio Barreto de Góes.
José Ignacio da Costa
Antonio Felippe Cabral de Mello.
João Pegado de Siqueira Cortez Filho.
Joaquim Scipião de Albuquerque Maranhão.
José Teixeira de Mello.
João Clementino de Souza
Joaquim Bezerra de Oliveira Lima.
André Julio de Albuquerque Maranhão.
Luiz Affonso de Albuquerque Maranhão.
Manoel Ferreira Duarte.
Bacharel João de Albuquerque Maranhão.
Luiz Candido de Araujo Camara.
João Augusto de Oliveira Barroca.
João Antonio de Brito.
Francisco Gomes Teixeira.
Bento José Taveira.
André de Freitas Dornellas Camara.

Benedicto Ferreira da Silva.
João Duarte de Oliveira.
Manoel Ferreira da Silva Veiga.
Dr. Pedro Velho de Albuquerque Maranhão.
José Henrique de Castro Barroca.
Adelino Maranhão.
José Leitão de Almeida.
Antonio Xavier de Souza.
Francisco Antonio de Souza Duarte.
José Alves de Souza.
Joaquim Hugo de M. Carvalho.
Antonio Minervino de Moura Soares.
Manoel Onofre Pinheiro.
Manoel Alves de Souza.
José Antonio Arêas.
Manoel da Cunha Soares.
Serafim Barbosa Cordeiro.
José Deodato de Oliveira Lima.
Manoel Cordeiro do Valle.
Joaquim Soares de Lima.
Lourenço Teixeira Fernandes.
Benjamim Franklin Pedreira.
Antonio Joaquim Soares
Ignacio Bento de Avila Cavalcante.
João Avelino Pereira de Vasconcellos.
Augusto Severo de Albuquerque Maranhão.
João Pedreira de Andrade.
Theodulo Soares Raposo da Camara.
Manoel Salustiano de Carvalho.
Napoleão Espiridião Pedreira de Góes.
Joaquim de Mattos.
Francisco Muniz Pacheco.
Joaquim Martiniano da Silva.
Juvencio Tassino Xavier de Menezes.
Manoel Alves de Moraes Castro.
Ricardo Fernandes.
Miguel Joaquim de Moraes.
Laurentino Teixeira Galvão.

Theodosio Soares de Oliveira.
José Joaquim das Chagas Junior.
Carlos Manoel de Jesus Nogueira e Costa.
Estevão Alipio de Oliveira.
João Alves de Mello.
Francisco Eduardo Soares da Camara.
José Rufino da Costa Pinheiro.
Felismino do Rego Dantas.
João Britto.
Alberto Frederico de Albuquerque Maranhão.
Antonio Francisco de Assumpção.

III

CAPITULO I

Do partido e dos seus meios de acção

Art. 1.º — E' considerado membro do partido republicano na provincia do Rio Grande do Norte todo o cidadão que fizer parte de um club ou sociedade republicana, ou que tenha feito manifestação clara e terminante de que adhere á causa do partido.

Art. 2.º — O partido republicano empregará para realisação dos seus fins todos os meios politicos, e especialmente a arregimentação do eleitorado e a propaganda na imprensa e na tribuna.

Art. 3.º — O partido terá um orgão de publicidade, a cargo de uma commissão nomeada pelo directorio.

Art. 4.º — As conferencias populares são um meio de propaganda de que assiduamente deve lançar mão o directorio, promovendo-as e animando-as.

Art. 5.º — Fica creada uma caixa geral do partido, onde todos os clubs republicanos da provincia deverão recolher a terça parte das suas receitas, para as despezas communs. Essas quantias serão mensalmente remettidas, em communicação official, pelos presidentes dos clubs ao directorio, cujo thesoureiro dará recibo.

Art. 6.º — O directorio solicitará do partido recursos extraordinarios, sempre que forem imsufficientes os ordinarios.

CAPITULO II

Do Directorio

Art. 7.º — O partido terá um directorio nomeado pelo Congresso, devendo durar 12 mezes o seu mandato.

Art. 8.º — Sonstará esse directorio de 11 membros, que entre si escolherão presidente, vice-presidente, thesoureiro e dous secretarios.

Art. 9.º — O directorio tomará por si todas as medidas necessarias à direcção dos negócios ordinarios do partido, convocando o Congresso para deliberar sobre os extraordinarios.

Art. 10 — Os directores tem por missão: Zelar pelo bem do partido em toda a provincia;

Executar e fazer executar as medidas votadas pelo Congresso;

Apresentar ao Congresso um relatorio do movimento geral do partido na provincia, mandando uma cópia do dito relatorio ao presidente do Conselho Federal, no Rio de Janeiro;

Prestar, perante o Congresso, minuciosas contas dos dinheiros recebidos.

Art. 11 — Além do directorio terá o partido no Rio de Janeiro uma delegação composta de 3 membros, que o mesmo directorio nomeará, afim de zelar pelos interesses do partido republicano da provincia junto ao Conselho Federal.

Art 12 — Emquanto não funcciona o Congresso, os republicanos reunidos em sua 1a. sessão inaugural elegerão uma commissão executiva provisoria, que deve exercer as attribuições do directorio.

CAPITULO III

Dos Clubs Republicanos

Art. 13 — O "Centro Republicano" da capital e as diversas sociedades que se forem fundando na provincia terão vida propria e independente do directorio. Gozarão de plena liberdade e autonomia para organisarem seus estatutos; mas para bôa ordem e disciplina do partido, o deverão fazer de accôrdo com as disposições aqui consignadas.

Art. 14 — Os presidentes dos clubs devem fazer de 3 em 3 mezes e remeter ao directorio uma relação dos socio do municipio, e uma exposição do movimento politico que nelle se manifestar.

Art. 15 — Compete aos clubs:

Cuidar assiduamente do alistamento dos eleitores;

Tomar todo interesse pelas eleições municipaes;

Responder ás consultas do directorio, e consultal-o por sua vez, quando for necessario;

Executar e fazer executar as ordens do directorio e do Congresso.

CAPITULO IV

Do Congresso

Art. 16 — Todos os annos cada sociedade republicana existente fóra da capital, enviará um delegado, que, com o directorio e tres membros do Centro Republicano de Natal, constituirão o Congresso do partido.

Art. 17 — O Congresso se reunirá na capital, ou onde melhor convier, no 6 de Março de cada anno.

Art. 18 — Os directores têm assento no Congresso, podem discutir as questões, mas sómente o presidente do directorio terá voto.

Art. 19 — Ao Congresso compete deliberar sobre os negocios geraes do partido, eleger o directorio annual, tomar conta dos seus actos, e traçar-lhe a marcha do partido.

Art. 20 — Os trabalhos do Congresso serão dirigidos por uma mesa composta de 1 presidente e 2 secretarios.

Art. 21 — O Congresso nomeará uma commissão de 3 membros para elaborar o projecto de Constituição politica do futuro estado federal do Rio Grande do Norte, trazendo os delegados dos clubs poderes especiaes para este fim.

Art. 22 — Nos casos de urgencia o directorio, de accôrdo com a maioria dos presidentes dos clubs, poderá convocar extraordinariamente o Congresso.

CAPITULO V

Das Eleições

Art. 23 — Os candidatos aos cargos de eleição provinciaes ou geraes serão indicados por escrutinio previo, cuja apuração será feita pelo directorio.

Art. 24 — Feita a apuração final o directorio publicará os nomes dos candidatos, recommendando-os aos suffragios dos correligionarios.

Art. 25 — Nas eleições municipaes a chapa será organisada pelo partido da localidade, communicando-se com antecedencia ao directorio os nomes dos candidatos, para serem publicados e recommendados no orgão official do partido.

Art. 26 — Para as eleições previas o directorio expedirá instrucções que as regulem e facilitem.

Approvado na reunião republicana de 27 de Janeiro de 1889. — Dr. Pedro Velho de Albuquerque Maranhão — Vigario, José Paulino de Andrade — Hermogenes Joaquim Barbosa Tinoco — João de Albuquerque Maranhão — João Ferreira Nobre — Carlos Manoel de Jesus N. Costa — Manoel Onofre Pinheiro — José de Borja Caminha Raposo da Camara — Antonio Minervino de M. Soares — Fabricio Gomes de Albuquerque Maranhão — João Avelino Pereira de Vasconcelos.

I V

MANIFESTO

Concidadãos:

O throno usurpando uma gloria exclusivamente popular para decorar-se com o epitheto de redemptor, julgou consolidar-se.

Pareceu-lhe que o 13 de Maio seria um solido remendo para as grandes brechas que apresenta a instituição monarchica.

Mas enganou-se, porque uma conquista como a abolição dá ao povo uma tal consciencia de sua dignidade e de sua força,

que não lhe é mais permittido estagnar-se na attitude servil de subditos reverentes.

A republica, como um novo Christo ,teve o seu precursor; e o Baptista desse novissimo evangelho foi a liberdade dos escravos.

Os brasileiros começam a sentir que a liberdade é uma aspiração natural e tambem irresistivel, desde que o pesado véo da ignorancia e da cobardia, adelgaçando-se, permitte a consciencia da nação que se deixa illuminar pelos fachos ardentissimos da propaganda democratica.

* * *

Cai do bico da penna de escriptores venaes, e filtra dos labios torpes de oradores comprados uma mentira infamissima e que tem a intenção envenenada e perfida de desacreditar o ideal republicano no Brasil.

Dizem que é o despeito, que é a indemnisação que tem levantado, como um fogo fatuo, essa sympathica corrente de opiniões, cujos elos, constituidos por clubs, jornaes, conferencias e pamphletos, se vão rapidamente soltando de um a outro extremo do paiz.

Embusteiros! não se pejam de atirar esta calumnia vil ao nobre sentimento democratico do povo brasileiro. A idéa republicana tem tão solidas bases na razão e na justiça, que não precisa de expedientes para luctar e vencer.

E quando a corrente for bem longa e bem forte hão de se ir estreitando os circulos da opinião em torno á monarchia, para intimar-lhe a sua incompatibilidade com o progresso moral da nação regenerada.

* * *

A pecha de indemnizista applicada ao Rio Grande do Norte é uma injustiça sem nome.

Esta provincia procedeu com tal nobreza, com tão espontanea e admiravel generosidade na questão dos escravos, que semelhante accusação nem de leve lhe attinge a fronte heroica.

Ainda quando a miséria e a vilesa infame de um governo nos viesse offerecer o preço dos nossos irmãos remidos, os rio-grandenses teriam coragem bastante para devolver como um insulto esse pensamento immoral, que importaria retrogradar o Brasil 300 annos no caminho da barbaria e do despotismo.

Não! Digamos bem alto e mil vezes: não é a questão dos escravos que nos preocupa; ella está terminada, e nos parece até uma especulação estar-se a espalhar constantemente que o governo se vê assaltado de opiniões escravocratas, e que só uma grande coragem e um grande patriotismo podem sustentar e manter respeitada a grande lei.

Não! A escravidão não voltará mais nunca e a indemnização, que seria revivel-a, é portanto impossivel.

Os republicanos despresam esta insultante insinuação, e, porfiando na tarefa de propagandistas, navegam no mar largo das grandes conquistas sociaes; procurando vencer outros escolhos que lhes vedem o caminho do progresso, porque aquelle — a escravidão — ficou para sempre submerso.

E' sina das idéas novas, por mais elevadas e humanitarias da ignorancia e a outra resistencia peor e mais tenaz dos interesses vinculados aos velhos regimens.

Nesta lucta muitas vezes as armas são illicitas e traiçoeiras. A idéa condemnada, em desespero de causa, atira-se cheia de furias contra o pensamento novo. E' o que estamos vendo.

A sublime crusada abolicionista dos cearenses, a quem cabe a primasia na grande campanha, teve tambem seus detractores; mas a gloria daquella heroica provincia a fama attestará eternamente.

Agora é a republica que se quer desacreditar. A policia secreta que atropellava as conferencias abolicionistas quer repetir o expediente para os meetings democraticos.

* * *

Qual foi o papel do throno na lucta épica do abolicionismo já todos o sabemos. Um eminente escriptor e notavel critico, professor do collegio D. Pedro II, disse com razão que não era redemptora mas sim enganadora o nome que merecia a regente.

Não partiu do throno o pensamento abolicionista, não teve o apoio da corôa a luminosa e sublime propaganda; só a ultima hora, na phase irresistivelmente triumphante do abolicionismo, quando a solução do problema não dependia de mais nada porque era uma exigencia e uma intimação do povo ao governo, é que a regente se decidiu, e ainda assim por calculo, para ver se captava sympathias. Foi uma salva-guarda aos seus interesses, e não uma generosidade espontanea, que fez com que a monarchia confraternizasse com o abolicionismo, a verdade é que ella capitulou diante de uma exigencia popular.

Os libertos nada, absolutamente nada, devem à corôa; o escravo teve um defensor, um unico, e este foi o povo, seu irmão: a compaixão pelos seus soffrimentos não desceu do governo para as camadas populares, pelo contrario subiu do povo para os poderes officiaes, cresceu, assoberbando todas as resistencias, e ganhou afinal a grande victoria da razão sobre o interesse.

O liberto é o filho do povo, porque só o povo o amparou e protegeu, só o povo se apiedou das suas miserias.

Mas nem o rotulo falso e usurpado de redemptor, nem a rosa de ouro, foram ainda sufficientes para garantir o prestigio que o throno sentia cada dia abandonal-o.

Abriram-se os cofres das graças, fonte de receita em aulicos e dinheiro. Coroneis, barões, commendadores formigam hoje n'uma profusão tal, que mostra claramente que isto não tem seriedade alguma. E' um expediente de que lança mão a corôa para comprar adeptos à custa da vaidade dos tolos. Uma nobresa que não tem outra fidalguia senão o rotulo de um decreto deve envergonhar-se de estar maculando esta America democratica e modernissima, onde os velhos preconceitos do passado, jamais poderão crear bases sólidas.

* * *

As adhesões republicanas não as queremos sómente de eleitores. Todos são brasileiros, podem ter opinião e manifestal-a. Além disso a pessima lei eleitoral que nos rege, já de si viciosa, é consideravelmente peorada, pela intervenção desbragada de certos magistrados e pela fraude imprudente dos documentos.

De tudo isto resulta serem incluidos na lista dos votantes sujeitos sem idoneidade e sem criterio, e ficarem privados do direito de suffragio, cidadãos, que pela cultura de seu espirito e por suas condições de fortuna são perfeitamente aptos e dignos de manifestar na urna a sua opinião sobre os negocios publicos.

Queremos votos, porque será sem duvida pela revolução incruenta do suffragio, será pela victoria das urnas que se ha de erguer na terra brasileira o estandarte da democracia. A republica se fará sem que custe uma gotta de sangue brasileiro.

Os senhores de escravos eram mil vezes mais aferrados ao dinheiro que deram pelos seus captivos, que o costume e a lei lhes faziam considerar uma verdadeira propriedade, do que os monarchistas ao throno.

Separação, guerra civil, a ruina da lavoura, tudo se disse e se explorou contra a propaganda abolicionista, mas a abolição está feita e fez-se entre risos e festas.

A republica se ha de fazer egualmente com flôres, pela vontade da nação inteira. Ella ha de surgir radiante do meio das ruinas do passado, que vai desabando inconsistente e sem prestigio.

Queremos votos; mas queremos também e principalmente que o povo, o trabalhador que nada deve à monarchia sinta esta verdade: — o futuro e a salvação da patria estão na republica.

* * *

Este grande problema é do interesse de todos. A despreoccupação pela causa publica é um symptoma de relaxamento social. A indifferença e o quietismo do espirito podem ser commodos; mas é humilhante e pusilanime esperar para decidir-se que a victoria esteja ganha; é o papel dos poltrões sem patriotismo e sem dignidade.

Essa indifferença em que vivemos é só propria dos povos gastos e decrepitos, onde a fadiga das luctas aniquila o espirito publico, matando o civismo e a altivez; mas em uma nação nova

e de futuro esse abandono da causa nacional ao acaso dos caprichos de politicos mais ou menos corruptos é uma vergonha e uma covardia.

* * *

O governo tem por si, dizem, a machina complicada e submissa do funcionalismo, que, dependendo do favor da administração, não póde manifestar opiniões republicanas. Tem sido assim infelizmente para ignominia dos governos que não se pejam de dar o pão a troco da consciencia; mas esta inabalavel rocha já n'um ou n'outro ponto estremece em calafrios de revolta.

Até hoje o funcionario principalmente o provincial, sujeito aos caprichos partidarios, á força de ouvir a doutrina perfida e impudente de que o empregado do governo não póde pensar senão com o governo, suppunha não incorrer com essa passividade em desbrio ou deshonra. Amedrontados com o espectro da demissão, muitos que se sentem seduzidos e arrastados pela corrente democratica procuram occultar, tremendo, seu pensamento politico, porque suppõem que o mais venial peccado contra a sagrada inviolabilidade de S. M., o simples enunciado de que a republica é a maneira de governar os povos mais compativel com a posse da dignidade do cidadão, bastaria para justificar o esbulho do seu emprego.

Mas sejamos francos, arranquemos a mascara dos embusteiros. O ideal politico do cidadão nada tem que ver com as aptidões e a probidade do serventuário. Póde-se ser republicano e ao mesmo tempo um escrevente que redige limpamente os seus officios, um thesoureiro que não delapida o cofre á sua guarda.

Nós não somos empregados do throno e nem recebemos dinheiro do rei. Todos, ainda os mais infimos, os funccionarios são pagos pelo contribuinte, sendo elle mesmo tributado para estas e as mais despezas do serviço publico. Um emprego, não é uma esmola que nos dá o rei, é um serviço que a nação nos paga. Se o cidadão brasileiro sectario declarado das ideias republicanas não podesse ser funccionario, então não deveria tambem pagar impostos.

Propalam para intimidar a fraqueza dos medrosos essas ideas de terror compressivo da dignidade e do patriotismo, mas pouco lhes ha de aproveitar. De que serve ao governo o apoio eleitoral da burocracia que o segue sem dedicação, e só por interesse? De que valem essas transitorias adhesões filhas do medo? E quando o povo votar, que peso terão os suffragios das secretarias contrapostos à onda da opinião nacional manifestada por todos aquelles que souberem escrever o seu nome?

Já em todo Brasil vão apparecendo apiniões republicanas entre os funccionarios; e se isto é agora, na aurora da propaganda, em breve as repartições se hão de convencer de que não são dependencias do paço imperial, mas delegações nacionaes.

Deixemos essa reverencia servil e fetichista para as librés palacianas, para os nossos caricatos moços fidalgos. Um homem filho desta heroica terra de Colombo, que vê os seus irmãos de ambas as Americas regendo-se todos por instituições exclusivamente populares — uns, menos dotados ou menos felizes, ainda na aprendizagem dura e forte da democracia, outros já em plena vida civilisada dando lição á Europa — é que solicita e aceita a honra de ser creatura do imperador, é um americano chinez.

Os filhos desta Provincia não tem pulsos para algemas nem coração para servilismos.

* * *

As tradições republicanas do Rio Grande do Norte foram escriptas com sangue; não podem achar-se obliteradas. Ellas reverdecerão.

A geral apathia e descrença que afastava da politica muitos homens de boa fé e sinceridade não tem mais razão de ser.

Os partidos constitucionaes, ambos gastos, succedendo-se no poder por mero capricho da corôa, sentem que outro ideal mais alto vem surgindo na rezão publica, e que será baldado todo seu esforço para galvanisar o cadaver da monarchia, que exhala corrupção em todos os ramos administrativos.

Hoje os bons cidadãos, os patriotas desinteressados, têm afinal um pensamento virgem e purissimo para empregar as ten-

dencias livres de sua alma. A republica não é sómente uma fagueira esperança, que nos poderá trazer melhores tempos; ella toma vulto a cada instante. As vozes da propaganda até então raras e dispersas, congregam-se em coros imponentes, aos quaes se hão de encorporar mais cedo ou mais tarde todos os espiritos rectos e leaes.

Ella virá — a desejada das gentes — esse anjo tutelar da terra americana, que passa triumphante e sorrindo sobre todos os povos do Novo Mundo, tendo apenas a fronte velada e triste quando olha para esta grande nação, cujos heroicos destinos se acham ainda tolhidos por instituições anti-democraticas, onde o povo nada é e nada valle.

Nós eramos na America os ultimos senhores de escravos, esta miseria terminou; somos agora os derradeiros subditos, é a vez de lavar esta vergonha.

O povo é constantemente burlado e illudido; é mister abrir-lhe os olhos.

Muitos espiritos liberaes e justos apresentam como objecção à mudança immediata da nossa fórma de governo o respeito em que é tido o actual monarcha, que tem qualidades pessoaes dignas de louvor.

Mas que resta do patriotismo após semelhante confissão? Pois será crivel que o cidadão anteponha á causa santa da patria o interesse de um individuo? Se a republica é bôa e necessaria, toda protellação ao seu advento é insustentavel.

E' cêdo ainda — eis uma fórmula vazia de senso e prenhe de interesses.

* * *

Dizer-se que a nação não está preparada é um sophisma, preparada não está ella igualmente para o systema actual, e a prova é sua indifferença pela causa publica. Sómente o regimen republicano póde dar-lhe a consciencia de que o interesse pelos negocios do Estado não é sómente um direito, mas um dever de cada cidadão.

Esperar que seja a monarchia que nos venha preparar para a vida republicana é absurdo. O resultado seria este: a nação

iria descendo, descendo no declive fatal do despotismo, e quando a dôr de sentir-se afastada da corrente do progresso americano lhe trouxesse às faces assomos de libertar-se seria tarde talvez; o espirito publico abatido e aniquilado nem forças teria para reagir.

A republica deve amparar o paiz na queda que o ameaça, e não esperar, para dar-lhe a mão talvez sem remedio, que a pobre patria se tenha desempenhado inane no fundo do abysmo.

* * *

Outra especulação que exploram tambem contra a propaganda republicana é a ameaça — espantalho de uma dictadura militar. Mas ainda quando isto não fosse uma calumnia infamante — que o é — atirada à honra e à lealdade dos nossos briosos militares, a nação supportaria semelhante affronta se estivesse envillecida por mais outro seculo de monarchia.

Um povo que faz a republica em pleno vigor de opinião não receia tyrannos nem dictadores. De mais as chamadas questões militares tem tido origem apenas na fraqueza e na inepcia dos governos. Temem que o exercito confraternize com o povo, e que se deixe tambem eivar do virus de republicanismo.

E por que não? porque o exercito não pode ser republicano? A farda não lhes atrophiou o coração. Os interesses e o futuro da patria não lhes podem ser indifferentes; e desde que a monarchia, divorciando-se da causa nacional, seja mais um estorvo do que um estimulo para o nosso progresso e para a nossa gloria, o exercito não a póde preferir á nação.

Soldados republicanos! Sim, porque elles não são soldados do rei e sim da patria.

O exercito assim como foi abolicionista e bem alto e nobremente o proclamou, póde do mesmo modo e com igual direito ser pela republica.

Quem se recusou ao papel de capitão de campo não quererá ser fratricida.

* * *

Esta provincia é tida e havida, como outras suas irmães pobres, como um fardo e um peso que onera os recursos mone-

tarios da communhão. Este juizo que nos humilha e nos avilta podemos mostrar que é falso, provando que a vida propria e independente é perfeitamente compativel com os nossos recursos naturaes.

Não podemos chegar a enthesourar grandes fortunas, mas uma abastança independente e feliz, esta só depende da bôa vontade e do patriotismo dos rio-grandenses.

O actual estado de cousas é desanimador, é verdade.

O nosso commercio não tem porto nem estradas, a nossa lavoura de exportação não tem machinas, a cultura dos cereaes e legumes é sobrecarregada pela construcção de cercas que protejam a lavoura do gado que pasta solto nas zonas agricolas. (Todos proclamam a urgencia de retirar-se o gado do agreste, mas todos igualmente receiam que esta medida de interesse geral vá irritar algum potentado de aldeia, cujo egoismo antepõe ao bem publico os seus prazeres e os seus caprichos). Finalmente a nossa industria pastoril, de que vive quasi metade da população, vegeta n'uma rotina precursora da decadencia, sentindo-se invadir d'um desanimo completo. A falta d'agua colloca-a na mais assustadora das contingencias; o terrivel flagello das sêccas ameaça-a de aniquilamentos periodicos.

Entretanto o sólo é de uma uberdade extraordinaria, e a falta d'água seria perfeitamente remediavel por meio de numerosos açudes. Infelizmente esta palavra relembra o Quixadá que todos sabemos o que tem sido. Entretanto, com o que alli se despendeu e se vai despender, que incalculavel beneficio se não faria ao Rio Grande do Norte?

Não nos resta duvida de que esta provincia tem recursos proprios e que só será dependente e pupila emquanto quizer.

Nós presamos e respeitamos os laços de solidariedade nacional, mas não nos devemos mostrar resignados ao papel de parasitas que injustamente nos querem distribuir.

Devemos igualmente provar que a passividade servil não é de nossa indole nem do nosso caracter. Quando nos vierem dizer que nesta terra a liberdade de opinião é impossivel, porque a voz do interesse atrophia a dignidade, mostremos que isto é uma torpe mentira, que o caminho das grandes idéas não está fechado para os rio-grandenses, e que os espinhos da jornada

não acovardam o animo do cidadão a quem repugna sevandijar-se na degradação do servilismo.

O pensamento, essa nobre e divina porção do ser humano, não conhece peias, e quando uma idéia generosa e grande medra na razão, sanccionada pela consciencia, torna-se uma força irresistivel e indomavel.

* * *

O Brasil assistiu impassivel á lucta heroica que se travou na America do Norte em pról dos escravos, e deixou-se ficar na abjecção do captiveiro. Afinal a consciencia nacional despertou a aquelle lethargo aviltante, e a opinião popular impoz-se ao governo. O mesmo vai succeder, e certamente com mais brevidade, para o advento da republica. Quando o Brasil olhar em torno de si e se vir rodeado de estados republicanos, ha de sentir-se tomado de vergonha porque ainda não se poude sentar fraternalmente no congresso da democracia americana.

Que destino cruel nos sellou com a incapacidade de governarnos sem rei e sem senhor? Porque razão a idéa dymnastica, o throno inviolavel e irresponsavel, repugna á mente de todos os povos americanos, para achar um refugio unico no espirito dos brasileiros? Seremos porventura uma raça inferior? Serão mais acanhados os moldes de nossa alma? Que insultante desconfiança é esta que se mostra por este infeliz povo, dizendo-o incapaz de gozar da liberdade sem cahir na anarchia, de ser federado sem perder a noção elevada da patria comum.

* * *

As monarchias só podem subsistir em duas hypoteses: ou quando tem raizes tradiccionaes e historicas tão profundas que só com violencia podem ser arrancadas, (e ás vezes o são: — o cancro do despotismo arrancou-o á França heroica em cataclysmo de dôr, golfando rios de lagrimas e sangue, mas arrancou-o) ou quando o throno se firma sobre uma nação que não se peja de ver-se humilhada, sobre uma gente infima e corrupta insusceptivel de regenerar-se.

O primeiro caso não tem aplicação ao Brasil. Tradições monarchicas não as temos, salvo se assim quizeram de despejo do 7 de Abril.

A segunda hypotese é um insulto cruel applical-a aos brasileiros. Pois este nobre e infeliz povo terá o coração fechado e inaccessivel á grande luz redemptora da republica? A evolução do pensamento só não será uma lei para os brasileiros? Em breve veremos o contrario. O espirito publico desperta, reage, tem assomos nobilissimos de emancipar-se, e ha de fazel-o.

Pois ha de um povo inteiro abdicar o seu poder immenso na pessoa de um homem que a lei diz irresponsavel quando elle é susceptivel dos mesmos vicios e das mesmas miserias que qualquer burguez?

E ainda quando fosse um sabio, um justo, um santo, poderia na sua descendencia, que nos é antecipadamente imposta, surgir um scelerado, um monstro, e este seria por lei o nosso imperador, tendo talvez os seus aulicos dedicados, os seus panegiristas fervorosos. Nero tambem os teve.

* * *

Sabemos todos o que nos tem custado em sangue, em cabedaes e em atrazo os dous reinados.

O primeiro está julgado pela historia. O 7 de abril evidenciou o que valia Pedro I para o povo, por cuja unanime acclamação ele foi rei.

Do actual, dizem liberaes e conservadores que é uma machina infernal de estragar caracteres e devorar dignidades. O pai enforcava e fuzilava às claras na praça publica; o filho estrangula traiçoeiramente por traz dos reposteiros as consciencias frageis. Os temperamentos fortes e patrioticos, cheios de pudor e cheios de altivez, difficilmente podem supportar o contacto do throno. Notaveis estadistas de ambos os partidos monarchicos têm evidenciado esse traço detestavel do carater do imperador. Só gosta dos servis. Para os independentes o ostracismo, que os afugenta de uma vez da politica, ou os amollenta e corrompe até virem beijar o pé que os enxotou.

A vontade da monarchia é que o povo tenha sempre os ouvidos e os olhos bem fechados por uma ignorancia cega e bruta,

por um indifferentismo servil e abjecto. Sobre a massa inerte da nação assim hypnotisada poderá tripudiar a gosto e reguladamente a côrte farta e devorante.

Mas isto ha de acabar. Começa a bruxolear na alma do povo, ainda incerta, mas já immorredoura, uma aspiração nova, um ardente desejo de sahir dessa atmosphera pesada e asphyxiante para uma região mais oxigenada e pura.

O gigante que indolente e descuidoso deixou agarrar-se e medrar em seu corpo athletico o polipo da monarchia póde, sem grande esforço, arrancar de si este parasita.

O actual monarcha, o illustre astronomo e sabio universal, tem ouvido dos seus cousas durissimas.

Nos conselhos da corôa senta-se hoje quem disse, não ha muitos annos, estas solemnes verdades, que podem ter esquecido a quem as proferiu, mas que o povo ouviu e guardou: "Quarenta annos de reinado, quarenta annos de corrupção e de perfidias! Principe conspirador! Cesar caricato!".

Pois bem, morto este de quem tanto mal se diz, resta-nos a redemptora com o Orleans consorte.

O que será o terceiro reinado? De duas uma: ou a imperatriz Isabel será bastante authoritaria para querer governar a exemplo do pai; ou algum favorito será o rei de facto.

Na primeira hypotese temos uma mulher a dirigir os destinos politicos de uma nação, o que não se compadece com as noções mais elementares da sciencia social. Porque o homem será sempre o cultor reverente da belleza, da graça e da virtude feminis, enquanto ellas coroarem as frontes das esposas e das mães.

Mas na marcha dos negocios publicos a mulher mais intelligente achar-se-á sempre deslocada; e se ella insistir em querer trocar o lar peal praça publica se quizer obstentar energias varonis improprias do sexo, desnatura-se, deixa de ser mulher, é uma virago.

Na segunda hypothese, o cortesão favorito, inspirador do

throno ou é um inepto corrupto, o que seria um flagello para a nação ou é um espirito recto e sabio, e neste caso melhor seria que nós o puzessemos, a elle ou a outro igualmente digno, á testa do governo, com as honras e responsabilidades de chefe do estado.

* * *

Cuidado! Esses Braganças são de um egoismo cégo quando se trata dos seus interesses.

Quando a imminencia do perigo não deixar mais duvidas, quando a queda não tiver remedio, elles hão de tentar tudo, sacrificando todos.

Do horisonte luminoso da historia imparcial não se apagará mais nunca o vulto balofo de D. João VI, fugindo da patria com os bolsos cheios, deixando Portugal abandonado e pobre a braços com uma invasão terrivel. Elle veio para a Bahia e para o Rio desalojar familias brasileiras para aposentar a corja de covardes que o seguiam, e lá ficou o triste povo a luctar sozinho heroicamente, defendendo com uma coragem de leões cada palmo do chão sagrado da patria.

A historia é a mestra da vida, acautelemo-onos.

* * *

O Rio Grande do Norte saberá comprehender essa verdade; e a corrente republicana que arrasta comsigo a opinião dos patriotas de outras provincias, ha de engrossar suas aguas puras e fertilisadoras com a affluencia das adhesões sinceras e ardendes dos filhos desta terra.

A monarchia brasileira pende rapido para o ocaso, sumindo-se n'um insondavel olvido, sem uma saudade e sem uma lagrima. Do outro lado, no horizonte novo, surge, illuminando todos os espiritos e alegrando todos os corações, o sol da liberdade, e com elle a republica — a republica que é a paz, e o progresso como desenvolvimento da ordem.

NOTA — Transcreve-se o folheto rarissimo "Partido Republicano do Rio Grande do Norte", editado no Rio de Janeiro, Tipografia Per-

severança, rua do Hospicio 85, 1889, contendo a historia inicial da propaganda republicana no Rio Grande do Norte. Os documentos I, III e IV foram escritos por Pedro Velho. Este ultimo é o "manifesto republicano" de tanta repercussão posterior. O II é a ata da reunião de 27 de janeiro de 1889 quando o partido teve sua fundação. O folheto foi distribuído na sessão de 14 de julho do mesmo 1889.

São os primeiros passos politicos de Pedro Velho, o seu contacto com o público.

O folheto é, praticamente, desconhecido. Impunha-se a reprodução, sessenta e cinco anos depois.

A TERCEIRA CRUZADA

A "Gazeta do Natal", que já me *fez a devida justiça,* quando aqui se agitou patriotica e nobremente a questão abolicionista; que afagou a guarda negra quando procurei plantar, atravez de mil embaraços, a grande e generosa ideia republicana, esforça-se presentemente em manejos de todo genero para molestar-me e ferir-me.

Dedica-me todo seu numero 148, n'uma raiva desesperada de abater-me.

As settas são hervadas; mas a honra é um bom preservativo. A tranquilidade altiva da consciencia vale mais que as investidas odientas do despeito. A lealdade e a pureza das convicções desprezão os artificios multicores da *habilidade.*

A cruzada não a temo, seja qual for o resultado. Verdade é que os meos detractores jogão armas, cujo manejo me repugna; em todo caso, porém, o confronto entre o meu obscuro nome e a phalange que esbraveja em torno delle não me dá cuidados. Resta-me a consoladora convicção de que não enveredarei jamais para caminhos sinuosos de villezas e perfidias.

Ainda quando os destinos da patria riograndense viessem a cahir nas mãos experimentadas dos *habeis,* não me havia de morrer no coração a grande fé que tenho no futuro.

Nem é uma sorpreza o que se está passando: a tentativa ousada de guerrear os verdadeiros republicanos, para gozar do poder, já eu a previra quando escrevi na *Republica:*

"A Republica" tambem ha de ter o seu *treze de maio,* e então não haverá duvida em abraçal-a com todo *enthusiasmo.* Por ora *isso* ainda vai rendendo; largar o passaro das mãos seria tolice.

"Achão, entretanto, conveniente e commodo que aquelles que trabalhão pelas idéas, sem pensar em si, vão desbravando

o terreno, amaciando a cama, onde hão de vir fazer-nos o obsequio de deitar-se os opportunistas, contando que tudo será para os hospedes da ultima hora. Quando estiver a meza posta é tocar a chamada, e não faltarão convivas. Algumas almas caridosas dão-nos o conselho amigo de abandonar esse trabalho arduo de uma propaganda, cujos fructos irão parar á boca daquelles mesmos que já se estão fartando no actual regimen. Obrigado pela boa intenção dos prudentes conselheiros; mas não se trata de gozo pessoal creião. O que queremos é o bem de todos; os cargos — que não são *propinas*, mas serviços á patria — devem pertencer aos mais dignos.

"Quando a reforma estiver feita, no dia da festa, os que nos procurão agora morder pela diffamação, enlamear pelo ridiculo, molestar por hostilidades de toda a especie, hão de dar muitos vivas, soltar muitos foguetes, bater nos peitos donde hão de arrancar uns ribombos *patrioticos,* esperando passar suavemente da séva monarchica para o comedouro republicano. Isto será para encher de raiva e nojo os que forão sinceros, que trabalharão, que soffrerão; mas nada nos demoverá do nosso intento — trabalhar com perseverança e calma pelo estabelecimento de um governo melhor em nossa patria.

"Dizer que não vale a pena nos esforçarmos para beneficiar essa Cafraria, que ha de pertencer sempre aos espertos; que deve cada um ficar no seu canto e abandonar o terreno aos *habeis,* embora nos degrademos, embora a corrupção seja proclamada como regra, não é ser cidadão".

A politica não é uma arte de fazer arrranjos, é um posto de sacrificios; e quando me provarem que a minha vida tem ou teve outra orientação que não seja o amor desinteressado e sincero da causa publica, então eu serei tão máo ou peior do que os gastos e corrompidos elementos da politicagem imperial. Até lá conservar-me-hei serenamente sobranceiro a todas as intrigas. E' cortar largo e fundo em meu proceder de todos os tempos. Não encontrarão as podridões gangrenosas da especulação, da inveja e da calumnia — esta certeza lhes garanto.

Eu é que não descerei nunca ao charco immundo de descomposturas e detractações, que tanta vez tem envergonhado a nossa imprensa.

Hei de morrer como tenho vivido — limpamente.

Dr. Pedro Velho.

NOTA — "A Republica" de 31 de dezembro de 1889. Pedro Velho fora "Presidente aclamado" (e não Governador) na proclamação da Republica a 17 de novembro de 1889. O governo Provisório nomeára um Governador, o dr. Adolfo Afonso da Silva Gordo, a 30 de novembro, assumindo este a 6 de dezembro do mesmo 1889. Governaria até 8 de fevereiro de 1890. A politica local fervia e borbulhava nas competições imprevistas e numerosas para a chapa de senadores e deputados à Constituinte Republicana. Os Partidos surgiam diariamente e as ondulações de adesão e abandono varriam o horizonte local. Pedro Velho, chefe e fundador do Partido Republicano a 27 de janeiro de 1889, era o alvo natural e o mais apontado na tempestade das acusações que tentavam arredar o rival poderoso no caminho inevitavel do dominio politico.

"A Gazeta do Natal", 1888-1890, era o antigo orgão do Partido Conservador, da facção do Padre João Manoel de Carvalho, o popular grupo apelidado "Cantão da Gameleira" porque se reunia sob esta árvore na Praça da Alegria, hoje Praça João Maria. Dirigia-o os drs. Manoel Porfirio de Oliveira Santos, cunhado do Padre João Manoel e o dr. Antônio de Amorim Garcia, este representante da outra facção do Partido Conservador, o Grupo da Botica, pertencente ao farmaceutico José Gervasio de Amorim Garcia, na Rua do Comercio, orientado pelo conselheiro Tarquinio Braulio de Souza Amaranto. Pedro Velho responde, duma só vez, aos dois grupos que depois lhe dariam aliados para a vitória na primeira chapa da Constituinte.

O MANIFESTO DEPOIS DA ELEIÇÃO DO MARECHAL DEODORO DA FONSECA

Patria brazileira! Patria soffredora e sempre rediviva! Não é, para honra tua, o abandono dos teos filhos, o espectaculo que te rodeia, neste momento angustiado, em que tens de appellar para as masculas energias do teo civismo, em prol da grande e sublime causa da Republica.

Patria rio-grandense! Agora que é mister mostrar a pujança invencivel de teos brios, podes, é certo, ouvir o surdo tropel de alguns falsos democratas, immergindo nas trevas do sebastianismo ati-patriotico, interesseiro e despresivel; mas o teo generoso sangue não circula de balde nas veias dos teos verdadeiros filhos, que, firmes e altivos, te estremecem com tal dedicação, que nenhuma força é capaz de abater.

Podem os raios dourados do sol da liberdade mostrar-te, lá nas fimbrias do horisonte, o dorso fugitivo de alguns transfugas; mas elles não deixarão jamais de encontrar de frente a face levantada dos fortes e dos bons.

* * *

Não é a nota do desanimo, nem o medo pusilanime das derrotas o sentimento que move a nossa pena; é antes a revolta indignada daquelles que não podem ver falhados e illudidos os principios que sempre advogarão, pelos quaes combaterão e pelos quaes hão de vencer.

Tremei, falsos sacerdotes de um culto hypocrita, democratas fementidos, almas degradadas, onde os baixos interesses occupão todo o espaço, sem deixar um cantinho sequer ao amor da patria.

Ainda ha quem saiba dizer ao povo o que é a Republica, e o povo não é uma simples figura de rhetorica; elle é uma formidavel realidade, um gigantesco athleta, a quem basta retezar os musculos para fazer cahirem despedaçadas todas as algemas.

Neste pequeno Estado não é a primeira vez que se tem procurado reprimir e estrangular a dignidade civica; e o resultado tem sido sempre vermos galardoado o esforço sincero dos combatentes das ideias justas, e sellados com o ferrete da execração os embusteiros e os especuladores.

E' por isso que agora, como sempre, preferimos plantar a nossa tendo no chão firme dos principios, deixando a quem quiser o prazer de patinhar na vasa inconsistente dos conchavos.

* * *

Historiemos:

Não é por ninguem desconhecida a politica republicana deste Estado, politica de honradez e generosidade, que operou o congraçamento de inimigos da vespera em torno de uma só bandeira.

Se n'alma de todos que vierão alistar-se nos arraiaes do grande partido havia a sinceridade da conversão e a pureza do carater isto fica ao foro intimo de cada um, á espera do juizo do povo e da historia.

A administração republicana no Rio Grande do Norte não receia o exame mais severo e mais meticuloso para todos, absolutamente todos, os seos actos. Os governos, tiverão tanta hombridade e tanto escrupulo, como nunca se vio em periodos ordinarios da scena politica, quanto mais n'uma epocha dictatorial e revolucionaria.

A imprensa sebastianista, conhecida já nos tempos do imperio como um pelourinho cruel de justiças infamantes, de caprichosos enredos e de paixões inconfessaveis, emmudeceo emfim, esgotado e imprestavel o arsenal de intrigas e odios que empregava, embora sem echo na opinião publica.

Viviamos cercados de conspirações dentro e fóra do Estado; não se escolhião meios para empolgar a *misera preza;* em quanto que a nossa consciencia não nos accusa de ter empregado jamais, como armas de combate, senão a firmeza das ideias e a verdadeira orientação republicana.

* * *

Travou-se emfim a luta eleitoral, e podemos affirmar com

desassombro que em parte alguma da Republica o pleito foi mais livre e mais garantido o direito de suffragio.

Ninguem, sem infamia, pode ter esquecido a lealdade maxima com que o partido, em perfeita solidariedade, correo ás urnas, donde sahio triumphante e cheio de gloria.

Onde se vio uma eleição como a nossa, uma eleição onde tão ampla liberdade fosse concedida ao funccionalismo para manifestar-se contra, injustamente contra o governo generoso e bom que tanto o protegeo?

Onde se vio, após um facto decisivo e capital na ordem politica, um facto revolucionario que vinha transformar desde os seos fundamentos as instituições nacionaes, onde se vio, dizemos, tão benevola, tão generosa, tão patriotica atitude como a dos republicanos?

E *esses*, que agora se agarrão famintos ao fragil e desconjuntado batel de um governo impopular e antipathico, *esses* que tem a gula devoradora do poder, como simples fonte de gozo, sem crenças democraticas e sem principios republicanos, por que são incapazes de sentil-os — onde levariam *elles* esta pobre patria, se por ventura não fosse, como há de ser, aphemero e desgraçado o seo *reinado?!*

Não! Isto é uma simples nuvem negra, que procura de balde empanar o brilho da aurora republicana, mas que ha de tombar nas trevas donde emergio.

Em nome de que principios, em nome de que ideias se mostrão aos olhos do povo as desvairadas gentes que abordarão á ultima hora o desarvorado barco do governo?

Que passado lhes abona a lealdade, como depositarios dos destinos da democracia, *elles* em cujos corações jamais vibrou nem vibrará a nota ingente do verdadeiro sentir republicano?!

Vão bater ás portas da opinião popular, acenando com a capitulação em nome da deshonra; nunca, porem, lhe poderão desfraldar aos olhos deslumbrados o labaro da redempção da patria, por *elles* burlada em suas aspirações, por *elles* vilipendiada em seos brios — Ella, a grande mãi commum, a quem arrancarão impudentemente as vestes candidas da verdadeira crença republicana, para envolvel-a envergonhada e triste n'uns

farrapos remendados, que forão apanhar ás esterqueiras da politica monarchica!

Podem encontrar cobardes e traidores para atrellar ao seo temporario triumpho, mas hão de também baixar os olhos, corridos e cabisbaixos, diante de muita altivez inquebrantavel.

Emquanto *elles* dizem nas trevas: — humilha-te, povo decaihido e fraco; nós só podemos dizer: — ergue-te e caminha, phalange denodada.

Elles precisão de estragar e corromper, abrir o torpe leilão das consciencias no balcão ignobil das venalidades; nós temos para exhibir a toda luz do patriotismo o codigo sagrado dos principios.

* * *

Historiemos ainda:

Chegados á Capital Federal, centro dos acontecimentos politicos, e que, em quanto não tivermos a federação como uma realidade pratica, continuará a ser, infelizmente, o foco principal da administração dos Estados, nós, que levavamos no espirito as aspirações mais sinceras de ver realisados em sua pureza os destinos democraticos em nossa patria, sentimos que o rumo da dictadura era a negação absoluta da verdade republicana.

O que se passou no Rio durante os 3 mezes que funccionou o congresso constituinte é publico e notorio.

O ministerio revolucionario recusou-se a sanccionar uma concessão exorbitante, do mais indecente filhotismo, e teve de abandonar o poder.

Desde esse momento a assembléa constituinte reconheceo que a patria perigava em sua honra, e ergueo-se logo a cohorte republicana, como guarda avançada e depositaria genuina da obra de 15 de novembro. As vozes protestantes engrossarão rapidamente, formando um coro forte de indignação pela marcha que os negocios publicos ameaçavam seguir.

O novo ministerio podia ser tudo, menos republicano.

Nesse interim a morte implacavel rouba-nos Benjamim Constant, e o congresso por uma votação que equivaleo a uma

apotheose, pranteando a morte do grande cidadão, cobria de benção a memoria veneranda do benemerito fundador da Republica.

Nós ainda tivemos algumas esperanças de que os homens do poder não fossem tão cegos que desconhecessem a situação do paiz; mas não tardou o nosso cruel desengano. As vistas estreitas dos bisonhos pilotos, a sua nenhuma comprehensão do que seja a soberania nacional, n'um regimen que elles não são capazes de sentir, e menos de executar, firmou em nosso espirito a convicção inabalavel de que mui graves males nos estavão reservados.

O governo, julgando que no palacio de S. Christovão funcionava uma corporação de servis, mostra uma arrogancia cheia de desplante, fazendo constar que o dictador não se conformava com tal disposição constitucional, que não acceitaria tal outra medida emanada da vontade suprema do povo, pelo orgão dos seus representantes.

Enganarão-se. Não fizerão mais do que condensar e dar novas energias á corrente da oginião que, no seio do congresso, se manifestava contra a má fé dos vendilhões da republica.

A assembleia reagio e os seos votos forão constantes lições de independencia e de civismo.

Concluida a obra constitucional, já a opinião publica não hesitava em declarar um erro a eleição do general Deodoro, cercado de gente sem patriotismo e sem capacidade. A domesticidade suspeita de deshonestidade, desmoralisava o chefe do governo; a escolha dos seos novos secretarios patenteou a sua falta de tino administrativo — Sobrinhos e compadres, a roda intima e o bacharel Henrique de Lucena.

A atitude das classes militares foi então de uma nobreza louvavel e corretissima. Os soldados e os marinheiros, que tinhão assento no congresso, afirmarão quasi todos que o general Deodoro não merecia a confiança da patria, para inaugurar o regimen constitucional, embora ninguem lhe regateie louvores e gratidão pelo seo concurso no dia 15 de Novembro. Mas é que as personalidades nada valem diante da patria, e uns homens nada significam em frente a uma nação.

O congresso é elevado á altura de uma assembléa verdadei-

ramente soberana. *Tudo pelo congresso* é a palavra de ordem que circula em todas as rodas.

Aquelle que se afoitar a levantar mão sacrilega sobre os representantes será esmagado como vil traidor.

A imprensa sahida apenas do periodo dictatorial, afiou logo as suas armas, condemnando francamente a perigosa incompetencia do governo.

Entretanto, durante esses desmandos, no meio desse mau estar fatigante e cheio de apprehensões, um vulto venerando, um grande patriota, um benemerito da cauza republicana, tão cheio de simplicidade como de grandeza civica, um espirito profundissimo e um carater immaculado — Prudente de Morais — fazia da presidencia do congresso um apostolado, e para elle se voltaram esperançosas e confiantes as vistas do povo.

Era mister um cidadão que tivesse uma alma puramente democratica, um talento superior e um conhecimento profundo do que fosse a republica, para que não sossobrasse a obra de 15 de novembro. O braço que nos ajudara na hora da luta não tinha a seo serviço, infelizmente, uma cabeça organisada nos moldes desejaveis para inaugurar o dominio da lei.

Espontaneamente uma convicção se foi arraigando nas consciencias: — Prudente de Moraes deve ser o presidente da Republica; a sua eleição será a garantia maxima da ordem e progresso na patria nova!

Chega emfim o memoravel dia do escrutinio. Não nos deteremos em narrar o que foi a sessão de 24 de fevereiro no congresso constituinte; mas podemos assegurar que a eleição do general Deodoro, que reunio 129 votos n'uma corporação de 268 representantes, foi uma victoria de Pyrrho. E as manifestações que recebeo o seo competidor, proclamado no mesmo instante o *presidente da nação*, forão significativas e tão eloquentes que não deixarão duvidas sobre a preferencia popular.

A eleição de vice-presidente essa então foi uma completa derrota para o governo. O nome de Floriano Peixoto sahiu das urnas como um protesto á prepotencia dos dominadores; e quando Prudente de Moraes e Floriano Peixoto sahião do congresso, ao lado um do outro, receberão uma ovação indescriptivel.

A opinião da imprensa, as manifestações populares fizerão

o resto, accentuando o que era o desejo e esperança nacional diante da eleição presidencial.

No dia seguinte, na sessão de posse, o recinto do congresso estava quasi dezerto de representantes, e ainda ali Prudente de Moraes foi victoriado enthusiasticamente, como esperança dos destinos da democracia.

E' agora a occasião de dizer que estivemos ao lado dos republicanos, que convencidamente e honradamente demos o nosso voto ao patriota paulistano.

Fizemol-o sem hesitação, certos de que na alma dos nossos patricios acharia echo unisono o nosso proceder.

Diante de um dever de consciencia não ha tropeços para quem possue carater e civismo. Não nos enganamos. O modo porque o partido republicano nos recebeo ao pizarmos a terra da patria, tem-nos pago sobradamente as indignidades que estamos soffrendo, da-nos forças para luctar e vencer a campanha do patriotismo contra os manejos officiaes.

Eis a nossa attitude, que o será tambem a dos nossos amigos.

O que soffremos não será um longo padecer, porque agora mais do que nunca está patente que o espirito publico no Brazil é capaz de reagir contra o despotismo, seja qual for o rotulo com que elle se decore.

Em todos os Estados lavra um grande descontentamento pelo tripudio indecoroso com que uns pygmeos sem crenças procurão abater a honra da republica. Mas ninguem se illuda: essa cousa inconsistente e ruim que agora surge tem a morte no seio, e o paiz será vingado em pouco tempo.

Se antes não fôr, o congresso em sua proxima reunião saberá julgar como um réo de lezo patriotismo isso que por ahi anda com o nome de governo, mistura de drogas incompativeis e deleterias.

A impudencia cynica nunca deo bons resultados. *Elles* estão aguilhoando imprudentemente um leão que dormia, mas que começa já a erguer a juba com rugidos surdos e tremendos!

Aqui a *guilhotina* sebastianista sondou as catadaturas dos reprobos e escolheo o algoz.

Repara, amigo, nos dizião quasi todos, não é prudente aquecer viboras ao peito; pode-se acumular de favores um ingrato, nunca purificar-lhe o coração.

E não mentião, antes tinhão a lucida videncia de ler nos caracteres tenebrosos, aquelles que nos avisavão.

Aqui, dissemos, não foi difficil encontrar um carrasco para trucidar a republica.

Os primeiros actos da administração, todos illegaes e condemnaveis, embora feitos nas trevas, são a imagem, o espelho do espirito de quem os assignou.

Vivem promiscuamente a grunhir na pocilga official seres que mutuamente se despresão, que leem-se nos olhos tanta heterogeneidade, que se abração com tamanhas nauzeas, que só estomagos capazes de digerir um Estado (é a sua missão) poderião supportar.

Illudem-se, porem, se julgão abater-nos ou intimidar-nos, a nós que os olhamos do alto.

Manejando embora todas as tricas da politicagem vilã, embora traidores, nós temos na consciencia do povo um apoio mais forte e mais seguro do que os alicerces de lama do seo ephemero poder.

Querem hypotecar-nos e vender-nos a estranhos como se nós não tivessemos coragem para fazer a libertação dos cidadãos, como fizemos hontem a libertação da raça escravisada.

Rojão-se e contão ver tambem genuflexos e impudentes bajuladores os rio-grandenses do norte; mas esse pensamento que envolve uma infamante injustiça ha-de custar-lhes um triste desengano.

Não contarão com uma cousa que se chama a independencia nacional, e errarão o salto.

Natal, 15 de março de 1891.

Dr. *Pedro Velho*
Senador *José Bernardo.*

NOTA — "A Republica" de 21 de março de 1891. Foi escrito por Pedro Velho e assinou-o também o senador José Bernardo de Medeiros, os únicos de toda a bancada do Rio Grande do Norte que tinham votado em Prudente de Moraes para Presidente constitucional da Republica.

O PRIMEIRO DISCURSO NA CAMARA DOS DEPUTADOS

O SR. PEDRO VELHO — Subindo a esta tribuna, Sr. presidente, sinto o natural acanhamento de quem falla pela primeira vez perante uma assembléa tão illustre. Possa o sincero desejo que tenho de cumprir o meu dever supprir a minha incapacidade.

O SR. AMPHILOPHIO — V. Ex. tem reconhecida capacidade.

O SR. PEDRO VELHO — Deante dos males graves que affligem a Republica; e particularmente deante da politica errada e má, que se está fazendo em meu Estado, o meu silencio seria injustificavel e criminoso.

Os meus constituintes teem o direito de exigir de mim que seja o portador de suas queixas e dos seus protestos, uma vez que se conservaram honrada e generosamente solidarios com a minha attitude politica e todas as suas consequencias.

Sr. presidente, sou convencidamente contra o parlamentarismo; acredito que o systema presidencial, uma vez executado com honestidade e zelo, dentro da Constituição, é o regimen que nos convem. Não ha muitos dias o meu illustre amigo e chefe Sr. Aristides Lobo expendeu, com argumentos solidos e no meio de geraes applausos a mesma idéa. Mas a ausencia de parlamentarismo não quer dizer o mutismo resignado e passivo ante a marcha da politica e os desmandos do governo; pelo contrario, regimen de publicidade, o systema presidencial exige uma critica severa e assidua de todos os actos da administração. (*Apoiados*).

Pedi a palavra, Sr. presidente, para apresentar á consideração da casa um requerimento de pedido de informações, que entende com o que ha de mais sério e grave na vida de um povo republicano, a liberdade do voto e o respeito da opinião, bases

assenciaes da democracia; e peço toda a benevolencia dos meus collegas para as considerações que, em torno do assumpto e como corollarios delle, me ocorrerem no momento.

Sem luzes e sem capacidade que me habilitem *(não apoiados)* a collaborar de um modo proveitoso na solução dos graves problemas de que dependem a nossa grandeza e a nossa felicidade, tenho, entretanto, a mais sincera e entranhada convicção republicana; e o pouco que fiz na propaganda, si não constitue um titulo de gloria, é para mim um motivo de intima e profunda consolação.

O SR. BERNARDINO DE CAMPOS — Muito bem.

O SR. PEDRO VELHO — Nós não queremos o poder *(apoiados)* o que queremos é a verdade constitucional, a realisação do regimen que adoptamos.

Vimos do sacrificio e do desinteresse, batalhando pelos principios, sem a miragem do gozo.

Não fôra o 15 de novembro, e estaria ainda cada um de nós no seu posto, 10 annos, 20 annos, a vida inteira, transmitindo aos nossos filhos, como um legado patriotico, o dever de continuar a luta, até a final vitoria do nosso credo politico. *(Apoiados).*

Não somos portanto uns ambiciosos nem uns despeitados, queremos apenas uma republica verdadeira.

Mas dizia eu, Sr. presidente, que faltando-me intelligencia e illustração para influir com proveito na obra da reconstrucção geral da patria, concentrára toda a minha atenção e o meu esforço no pequeno e pobre Estado em que nasci; e já me considerava sobradamente pago das grandes fadigas em que me empenhára, quando o tufão reaccionario da politica do ex-Barão de Lucena devastou o Rio Grande do Norte, arvorando o dominio de um pequeno grupo sebastianista sobre a grande massa da população republicana do Estado.

E digo sebastianista, Sr. presidente, porque sebastianismo existe, e da peor especie, um sebastianismo mascarado e que usa hypocritamente de um barrete phrygio. Antes fossem logo franca e honradamente monarchistas; seriam menos perigosos e mais dignos. *(Apoiados).*

Quando foi proclamada a Republica, a então provincia do Rio Grande do Norte, onde dirigia o partido republicano, pequeno

mas solidamente organisado e com o seu orgão de propaganda na imprensa, achava-se em circumstancias excepcionalmente favoraveis para adherir sem saudades do passado ao novo regimen.

O partido conservador estava no ostracismo, e a parte mais sã e mais forte do partido liberal, chefiada pelo honrado coronel José Bernardo, digno senador da Republica, acabava de infligir uma tremenda derrota ao gabinete Ouro Preto.

Nestas condições todos me cercaram e fundou-se o novo partido republicano, invencivel pelo numero e pelo prestigio, partido que ainda hoje lá está, soffrendo pela corrupção, pela fraude e pela violencia, mas sempre firme no seu posto de honra.

Cahimos todos sem o espetaculo vergonhoso dos transfugas. Alguns poucos que estavam no poder comnosco, e que ficaram no poder com os nossos inimigos, esses não nos deixaram saudades; foi uma depuração necessaria, um saneamento até, que se operou nas fileiras do partido, sendo para notar que essas aposthasias foram largamente compensadas pela acquisição de novos e prestimosos elementos politicos, como succedeu em Campo Grande e Santa Cruz.

Durante toda a administração republicana no Rio Grande do Norte tão escrupulosa foi a honestidade dos governos, tão generosa e elevada foi a politica, que os nossos mais encarniçados adversarios acabaram por emmudecer, á mingua de pasto ás suas accusações.

Na administração do honradissimo e talentoso Dr. Manoel do Nascimento Castro e Silva, ultimo governador que precedeu à reacção, o Rio Grande do Norte era um modelo de paz e ordem, e o progresso já se ia manifestando no abatido Estado, de uma maneira evidente e promissora.

De repente, só e simplesmente porque eu e o senador José Bernardo demos os nossos votos ao benemerito patriota Prudente de Moraes, começa a vingança. O Dr. Nascimento, contra o qual não se articulava uma só queixa, é demitido do cargo de governador; fui tambem demitido de vice-governador, *para salvar o Estado e a dignidade do governo*, como daqui se mandou dizer pelo telegrapho, sendo egualmente exonerado o chefe de policia. Ao mesmo tempo era cassada a nomeação do juiz seccional, o Dr. Joaquim Ferreira Chaves Filho, um magistrado que por sua

illustração e por seu caracter faz honra á classe, sendo nomeado um cidadão que nunca fôra nem siquer simples promotor. Este acto do Sr. Lucena foi, alem de perseguidor e injusto, desleal. No dia 28 de fevereiro passava o ministro um telegrama circular aos governadores dos Estados, ordenando-lhes que fizessem entrar em exercicio os juizes federaes, excepção feita do Rio Grande do Norte, onde o Dr. Chaves devia aguardar resolução do governo; e no dia 1 de março o governador do Estado communica ao juiz seccional que a sua nomeação tinha sido cassada. Era falso: só a 3 é que o acto teve lugar.

Essas primeiras investidas eram feitas para sondar o terreno e observar o effeito, suppondo-se talvez que os republicanos submettessem; porque havia um plano, plano indecoroso, que envolvia até uma affronta á altivez e civismo dos rio-grandenses. Era o seguinte: estado pequeno e pobre, não terá o Rio Grande do Norte a afoiteza de arcar com a prepotencia do governo; quem tiver os favores officiaes e as graças do ministerio terá maioria do eleitorado.

Enganaram-se. Ainda em viagem eu recebia telegrammas de adhesão enthusiastica de todos os chefes locaes. Venha, me diziam elles, que nos encontrará a seu lado, porque V. soube cumprir com honra o seu dever procedendo como nós procederiamos tambem.

Solidarios com V., applaudimos a sua attitude. Perdemos o poder, mas ficámos com a nossa dignidade. E, realmente, o modo generoso e extraordinariamente festivo com que nos receberam a mim e ao senador José Bernardo encheu-nos de grande satisfação e legitimo orgulho, porque aquellas manifestações attestavam a altivez e os brios dos nossos patricios.

Inaugurou-se por esse tempo a administração do Dr. Amynthas Barros, novo governador nomeado, administração que constitúe o periodo mais nefasto da vida do povo rio-grandense.

Este cidadão recebeu dous contos de réis de ajuda de custo para mudar-se da casa em que habitava para o palacio do governo, que fica na mesma rua e a poucos passos de distancia.

Pois bem, o governador abriu elle mesmo o credito, embolsou o dinheiro e não sahiu de casa. *(Riso).*

O mesmo cidadão commetteu a irregularidade criminosa de

receber cumulativamente os ordenados de governador e de juiz. *(Oh!)*

Empoleirado no governo, esperou as *adhesões*, mas esperou debalde; e, afinal, vendo-se repellido por todos os chefes repupublicanos do Estado, enfureceu-se, e, como um Sylla caricato de aldeia, abriu a valvula das proscripções.

Combinada a lugubre empreitada, o algoz empunhou o cutello e começou a ceifa. A derrubada foi de uma crueldade selvagem. O funccionalismo foi revolvido até ás suas minimas ramificações municipaes. Na faina da derrocada sahiam do palacio portarias até sem assignatura, cidadãos eram exonerados duas e tres vezes do mesmo cargo, outros eram demitidos de empregos que nunca tinham exercido. Tudo isto dava á administração um aspecto odioso e repellente.

Os promotores publicos, moços honestos e de capacidade, formados todos, eram esbulhados de seus empregos, uma vez que não se prestavam a ser instrumentos de perseguição partidaria, sendo substituidos em varias comarcas por leigos.

Lembra-me Sr. presidente, de que na administração que fiz, quando governador acclamado em meo Estado, um dos meos primeiros cuidados foi confiar as promotorias, que eram o patrimonio dos mandões locaes, a homens de competencia. Entrou o pais no seo periodo constitucional (entrou, ou presume-se que tenha entrado) e a moralidade daquella medida é desrespeitada pelos agentes do actual governo, deste governo sem orientação e sem patriotismo: deste governo cujo unico criterio na organisação dos Estados foi a vingança pequenina e odienta contra *os que não votaram. (Apoiados).*

Não sei, porem, se este procedimento, que não foi somente um crime, como tambem uma inepcia, trará grandes felicidades ao governo, cuja politica vai enchendo de tristeza e raiva a alma de todos os patriotas.

No Rio Grande do Norte os cargos publicos eram expostos no balcão ignobil das venalidades.

O cidadão ou mercadejava com a sua consciencia ou era victimado.

Os proprios juizes de direito não foram poupados, sendo illegal, e caprichosamente removidos, uns para Goyaz, que é a

terra classica do desterro dos magistrados rebeldes, outros para S. Catharina.

Entretanto, isso ia ferir o art. 83 das disposições geraes da constituição. Esses magistrados não pediram remoção, e não podiam ser arrancados de suas comarcas por mera perseguição politica.

Professores de ensino primario e secundario, que haviam conquistado suas cadeiras por concurso, eram demittidos.

Dous briosos officiaes da nossa armada, os 1os. tenentes Arthur Lisboa e Aphrodizio Barros, que exerciam com intelligencia e zelo as funcções de capitão do porto e commandante da escola de aprendizes marinheiros, pelo crime nefando de haverem assistido ao meu desembarque, foram demittidos por telegramma, e chamados immediatamente a esta capital.

Emfim é impossivel percorrer a serie toda, seria trabalho interminavel.

Nas nomeações o criterio foi a mesma desbragada politicagem. Houve municipios em que à falta de gente, nomearam intendentes cidadãos alistados eleitores e residentes em outro Estado.

E' para notar, Sr. presidente, que nenhum dos antigos republicanos do Rio Grande do Norte acompanha ou applaude o pequeno grupo que hoje alli governa por obra e graça do omnipotente e inconstitucional barão ministro da fazenda.

Entretanto, essa reacção infrene, que envergonha e amesquinha o Estado, contrasta de um modo evidente e doloroso com o procedimento cheio de concordia e generosidade que teve o partido republicano.

Apello neste ponto para o meo collega Sr. Amorim Garcia, que innumeras vezes, fallando e escrevendo, salientou tão nobre e digno proceder.

Mas ninguem deve mostrar grandes surprezas pelo que se está passando. Quando os verdadeiros democratas, sobem ao poder, a norma do seo governo é o perdão e o esquecimento de passados odios; mas quando cahem, os inimigos poupados na vespera são implacaveis de maldade e vingança.

O Brazil inteiro attesta a maneira fraternal com que foram tratados os adherentes pelo governo republicano.

Todos nós tinhamos a preocupação constante de apagar do espirito publico a idéa de vencedores e vencidos.

Por mim declaro que nunca fiz uma só referencia a novos e velhos republicanos. Mas desgraçadamente desses novos nem todos eram sinceros e leaes. Uns vinham para a Republica com a alma toda, com perfeita sinceridade, sem reservas sebastianistas, sem planos de empolgar o poder; outros, porém, deixavam-se ir, espreitando a presa, armando o bote. Ganhamos optimos e decididos correligionarios, é certo, mas tambem aquecemos ao peito muita vibora traiçoeira. *(Apoiados).*

Pessoalmente conheci as duas especies.

Não é esta, Sr. presidente, a occasião de fazer a historia, a triste e vergonhosa historia da eleição de 10 de maio no Rio Grande do Norte, embora tenha as provas do feio attentado que ali se perpetrou contra a liberdade do voto e a soberania do povo.

Aos republicanos foram negadas todas as garantias. Nenhum dos nossos fiscaes foi admittido; e as mesas nos logares onde se dignavam reunir-se, destribuiam o voto á vontade.

A proposito de fiscaes, peço licença para referir uma das proezas e brilhanturas da gente do governo. Na povoação de Poço Limpo, o fiscal do partido republicano apresentou-se devidamente nomeado no dia da formação da mesa, 9 de maio.

Os mesarios tiveram o displante de escrever com tinta differente o algarismo — 1 antes do 9, e declarar que o nosso fiscal não podia ser acceito, porque a data de sua nomeação estava... alterada.

Nesta secção, onde o partido republicano constitue a quase unanimidade do eleitorado, a chapa opposcionista apparecceo na acta suffragada por um voto.

Factos identicos se reproduziram em varias localidades.

Na distribuição dos votantes pelas differentes secções os eleitores republicanos eram deslocados das cidades e villas de sua residencia para districtos ruraes distantes 10 e 20 leguas.

Ainda mais, as listas desta distribuição tão caprichosa não eram publicadas; e quando os eleitores requeriam as intendencias, no sentido de saber, ao menos, onde tinham de votar, as petições eram cynicamente indeferidas.

Houve municipios em que o eleitorado, em uma proporção

de 80% fez o seo protesto, com firmas reconhecidas pelo tabellião, affirmando ter suffragado a chapa republicana.

Pois bem, isto não impediu que o governo ganhasse a eleição.

Em outros pontos os governistas, não contando com o eleitorado, fecharam os edificios onde o pleito devia ter logar; e, quando a opposição reclamava, declaravam que as actas já estavam lavradas.

UM SR. DEPUTADO — Esta é a historia de muitos Estados.

O SR. PEDRO VELHO — Eu mesmo na secção da capital em que assisti a eleição presenciei a manobra indeccente da troca de nomes na leitura das cedulas.

Onde a fraude não bastou a violencia fez o resto. Haja a vista o vergonhoso attentado de Canguaretama já denunciado e ainda impune.

Não proseguirei, Sr. presidente, porque os escandalos náo teem conta e são indescriptiveis.

Ainda ha pouco, na ultima sessão da Constituinte do Estado, um dos deputados, em um assomo irresistivel de sinceridade, declarou que aquella assembléa, elle inclusive, representava uma illegalidade, porque a eleição tinha sido uma farça.

Concluida a comédia das urnas, seguio-se o entremez da approvação; e antes do prazo legal, reuniu-se na capital o pseudo-congresso constituinte, que, filho da fraude e não representando a opinião, começou a dar fructos condignos de sua origem.

E, todavia, Sr. presidente, posso garantir que a eleição de 15 de setembro no Rio Grande do Norte foi perfeitamente regular e livre. O governador não teve a minima interferencia no pleito.

Era elle o dr. Xavier da Silveira, um caracter de tempera e um talento superior, republicano de sentimentos e de ideas, como os que mais o forem.

S. Ex. procedeo de um modo perfeitamente digno e irreprehensivel; que o digam os proprios representantes do meo Estado que acompanham o actual governo.

O SR. ANTONIO GARCIA — E' verdade.

O SR. PEDRO VELHO — O partido republicano no Rio Grande do Norte não é um ajuntamento momentaneo de interesses communs; é um corpo politico solidario e compacto, onde

os principios e as idéas valem tudo, e onde as vantagens do poder não abalam jamais as dedicações.

A perseguição que soffremos não fará arrefecer o ardôr patriotico dos altivos rio-grandenses.

Restabeleça-se o imperio da lei, seja menos impudente a fraude, estejam embora os nossos adversarios de posse de todos os empregos, de todas as vantagens officiaes, nós havemos de vencer, porque somos a grande maioria.

O que hoje existe no Rio Grande do Norte é o resultado de uma indecorosa mentira eleitoral, contra a qual protestamos perante o paiz, em nome de nossa autonomia vilipendiada; e o futuro, um futuro bem proximo talvez, ha de justificar plenamente a verdade das minhas palavras.

Mas tudo isto não terá remedio, Sr. presidente, pergunto eu a V. Ex., á Camara e ao paiz inteiro?

Pois do facto consumado, ainda que elle seja provadamente illegal, fraudulento, não haverá appellação nem aggravo?

Ficará assim abatida e desmoralisada a instituição republicana, que proclamamos para elevar e nobilitar a patria?

Será possivel que queiram dar razão àquelles que já vão dizendo, com manhosa perfidia, que isto é peor do que a monarchia?

Si os destinos da Republica estão assim à mercê do primeiro ambicioso audaz, que empolga o poder, sem orientação e sem patriotismo, nós não seremos um povo digno.

Mas não sou sujeito, mesmo nos momentos mais angustiados, nem a pessimismos, nem a desalentos; e espero que a verdadeira democracia se ha de firmar no Brazil.

Vou terminar, Sr. presidente, pois estou abusando *(não apoiados)* da benevolencia dos meus illustres collegas; e

Considerando que os governadores provisorios de alguns Estados, adiaram illegalmente as eleições dos congressos respectivos;

Considerando que no processo eleitoral que se seguiu houve irregularidades e fraudes que falsearam de um modo radical a verdade das urnas;

Considerando que o proprio regulamento Alvim, apezar de engenhoso e tão elastico, não bastou aos governistas, sendo re-

quintadamente peorado, o que dá um cumulo monstruoso de escamoteação aleitoral;

Considerando que tal adiamento foi um acto de dictadura, e como tal sujeito ao exame e juizo do Congresso, tanto mais quanto foi formalmente attentatorio da autonomia dos Estados;

Requeiro, com urgencia, se requisitem do governo informações àcerca dos motivos da conveniencia publica, em que se possam ter baseado os governadores provisorios dos Estados do Rio Grande do Norte, Maranhão, Sergipe e Espirito Santo, cujas constituições já se achavam promulgadas e parte em execução, para adiar as eleições dos respectivos congressos constituintes, retardando assim a organisação definitiva dos mesmos Estados.

Tenho concluido, Sr. presidente, mas não deixarei esta tribuna sem pedir desculpa á casa do precioso tempo que roubei aos seus trabalhos, agradecendo cordialmente aos meus collegas a generosa attenção com que me ouviram. *(Muito bem, muito bem. O orador é muito cumprimentado).*

NOTA — "A Republica" de 5 de setembro de 1891. Pronunciou-o Pedro Velho na sessão de 8 d agosto de 1891. Oposicionista ao Presidente Deodoro, com os correligionários e amigos demitidos em todas as posições do Estado, sofrendo acusações insuportaveis, o jovem deputado (tinha 35 anos) dá seu depoimento que é um capitulo da história politica da época.

O PRIMEIRO PROJETO NA CAMARA DOS DEPUTADOS

DISCURSO PRONUNCIADO NA SESSÃO DE 22 DE AGOSTO DE 1891 PELO DEPUTADO PEDRO VELHO DE A. MARANHÃO

O SR. PEDRO VELHO — Estou convencido, Sr. presidente, de que não serei sinão o éco de uma das mais ardentes aspirações dos rio-grandenses do norte, sem dintincção de classes, nem de côr politica, solicitando do Congresso, como uma medida não somente util, mas indispensavel e urgentissima, a autorisação necessaria para o melhoramento da barra do Potengy, no porto do Natal.

O problema do progresso commercial naquelle Estado não terá solução possivel, emquanto a obra a que me refiro não fôr executada.

Na "Republica", orgão de propaganda, que fundei no meu Estado, já eu me tinha occupado deste assumpto, e em artigos publicados em julho de 1889 demonstrei, por meio de dados estatisticos, as extraordinarias vantagens da abertura da barra. Emfim, todos aquelles que medianamente conhecem a vida economica do Rio Grande do Norte podem attestar os incalculaveis beneficios que resultarão do suspirado melhoramento.

Situado no angulo nordeste do nosso territorio, e avançando pelo Atlantico, com um desenvolvimento littoral vastissimo em relação a sua superficie, dispondo na costa oriental e na costa do norte de varios pequenos ancoradouros, de facil e seguro accesso às embarcações de pouca tonelagem, o Rio Grande do Norte não possue, entretanto, um só porto digno de tal nome; e o seo commercio maritimo se faz quazi todo indirectamente, pela pequena cabotagem, mantendo-nos sob a tutela absorvente e asphyxiante de Estados visinhos, especialmente de Pernambuco, que nos compra os productos naturaes e nos vende as

mercadorias estrangeiras sempre em peiores condições do que poderiamos obter por transacções directas.

O SR. CARTAXO — Apoiado.

O SR. PEDRO VELHO — Até hoje, Sr. presidente, o infeliz Estado, que eu tenho a honra de representar, e por cuja prosperidade tenho o dever de esforçar-me com toda dedicação. o meo pobre Estado, digo, tem sido na communhão brazileira, não um irmão, mas um engeitado. Mas agora, na Republica, que é a fraterninade, assiste-nos o direito de pedir uma pequena parcella de beneficio, tanto mais quanto esse beneficio não representa uma despeza morta e improductiva, mas um serviço largamente remunerador, que elevará as rendas do Estado em uma porcentagem consideravel, dando ao mesmo tempo á Alfandega do Natal uma receita muitas vezes maior do que a actual.

Nem se assuste a Camara com a idéa de melhoramentos do porto, obra em que em regra se despendem contos de réis aos milhares.

Não é nenhum porto de Torres o modesto trabalho, que eu reclamo para minha terra. Com uma despeza relativamente pequena, orçada já em 400:000$, a União dotaria o Estado do Rio Grande do Norte de um elemento importantissimo para o seo desenvolvimento, lucrando tambem os cofres geraes pela elevação da renda aduaneira.

Isto além do mais, Sr. presidente, não irá atrapalhar por nenhuma maneira a politica do governo; mas já que nos roubam a liberdade, e nos estrangulam a autonomia, por uma compressão despotica, odienta, deixem-nos ao menos os recursos para ganhar o pão.

Não nos queiram reduzir pela fome e pela miseria o que seria indigno e não daria resultado.

O sentimento politico no Rio Grande do Norte não está, nem estará nunca à mercê de ministros, por mais poderosos e validos que elles sejam.

Os meus patricios são pauperrimos, é certo, mas isso não impede que sejão tambem honradissimos.

Nenhum governo poderá, por um mero capricho, mudar alli o curso da opinião; nós temos odio às imposições e detestamos as candidaturas officiaes. Disto temos dado provas varias vezes;

e ainda agora, a grande e consoladora verdade é que todos os recursos do governo foram impotentes para abater o partido republicano, que representa no Rio Grande do Norte um refugio seguro e inexpugnavel do pensamento democratico, genuino e sincero.

Sem os recursos da fraude, em uma lucta leal e franca, podem fazer um cento de investidas, será tempo perdido, não conseguirão derrotar-nos.

Perdoe-me V. Ex. esta pequena digressão, Sr. presidente, que ella, afinal de contas é muito natural e justificavel em quem conhece o lamentavel e vergonhoso estado da politica do Rio Grande do Norte, que querem reduzir a um burgo podre.

Eu volto á barra:

Sem que seja melhorado o porto do Natal, serviço para cuja realisação, attentas as extraordinarias vantagens que nos vem trazer, a despeza não é grande, o desenvolvimento commercial daquelle Estado, já o disse, é dificil se não fosse impossivel.

O SR. ADOLPHO GORDO — Apoiado; disso posso dar testimunho.

O SR. PEDRO VELHO — Os embaraços e riscos da praticagem do porto tornam elevados os fretes e as taxas de seguro; e os frequentes accidentes de encalhes e perdas de navios, que annualmente ali se observam, constituem um tremendo obice á importação directa.

Na capital e na florescente cidade de Macahyba, varias casas commerciaes teem procurado libertar-se do jugo da praça do Recife, fazendo directamente para os mercados Europeus e americanos ás suas encomendas; mas essas tentativas tão louvaveis são cercadas de embaraços taes, que desanimam a vontade mais energica.

Alem de não haver nenhuma linha de vapores transatlanticos, que toque em viagens regulares no porto do Natal, o que obriga os importadores ao sacrificio de completarem a carga das embarcações, exigencia muitas vezes superior ás praças fortes do nosso commercio; além do inconveniente, que dahi resulta, de suprirem-se uma só vez por anno, o que os expõe ás vicissitudes do nosso cambio tão caprichoso e tão cheio de cabriolas, não sei si por culpa dos inglezes ou pela incapacidade do governo;

alem da não renovação das mercadorias, que se deterioram, ficando longos mezes em deposito; não raro acontece que os vapores e navios, portadores dos generos importados, soffrem avarias à entrada ou sahida da barra, enchendo de desconfiança e de justificados receios as companhias de navegação.

Ainda não ha muitos dias, um vapor, que fôra levar à capital um carregamento de fazendas foi de encontro ao rochedo que obstrue a barra, soffrendo estragos e em risco de perder-se.

Sr. presidente, vou fazer em rapidos traços a historia do projectado melhoramento do porto do Natal.

Ha muito que é conhecida esta questão da barra do Potengy, e geralmente se accredita que é o recife denominado *Cabeça do Negro* o embaraço a remover; hoje, porém, depois de estudos minuciosos e completos, está provado que é o rochedo chamado *Baixinha*, encravado dentro do porto, e que por sua posição obriga os navios a manobras mais ou menos perigosas e difficeis, o verdadeiro tropeço a evitar.

Durante a monarchia, nunca poude a pobre e esquecida provincia conseguir cousa alguma em favor do porto de sua capital; mas vindo a Republica renasceu a justa aspiração que sempre teve o commercio local para conseguir emancipar-se.

O meu illustre collega, Dr. Adolpho Gordo, quando governador do Estado, iniciou os primeiros passos sobre a questão da barra, trocando varios telegrammas com o governo provisorio; e na administração do meu honrado amigo Dr. Xavier da Silveira, o Sr. Francisco Glycerio, então ministro da agricultura, mostrando real interesse pelo melhoramento reclamado, encarregou ao habil engenheiro hydraulico, Dr. Souza Gomes, de fazer os respectivos estudos e orçamento, commisão de que se desempenhou cabalmente aquelle profissional, fazendo um excellente relatorio, do que tenho aqui presente um exemplar.

Era geral o contentamento da população, que via em vesperas de realisar-se uma das suas aspirações mais justas, quanto subiu ainda mais de ponto a nossa satisfação com a chegada do capitão tenente Silva Lima, que ia, por parte do ministerio da marinha, realisar os trabalhos.

Parecia que a obra ia afinal executar-se, mas dahi começaram novas complicações.

Não sei que difficuldades ou desintelligencias houve na administração, mas o certo é que o capitão Silva Lima recebeo inopinadamente ordem do almirante Wandenkolk para recolher-se à Capital Federal, trazendo consigo 1000 kilogramas de dynamite, que já se achavam depositadas na fortaleza da barra, destinados ao arrebentamento da pedra que obstrue o porto.

Achava-me por esse tempo na administração do Estado, e dou testemunho da profunda impressão de tristeza e magua, que produzio no animo do commercio e da população inteira o acto que adiava mais uma vez, e de uma maneira tão inesperada, os trabalhos da barra, já em via de iniciar-se.

Varias comissões de negociante e homens do povo foram a palacio, pedindo-me que telegraphasse neste sentido ao governo, o que fiz immediatamente, mais sou forçado a dizer que sem nenhum resultado favoravel. Promessas, não nos davam senão promessas; e o capitão Silva Lima teve de abandonar o serviço antes de começal-o.

Não desanimei, comtudo.

Chegando aqui durante os trabalhos da constituinte, procurei logo o meu illustre amigo Sr. Glycerio, expondo-lhe as vantagens e a urgencia do serviço. S. Ex. mostrou a respeito os melhores desejos, o que lhe agradeço em nome do Rio Grande do Norte, abrio um credito de cento e vinte e cinco contos para compra do material necessario, e prometteu-me incluir no orçamento uma verba de quatrocentos contos para a execução dos trabalhos.

Infelizmente não tardou que essas novas esperanças, fossem seguidas de nova desillusão.

Veio o diluvio da reacção na politica do Estado, e poz-se uma pedra sobre a questão, que ouso agora reviver, pedindo aos meos illustres collegas, que, em nome da confraternização republicana, como um inolvidavel serviço prestado ao pobre Estado que represento "me coadjuvem" na consecução desse antigo e tão justificado reclamo.

Para provar o desamor e esquecimento com que é tratado o Rio Grande do Norte, Sr. presidente, basta lembrar o seguinte facto. Ha muito que se deseja fazer a ligação de tres estradas

de ferro existentes nos Estados de Pernambuco, Parahyba e Rio Grande do Norte.

Fizeram-se os necessarios estudos, e mandou-se ligar a estrada da Parahyba à de Pernambuco, mas o trecho entre Nova Cruz e Guarabira, isto é, entre Parahyba e Rio Grande do Norte, não sei porque foi adiado para as calendas. Pesa sobre nós uma negra fatalidade.

Não posso entrar em considerações de ordem technica sobre o assumpto de que me tenho occupado, em primeiro lugar, Sr. presidente, porque será longo e fatigante para a Camara, em segundo porque sou da mais completa ignorancia na materia.

Obscuro medico, nada entendo de engenharia hydraulica; mas pelo que tenho ouvido dos competentes, e pela leitura do Dr. Souza Gomes, que sinto não poder transcrever, junto ao meu discurso, estou convencido de que o trabalho não offerece difficuldades, pode ser executado em pouco tempo, podendo custar ainda menos do que a quantia orçada.

Quando foram feitos os estudos, o profissional a que eu me refiro calculou o preço da obra, contando empregar a dynamite e a eletricidade; diz, porem, no fim do seo relatorio: "recentemente teem sido usados para o arrazamento de rochas submarinas pitões de grande pezo, que, elevados, deixam-se cahir sobre a rocha.

Este processo tem dado os melhores resultados, e reduz de muito o custo de trabalhos desta natureza, não posso, porém, recommendal-o para o arrazamento a fazer na Baixinha, por faltarem-me dados sobre o preço de apparelhos a empregar".

Pois bem, conversei depois disso com o Dr. Souza Gomes, e este, já informado, me affirmou que o custo de taes apparelhos era muito modico, e que o seo emprego nos trabalhos do porto do Natal seria muito vantajoso e economico.

Vou concluir, Sr. presidente, e espero que o menos aquinhoado talvez dos Estados da União mereça do patriotismo do Congresso o favor que agora peço à Camara servindo de interprete aos sentimentos dos meos constituintes.

Vou mandar à meza um projecto de lei e vos rogo com o mais vivo empenho que o ampareis, que nelle está o remedio de uma grande parte dos males que retardam o progresso de

um Estado, que por ser pequeno não deixará de merecer a vossa attenção. *(Apoiados)*.

Eis o projecto:

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1.° — Fica o governo autorisado a despender a quantia de 400:000$ com as obras do melhoramento do porto do Natal.

§ 1.° — Essas despezas deverão ser executadas de accordo com os estudos e orçamento, já existentes na secretaria da Agricultura.

Art. 2.° — Revogam-se as disposições em contrario.

Sala das sessões, 22 de agosto de 1891. — *Pedro Velho*

Tenho concluido. *(Muito bem, muito bem. O orador é cumprimentado)*.

Vem a meza o seguinte:

PROJECTO

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1.° — Fica o governo autorisado a despender a quantia de 400 contos, com as obras do melhoramento do porto de Natal.

§ 1.° — Essas despezas deverão ser feitas de accordo com estudos e orçamento já existentes na secretaria da agricultura.

Art. 2.° — Revogão-se as disposições em contrario.

Sala das sessões, 22 de agosto de 1891. — *Pedro Velho.*

NOTA — "A Republica" de 12 de setembro de 1891. Na sessão de 22 de agosto de 1891 o deputado Pedro Velho faz um pouco de história administrativa e politica do Rio Grande do Norte e apresenta o seu primeiro projeto, pleiteando quatrocentos contos para melhoramentos no porto da cidade do Natal

A PRIMEIRA MENSAGEM AO CONGRESSO LEGISLATIVO

MENSAGEM DIRIGIDA AO CONGRESSO LEGISLATIVO DO RIO GRANDE DO NORTE PELO DR. PEDRO VELHO DE A. MARANHÃO, GOVERNADOR DO ESTADO POR OCCASIÃO DE ABRIR-SE A 2a. SESSÃO ORDINARIA DA 1a. LEGISLATURA, EM 14 DE JULHO DE 1893

Senhores Deputados:

E' a primeira vez que, como chefe do Poder Executivo, venho, perante vós — representantes do povo — desobrigar-me do preceito constitucional que me ordena dizer-vos, em mensagem, o estado dos negocios publicos no Rio Grande do Norte.

Antes de prestar-vos as devidas contas de minha gestão administrativa, ardua missão em que tenho procurado cumprir o meu dever, agindo dentro da orbita legal, congratulo-me comvosco pela elevação de vistas e pelo patriotismo que presidiram à revisão constitucional e à feitura das leis organicas que, na anterior sessão legislativa, elaborastes.

Nesses estatutos estão compendiados todos os bons e sãos principio da democracia: a adopção do voto descoberto, as franquias municipaes largamente estabelecidas, a reforma do systema fiscal pela creação do corpo de Fazenda, a garantia aos funccionarios publicos, a lei de monte-pio e outras medidas, são documentos seguros da orientação republicana da honrada Assembléa, a quem ora me dirijo.

E se não podemos ainda assegurar que a nossa existencia social esteja perfeitamente bitolada pela nobre aspiração de progresso e liberdade que dictou as nossas leis, pelo menos é certo que no exercicio harmonico dos poderes publicos tem sabido cada um manter-se independente e livre em sua respectiva esphera de acção, sem romper o equilibrio do conjuncto.

E' mister confessar para não ser injusto que este Estado, por muitos apontado como incapaz de vida autonoma, previsão aliás justificada pelos precedentes de nossa vida de provincia, organisou-se e prospera em condições animadoras. E' mister confessar que o Rio Grande do Norte, apesar do depauperamento profundo em que se achava, ensaia novas forças; sente-se que uma rica seiva vivificante lhe percorre todas as veias da productividade; basta lembrar que, embora os seos encargos quasi duplos, o Thesouro demonstra um saldo de 219:908$020 reis no balanço da receita e despeza effectuada do 1.º de Janeiro de 1892 a 31 de Maio de 1893.

Mas não devemos dormir sobre o lizonjeiro estado de nossas finanças, hoje florescentes, amanhã talvez desequilibradas e difficeis.

Não esqueçamos a severa licção do passado: a ameaça constante de uma *secca* exige de nós a mais escrupulosa previdencia.

A nossa população agricola, que constitue a grande maioria dos habitantes do Estado, vive ainda n'um eterno sobresalto pelo terrivel flagello; já não ha quasi confiança no semeador que renova uma e muitas vezes as suas plantações e sempre em pura perda. Só a heroica teimosia dessa raça nortista, trabalhada de longos infortunios, mas sempre forte, poderia resistir a essa serie esmagadora de esforços perdidos e incessantemente renovados.

Mas nem todos resistem e muitos desesperão e expatriam-se.

Em quanto outros Estados tratam de organisar os seos serviços de immigração, constitue para nós um doloroso pesadelo a corrente emigratoria que nos empobrece, roubando-nos para os serviços militares federal e estadoais ou para as industrias extractivas do extremo norte os nossos braços validos.

E' um problema sério e grave esse exodo dos nossos patricios: uns vão-se da propria resolução, com a coragem do imprevisto, ganhar a sua vida e o sustento de seos filhos; outros, porem, são seduzidos por fallazes promessas de especuladores. E neste sentido vos asseguro que, não seria uma limitação da liberdade e antes um relevante serviço que prestarieis ao Estado,

tributardes, com rigor, esses empreiteiros do nosso despovoamento.

* * *

Apresso-me agora em fallar-vos em um facto de maxima importancia: — o resgate de nossa divida externa.

Conheceis perfeitamente a historia dessa desastrosa operação que, ha vinte e dous annos, pesa sobre os nossos orçamentos.

O padrão onerosissimo do emprestimo contrahido determinava um geral desanimo e a todos parecia muito acima dos nossos actuaes recursos financeiros o podermos saldar aquelle compromisso.

Eis os dados exactos, fornecidos pelo Thesouro, a respeito do estado em que se achava a nossa divida externa a 30 de Junho ultimo:

Em 28 de Dezembro de 1871 emprestou-nos o então Banco do Brazil 100:000$000 reis, e em 27 de Dezembro de 1873 mais 60:000$000, desde então, e por diversas vezes, já o Thesouro havia recolhido áquelle estabelecimento a importancia de...... 176:377$000 reis, cobrindo assim o capital dos dous emprestimos contrahidos; e, ao fecharem-se as contas do 1.º semestre deste anno, ainda deviamos 257:277$626 reis.

* * *

A vigente lei orçamentaria fez uma consignação de cincoenta contos para amortisação e juros desse debito.

De pouco, porem, nos aproveitaria esse sacrificio.

Nessas condições, procurei entabolar um accôrdo com o estabelecimento bancario de que eramos devedores, o actual Banco da Republica do Brazil, offerecendo-lhe cento e sessenta contos, importancia dos primitivos emprestimos, por saldo e quitação da nossa divida.

Acceita a proposta, fiz passar para o Thesouro Nacional, por intermedio da Alfandega, aquella quantia e dei especial procuração ao Dr. Almino Alvares Affonso, nosso digno representante no Congresso Federal, para ultimar a negociação.

Na lei orçamentaria a que já me referi concedestes-me tambem autorisação para fazer operações de credito até oitocentos contos, destinados, alem de outros fins de utilidade publica, ao resgate da nossa divida externa e das apolices de juro superior a 5%; entretanto, mais acertado me pareceu lançar mão dos saldos existentes no Thesouro, e, para isto, abrir o credito necessario, o que venho trazer ao vosso conhecimento, solicitando a respectiva approvação.

E' possivel que, antes de entrarem os mezes de colheita dos nossos productos de exportação, os recursos do Thesouro sejam insufficientes para occorrer, com pontualidade, as despezas ordinarias constantes do orçamento; mas tambem é certo que, pelo sincero desejo que todos tinham de ver o Estado livre desse velho onus acabrunhador, a operação tem recebido applausos até d'aquelles que por ventura venham a soffrer atrasos no recebimento dos seos honorarios.

A altos funccionarios, como a humildes servidores da administração, tenho ouvido, e com prazer vol-o transmitto, que antes esse passageiro sacrificio do que a permanencia daquella divida.

Era, pois, inadiavel conquistar, como conquistamos, a nossa libertação financeira.

* * *

Outro assumpto que na presente sessão deve merecer-vos especial cuidado, evitando embaraços á administração e consultando, ao mesmo tempo os interesses do commercio, que sobre elle ha feito diversas reclamações, é o actual imposto de estatistica. Varios outros Estados consignaram em seus respectivos orçamentos identico tributo; vendo-se, como nós, em difficuldades para a effectividade da cobrança, tratam de procurar-lhe um succedaneo.

Em quanto, por accordo com o Ministerio da Fazenda, tal cobrança se fazia na Alfandega, repartição em que facil era obter os dados necessarios á fiscalisação, essa verba de receita podia ser com regularidade arrecadada; hoje, porem, que esse accordo foi desfeito torna-se quasi impossivel aos funccionarios da Fazenda Estadoal effectuarem a arrecadação.

Conto, pois, que ao vosso criterio e sabedoria facil será remediar taes inconvenientes, votando um imposto substitutivo que, sem maior onus para o contribuinte, traga uma justa equivalencia de receita.

Não é um tributo novo que vos peço. Penso que a rede dos impostos deve ser o quanto possivel simplificada; e a prova desse meu modo de ver tendes na proposta de orçamento que o anno passado vos apresentei, eliminando uma infinidade de pequenas verbas que passaram a fazer parte da receita dos municipios. O que venho solicitar do Corpo Legislativo, sob pena de consideravel desfalque nas nossas rendas, é que decreteis, autorisando-lhe a immediata effectividade, um substitutivo dos 4% de estatistica commercial.

* * *

No 1.º de Julho do anno findo demos os primeiros passos na nossa vida autonoma; e desde esse dia assumimos inteira a responsabilidade de Estado federado. Todos os serviços que eram até aquella data custeados pelos cofres da União, como a governadoria, a magistratura, a policia administrativa e a hygiene passaram a ser feitos a custa do Thesouro Estadoal, de accordo com as respectivas leis por vós decretadas.

Tratei então por minha vez de preencher os cargos de nomeação e, como me cumpria, designei o dia 11 de Setembro para a eleição dos governos municipaes e juizes de districto. O pleito, regulado pela garantidora lei de 15 de Junho, correo livre e calmo em todo o Estado, e hoje acham-se no gozo do regimen electivo e consequente posse de sua autonomia todos os municipios, com excepção apenas do de Touros, cuja eleição, tendo sido nulla, foi novamente marcada para 30 do corrente.

* * *

Considerando que o pensamento da nossa legislação tendia a unificar as divisões municipal, judiciaria e policial do Estado, constituindo cada circunscripção territorial ao mesmo tempo um municipio, um districto judiciario e uma delegacia; e mediante

representação das respectivas Intendencias, documentada de certidões relativas ao numero de jurados, creei districtos nos municipios de Curraes Novos, Flores e Patú.

Presentemente apenas dous dos trinta e sete municipios em que se acha dividido o Estado — Taipú e Areia Branca — deixam de constituir districtos judiciarios.

* * *

A lei n.º 5 de 24 de Maio, que estabeleceu a divisão do Estado em municipios e regulou as attribuições das respectivas intendencias, deve ser, em alguns pontos, sinão reformada, mais claramente explicita em suas disposições.

Uma das incertezas em que se tem encontrado os governos locaes para a execução da referida lei consiste no exercicio da parte executiva dos ditos governos.

Não havendo entre nós, como em outros Estados, uma entidade especialmente incumbida do exercicio de taes funcções, que pela citada lei devem competir ao presidente da Intendencia tem isso dado logar a que mal interpretado o sentido da expressão *parte executiva das funcções municipaes,* as intendencias, nos regimentos que confeccionaram, ora restrigem, ora excessivamente ampliam o poder executivo do presidente. Ainda a proposito dos presidentes da intendencia, convem accentuar de uma maneira mais positiva e clara do que se deprehende do art. 14 da lei de 24 de Maio si a sua eleição é ou não trienal.

Devo chamar tambem a vossa attenção para o arbitrio que tem seguido as intendencias na determinação das epochas em que devem funccionar, reunindo-se umas por quinzena, outras mensalmente e algumas ainda de trez em trez mezes.

Ora, o espirito da lei n.º 5, embora diga no art. 20 *que as intendencias reunir-se-ão em sessões ordinarias em periodos e dias determinados nos respectivos regimentos,* tinha talvez em vista que as sessões fossem mensaes, desde que em outros pontos se refere designadamente às sessões desse ou d'aquelle mez.

Torna-se igualmente necessario uma perfeita discriminação de rendas, com expressa declaração da materia tributavel pelo Estado e pelos municipios. Sem duvida por falta dessa discri-

minação, algumas intendencias se tem excedido na esphera de sua acção fiscal, obrigando o governo a suspender certas posturas por contrarias á Constituição e ao orçamento.

Taes actos, por praticados *ad referendum* do Congresso, em virtude da attribuição que me confere o n.º 15 do art. da nossa Constituição, ser-vos-ão presentes, nos termos do mesmo artigo, para que sobre elles vos pronuncieis.

* * *

São constantes as reclamações que tem recebido o governo contra a insufficiencia da força publica, por parte das auctoridades policiaes e judiciarias, que se veem muitas vezes na impossibilidade de tornar effectivas as suas ordens.

Outr'ora, quando a tropa federal, alem de certos serviços de guarnição, hoje exclusivamente feitos pela força publica do Estado, destacava para o interior, em numero de cem praças e até mais, não seria necessario um grande Corpo de Policia. Hoje, porem, é muito difficil attender com o effectivo do actual Corpo de Segurança a todas as exigencias da guarnição e policiamento da Capital e outras localidades.

Inutil appellar para a creação de guardas municipaes. Os recursos orçamentarios das Intendencias, com excepção de duas ou trez, não comportam semelhante despeza, apezar de lhes haver cedido o Estado uma parte de suas rendas.

Acresce ainda que não é de bom aviso descentralisar e desaggregar a força publica. Para bem manter a ordem, garantir a vida e a propriedade dos cidadãos e reprimir os crimes a força estadoal deve ter um centro de commando, a que obedeçam todos os agentes locaes.

Julgo, pois, da maior necessidade augmentar a nossa força armada e, sobretudo, melhorar-lhes os vencimentos, cuja exiguidade absolutamente não dá para os gastos indispensaveis com o alimento e vestuario.

Os nossos soldados ganham trinta e cinco mil reis mensaes, incluindo o fardamento; e, diante da actual carestia de todos os generos de consummo, é evidente a insufficiencia dessa quantia, se quisermos ter um corpo militar organisado em condições de bem desempenhar os fins a que se destina.

A creação da *guarda republicana* de que trata a lei n.º 3, de 12 de Maio, é por sua vez difficil de por em pratica, importando, alem disso, n'um accrescimo de 50% de despeza, por cada soldado. Seria sem duvida mais economico e exequivel autorisardes para os casos de urgencia um augmento, embora limitado, do "Corpo de Segurança", reservando-se a referida guarda com o seo caracter de milicia civica para ser utilisada em emergencias extraordinarias e quando a força regular não baste para a manutenção da ordem.

Pelo vosso esclarecido tino e licção de um anno de experiencia, conto será resolvido como mais convenha ao interesse publico, esse importante assumpto.

* * *

O natural receio e pouca confiança que os nossos precedentes financeiros plenamente justificam, determinaram sem duvida, a parcimonia da verba votada pelo Congresso para obras publicas, menos de 2% da receita orçada. Entretanto, essa rubrica orçamentaria não pode ser desattendida.

Si não podemos de presente emprehender grandes obras, ao menos é preciso conservar e melhorar os nossos edificios publicos, pouquissimos e em lamentavel estado, e ir construindo aquelles que sejão de absoluta necessidade.

O melhor proprio do Estado, o chamado Palacete da Assemblea, onde funccionam, alem do Congresso, o Superior Tribunal de Justiça, o Thesouro, a Intendencia Municipal e o Correio, carece de um serviço geral de segurança e limpeza.

O edificio do Atheneo é quasi uma ruina, de tão deteriorado que se acha, e, pela estreiteza de suas proporções, já não offerece as necessarias accommodações para as aulas do curso secundario, de accordo com a recente reforma deste importante ramo da instrucção publica.

Não temos escolas, não temos prizões, não temos estradas, e apenas umas casas e terras quasi imprestaveis, que houvemos em liquidações desastrosas para os interesses do Thesouro.

Em taes condições parece que é tempo de providenciardes no sentido de dotar o Estado de alguns melhoramentos em re-

lação a obras publicas, votando-se os necessarios recursos dentro das forças orçamentarias.

* * *

Nenhum assumpto merece mais cuidadosa attenção do que o ensino publico; e o zelo patriotico com que desde os trabalhos constituintes vos applicastes ao estudo e reforma da instrucção bem demonstra como estaveis convencidos da desordem e atraso em que ella se achava.

Infelizmente a respeitavel consideração dos direitos adquiridos exigia que o novo pessoal docente fosse exclusivamente escolhido dentre os antigos professores que, em quasi sua totalidade, nenhuma preparação possuiam, para a pratica de um programma em que se desejava incluir, embora muito succintamente, o conhecimento das leis geraes que regem todas as ordens de phenomenos.

Longe estamos, pois, ainda de poder executar em todas as escolas publicas o regulamento que reformou a instrucção.

No que respeita ao ensino secundario não é menos lastimavel o nosso atraso.

Tenho procurado na medida de minhas attribuições dar ao Atheneo uma organisação conveniente, mas varias circumstancias se tem opposto à execução das projectadas reformas.

Ha um geral desanimo e desgosto em relação a esse ramo do serviço publico, que parece ter cahido entre nós n'um irremediavel desconceito; mas não perdi esperanças de melhoral-o e para isso não pouparei esforços.

* * *

Não tem havido no Estado perturbações graves na salubridade publica. Na capital o estado sanitairo foi, é verdade, pouco lisonjeiro nesses ultimos mezes. Uma grande parte da população foi acommettida de influenza; mas raros foram os casos fataes

e o obituario não accusa accrescimo notavel, comparada a estatistica mortuaria deste com a dos annos anteriores.

Por decreto n.º 24 dei regulamento à Inspetoria de hygiene, mas ainda não se acham organisados todos os multiplos serviços, que competem a essa importante Repartição.

E' sobretudo, para entristecer a pobreza do nosso pequeno Hospital de Caridade.

No vigente orçamento, no § 9 do art. 2.º relativo á despeza, acha-se consignada, sob a rubrica — *Hygiene e Caridade Publica* — além de outras, uma verba relativa à diaria de presos pobres. Essa diaria é computada à razão de 240 reis para cada detento.

Não é preciso alongar-me em demonstrações para provar que com esta quantia não é possivel, presentemente, prover as despezas de alimentação de um homem.

* * *

Tendo-se verificado uma vaga na representação do Estado, no seio do Congresso Federal, designei e teve lugar, no dia 22 de Maio do anno passado, a eleição para preenchimento dessa vaga. Annullado por incompatibilidade o diploma do candidato eleito, foi novamente marcada e effectuada a eleição a 23 de Abril do corrente anno. Felismente, para honra do povo Norte Rio Grandense, o systema das abstenções, triste symtoma de criminosa indifferença ou de inteira desillusão sobre o exercicio da soberania, não é planta acclamavel ao nosso meio politico, cheio de vitalidade e confiança nas garantias e liberdade dos suffragios.

Os pleitos eleitoraes no Estado, costumam verificar-se sem perturbações da ordem, mas renhidos e desputados.

Ninguem foge à nobre responsabilidade do exercicio de suas funcções politicas; e o nosso systema eleitoral, de voto descoberto, é uma exuberante prova dessa affirmativa.

Muito temos que trabalhar ainda para igualar a alguns outros Estados na marcha progressiva do seo desenvolvimento; mas neste particular podemos desvanecer-nos de que nenhum se nos avantaja.

Os cargos electivos são entre nós realmente electivos e pleiteados com ardor nos comicios populares.

* * *

Duas das mais importantes leis que nos regem precizam, entre outras, de ser por vós revistas: a lei eleitoral e a lei judiciaria.

A primeira é lacunosa em certos artigos; e a segunda tem creado na pratica embaraços e difficuldades aos juizes, principalmente na parte que estatue sobre o julgamento singular.

Vejo com satisfação no seio desta Assembleia reconhecidas competencias em materia juridica; e isto basta para convencer-me de que a revisão indicada ha de ser feita nas condições mais conformes aos bons principios do Direito.

* * *

Reina completa tranquilidade em todo o Estado.

* * *

A succinta exposição que venho de fazer-vos submettendo à vossa ilustrada consideração as informações e medidas consignadas nesta mensagem, não basta, é certo, para por-vos ao corrente dos negocios administrativos do Estado; mas, dos relatorios que vos serão presentes, podereis colher mais amplos esclarecimentos sobre todos os ramos do serviço publico, alem do que, sempre solicito, me haveis de encontrar durante os vossos trabalhos para ministrar-vos, como é de meu dever, todos os dados e subsidios necessarios à confecção das leis.

Senhores Deputados

Os destinos politicos do Rio Grande, que firmastes numa legislação que vos faz honra, e para cuja execução e guarda vos hypoteco minha dedicação e esforço, de vós esperam a sua felicidade.

Eu vos saudo e confio que fecunda em beneficios para o povo ha de ser a presente sessão do Corpo Legislativo.

Palacio do Governo do Estado do Rio Grande do Norte, 14 de julho de 1893.

Pedro Velho de Albuquerque Maranhão.

NOTA — "A Republica" de 12 de julho de 1893. Segunda sessão ordinária da Primeira Legislatura, em 14 de julho de 1893. E' o primeiro panorama dos problemas administrativos do Estado fixado por Pedro Velho e exposto aos deputados. As linhas gerais da visão critica continuam contemporaneas.

Eleito Governador do Estado pelo Congresso Legislativo, a 22, Pedro Velho assumiu a 28 de fevereiro de 1892 e governou até 25 de março de 1896.

PALAVRAS DO DOUTRINADOR ADMINISTRATIVO

Senhores deputados: A existencia politica do Rio Grande do Norte tem sido, sob o regimen republicano federativo, a constante affirmação da vitalidade admiravel deste brioso povo, que nem uma vez sequer se ha desviado das boas normas e dos sãos principios democraticos.

Somos pobres, é certo, e longe nos achamos do esplendor material que faz a apparente felicidade dos povos; mas possuimos um grande thesouro fecundo, inestimavel — o patrimonio das nossas liberdades, que mais valem do que ouro e são o documento eloquente da nossa força civica. O respeito e a garantia a todos os direitos, cujo exercicio existe, entre nós, inteiro e completo, é a prova da sinceridade perfeita com que praticamos os deveres de bons republicanos; e, por esse recto e severo proceder, alheio à turbulencia das paixões e estreme de mesquinhos interesses, temos podido firmar na consciencia dos nossos coestadanos que a republica é — nos povos cultos do occidente — a unica norma politica em que o cidadão sente-se fortalecido e dignificado, para a realisação de sua felicidade pessoal e grandeza da communhão social a que pertence. E, se a nossa missão deve, antes de tudo, consistir em fazer a republica amada pelo povo, a conducta que seguimos é a prova de que estamos honradamente em nosso papel.

Temos, pois, o direito de ser altivos e ciosos do nosso viver politico, modesto sim, mas tão correcto e digno que não raro o temos visto proclamado, fora das fronteiras, em applausos cordiaes e encomiasticos conceitos, que bemdizem a ordem e o decoro publico de que gosa o nosso Estado, podendo dar licções de civismo e liberdade.

Bastaria para corroborar essa asserção a absoluta garantia com que acatamos — ainda em suas vehemencias maximas, em seos excessos mais acres — a enunciação do pensamento. Se

n'outros pontos do paiz, — muito desgraçadamente — a cegueira das represalias violentas tem occasionado lastimaveis attentados contra a imprensa, aqui a opinião e o poder publico tem cuidadosa e invariavelmente timbrado em assegurar a mais ampla liberdade da palavra.

Nem se diga que a virulencia incomportavel, calumniosa ou torpe, de certas invectivas autorise taes desforços, tanto mais quanto esses crimes se praticão geralmente por traição e nas trevas, o que importa aggravar a violencia pela cobardia.

Nada, pois, mais vergonhoso e mais triste do que semelhantes desmandos, reprovados e improficuos.

A imprensa que se apasquina e se desvaira tem o seo necessario e immediato correctivo no desconceito publico e na repulsa dos bons cidadãos.

* * *

Outro importante assumpto a que não posso deixar de referir-me é a isenção exemplar da nossa magistratura, cuja toga pode orgulhar-se de ser de todo ponto autonoma e impolluta.

Quando no Congresso Constituinte debateo-se a questão da dualidade da magistratura — principio cuja não adopção pelos autores do nosso pacto fundamental seria uma grave lacuna, um desvio, uma contradicção flagrante às idéas visceraes do regimen politico federativo — uma forte corrente de opinião inclinou-se, é certo, para a unidade do poder judiciario; mas se no espirito de alguns dos que assim pensavão o que actuava erão as convicções doutrinarias, o que fazia receiar á maioria delles pela respeitabilidade da justiça estadoal era a falta de garantias, a subordinação, a dependencia em que, segundo affirmavão, os interesses locaes irião apertar a liberdade dos juizes, muito menos sujeitos á acção dessas influencias perturbadoras e deprimentes, se fossem funccionarios exclusivamente federaes.

Pois bem, a organisação e o funccionamento da nossa magistratura estadoal é, alem da effectividade de uma formula federativa indispensavel á engrenagem do novo governo vigente no paiz, uma realidade nobilissima e que faz-nos honra.

No relatorio que me foi apresentado pelo honrado presi-

dente do Superior Tribunal, leio com satisfação os seguintes periodos:

"Mais uma vez me é grato declarar-vos que a administração da justiça em primeira instancia vai sendo feita, em todo o Estado, sem reclamações das partes que a procurão e satisfazendo ás exigencias do serviço publico.

"Isto se evidencia pela ausencia de queixas ou pedidos de providencias contra os funccionarios encarregados dessa missão, por parte dos que tem interesses em jogo perante a mesma justiça, que seria forçosamente o alvo das accusações e censuras, se, caprichosa ou criminosamente, se transviasse do cumprimento do dever."

Não vos pareça que, externando-me por esta maneira, eu me deixe levar na corrente de um optimismo irreflectido ou leviano. Bem sei que a palavra do governo deve ser sempre sobria e commedida; mas nada pode vedar-nos a homenagem do reconhecimento e até o enthusiasmo patriotico, quando uma e outra têm por base a evidencia de factos que se impõem.

O problema agricola é, porem, mais difficil e complexo.

O Estado possue ainda vastas e ferteis extensões de territorio, mais ou menos izentas, ou facilmente protegiveis contra as inconstancias climatericas, e cuja productividade jaz inexplorada.

Por outro lado, uma lamentavel ausencia de iniciativa tem descurado o ensaio de novas culturas — o café, por exemplo, cujo plantio vai sendo entre os nossos visinhos da Parahyba, largamente remunerador.

As duas essenciaes alavancas de riqueza agricola — não ha mister de grande erudição economica para conhecel-o; o bom senso mais rudimentar e a experiencia de todos os tempos o demonstrão — são capitaes e braços. Capitaes nunca os tivemos; e os trabalhadores vão rareando n'um exodo ameaçador de um verdadeiro despovoamento. Os nossos braços validos abandonão a enxada (seria puramente rethorico fallar em charruas e arados, tratando de nossa lavoura patriarchal e rotineira) pela farda de soldados e pelas fallazes seducções dos seringaes do norte.

Nenhum rio-grandense pode olhar sem magoa, para as estatisticas que registrão o movimento quasi nullo das entradas, em confronto com as levas continuadas dos que se expatrião. E

muita vez por dous braços sadios, vigorosos, que se auzentão, ficão-nos muitos infelizes invalidos, desprotegidos e famintos.

E que faz o governo, poderão inquirir, com impaciencia, aliás louvavel, mas pouco reflectida, os que veem, cheios de dó e lastima, essa triste corrente emigratoria?

Mas o governo, não é a tutela sem peias, não é o arbitrio discricionario. Não o é pelo menos no Rio Grande do Norte; e por mim vos asseguro que, neste como em nenhum assumpto, agirei divorciado da legalidade. O governo é depositario do poder publico, é verdade, mas com as inviolaveis restricções da lei, á qual elle deve ser o primeiro a render respeitosa homenagem e estricta obediencia.

A menor exorbitancia no exercicio da autoridade — uma vez posta em pratica e tolerada — é a porta aberta para a prepotencia tyrannica e humilhante da dignidade social.

Todas as dictaduras são amputações crueis da liberdade; e, se a razão de Estado pode, nas grandes crises das nações, impor o sacrificio doloroso desse recurso extremo e momentaneo, por pouco que ellas se prolonguem, tornão-se insoffriveis.

O nosso temperamento, os nossos habitos são legalistas e ordeiros: não saiamos delles — é o melhor caminho.

Entretanto, são inadiaveis o estudo e a pratica de medidas capazes de fixar no territorio os nossos patricios que emigrão.

As populações ruraes desesperão, e a valvula que encontão é o abandono dos lares.

Fogem do trabalho? Não. Fogem da miseria. O exodo que emprehendem é já uma energia indicativa de coragem.

Como detel-os? Não tendo centros idustriaes que lhes deem acolhida, só nos restão a agricultura e a exploração pastoril, ambas atrasadas e definhantes.

Á aridez da zona sertaneja, essencialmente pastoril, nenhum melhor remedio se lhe poderia de prompto procurar do que o desenvolvimento da açudagem.

Basta notarem-se as vantagens excepcionaes de que ali gosam os proprietarios, cujos recursos têm podido effectuar pequenas barragens, para reconhecer a excelencia de tal medida.

E disto não se descuidaram os nosso dignos representantes no congresso federal. Como sabeis, graças aos seus incansaveis esforços o actual orçamento da União consigna uma verba de duzentos contos com applicação à açudagem no Estado.

Infelismente, ainda não se acha à nossa disposição aquella quantia; mas já fiz a competente requisição para dar-lhe proficuo e prudente destino.

Isso, porem, não basta; e por assim me parecer, vou solicitar o concurso de vossas luzes para o exame de uma questão que não é nova, mais que bem merece as vistas desta assembléa.

E' um problema arduo, que divide fortemente as opiniões e, mais ainda, os interesses. Não ousarei apresental-o como remedio salvador e infallivel. Tal fosse a minha convicção, e francamente dil-o-hia ainda a custo de embaraços e dissabores, porque o homem publico deve ter a coragem de suas opiniões, quer sejam o reflexo do sentimento popular, quer constituam a orientação e força dirigente do meio em que elle exerce a sua actividade e influencia.

Não vos afirmo, repito, que esteja ahi a solução perfeita e completa dos nossos atropelos economicos; mas um assumpto carecedor de estudo, certamente, o é.

Quero fallar da discriminação de zonas destinadas à creação dos gados e ao plantio do solo.

Embora não tenhamos ainda estabelecimentos agricolas de producção consideravel, não podemos deixar de distinguir a grande e a pequena lavoura.

E' a esta principalmente que aproveitaria a lei, cujos beneficos effeitos uma vez evidentes, porião cobro, ao menos em parte, à emigração, melhorando as condições do proletariado.

Vale a pena arriscar as seducções estonteantes da mais aureolada popularidade pelo contentamento de fazer o bem. E, ainda quando a resistencia de interesses melindrados fosse anti-

pathica ao vosso patriotico desprendimento, terieis, para logo as bençãos dos pobres e, não longe, os applausos de todos, pouco a pouco conquistados pelo exito benefico porventura realisado.

Consignando a idéa que venho de externar, e cujo julgamento incumbe á sabedoria do congresso, tranquillisa-me a certeza de que, ao enfrental-a, nenhum outro movel que o bem publico actuará em vossas decisões.

Em resumo, para melhorar as nossas finanças, o que precisamos é crear, dentro das actuaes contribuições, elementos estaveis da receita, para evitar sorprezas que se traduzão em deficits. Saldos, se os houver, appliquem-se em trabalhos uteis, embelesamentos até, se para tanto derem; mas decretar recursos sob a impressão de que podem ficar no papel, sem entrar para o Thesouro, é uma acabrunhadora contingencia.

Senhores deputados: Esta mensagem é tambem uma despedida. Não está longe o termo do meo periodo administrativo, sendo este o ultimo ensejo que se me offerece de cooperar comvosco na confecção das leis. Vou deixar o governo; volto a simples cidadão. Essa transicção faço-a naturalmente, levando a paz na consciencia e o intimo consolo de que cumpri, como melhor pude, o meu dever. Tambem — e essa justiça hão de fazer-m'a — como sincero democrata, passo de governador a governado não tendo necessidade de reformar os meos habitos, como os não alterei, quando me confiastes a missão de chefe do poder executivo. E assim procedo, sem esforço e sem calculo, porque essa norma de conducta pautei-a pela natural feição do meo espirito; mas é tambem convicção minha que assim devera praticar, n'um regimen em que, os mandatos sendo directas delegações do povo, cumpre aos mandatarios a obrigação de viver e sentir com o povo.

Coube-me uma tarefa de grandes labores e graves responsabilidades — iniciar o governo republicano federativo no Estado em que nasci e cujos destinos me foram confiados pela generosidade dos meos coestadanos; e, se tive de atravessar quadras difficeis, verdadeiras crises, como deve estar na memoria de todos, nem um instante, vos affirmo, perdi a fé no futuro

da patria e a serenidade d'animo reflectida e imperturbavel, que vale, ainda nos lances mais apertados da vida publica, muito mais que condemnaveis desabrimentos e espalhafatosos rompantes.

Senhores membros do Congresso Legislativo, eu vos saúdo.
Natal, 14 de Julho de 1895.

Pedro Velho de A. Maranhão.

NOTA — "A Republica" de 20, 25 e 31 de julho e 4 de agosto de 1895. Trechos da Mensagem dirigida pelo Governador Pedro Velho de Albuquerque Maranhão ao Congrsso Legislativo do Estado do Rio Grande do Norte ao abrir-se a primeira sessão ordinária da Segundo Legislatura, em 14 de julho de 1895.

Era a ultima mensagem governamental.

ARTIGUETES

I

RECENSEAMENTO

Não se ultimou ainda a apuração do recenseamento da cidade, o que talvez não accuse ao todo onze mil habitantes — misera capital — e já as listas recebidas annuciam 470 costureiras, todas honestas, segundo reza a casa das observações.

Safa, que é muita costureira; nem que isso fosse uma officina de confecções e modas.

Entretanto, e não obstante tantas agulhas em actividade... profissional, tem-me acontecido tirar, successivamente de um modesto bahú de folha, que me serve de guarda roupa, os meus quatro pares de meias e as minhas tres camisas, encontrando-as todas, uma por cerzir e as outras sem botões.

Quatrocentas e setenta costureiras... irra! 13% das profissões declaradas! Bastaria Natal par sustentar as fabricas de Singer.

E não foi este o unico reparo que me suggeriu a leitura das notas censitarias relativas a esta leal e pittoresca *Cidade do Conde*. . . (graveto de erudição historica que o Renaud me prometteu que sahiria no segundo volume do Almanack).

O meritorio trabalho emprehendido pelo meu illustre amigo Tenente Coronel Olympio Tavares — digno vice-presidente da intendencia, já conspicuamente laureado e benemerito dos municipes por importantes melhoramentos, entre os quaes avulta, pelo engenho da concepção e arte da feitura, o vallado da Praça da Republica e a respectiva pinguela — esse meritorio trabalho, repito ao mesmo tempo que fornece materia para os mais serios estudos, encerra variados assumptos de recreiação.

Obra perfeita — util e amena.

E' assim que, entre os dados tendentes às profissões, figura uma meretriz; (textual) e foi ella mesma que, de proprio punho, em optima calligraphia, com sublime bôa fé e heroica sinceridade, escreveu a informação.

N'outra lista tive a suprema e desopilante fortuna de deparar com esta preciosidade:

Profissão... Commendador.

O melhor, porem, é o capitulo das *côres*.

Quando, na qualidade de recenseador, appareceu-me o honrado Major Zozimo Fernandes e, com a sua costumada gentileza e cortezia, começou a inquirir do meu nome, se era casado, se sabia ler e escrever, de que industria vivia, quantos annos desejava ter, etc., notei que, chegando à informação referente à côr, elle me passara um lápis e a lista impressa, pedindo-me que enchesse a linha fatidica. Estranhando eu o facto, respondeu-me, sorrindo, mas sem ironia appreciavel: "Desculpe o amigo; tenho procedido assim para com todos; não gosto de ser indiscreto". E apresentou-me varias listas cheias, afim de que eu verificasse que, effectivamente, as informações sobre a côr dos habitantes erão todas *autographas*. Corri a vista disfarçadamente pelos papeis e... ó gaudio, ó pandega... nada menos de cincoenta recenseados — alguns dos quaes meus proximos parentes e todos meus parceiros em *raça* — figuravão com a lettrinha de cada um delles, muito minha conhecida, como *Brancos*, com B maiusculo.

Ia a cahir-me o queixo, quando o demonio da tentaçãoentrou a fazer-me cocegas, não na sola dos pés, como ao Bailio de Moraes do orphelinato de S. Rita de Cassia, mas na beleda da consciencia. E travou-se no meu irresoluto bestunto o seguinte conflicto: Por um lado uma vontade doida de ser promovido a branco, muito embora n'um simples calculo anonymo de recenseamento; por outro lado o patife de um espelho, que me ficava fronteiro a reflectir-me a veronica e a dizer-me, na sualinguagem muda e implacavel: "Tenha vergonha, *seu* Nemo; quem foi que não conheceu nesta cidade a preta Miquilina, sua avó?"

Venceu, afinal, o vaidoso preconceito: dei, ligeiramente, as costas ao Zozimo, escrevi *Branco*, dobrei o papel e restitu-o, sem coragem de olhar p'ra o homem.

A consciencia ainda esperneou alguns minutos, com umas caratonhas choramingas de creança dengosa; mas foi-se acalmando, e adormecendo de sorte que, pouco depois, eu repetia com os meus botões:

"Sempre era preciso ser muito burro para não fazer como os outros".

Fitei, então, ousadamente, o espelho, e berrei-lhe, com invejavel convicção: "Mulato é você *seu* malcriado!"

I I

CAVACO

Um talentoso collaborador d"A Republica" e assiduo visitante da sala da redacção, teve, ha dias, a idéa de archivar, n'uma secção sob a epigraphe *As Nossas Palestras,* a summa da cavaqueira com que a rapaseada procura suavisar a semsaboria de escrever noticiario e rever provas.

A minha idéa, porém, é outra. Ando *reinando* para pôr na rua certas manhas e sestros cá do pessoal, alguns destes capazes de fazer rir a propria tristeza. E, decididamente, levo a effeito a ameaça, si os senhores collegas continuão a fazer commigo diabruras da gravidade de uma de que, ainda no ultimo sabbado, fui victima. Erão sete horas da noite, e rodeavamos a grande mesa dos revisores eu, o *A* das *Notas Politicas,* sempre muito pachorrento e sonso, o *H,* o *D,* o *P,* o *S* e um tal de *Catavento,* sujeito de minha especial embirração. Aventou-se a idéa de *matar o bicho* para *espairecer,* e eu —tolo que fui— vendo que os outros punhão-se na moita, mandei vir, a credito, ali da mercearia do Miguel, uma garrafa do bello cognac indigena de que é propagandista e agente nesta cidade, o meu supra referido amigo Olimpio Tavares.

Sabem o que aconteceu? Veio a pinga, e, emquanto fui à sala de composição fazer retirar, conselho do Souza, um H e dois T T de mais, com que eu atrapalhara a ortographia de certo vocabulo n'uma local de minha lavra, os faccinoras *enchugaram* a beberragem e, não contentes com o desaforo, ainda receberam-me às gargalhadas, com facecias e galhofas.

Que não se mettam n'outra; já lhes conheço as mazelas e não tenho papas na lingua. Ou tratam serio, ou vai tudo raso aqui nos *Artiguetes*.

III

O PARRUDO

Lendo hoje, na parte official desta folha a mensagem, ou *falla*, com que, em 1 de Setembro de 1837, o então presidente, Dr. Manoel Ribeiro da Silva Lisboa, popularmente conhecido por *Parrudo*, abriu a terceira sessão da Assembléa Legislativa Provincial, ocorreu-me relembrar o assassinato do mesmo presidente.

Foi a 11 de Abril de 38 — quarta feira de trevas — pelas 5 horas da tarde, n'uma casinhola pertencente a um sitio, que demorava pouco alem do local onde hoje existe a borracheira publica... quero dizer, açude publico denominado *Baldo*.

Odios politicos, para uns, desaffrontas vingadoras da honra das familias, no pensar de outros, deram motivo à morte de *Parrudo*.

Talvez as duas causas reunidas. Neste particular a tradição é varia e controversa.

Verdade é que, conforme referem contemporaneos seus, ainda sobreviventes, Silva Lisboa, ao mesmo tempo que procedia na administração com um partidarismo intransigente, exaltado e até perseguidor, capaz de gerar represalias e vinganças, era dotado de instinctos cupidineos por tal maneira incontinentes e ardorosos que, abusando de sua posição official, affrontava com atrevido displante o recato das donzellas e a fidelidade das senhoras casadas, cujos consortes não haviam requerido ao governo aquella estranha collaboração, nem pareciam de todo resignados a acceitar as ossificações supplementares com que o presidente entendera decorar-lhes as frontes respeitaveis.

Foi, então, resolvida, em reunião secreta, em que tomaram parte adversarios politicos e *cornelios* descontentes, a sentença de morte do *Parrudo*.

A já mencionada casinhola do *Baldo* era o templo onde Silva Lisbôa costumava celebrar os seus mysterios libidinosos, reunindo

em repugnante promiscuidade as suas amasias de compra ou seducção; e, naquella tarde de Abril de 38 — quarta feira de trevas — alli se achava elle, reclinado em uma rede, despido, em licencioso tête-à-tête com varias Phrynés de contrabando, quando surgem-lhe à porta quatro guarda-costas do serviço e da confiança de um dos conjurados.

Mal volvido do terror e da surpresa, é arcabusado e, em seguida, crivado de punhaladas, uma das quaes varou-lhe o coração.

As prostitutas, que havião fugido espavoridas da terrivel scena, e as ordenanças do presidente (por discreção costumavão sempre postar-se a consideravel distancia) que não tiveram tempo ou tiveram medo de acudil-o, vieram trazer à cidade a tragica noticia.

Servião nessa epocha de palacio do governo umas casas situadas no ponto hoje occupado pela Escola de Aprendizes Marinheiros.

Para ali foi o cadaver conduzido, n'uma rede, tendo logar no dia seguinte o enterramento, effectuado com todas as honras e formalidades a que fazia jus a elevada posição social e politica do morto. Bem pode ser até que alguns dos assassinos hajam piedosamente assistido aos funeraes, indo depois apresentar pezarosas condolencias à viuva.

E, a proposito da viuva, aqui transcrevo a narração seguinte, epilogo de lama a esse drama de sangue.

A esposa do presidente Lisbôa, embora conhecesse e lamentasse as demasias escandalosas dos seus habitos de devassidão, tinha por elle o mais sincero e apaixonado affecto conjugal. Pois essa infeliz senhora, ainda atordoada pelo golpe que tão rude lhe ferira o coração, teve aggravada a dor da viuvez por uma affronta torpemente cobarde e baixamente vil:

Na mesma noite em que *Parrudo* baixava à sepultura, um grupo de canalhas, estupidos ou ebrios, foi à frente do palacio — cujas portas o luto recentissimo conservava fechadas e em cujo interior soluçava, em terra estranha, ao desamparo de todo conforto affectivo, uma pobre mulher, sem pae, sem esposo, sem filho, ou irmão que a protegesse — fazer uma certa algazarra accintosa e boçal, usada naquelles tempos, já hoje esquecida — a *serração da velha.*

Quem não preferiria a malvadez assalariada dos guarda-costas à latrinaria consciencia desses miseraveis?!

NEMO.

P. S. — Conhecem os leitores a praxe *diplomatica* seguida por nossos antepassados quando resolvião consignar alguem para o outro mundo. O guarda-costas, embaixador da morte, recebia do mandante ordem expressa de levar-lhe um signal qualquer que attestasse o desempenho da missão. Muita vez era uma orelha da victima. Pois bem, referiu-me um amigo meu, de o ter ouvido da bocca de um dos proprios matadores de *Parrudo,* que o signal dessa vez escolhido foi um rico annel de diamante que o presidente trazia, no momento em que foi assassinado; e o guarda-costas accrescentou: "Até, patrão, como o diabo do annel estava custando muito a sahir, eu arranquei-o do dedo do defunto, com os dentes...

NOTA — "A Republica" de 11 de fevereiro de 1897.

ARTIGUETES

I

AMICUS CERTUS

Os modernos psychologos, estudando, em suas fibras mais delicadas e reconditas, esse mysterioso orgão que se chama o coração, concluiram de suas locubrações e experiencias que — ainda mais rara do que o verdadeiro amor é a verdadeira amizade.

De facto, quem ha ahi que, uma vez ou varias vezes, não se tenha sentido o objecto de intensa e absoluta affeição inter-sexual? Quem deixou de ser protagonista n'uma dessas absorventes e dominadoras paixões em que o amor avassalla e tyrannisa todas as energias e todos os estimulos, sem deixar, na sua estuante hypertrophia, que respirem siquer as valvulas da consciencia e da razão?

Não assim a amizade. Sentimento mais calmo e mais tranquillo, ella é chamma que aquece sem queimar, lampada que illumina e guia, e, longe de se consumir no tempo, mais se accende e rebrilha à medida que envelhece.

Como é rara, porem, essa suprema ventura de ter um verdadeiro amigo! Quantos se hão gosado de tamanha dita!

E tambem que repouso e que amparo para a nossa consciencia a segurança de que outro coração irmão do nosso pulsa isochrono com elle ao calor de um affecto tão puro e desinteressado!

Mas eu não venho aqui fazer litteratices, venho narrar uma veridica historia que se passou assim:

Um pescador de Caiçara, Raymundo de Azevedo — lembro-me ainda delle — era um homem rude e simples, casado com a Sra. Joaquina dos Prazeres, feio bicho, desarrumado de cara e de genio, que atormentava o marido como uma megera, ao mesmo tempo que se multiplicava em cada anno, (coisas de praia: phosphorecencia e ocios) de sorte que já tinha uma ni-

nhada de nove filhos, todos authentica e exemplarmente conjugaes, valha a verdade. Nesse particular da fidelidade a sra. Joaquina era insuspeitavel, e guardava-a, melhor que todos os cerberos de Plutão, uma feialdade digna de muzeu.

Raymundo era dotado de um grande vigor physico, que elle repartia, equitativamente, em puchar as tarrafas e alisar o pello à consorte quando esta ultrapassava as raias do vocabulario permittido n'uma resinga entre conjuges; e tinha, alem do seu pulso de ferro, um amigo de bronze, o Chico Aleixo, um amigo desses que se dizem para a vida e para a morte. E era.

Aleixo, ao mesmo tempo que estremecia Raymundo, desadorava-lhe a esposa, que, por sua vez, fazia-lhe quanta pirraça e macriação era possivel.

Um dia — vão disso uns doze annos — Raymundo apanhou uma *maligna.* Sempre de mal a peor, conheceu que morria; e, vendo à beira do girau, em que a malaria lhe desfebrava a existencia, os vultos da mulher e do amigo, disse a este ultimo:

— Chico, quando eu morrer, V. ha de casar com *Sinha* Joaquina.

O pobre homem, ao ouvir a estranha intimação do moribundo, a quem nunca faltara, olhou de revés para o carão da femea e sentiu-se nauzeado e afflicto, como se lhe estivessem dançando nas tripas um milhão de lombrigas.

— Mas, Raymundo, isto não é negocio que se resolva assim; e depois tu não sabes se aqui a senhora...

Esta apressou-se em aplainar difficuldades, dizendo:

— Se é do gosto do defunto...

O diabo chamava defunto ao marido nas proprias ventas delle, ainda vivo.

Pois, morreu o Raymundo; e, tres mezes depois, a Sra. Joaquina dos Prazeres era mulher do Chico Aleixo, já se tendo até agora propagado em outros nove filhos.

Tive a semana passada a fortuna de ver a fecunda mulheraça, passeiando a sua 19a. gestação.

— Como se tem dado com o seu segundo marido?

— Como com o outro, respondeu desencalmada.

Percebi: muitos filhos e muita pancadaria. Nem ella pede a Deus outra coisa.

I I

O INSPECTOR

Os senhores hão de ter percebido que eu sou um espirito desabotoado e lhano, de seu natural, ingenuo e commodista, sem complicações e sem subterfugios, vendo as cousas pelo prysma da pacatez bem humorada e ligeiramente egoista, que é a nota dominante na situação mental deste fim de seculo, tão opulentado de grandezas e miserias — seculo de Napoleão, de Bismarck, do Conde d'Eu e de Antonio Conselheiro.

Tambem não gosto de indiscreções e intrigas; e só por isso deixo de consignar nos *Artiguetes* o resultado da perspicacia de que dei provas, reconhecendo varios cavalheiros que se exibiram phantasiados durante o carnaval. Por exemplo; mesmo através das mascaras e das suas falas nazaladas, conheci muito bem os pandegos que fazião de monarchistas. Um então que, sendo magro como um cabo de vassoura, se propunha arremedar um sebastianista ventrudo e barbaça, tendo para tal fim de avolumar a barriga com palhas e mulambos, uma barriga cheia de bossas que nem o lombo de um dromedario; esse eu sou capaz de jurar que era...

O outro que, a cada esquina, discursava sobre a excellencia do *ancien régime,* tambem, para descobril-o, bastou-me por-lhe os olhos de longe; e, bem entendido, olhos desarmados, porque graças à divina providencia ainda tenho bôa vista e sempre embirrei solemnemente com sujeito que usa oculos.

Mas, deixando esse melindroso assumpto, vou contar-lhes o caso do inspector:

Um cidadão, aliás investido de nobres e conspicuas funcções publicas, não podendo resistir ao contagioso prurido da bella pandega, resolveu mascarar-se. Vestiu, pelo avesso, um velho fraque, calçou um par de meias, uma de cada cor, por cima dos sapatos, poz na cabeça uma cartolla amarrotada, improvisou a mascara com um retalho de seda de um chapeo de

sol aposentado e começou a percorrer a cidade, solitario e melancholico, sem dizer graçolas a pessoa alguma, e meio desconfiado de que não estava lá fazendo uma figura muito divertida; mas, emfim, tendo satisfeito o seu capricho.

Nisso encontra-se, no becco da Quarentena, com uma troça de entrudistas, armados de enormes seringas que esguichavão pó, que nem a cratera de um vesuvio. E o nosso homem, em vez de seguir tranquilamente o seu caminho, na palermice inoffensiva e nada attrahente do seu modesto disfarce, teve a infeliz ideia de dizer a um dos do grupo, que mais se lhe avisinhava:

— *Seu carnavá,* o senhor não me *avôe* gomma.

Foi como se tivesse atirado uma pedra n'uma casa de maribondos. Uma chuva de seringação, um diluvio de pó envolveu o desgraçado, quasi a suffocal-o.

— Estejão presos, *seus* burros.

Ainda peor; o ataque recrudesceu no meio de um alarido infernal de gargalhadas.

— Estejão presos, ja lhes disse. E, saccando o trapo que lhe cobria a veronica indignada e rubra, berrou com dignidade: Eu sou inspector... de quarteirão.

Archivo este episodio como um desmentido a que o espirito de autoridade se ache em decadencia no paiz.

III

A BELLA ALEGRIA

O nosso pessoal de composição, o José Pinto à frente...

O José Pinto é o chefe da composição e o paginador d'*A Republica.*

Faz logogriphos e verseja, entre uma e cinco horas da madrugada, que é o tempo de folga que lhes deixão os ossos do officio, e, às vezes, pergunta, com ares simplorios, ao collega de plantão:

— Sr. Dr., aquelle artigo em typo 9 entra como editorial?

— Porque não? pergunta surpreso o interpellado.

— Pensei que *aquillo* era alguma solicitada do Taipú.

— Não, senhor, é um trabalho do *Nemo* e elle faz questão de que saia logo após os telegrammas.

— Ah! V. S. desculpe.

Além disso, consta que andou no carnaval, vestido de *Bom Jesus* dos Canudos, dando o braço a um mascara que fazia de *Restauração*.

Mas, como ia dizendo, o pessoal de composição veio, outro dia, ao escriptorio significar, em termos commoventes, que elle pessoal preferia perambular, sequioso e suarento, pelas ruas areientas e ladeirosas da cidade, com as caras congestas, sob mascaras impermeaveis, e os calos a tinir dentro de botas novas, vestidos de *princez*, em calções de ganga verde e mantos de sargelim vermelho, ou disfarçados em frades, com sotainas de madapolão preto — a compor editaes e partes da policia, na terça feira gorda.

Sahiu compridote este periodo, não achão? Desculpem, não foi por gosto: é a exuberancia da inspiração.

Allegavão ainda os rapazes que mais valia iniciar o reinado das sette vaccas magras, isto é, as sette semanas de bacalhao e mangaba, com um bom defluxo, apanhado no entrudo, ou uma indigestão, superveniente de uma ceia de garfo no *Club dos Caiadores* — do que ir tisnar a tromba com a cinza symbolica do *memento homo*, levando as mãos engraxadas no manusear enfadonho do typo normando e do typo elzevir.

E concluiram, no crescente ardor de invejavel convicção:

— O que os srs. redactores poderião fazer, na edição de quarta feira, alinhando argumentos contra os canudos da restauração e a restauração dos Canudos, nós outros o faremos, na vespera, com exito muito mais insinuante e suggestivo, expondo à irrisão das massas a ridiculez catharra dos *imperiaes conselheiristas*.

E tinha razão. Em verdade, certas cousas são mais de rir do que de odiar.

Foi, portanto, deferida a petição; e eis ahi porque os 2.543 assignante d'*A Republica* — muitos delles mais assiduos na leitura do que pontuaes em cahirem com o *arame* — passaram pelo desgosto de ficar hontem sem o seu quotidiano pão do espirito.

Os rapazes são foliões e, talvez, cabulosos; mas são moços, e a mocidade é cousa que só se pode gosar em tempo proprio, porque não volta mais.

Eu que o diga, miserando bipede, maior de cincoenta annos, que lamento, saudoso e inconsolavel, a perda das illusões e de outros ornamentos da juvenilidade — cheio de pés de gallinha na cara e no coração.

Folgai, rapazes!

NEMO.

NOTA — "A Republica" de 4 de março de 1897.

ARTIGUETES

I

REUNIÃO

A combinação era esta:

Apparecia no escriptorio um correligionario do interior; tinhamos de dar noticia da visita, e ninguem sabia ao certo qual a patente do homem — porque alguma havia elle de ter, por força dos costumes potyguares. Ora, como a nossa guarda nacional já é muito de oitiva, o noticiarista, por sua conta e risco e mais de oitiva ainda, inventava-lhe um posto qualquer, conforme a cara do freguez; mas sendo possivel haver engano, para mais ou para menos, assentámos de adoptar um systema de razoavel equilibrio, genuinamente egualitario e democratico, sem preferencias e sem privilegios, no qual o diccionario do Aulete e a secretaria da justiça collaborassem de concerto na coronelisação e no engrossamento.

A cousa ficou assim organisada, dando-se copia a cada um dos redactores:

PATENTES	ADJECTIVOS
Alferes	Eminente
Tenente	Benemerito
Capitão	Conspicuo
Major	Prestimoso
Tenente coronel	Illustre
Coronel	Honrado

Era, como se vê, uma tabella compensadora e equitativa, em que a adjectivação se elevava na razão decrescente do numero dos galões.

Mas o segredo é a alma dos negocios, principalmente em politica; e, de facto, enquanto conservou-se em reserva a com-

binação estava produzindo excellentes resultados, a contento geral e sem perturbações na economia interna do partido. Vae senão quando, dous dos nossos collegas lembrão-se, simultaneamente, de noticiar a visita do cidadão Miguel Soares, e... no mesmo numero d'*A Republica,* na mesma pagina, quasi na mesma columna — um chama-o de capitão e conspicuo correligionario, o outro trata-o por tenente coronel e illustre amigo.

Está, portanto, descoberto o jogo, e acha-se convocada para domingo em casa do Souza, a Convenção, quero dizer, a Redacção, afim de resolver-se sobre a reforma do systema a empregar na secção dos *hóspedes e viajantes.*

Pois é pena terem posto o negocio na rua; porque a tabella ia surtindo optimo effeito.

II

D. JOSÉ E OS CHIFRES

Esse bragança hypocrita e devasso, que, sob o pretexto de conspiração e lesa magestade, fazia garrotear nas praças de Lisboa — depois de fracturados a marrêta as pernas e os braços — os grandes de sua côrte — a quem já havia roubado a honra, fazendo das mulheres delles as suas concubinas — tomou-se um dia de escrupulos e melindres pelo decoro dos costumes e pela moralidade dos seus subditos, e resolveu legislar sobre os chifres.

Descobrindo por numerosas queixas e denuncias que os Luzos, seus contemporaneos, a quem a fatalidade fizera portadores de apendices frontaes, já não podiam exhibil-os impunemente, sem que a maledicencia os apontasse, epigrammatica e zombeteira, manifestando-se por irreverencias allusivas, symbolisadas em chavelhos acintosamente collocados à porta das victimas — decretou:

"D. José I por graça de Deus Rei de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'alem mar em Africa, Senhor de Guiné e da Conquista, Navegação, Commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e da India, etc.

"Faço saber aos que esta lei virem, que, por Me ser presente que de alguns tempos a esta parte se frequenta o delicto

de se pôrem cornos nas portas, e sobre as casas de pessoas casadas, ou em partes, em que claramente se entende se dirige este excesso contra as mesmas pessoas; e por desejar evitar estes delictos, de que resulta atrocissima injuria àquelles, contra quem se commette, e grande perturbação à paz, e quietação necessaria entre os casados; e tendo outrosim consideração ao que sobre esta materia Me foi presente em Consulta da Mesa do Meu Desembargo do Paço: Hei por bem que este caso seja de Devassa: E, Mando a todos os corregedores, Ouvidores, Juizes, e mais Justiças, a que o conhecimento disto pertencer, que, *succedendo este caso, ou tendo succedido de dois annos a esta parte, tirem Devassa delle na forma, que o devem fazer dos mais, de que por seus officios são obrigados a Devassar*: E outrosim, Mando... etc."

E note-se que o pantafaçudo Pombal, que era quem sabia ler e escrever pelo Rei, ainda entendeu de estabelecer odiosa retroactividade na lettra do real edito, punindo a *brincadeira* dos chifres mesmo quando se tivesse verificado até dois annos antes.

Não consta das chronicas que, por effeito dessa lei cornea e tyrannica, se sentissem grandemente alliviados no pêso de suas enfeitadas cabeças os menelaus da epocha; apenas as esposas infieis applaudiram a solicitude do monarcha, sentindo-se desafogadas da leviandade indiscreta daquelle exquisito costume popular, que lhes punha de sobre-aviso os respectivos consortes.

Felizmente os estimulos moralisadores de D. José pararam nos chifres. Si S. M. quizesse providenciar sobre todas as substancias que a ironia e a perversidade tinhão por habito collocar à porta de seus subditos, a legislação do reino arriscava-se a enveredar por escabrosidades verdadeiramente latrinarias; porque, como é sabido, não somente cornos porem outros productos animaes de varia consistencia erão egualmente empregados pelos portuguezes, para desabafo de paixões inconfessaveis, com affrontoso desrespeito à decencia e à hygiene das habitações.

III

HYGIENE

Originaes, em verdade originaes e magicos os taes *Canudos* da Bahia. Mette-se por um lado um idiota, sopra-se, e sahe pelo

outro lado um jagunço; torna-se a soprar no primeiro orificio, apparece um fanatico; sopra-se mais uma vez, em sentido contrario, espirra por final um monarchista...

Singulares canudos!

A principio parecião de barro, faceis de quebrar, simples e inoffensivo escoadouro da charlatanice mentecapta de Antonio Conselheiro; à ultima hora, porém, se verifica que são de bronze como os canhões, e representão a derradeira via intestinal, por onde se depletam de suas más digestões de odios fermentados e cúpidas perfidias os proceres da restauração. E semelhantes destemperos nas baixas funcções do organismo sebastianista não bastão fricções lenimentosas e emoliencias cataplasticas para os acalmar e corrigir; já agora, só com sangrias de sabre ou pilulas de Krupp e Manulicher é possivel cural-os.

A dedicação e a firmeza da crença dos republicanos vale muito, não ha duvida; mas não seria fora de termos um pouquinho de olho vivo e certa dose de *ensino* a esses typos, que tanto abusão da generosidade e da confiança com que os temos tratado.

Agora mesmo acabamos de ver como, à nossa propria vista e sob a protecção da nossa bonhomia e tolerancia, a serpente conspiradora procurava enroscar-se, ardilosa e rampante, aos membros juvenis e robustos da Republica — ageitando-se, ensaiando forças, espreitando, emfim, ensejo opportuno de contrair as suas espiraes, para obter a paralysação ou asphyxia da obra de 15 de Novembro. Ella tinha a cabeça na propria capital; e o ventre, ventre immundo, prenhe de traições e de maldades, fôra alojar-se entre as aldeias boçaes do alto sertão, emquanto a cauda, longa e viscosa, agitava-se da outra banda do oceano, salpicando de diffamação e calumnias o nome brazileiro.

A cabeça já o povo, em irreprimivel instincto de represalia, procurou esmagar, queimando-lhe a lingua venenosa e bipartida, que se aninhava nas redacções covis do "Liberdade" e da "Gazeta da Tarde".

O ventre vai ser dentro em breve estilhaçado pela intrepidez vingadora que estimula, impacientes, os bravos expedicionarios em apresto para punir o assassinato de Moreira Cesar.

Mas a cauda, essa cauda de reptil, que se move sem cessar, não deve egualmente ser poupada; e, desgraçadamente, ella ras-

teja até nas antesalas e nos corredores das nossas embaixadas junto às côrtes *amigas* das monarchias européas. Diplomatas a quem o governo conserva portadores da confiança nacional são *conselheiristas* de salão, e desadorão a Republica, não sabendo defendel-a, e quiçá vilipendiando-a no estrangeiro.

Republicanos! o mal estava creando raizes; extirpemol-as todas, onde quer que se escondão, se o não queremos ver reproduzir-se.

Antes de tudo é urgente arrebentar os taes *Canudos*, onde os neophytos penetrão de rosario na mão e *bentinhos* no pescoço, para lá dentro se metamorphosearem em bandidos de punhal à cinta e carabina a tiracolo; mas, feito isso, é mister sanear a athmosphera do nosso funccionalismo, onde muito bicho careta enche o bandulho à custa da Republica e, em paga, vive a enganar-nos e a escarnecer das instituições.

NOTA — "A Republica" de 25 de março de 1897.

ARTIGUETES

I

APPENDICITE

Ainda me não sinto de todo retornado da surpresa, e os senhores vão concordar commigo que o caso não é para menos:

Curiosa e originalissima descoberta acabão de fazer os medicos francezes, a qual descoberta vem a ser a seguinte: Alem de uns tantos metros de tubo intestinal—que a anatomia designa, conforme a extensão e o calibre, por nomes arrevesados e estramboticos, mas cuja utilidade uniformemente se destina á vehiculo de uma das peores cousas deste mundo — não poucos cavalheiros e numerosas damas alojam no abdomen uma tripa supplementar, tripa neutra, inutil e incommodativa, peor que a solitaria, mais grave que splenite, e que é mister extirpar, mediante arriscada e melindrosa operação cirurgica. *Appendice* denominão os sabios esse importuno accrescimo do organismo, e por *appendicite* baptisou-se a anomalia de possuil-o incluso, por sob o diaphragma.

Varios parisienses de ambos os sexos tinham soffrido já a extirpação do appendice predito; mas o facto se conservava em caracter reservado, até que afinal fez-se publico e notorio, e agora é moda, é *chic,* signal de bom tom e faz parte do *hig-life* soffrer de appendicite.

Só aos banaes, aos nullos, aos incaracteristicos, à chata burguezia, emfim, é licito não ter appendice na barriga.

Esta estupefaciente novidade fui descobril-a em lettra redonda, transmittida por um correspondente de Pariz e editada pelo nosso conspicuo e illustrado collega d'*O Paiz,* em seu numero 4.546, de 15 de Março findo, na 5a. columna da pagina 2; e como não entendesse muito bem o caso, aqui o deixo exposto à perspicacia e agudeza intellectiva dos leitores, fazendo, todavia,

ardentes votos para que a exquisita enfermidade não venha a propagar-se no Brazil.

I I

EPISODIO

O adoravel Michelet, o moralista philosopho, o magico estylista que escreveu *La Mer, La Femme e L'Oiseau,* mais familiarisado em folhear o grande livro — mysterioso e incongruente — da alma humana do que um velho padre-cura o seu velho breviario; Michelet, que sabia ler nos corações as paginas d'ouro onde fulgura a gloria dos heróes e as paginas de arminho onde se abriga o pudor innocente das donzellas — dotado de tal penetração e de tal clarividencia que nenhum meandro, nenhum refolho escapou ao maravilhoso poder de observação com que elle costumava escalpellar as consciencias; Michelet aprazia-se em discernir e estudar os espiritos de syntese e os espiritos de analyse.

Os primeiros são os que apanhão o conjuncto dos phenomenos, empolgando-os com decisão e affoiteza, embora muita vez se satisfaçam com um conhecimento pouco aprofundado; espiritos dominadores e brilhantes, que não se detêm no exame de incidentes, nem olhão para detalhes e minucias. Os outros, os espiritos de analyse, mais pacientes e modestos, preferem, ao contrario, examinar as cousas até as suas derradeiras fibras e apreciar as pessoas sem perder um só traço de sua organisação e de suas faculdades.

Acontece-me possuir — em fraquissima dose, é bem de ver — a dupla tendencia de sentir o conjunto e descer aos incidentes.

Por exemplo: Há quatro dias, quando um verdadeiro oceano de homens e mulheres, sacudidos pelo vento largo e forte do mais nobre enthusiasmo, ia dizer adeus ao 34, os meus nervos vibraram como se uma poderosa corrente electrica os agitasse; mas não se me obliterou, ainda assim, por tal maneira, o gosto dos detalhes, que a minha retentiva se não impressionasse e commovesse com um simples episodio, talvez despercebido para todos.

Foi o caso de um jovem tambor, junto ao qual, após uma longa serie de apertos e trambolhões, achei-me collocado, quando o povo, n'um immenso amplexo cingia o batalhão estacionado em frente à alfandega. Nunca em minha vida me fora dado observar mais entranhado amor, mais apaixonado afan em exercer uma funcção do que no fremente e decidido *rataplan* com que o meu sympathico visinho percutia, quasi a arrebentar, a sua caixa de rufo. Bem se via, porém, que aquella não era a sua maneira habitual de fazer estrugir o rudimentar e barbaro instrumento. Transfigurado, suarento e rubro, a solemnidade da partida é que o punha em perenne exaltação.

Tocava como se estivessse combatendo em refrega de vencer ou morrer. Pela extremidade arredondada das vaquetas, evolava-se, em rufos sonorosos e estridentes, a alma do moço, ebrio, fanatico pelo santo amor da patria. Quando a voz de um orador que assomava à tribuna, ou qualquer outra circumstancia, impunha-lhe a suspensão momentanea do seu bracejar infrenne e belicoso, elle levantava a cabeça, offegante e insoffrido pelo ensejo de recomeçar; e se durante o seu vertiginoso rataplan, echoava, por entre as acclamações populares, o nome de Moreira Cesar, o seu ardor, centuplicado, requintava-se n'um quasi frenesi de guerreiro enthusiasmo.

Pois — com abundancia de coração eu vos confesso — nada tinha de ridiculo esse espetaculo, antes suggestivo e sublime. Aquella caixa de rufo era a valvula por onde respirava o patriotismo do pobre rapaz; e de todos que ali se achavão nenhum mais destemido e corajoso do que elle.

Singelo e forte coração de moço, que assim conduzes para a guerra as energias de teu peito ingenuo e varonil, as vibrações do teu tambor irão casar-se em breve, em irresistivel marche-marche, com o desfraldar victorioso das bandeiras; pois bem, recebe, desde já, com as lagrimas da saudade e as benções de tua mãi, as sympathias de quem despreza todas as falsas grandezas convencionaes e hypocritas, e cuja affectividade rende-se submissa a tudo que é communicativo e diaphano como a tua alma ardente e juvenil.

III

FANATISMO

Não me ocorre onde já li que a photographia era uma arte diabolica, destinada ao fim calamitoso e nefasto de propagar as caras feias.

E' este, positivamente, o caso de uma pequena reproducção photographica, que vimos de examinar, representando a beata milagreira e pernostica que empanzina a população do Joazeiro, fazendo irradiar em vastissimo ambito dos sertões convisinhos a sua malefica influencia de superstições e de crendices.

Si a cabelleira, o nariz, a unha, as alpercatas, o cajado e a tunica azul da caricata effigie de Antonio Conselheiro, que por ahi corre e nós proprios já expusemos, pode ser obra de pura phantasia e mera especulação industrial, a photographia que nos foi offerecida e que se acha affixada em nossa taboleta de celebridades é a carranca authentica da famosa Maria de Araujo, que ha tanto tempo explora, com desrespeito a Deus e à policia, a simplicidade dos pobres sertanejos. E, não obstante a formal condemnação com que o supremo chefe do catholicismo fulminou a charlatanice criminosa da mulata e mais do seu cumplice padre Cicero — socios fundadores e gerentes da industria thaumaturgica que floresce em Joazeiro — a especulação não arrefece.

Não há bispo nem papa que os desaloje daquelle reducto de estupidez e fanatismo, que tanto nos avilta aos olhos da civilisação. E não admira, porque S. M. el-rei de Canudos foi mais longe, não só desrespeitando o missionario enviado a chamal-o ao bom caminho, como excomungando o arcebispo da Bahia, por heterodoxo e republicano, e o proprio Leão XIII, por contumaz e jacobino.

Mas, voltando a Maria de Araujo — que já devia ter assignado termo de bem viver, para socego e economia das familias — confesso-me desillludido e roubado, depois que examinei, em sua effigie de papel envernisado, o physico da beata. Esperava uma hysterica, intelligente e sympathica, aureolada de mysticismo, olhos em extase; e surge-me uma mestiça trombuda, de feições espessas e boçaes, cabeça inexpressiva e reles, fortemente

prognatha, com uma mão — que mais parece um pé — apoiada ao encosto de uma cadeira e a outra espalmada no estomago, servindo de cabide a um comprido rosario que lhe desce pela barriga até as gambias.

Quando eu era menino — já vai longe essa reminiscencia, e era d'um tempo em que nas escolas se ensinava a ler por umas pequenas cartilhas do reverendo padre Ignacio — embirrava e achava horrendamente feios uns judeus que as referidas cartilhas trazião desenhados, fazendo malvadezas e insultos a Jesus de Nazareth; pois a senhora Maria fez-me o effeito de um judeu da cartilha.

E' verdade que certas pessoas perdem algo da sua natural elegancia e boniteza quando retratadas; outras, porem, e são a grande maioria, sempre são mais ou menos favorecidas pela boa vontade com que os photographos lhes retocam os traços physionomicos. E, se a *santa* é dessas ultimas, o original da sua respeitavel pessoa, a julgar pela estampa que temos à vista, é de a gente fugir-lhe com botas de sete leguas.

NEMO.

P. S. — Sempre será bom trazer de olho esse Joazeiro, com o seu padre Cicero, sua Maria de Araujo *et reliqua*. Aquilo é um ninho de embustes, que bem pode occultar no fundo alguma cascavel.

N.

NOTA — "A Republica" de 1.º de abril de 1897.

ARTIGUETES

I

COMO SE VOTA EM PARIZ

À porta de cada secção eleitoral, os cabalistas, munidos de maços de cedulas, trazendo n'uma larga fita, em torno do chapéo, o nome do respectivo candidato, procuram impingir, com as labias do estylo, a sua chapa.

Dentro da sala, em frente à entrada, estão collocadas tres mesas: uma no centro, onde toma assento o presidente, guardando a urna, e duas lateraes, cada uma dellas com dous mesarios.

Não se faz chamada.

O eleitor, entrando no recinto, vae direito ao presidente e entrega-lhe a sua cedula; em seguida, dirige-se aos mesarios da esquerda e exhibe-lhes o diploma; estes leem-lhe o numero de ordem, em voz alta, para os mesarios da direita, que verificam, na lista geral de qualificação, e proclamam, tambem em voz alta, o nome correspondente ao dito numero. Se o nome encontrado é o que está inscripto no diploma, o presidente lança, então, na urna a cedula que recebera do votante.

As salas conservam-se abertas e as mesas funccionando, das oito horas da manhã às seis da tarde; e o eleitor, durante todo esse tempo, à hora que chegar chega bem, podendo assim votar, em jejum, depois do almoço, com a fresca da tarde, etc. Muito commodo para o eleitorado, mas uma grande espiga para os pobres mesarios.

De resto, tudo corre na melhor ordem e em perfeita calma. O eleitor que não tirou ou esqueceu o seu titulo recebe-o na occasião, sem a menor difficuldade; tal é a confiança na auzencia de fraudes, que nenhum candidato apresenta fiscaes.

Bello systema! quasi identico ao que o meu amigo e futuro deputado José de Araujo pratica em Papary.

II

FETICHISMO

O orgulhoso desdem com que os homens civilisados referem-se ao *fetichismo* — como se fora uma lepra só adaptavel à pelle azevichada das tribus mais boçaes do contiente negro — é muitas vezes falso e descabido. Nós outros, todos nós, que nos julgamos o producto acabado e polido do progresso social, somos tambem mais ou menos fetichistas. E deixem-me confessar-lhes uma ingenua franqueza: Não levo a mal que assim seja; antes applaudo e admiro.

Quem não possue e não adora algum fetiche? E note-se que esse sub-solo do carater tem as suas vantagens e os seus encantos. Ainda aquelles que, por se mostrarem desabusados e philosophos, fazem da *primeira camisa que vestiram* termo de comparação para as cousas indignas de estima e despresiveis — ou serão uns corações hirtos, devastados e ermos; plantas estereis por cujos ramos passou, crestando-lhes a seiva, o simoum da descrença; lyras partidas, onde ja não vibram as notas da poesia e da fé — ou sentir-se-hão ternamente commovidos, ante a piedosa uncção com que as mães costumam guardar, n'uma reverencia de verdadeiro culto — como um talisman de affectos e carinhos — a primeira camisa — luxuosa ou pobrissima — que envolveu os membros de um pequenino ser, inconsciente e fragil, que é o fructo do seu amor e o sangue do seu sangue.

Esses obscuros cultos familiares, que recordam uma grande dor ou uma grande felicidade, um flor, uma trança de cabellos, um objecto qualquer — não importa o seu valor material — adoraveis fetiches, que relembram uma passagem memoravel da nossa existencia intima, podem constituir — se assim o quizerem, — humillimas funcções da sensibilidade, vergonhosamente escravisada a atavismos barbaros; mas não é menos verdade que a inteira emancipação desse doce captiveiro, consolador e affectivo, não raro coincide com a quebra de outras nobres algemas, que se chamam a honra e o dever.

O fio de barba empenhado por D. João de Castro tambem era um fetiche...

Estas philosophias de terceira classe ocorreram-me, à lembrança do seguinte facto, q'lhes vou referir: Visitava eu, ha tempos, em uma das nossas capitaes, um distincto engenheiro, que pelo seu assiduo e intelligente labor, chegara a obter certa abastança. A fortuna adquirida proporcionava-lhe os meios de reunir em sua habitação, alem do necessario conforto, uma certa apparencia de luxo e de bom gosto. Custosos tapetes, finissimos chrystaes, moveis de primoroso lavor, etc. Pois bem, na luxuosa bibliotheca, onde o fui encontrar, escrevia elle, em uma rica secretaria, à luz de uma vela presa a uma pequena *palmatoria* de metal amarello, que não valeria bem cinco tostões, e que alli se achava, destoante e contrafeita, como uma misera rapariga inculta e andrajosa n'algum salão sumptuoso, onde se ostentassem grandes damas de côrte cobertas de sedas e velludos.

Extranhei o contraste. Elle explicou-m'o assim:

"Sou filho do Maranhão; e quando pela primeira vez, aos doze anos, deixei a casa de meus paes, para matricular-me em um internato na capital da provincia, entre o meu enxoval de collegial achava-se esta *palmatoria,* que uma velha preta da casa, minha mãe de criação, me offertara ao despedir-se de mim, lacrimosa e apprehensiva, como si minha viagem de 12 legoas fôra alguma excursão ao polo norte. Durante cinco annos foi ella a companheira e a confidente dos meus estudos escolares; mais tarde, já na escola polytechnica, affeiçoei-me àquella singela recordação de infancia, e continuei a tel-a sobre a mesa, e foi ainda ella quem presidiu às minhas vigilias de academico; e hoje por habito e por veneração, já não posso trabalhar, sinão com a modesta palmatoria que a mãe preta me dera, ao entrar para o collegio..."

Pode quem quizer, com as fortes faculdades de um espirito libertado, achar pieguice e ridiculez nesse culto fetichista; eu acho-o sympathico e bello.

Fiquei mais amigo do engenheiro; e se o leitor por isso acharme tolo, pedirei licença para lastimal-o.

III

AMIGO T...

Tu tens horror ao sangue que os despotas fazem jorrar, por mero aceno de sua vontade omnipotente; e, com razão te desvaneces de ver que a lei fundamental da nossa grande patria abolio o assassinato juridico, que se chama a pena de morte — ao passo que outras nações, que jornadeiam nas avançadas do progresso, ainda hoje costumam applicar ao *gasnete* dos malfeitores o cutello, que amputa, e a corda, que asphyxia.

Mas, como explicas tu que um paiz modelo, um povo exemplarmente republicano e democratico — a Suissa — tenha repelido em votação plebiscitaria, por 200.026 contra 180.810 suffragios, a disposição que, em 1874, havia riscado da constituição helvetica a pena capital?

Se te parecer digno de estudo, desembrulha-me este caso.

NEMO.

P. S. — *A Republica,* noticiando hontem a descoberta de importantes ruinas no interior do Estado da Bahia, diz que às cabeceiras do Rio Preto existem espessas *florestas* E *virgens inteiramente inexploradas*... Se assim é, admiro as florestas e dou sinceros parabens às virgens do Rio Preto. Parece, entretanto, que, se o revisor tivesse avançado mais um bocadinho com aquelle *e* — tão pequenino e traiçoeiro — collocando-o, como devera, adeante das *virgens,* evitaria a indiscreta conjuncção as responsabilidades daquelle desparate.

N.

NOTA — "A Republica" de 22 de abril de 1897.

ARTIGUETES

I

NOTAVEL COINCIDENCIA

A laboriosa digestão de um jantar pantagruelico e mais uma valente cervejada, em que depois me fizerão tomar parte, trouxerão-me uma noite mal dormida e accidentada de varios sonhos exquisitos, dentre os quaes o mais interessante veio a ser que, durante o somno, a minha bisbilhotice de reporter emprehendeu uma viagem miraculosa pelos corações e pelos cerebros de varios cavalheiros do meu conhecimento — vendo claro na consciencia e na razão de cada um delles, como se forão de vidro.

Pude assim observar, de perto e nos proprios antros, a inveja, a ingratidão, a estupidez, a descrença, a maldade, a cobardia, a gatunice, a luxuria e outras masellas; vi por dentro os nossos jagunços disfarçados, que professam o culto secreto de Antonio Conselheiro e da restauração; examinei com pejo e asco o systema de moral, que consiste em accender uma vela a Deus e outra ao diabo; percorri de relance os meandros oratorios do talento do Aderaldo, onde encontrei já promptos e engatilhados dois bellissimos discursos sobre a belligerancia de Cuba e a immigração chineza; desci aos refolhos mais reconditos da alma do José Antonio, e nella deparei a resolução formal e inabalavel de entrar para o Thesouro com o dinheiro dos açudes... Uma excursão dantesca.

Achava-me já exausto e nauseado, quando penetrei por final no craneo de um poeta.

Era noite; e, à luz de uma lampada de alabastro, de dentro da qual uma pequena lua derramava sua claridade acariciante e languorosa, eu vi e ouvi, fui espectador e comparsa de toda a trapalheira que passo a referir:

O espaço onde a phantasia sonhadora me havia conduzido

afigurava-se-me uma vasta quadra, ornamentada em requintes do mais aprimorado gosto artistico. Em derredor, entre outras visões que me encheram de encanto e de pasmo, lembro-me ainda das seguintes, adormecidas todas em divans de velludo — A bondade, com um ar muito tranquillo e muito casto em seu rosto de Madona; o enthusiasmo, de compleição vigorosa e athletica, denotando nos traços do semblante a decisão e a sinceridade; a melancolia e o scepticismo, formando um grupo à parte, cheios de abatimento e de um cançaço morbido na pallidez das faces e na contracção, ao mesmo tempo dolorosa e ironica, dos labios; finalmente, o amor no seu throno d'oiro e purpura.

Só a imaginação não dormia, a passear nervosa e agitada:

— Que fazes, perguntei?

— Estou esboçando o plano de um poema; "Mãe" ha de chamar-se. Começa por um hymno à vida, cantado entre as alegrias da maternidade, que são a culminancia do sentir no coração da mulher.

— Deve ser, repliquei. Imagino o que ellas hão de sentir, as mães, quando a nós outros, menos sentimentaes e menos amoraveis, tão profundamente nos abalão e commovem a felicidade e a gloria da paternidade. De mim sei que nenhuma impressão moral me ha produzido effeito de tamanha intensidade. E devo confessar que algumas satisfações tenho tido em minha vida; quando vesti pela primeira vez calças compridas, quando fui nomeado supplente de subdelegado, quando assisti as festas abolicionistas de Canguaretama, etc. Nada, porém, é comparavel ao orgulho e ao contentamento de nos sentirmos pae.

— Prosegue o poema, continuou a minha interlocutora, descrevendo o prazer triumphal do aleitamento, fazendo cahir nos labios soffregos do infante o nectar que o alimenta e faz crescer; e o primeiro dente, e os primeiros passos, e o balbuciar encantador das primeiras falas, e as cantilenas emballantes junto ao berço. Vem depois a crise das tristezas: a creança adoece. O soffrimento e a dor a torturarem a fragilidade innocente de um entesinho, cuja existencia é ainda um esboço, eis um grave problema, uma terrivel sphinge, um verdadeiro tormento para a philosophia das almas crentes e bondosas. Bem dizia Michelet;

— A morte comprehende-se, a morta é necessaria; mas a dor é uma crueldade inutil, e a dor nas creancinhas é infame.

Desvellos, carinhos, tudo debalde; o filho morre. A pobre mãe enlouquece, e a insania lhe suggere a idéa de que o oceano, monstro caprichoso e sem piedade, lh'o roubara e o guardava nos abysmos profundos e myteriosos do seu seio, transformado em perola, dentro de uma concha.

A misera dementada avança para o mar, e atira-se corajosamente às ondas encapelladas e convulsas...

Acordei. E era tempo, que já não estava percebendo muito bem a narrativa que ameaçava embrenhar-se em altas phantasias.

Estas linhas estavam já compostas, e a respectiva prova sendo corregida pelo nosso collega Eloy de Souza, quando este dirige-me a palavra, entre desconfiado e surpreso:

— Ó *seu* Nemo, quem foi que lhe contou o enredo desse poema?

— Que poema?

— Este que vem aqui nos artiguetes.

— Ninguem. Sonhei com esta lenga-lenga hontem mesmo, alli por volta das três da madrugada.

— Pois asseguro-lhe que o Henrique (é o Henrique Castriciano, o inspirado e fecundo vate norte-riograndense, que todos nesta capital conhecem e apreciam) tem entre mãos um trabalho que é mais ou menos o contexto do que você descreve.

— Isto não é commigo;é por conta das perturbações circulatorias consequentes da feijoada e do *Clarete*.

E venhão-me dizer agora que os sonhos não se reproduzem na existencia real, e neguem, si são capazes, que o reclame não seja uma bella invenção do jornalismo.

I I

NORMAS E CONCEITOS

Quer se trate de formar um corpo de doutrina, quer se procure a edificante licção de ensinamentos praticos — a opulenta patria de Franklin e Washington tem constituido para os nossos estadistas o reservatorio onde todos vão beber inspiração.

O nosso estatuto constitucional, o nosso regimen anti-parlamentarista, as nossas franquias communaes, a nossa dualidade de magistratura, o nosso escrupuloso respeito ao sentimento religioso e outras tantas conquistas democraticas, que dimanaram, como naturaes corollarios, da proclamação da republica, forão pautadas pela legislação e pelos precedentes dos Estados Unidos da America do Norte.

Dadas apenas as differenças da origem na integralisação nacional, ou, melhor, as variantes de processo na estructura da federação — attenta a circumstancia de que lá esses movimentos se fizerão no sentido centripeto, ao passo que entre nós foi o centro que teve de abrir mão às autonomias locaes, que a monarchia enclausurara — dadas essas differenças, repetimos, a organisação social e politica das duas nações tende mais e mais a approximar-se, e a orientação dos nossos homens publicos sempre vai buscar exemplo e justificativa nos conceitos doutrinarios e nas praxes administrativas postas em acção pelos norte-americanos.

Exemplo: O que ora está praticando o governo da republica? Desgraçadamente, vergonhosamente, não! Perigoso desvio, excepção lamentavel é o que está sendo essa norma de conducta.

O honrado Sr. Prodente de Moraes divorciou-se dos leaes amigos, cujo abnegado esforço e valoroso prestigio o haviam elevado até às eminencias da cadeira presidencial; e, falseando o seu programma de apresentação, acha-se cada vez mais apertado nas malhas de um *conselheirismo,* cujas maneirices e artimanhas não bastam para esconder a absoluta carencia de fé republicana dos *rosarios* (São assim chamados, do nome dos Srs. Rosa e Silva e Arthur Rios, os actuaes governistas. Elles querem rotular-se com a denominação de *progressistas conservadores,* mas o povo teima em chamal-os *rosarios*).

S. Exc. vê obliterarem-se, em torno de si, todas as valvulas de sympathia popular. Sente-se um certo antagonismo fatigante, incommodo entre o governo e o sentimento nacional genuinamente republicano, que S. Exc. vai afastando de si, esquecido de que elle é o unico verdadeiro amparo das instituições.

E tal convicção ainda mais se me arraigou, ao ler, em uma das folhas da Capital Federal, a seguinte nota, tão preocupante

e tão triste em seu proprio humorismo, que, para commentario do pensamento que ella exprime bastam os tres pontos negros de uma reticencia:

"Quando hontem o sr. presidente da Republica entrava solemnemente no arsenal para despedir-se do 24, houve um verdadeiro delirio. Povo, soldados, officiaes, todos, prorromperam estrepitosa e enthusiasticamente em vivas à... memoria de Floriano Peixoto".

Voltemos, porem, à nossa epigraphe — *normas e conceitos.*

As normas são de Washington e os conceitos são de Cleveland, estadistas cuja estatura não nos parece muito inferior à dos actuaes ministros brazileiros; e para fechar este *artiguete,* demos a palavra ao nosso illustre collega d'"A Federação":

"O sr. Prodente de Moraes esqueceu a boa doutrina republicana seguida pelos grandes estadistas.

Washington, o patriarca da grande patria Yankee, explicando a sua conducta politica, assim se expressara:

"Embora eu tenha a honra de dirigir os negocios publicos, não concederei scientemente cargo algum importante a homens cujas doutrinas politicas sejam contrarias ao meu programma geral de governo.

A pratica contraria, em meu conceito, teria a significação de um verdadeiro suicidio politico".

Esta coherente e admiravel pratica politica tem sido estrictamente observada na potente America do Norte; e os vultos eminentes de Lincoln e Jackson se vangloriavam de a adoptar.

Desprezando a sã doutrina, o dr. Prudente de Moraes tornou-se passivel da applicação do conceito do mais prestigioso, na epocha actual, presidente da Republica Norte Americana.

"Um governante, disse Cleveland, que falta ao programma pelo qual foi eleito é um usurpador de seu posto e equivale ao prisioneiro de guerra que se evade após ter empenhado sua palavra de honra".

O dr. Prudente de Moraes, quebrando os seus compromissos partidarios, tornou-se um usurpador do alto posto que lhe foi confiado pelo seu partido; alliando-se aos inimigos da Re-

publica, commeteu um suicidio politico; faltando às promessas feitas à Nação, declarou-se apostata da Republica".

Como isto é pungente, mas como é verdadeiro!

III

HOMONYMIA COMPROMETTEDORA

Recebi hontem, pelo correio, as seguintes linhas, assignadas — Z; e examinando o carimbo da carta, verifiquei que era da correspondencia urbana.

Li, reli, e por mais que desse tratos ao miolo, não pude atinar qual fosse o nome que aquella inicial poderia traduzir.

O certo é que um cavalheiro Z, reclama contra a hypotese de que o confundam com outro cavalheiro igualmente Z, e que anda, ao que parece, meio fora dos trilhos. E, não tendo passado d'ahi a minha perspicacia, deixo ao atilamento dos leitores a decifração do enigma.

Em todo caso, como o meu dever é dar publicidade às cousas, ahi vae textualmente o theor da missiva:

"Com franqueza, nunca pensei, meu caro senhor Nemo, que o meu nome me viesse a custar dissabores. Palavra que, se fosse possivel, rechrysmava-me.

Conheço patricios Izaacs, Xenofontes, Solons, Alcebiades, Napoleões, Lamartines etc, e não consta que taes homonymos tenhão dado lugar a complicações e comprommettementos aos portadores de taes nomes. Alem de serem homonymos não contemporaneos, taes personagens historicos (à excepção, talvez, do Alcebiades, cuja reputação, no tocante à moral e aos bons costumes, não é lá muito escorreita) não praticaram camelices e ruindades passiveis de condemnação.

Mas ter um homonymo que, pela desgraçada circumstancia do espaço e do tempo, pode dar logar a enganos e equivocos, e um homonymo que de mais a mais não prima pelo bom senso e pelas luzes, é um caiporismo grave.

Quando os senhores no uso do direito, aliás muito legitimo, de metter à bulha a palermice do proximo, referem-se ao *outro*, que para mim já considero um verdadeiro *cabrion*, dá-me von-

tade de reclamar incontinente e protestar em altas vozes: Olhem que esse tribuno e financeiro de bobagem não sou eu. Reconheço a fraqueza dos meus merecimentos, sou pobre, não tenho illustração, vivo na modestia despreoccupada do meu labor quotidiano, mas, graças à divina providencia, não sou maluco nem tenho o prurido tolo de exhibir-me, fazendo embora a mais triste figura. Si a cousa continua, ver-me-hei obrigado a, sempre que tiver de assignar o meu nome, escrever, em parenthese: (*non confundetur*, o outro mora na Ribeira.)"

NEMO.

NOTA — "A Republica" de 29 de julho de 1897.

DEFENDENDO-SE NO SENADO

DISCURSO PRONUNCIADO PELO SENADOR PEDRO VELHO EM SESSÃO DE 1.º DE OUTUBRO DE 1897

O Sr. Pedro Velho — Enfermo ha dias, Sr. Presidente, só hoje, e ainda assim a custo e com esforço, me foi dado comparecer ao Senado; e, uma vez neste recinto, impossivel me seria deixar de tomar na devida consideração o discurso pronunciado na sessão de 27 de setembro pelo digno e illustre senador por S. Paulo, occupando-se S. Ex. de negocios administrativos do Estado que tenho a honra de representar, como o mais obscuro membro desta Casa. *(Não apoiados geraes.)*

Lamento, Sr. Presidente, que a fraqueza dos meus pobres pulmões, e mais do que isto, o folego ainda mais escasso e debil da minha inteligencia *(não apoiados)*, não me permittam tratar com proficiencia e largueza do assumpto. Breves, portanto, serão os instantes que terei de roubar à attenção de V. Ex. e dos meus illustres collegas.

Antes, porém, de externar as observações que pretendo fazer, declaro que ingrato e imperdoavel seria deslembrar a gentileza, tão capivante, tão generosa, com que o eminente Senador pelo Rio Grande do Sul, meu distincto amigo e visinho de bancada, accorreu a por os dotes brilhantissimos de seu invejavel talento a serviço de uma causa cujos naturaes defensores se achavão então ausentes.

A S. Ex., pois, em meu nome e em nome de meus collegas de representação nesta e na outra Casa do Congresso, os votos mais cordiaes e mais sinceros do nosso reconhecimento.

Radicalmente ignorante em cousas de direito, Sr. Presidente, vejo, entretanto, que o contracto a que se referiu o nobre Senador envolve de um lado conveniencias fiscaes e economicas do Estado, e entende de outro lado com interesses particulares.

No que respeita às primeiras, não podiam achar-se mais amparadas e garantidas do que no caso vertente; o contracto emana de autorização expressa em lei especial do Congresso Legislativo Estadual, que o sanccionará ou deixará de fazel-o, não resultando nesta segunda hypothese nenhum encargo de indemnisação ou qualquer outros onus para o Estado.

No que respeita aos segundos, os interesses particulares, resta-lhes, si se julgam feridos, o recurso legal dos tribunaes; o que S. Ex. mesmo confessou, embora accrescentasse, o que se me afigura um pouco exorbitante, permita-me S. Ex. a expressão, embora accrescentasse que aconselharia a insurreição contra a contracto.

Manifestados os poderes competentes, de accordo; antes disto, porém, é um acto regular do Poder Executivo, e este saberá fazel-o respeitar.

Estranhou S. Ex. a disparidade da importancia que o Estado reclama no primeiro e nos subsequentes annos do quinquennio, durante o qual estará em vigor o contracto em questão.

Ora, isto é uma simples estimativa da producção presente e do seu desenvolvimento no futuro e para isto ninguém melhores dados pode ter do que o proprio Governo, que, sem duvida, terá feito para este fim os necessarios calculos.

O governador do meu Estado, Sr. Presidente, tem sobrados titulos de honorabilidade e benemerencia *(apoiados)*, para que se torne mister que eu lhe venha aqui architectar elogios. Magistrado provecto e distinctissimo, S. Ex. não praticaria um acto que não fosse maduramente reflectido, acautelando o mais possivel os interesses do Estado, onde, quer como politico, quer como administrador, tem sabido honrar, como os que melhor possam fazel-o, o alto cargo que occupa. *(Apoiados).*

No tocante, portanto, a lastimar-se que estejam ao desamparo de bons zeladores os direitos do Estado, e que o governo local tenha tido o pensamento menos patriotico de patrocinar interesses particulares, vejo nisto a mais completa injustiça.

E anima-me, Sr. Presidente, a convicção de que todos os productores do sal, mais bem orientados, dentro em breve hão de fazer como, já muitos dos mais importantes teem feito, um accordo entre si, harmonisando-se em beneficio de suas proprias

conveniencias e das vantagens do Thesouro estadual, e isto tanto mais quando serão elles proprios que hão de dirigir, e pessoalmente administrar e fiscalisar a exploração em commum.

O meu honrado e illustre collega ainda censurou o contracto, porque lhe parecia ver nelle um accentuado proteccionismo, doutrina de que S. Ex. é decidido e intransigente adversario...

Os Srs. Moraes de Barros e outros — Às vezes.

O Sr. Pedro Velho — ...e neste ponto, o honrado Senador considera o procedimento do governador passivel dos mesmos reparos de que para S. Ex. é tambem merecedor Congresso Nacional, que tributou fortemente o assucar, o sal e outras mercadorias extrangeiras, que têm similares na nossa producção; mas é S. Ex. mesmo quem acha cabivel uma excepção em favor do carvão de pedra.

Não seria, pois, depois, antes seria generoso, estendel-a tambem ao sal, *maximé*...

O Sr. Moraes Barros — Monopolio no sal é que é impossivel.

O Sr. Pedro Velho — ...*maximé,* quando está verificado que este imposto, difficultando a concorrencia extrangeira, não tem concorrido por forma alguma para encarecer o preço do nosso producto; quando o imposto era menos da metade do que é hoje, o preço do sal era o mesmo.

O Rio Grande do Norte é um pequeno Estado, dispondo de fraquissimos elementos de receita orçamentaria, e sem este recurso quasi impossivel lhe seria prover à sua modesta despesa, que não excede de 800:000$ por anno. E assim, a União iria ver abatido e asphyxiado um Estado, que tem sabido honrar a Patria, praticando o regimen republicano com a maxima lealdade e devotamento. *(Apoiados).*

E' o que se me depara no momento dizer sobre o assumpto; mas, uma vez que me acho na tribuna, V. Ex., Sr. Presidente, me permittirá que diga mais algumas palavras, que sirvam para tornar mais conhecido e bem julgado o meu Estado, no que respeita à sua vida politica e administrativa. Será uma resenha rapidissima, à *vol d'oiseau.*

Quando foi pelo golpe de estado, o povo norte-rio-grandense procedeu com a mais nobre altivez e correcção, condemnando-o. Mais tarde, quando o Marechal Floriano teve de enfrentar a

revolta da armada, um movimento enthusiastico e quasi unanime de solidariedade com o poder legal agitou o Estado inteiro. Digo — quasi unanime — porque, infelizmente, alguns individuos houve então — e são os mesmos que hoje compõem o minimo e caricato ajuntamento que lá quer fingir de partido, dizendo-se muito dedicados ao Governo Federal — alguns individuos houve então, que foram intransigentes partidarios do Sr. almirante Saldanha, antes, durante e depois do seu manifesto monarchico. *(Apoiados).*

Nesta grande crise nacional, Sr. Presidente, embora estivesse muito longe, muito fora do theatro dos acontecimentos, o Rio Grande do Norte forneceu um voluntariado de mais de 2.000 homens para o exercito; e, não contente com isto, organizou um batalhão patriotico, cujos soldados eram medicos, advogados, deputados, altos funccionarios, batalhão armado à custa do Estado, e cujo fardamento provinha de donativos que todo o funccionalismo estadual, desde o governador até o derradeiro, o mais modesto funccionario municipal, descontou de seus proprios vencimentos applicaveis a tal fim.

Por occasião de se tratar da eleição presidencial para o periodo que corre, foi ainda minha terra quem primeiro proclamou a candidatura do venerando Sr. Dr. Prudente de Moraes, em quem eu já tivera a honra de votar, quando S. Ex. foi competidor do Sr. Marechal Deodoro, assim como a de V. Ex., Sr. Presidente cujo peregrino talento e eximias virtudes civicas tanta confiança inspiram aos republicanos.

Hoje nos achamos em opposição; mas aqui estamos sem outros estimulos que não sejam os de nosso proprio e desinteressado patriotismo. *(Apoiados).*

No que respeita à nossa vida propriamente administrativa, eis, em poucas palavras, o que temos feito.

Organizamo-nos em Estado autonomo, sem receber auxilio algum da União, como outros Estados menos pobres receberam.

Um anno depois pagavamos a nossa divida externa, um cancro que havia 22 annos roia os nossos orçamentos. Tinhamos um imposto chamado de estatistica commercial; mas, como esse imposto não primava muito pela sua constitucionalidade, abolimol-o.

Recebemos por duas vezes quantias provenientes dos cofres federaes, destinadas à colonisação e immigração para o Estado; devolvemol-as, porque nos pareceu que essas quantias não poderiam ser applicadas de modo sufficientemente compensador.

Obtivemos uma verba para abastecimento das aguas da cidade de Macau. Confiados nella, iniciamos os primeiros trabalhos, despendendo, penso que 18:000$000. Pois, Sr. Presidente, ficamos sem a verba e sem os 18:000$, que tanta falta nos fizeram.

Tinhamos, e ainda temos, a grande aspiração de ver melhorado o porto da Capital; pois ainda hoje esperamos por uma draga, encommendada pelo General Glycerio, quando Ministro da Industria, que o foi, no tempo do Governo Provisorio.

Mas, Sr. Presidente, para melhor clareza e methodo nesta resenha, offerecerei à consideração do Senado dados exactos sobre as verbas, que o Congresso tem generosamente concedido, em beneficio da minha terra, e a applicação que ellas teem tido:

"Obras do porto: creditos votados, 1:122.000$. Despesas effectuadas, 262.000$000.

Açudagem: 200.000$000. Não recebemos.

Immigração e colonisação: 220.000$000. Não os despendemos.

Obras da alfandega: 46.000$000. Cahiram em exercicios findos.

Ramal telegraphico do Caicó: 40.000$000. Não foram applicados.

Obras do quartel de linha: 5.000$000. Sem applicação.

Abastecimento d'agua à cidade de Macau: 200.000$. Não recebemos."

Isto sem falar no ramal da Estrada de Ferro de Nova Cruz a Guarabira, cuja construcção o Governo mandou sustar.

Ahi estão, portanto, 1.834.000$, de que só despendemos 262.000$000.

Vê, pois, V. Ex., Sr. Presidente, que, perante os cofres federaes, não podemos ser taxados de sanguesugas; e si o Governo está pobre e em apuros para pagar ao inglez, não é por nossa culpa. *(Muito bem).*

Para concluir, Sr. Presidente, porque já de sobra tenho en-

fastiado a attenção do Senado *(não apoiados)*, e achando-me eu proprio muito fatigado, vou referir-me, sem temor, mas com magua, à derrubada infrene que se está fazendo em minha terra.

O Sr. João Cordeiro — E' por toda a parte.

O Sr. Pedro Velho — Chamo — minha terra — em primeiro logar ao Rio Grande do Norte, e depois, por natural ampliação, ao Brazil, mas ao Brazil todo, não admittindo nem nortismo, nem sulismo, pensamento estreito, antipathico e criminoso.

A Patria é uma e grande; deve ser o ideal de todo o patriota. *(Apoiados geraes)*.

Voltando, porém, à derrubada, dizia eu que encaro-a sem temor, porque affirmo que, por meio della, será absolutamente impossivel abrir uma brecha na disciplina irreductivel, na dedicação incondicional do partido republicano do Rio Grande do Norte. *(Apoiados)*.

Com magua, porque estas pequeninas represalias ficam mal e nada remedeiam.

O Sr. Moraes Barros — V. Ex. entende que usei de alguma represalia?

O Sr. Pedro Velho — Não fiz a menor referencia a V. Ex. Refiro-me a demissões e exonerações.

Pobrissimo e, o que é pior, dotado de um espirito sem vigor e sem cultura *(não apoiados)*, tenho, entretanto, apezar disso, recebido de meus coestadanos provas taes de sympathia e confiança, que afoito-me a acreditar que o partido, que alli tenho a honra de dirigir, está fora do alcance e inteiramente a coberto de surpresas governamentaes.

Bem sei que alli não vae ficar pedra sobre pedra. O simples e nefando crime de ser meu amigo leva implacavelmente ao funccionario a sua demissão, embora ninguém seja capaz de articular contra essas pobres victimas do partidarismo a mais venial claudicação no cumprimento de seus deveres.

Para não falar de tantos, citarei apenas o facto do inspector da alfandega, empregado por tal maneira zeloso e probo, que feliz seria o Governo se muitos tivesse assim, para acautelar os dinheiros publicos.

A respeito deste funccionario, occorre-me o seguinte facto: Não ha muito tempo, encontrei em viagem o chefe de uma

commissão que andava inspeccionando as alfandegas do norte. Perguntei-lhe — Já esteve na de Natal? — Não é preciso lá ir, respondeu-me elle; o inspector é o Sr. Peregrino. Já foi demittido.

Ora, com franqueza, si não dispõem de outros e melhores elementos para fazer proselytismo no Rio Grande do Norte, estes são insufficientes.

O eleitorado alli é absolutamente irreductivel; não se abate pela prepotencia, nem se deixa levar por seducções.

Si não puderem conquistar victoria nas urnas em outros logares, lá perdem o seu tempo em procurar obtel-a.

Entre os proprios membros do Governo ha quem possa lealmente informar que não e o que valem as forças politicas do Rio Grande do Norte.

Façam quantas demissões e nomeações quizerem; o que é certo é que ellas teem sido sempre injustas, e muitas dellas infelicissimas.

Decretem a creação de quantas duzias de brigadas quizerem; hão de ver que o resultado é que a votação republicana vae deixar aos adversarios um pequeno grupo de opportunistas, monarchistas e revoltosos reduzidos a uma porcentagem ridicula à força de parcimoniosa.

Disto vamos ter uma prova pratica. Em breve tempo, a 15 de Novembro, proceder-se-á no Estado à eleição do respectivo Congresso. São 24 os Deputados; pois havemos de fazel-os todos, honrada e limpamente, pelo nosso bello systema de votar, que é a cedula aberta e assignada, retirando-se cada eleitor com o recibo de seu voto assignado pela mesa. *(Apartes)*.

Vota cada eleitor em dois terços; mas não se pode garantir um terço a quem não tem um quarto, nem um quinto, nem um decimo, nem nada.

O Sr. Moraes Barros — População unanime! E' o paraizo!

O Sr. Pedro Velho — E' uma especie de paraizo.

O Sr. João Cordeiro — E' arregimentação republicana.

O Sr. Pedro Velho — Esta affirmação faço-a tranquilla e confiadamente.

O Sr. Almeida Barreto — Então, não precisa falar.

O Sr. Vicente Machado — Em breve veremos um decreto com mais algumas brigadas.

O Sr. Pedro Velho — Resta-me agradecer ao Senado o ter sido tão benevolente em supportar a minha incapacidade na tribuna, confiando em que saberá perdoar o desalinho e a impertinencia involuntaria do que disse. *(Muito bem; muito bem. O orador é muito cumprimentado).*

NOTA — Na sessão de 27 de setembro de 1897 o senador por São Paulo Mancel de Moraes e Barros criticou a administração Ferreira Chaves no Rio Grande do Norte, especialmente a lei n.º 103, de 6 de agosto do mesmo ano, autorizando ao Governo firmar contratos relativos à cobrança do imposto de exportação do sal. Moraes e Barros era irmão do Presidente da Republica e o substituíra no Senado Federal. Pinhero Machado, senador pelo Rio Grande do Sul, aparteára, defendendo Ferreira Chaves e a orientação partidaria do senador Pedro Velho. Este fora eleito para o Senado a 30 de dezembro de 1896 na vaga do coronel José Pedro de Oliveira Galvão.

Pedro Velho, a 1.º de outubro, discursa expondo o assunto e dando explicações veementes e também expondo o papel político do Rio Grande do Norte na sustentação do regimen republicano.

"A Republica" de 14 e 15 de outubro de 1897.

PRESTAÇÃO DE CONTAS

DISCURSO PRONUNCIADO NA SESSÃO DE 23 DE SETEMBRO DE 1898

O Sr. Pedro Velho — A ninguém mais do que a mim, sr. Presidente, contraria e repugna pisar o terreno escorregadio e antipathico das personalidades; e esse natural constrangimento mais ainda se accentúa, quando sou forçado a occupar-me de mim mesmo.

Os adversarios que procuram guerrear-me na politica do Rio Grande do Norte... (Não são todos, confesso; muitos coestadanos que não militam partidariamente commigo repellem, em absoluto, a co-participação e a solidariedade nas torpezas calumniosas, que constituem as armas habituaes dos meus detractores). Mas, como dizia, os meus adversarios, na desesperadora certeza de que não podem aggremiar-se em partido harmonico, disciplinado e coheso para dar combate regular aos meus amigos, e como que desilludidos ou ignorantes de outros processos mais decorosos e proficuos, emprehenderam, contra mim, uma insistente cruzada de malevolas injustiças e deslavadas falsidades, no intuito de *produzir effeito fora,* como elles proprios confessam.

E insisto nesse ponto de que só visam formar opinião fora do Estado; porque lá, si o meu valimento não é grande, em compensação, é immenso e irremediavel o desconceito delles.

Sem amor e sem fé nas instituições vigentes, acostumados às mutações *ex-machina,* em que um simples aceno da corôa fazia do preto branco e *vice-versa,* só appellam para uma intervenção indebita e criminosa do poder central.

Vivem, pois, a sonhar e a falar em deposições; e como, por nullos em numero e coragem, jamais se abalançariam por si a tal empresa, procuram especular com a força federal, onde, por meio de constantes e caprichosas transferencias, julgam poder crear uma atmosphera hostil aos meus amigos.

Felizmente, tem sido baldado esse inglorio trabalho, apesar de lonta e tenazmente preparado.

Sr. Presidente, sem falar em dois breves periodos administrativos, durante o governo provisorio, fui governador eleito quatro annos e vinte e cinco dias e, até a ultima hora, estive *na proposta* para ser deposto; e o meu illustre e benemerito successor já vae em tres annos de administração, e por egual, cada mez se lhe anuncia a fatal *degringolade*.

Não exaggeraria, si affirmasse que o momento solemne do paroxismo revolucionario tem sido marcado, no Rio Grande do Norte, para mais de cem vezes, depois que o Estado ultimou a sua organização.

Tem ligeiras hybernações, é certo, essa mania; mas qualquer modificação politica operada nesta capital insufla immediatamente novos estimulos aos valentes campeões.

Annuciam aos quatro ventos a boa-nova, distribuem as posições e os cargos, brigam mesmo, entre si, nesta partilha previa, e organizam logo um codigo telegraphico para as communicações de maior monta e gravidade.

Tive a fortuna de ver o ultimo desses codigos, no qual o proprio autor se denominava *meteoro* e outros proceres figuravam de *raio, corisco* e coisas assim fulminantes.

O presidente da Republica era *Jupiter* e s. ex., o sr. ministro da Justiça, *fortaleza*.

Havia palavras traduziveis por phrases como estas: "adhiram a dictadura; o governador, forte na força policial, offerece tenacissima resistencia; organizem junta; com as sympathias de fulano jacobino, e o patrocinio de beltrano, governista, ficamos a duas amarras".

E', como vê, o que pode haver de mais *patriotico* e, sobretudo, previdente. E coisa singular, sr. presidente, essa gente tem gosado, no Rio Grande do Norte, de um favor official, por parte da União, nunca visto no Estado.

Uma palavra pelo telegrapho, e transferem um comandante de guarnição, demittem um chefe de serviço federal.

Depois de terem conseguido a demissão ou remoção dos funccionarios que ousavam não applaudir-lhes os meritos, tornaramse ferozes de prepotencia.

O engenheiro director das obras do porto, aliás amigo do Governo, pelo facto, para elle criminoso, de não ter querido admittir como empregados platonicos uma enorme lista de vagabundos que lhe apresentaram, com as respectivas diarias já generosamente marcadas, foi embrulhado em um breve despacho telegraphico e incontinente exonerado.

Em seu logar ficou, fingindo de engenheiro, um empregado subalterno da Commissão, tão ignorante quanto docil, o qual em poucos dias elevou o numero dos trabalhadores das dunas de seis a cento e tantos (é claro que taes trabalhadores viam as dunas por um oculo) dispendendo em um mez dezeseis contos de reis, por uma verba que consignava para todo o exercicio apenas seis contos.

E lá ficou essa trapalhada administrativa, que não teve e não terá remedio.

Devo, porém, fazer uma declaração de justiça: o digno engenheiro exonerado, não se conformando com a desairosa destituição, veio ao Rio de Janeiro, solicitou e obteve uma audiencia do dr. Prudente de Moraes, contou-lhe, naturalmente, as brilhaturas de seus amigos de ultima hora e foi reintegrado.

O delegado fiscal do Thesouro, em exercicio havia poucos dias, e sem duvida nomeado com o indispensavel *placet* dos chefes (quasi todos são chefes) governistas do Estado, também porque não quiz nomear, de empreitada, 11 fiscaes do imposto do sal, além dos 20 já existentes para não fiscalizarem coisa alguma, foi da mesma maneira enrolado em um simples recado telegraphico dos amigos ursos do Governo, e no mesmo dia demittido, com ordem de passar o exercicio a um escripturario, até que que chegasse o seu successor.

Emfim, seria longo, fatigante e sobretudo inutil enumerar a serie das proezas de tal gente.

Por final, até o sr. ministro do Interior resolveu exonerar-se da chefia delles, sob o fundamento, um pouco tardiamente reconhecido, de que morava longe.

Mas, sr. Presidente, o que me traz à tribuna é enfrentar accusações feitas à minha probidade pessoal na outra Casa do Congresso.

Emquanto taes accusações corriam o seu triste fadario, sob

a egide do anonymato ou da irresponsabilidade despreziveis, nunca liguei-lhes a minima importancia. Tinha mesmo por habito systematico não lel-as; e a amigos que me aconselhavam que as rebatesse, lembrando-me o adagio de que — a calumnia quando não queima tisna — respondia sempre que não sentia a espinha dorsal bastantemente elastica para curvar-me até à vasa onde patinavam os meus diffamadores, maus, despeitados ou ingratos.

Agora, porém, sr. Presidente, vejo-as reeditadas na tribuna da Camara por um illustre representante do glorioso Estado da Bahia, o qual, desconhecendo por completo as coisas politicas do Rio Grande do Norte, sem duvida se deixou levar em sua boa fé por informantes desleaes e mendazes. S. Ex. desta vez empregou mal e injustamente o seu bello talento, ferindo, sem razão, a quem nunca o offendeu.

Não estava nesta cidade quando fui objecto das referencias feitas na Camara contra a minha conducta moral e politica. Achava-me na capital do meu Estado, onde fôra, pela segunda vez, no correr da presente sessão, e pelo mesmo motivo — acompanhar até aqui minha familia — o que não me foi possivel realizar da primeira vez, porque tive de regressar precipitadamente, fazendo uma viagem a cujos incommodos eu não podia sujeitar mulheres e creanças.

A questão da licença para ser processado o nosso honrado collega pelo Ceará estava sendo ardentemente pleiteada pelos que pensavam pró e contra a sua concessão.

Tratava-se da bôa fama de um correligionario, victima de cruel perseguição, recem-chegado de um desterro para a ilha de Fernando. O pleito parecia menos um litigio em nome da justiça do que um duello de forças partidarios. Era um dever elementar ser presente à votação. Vim.

Por isso tive de regressar novamente ao norte, achando-me de volta a esta Capital desde o dia 18. Logo no dia seguinte à minha chegada, tive ocasião de ler o discurso a que me referi, e, si só hoje venho à tribuna, é que fui obrigado a fazer algumas indagações indispensaveis a esta breve e despretenciosa replica.

Que o Senado me perdoe o abuso de roubar-lhe alguns instantes com um assumpto meramente pessoal.

Começou o illustre deputado por dizer que o predominio de minha familia no Rio Grande do Norte tem feito a infelicidade daquella bôa terra, dando logar a uma serie de desastres financeiros; e que eu e os meus, alli, dispomos da vida, da propriedade e da honra dos cidadãos, que não conhecem eleição regular nem liberdade de voto.

Sr. Presidente, si algum predominio existe no Rio Grande do Norte é o predominio legitimo e soberano da vontade popular. Nós eramos, quando provincia, um verdadeiro burgo podre, à mercê do mando caprichoso de influencias extranhas, e hoje nos governamos com autonomia e hombridade, dando o mais dignificante exemplo de ter sabido comprehender e praticar a Federação.

O Sr. Almino Affonso — Apoiado.

O Sr. Pedro Velho — Cada municipio, quer politica, quer administrativamente, gosa de invejaveis franquias, sob a direcção de cidadãos que representam do modo mais genuino o sentimento popular, que os prestigia e applaude.

Quanto a desastres financeiros, lembrarei apenas que foi no meu governo que se operou o resgate total da nossa divida externa, oneroso encargo que, por mais de vinte annos, asphyxiava as nossas miseras finanças com a capitulação absorvente de pesados juros semestraes. E, no tocante ao nosso regimen eleitoral, penso que o Estado que adopta o voto descoberto, em lista que não admitte mais de dois terços dos candidatos a eleger, não procura apadrinhar-se na corrupção e na fraude.

Emfim, Sr. Presidente, sobre a pretendida influencia nefasta de minha familia na vida collectiva do Estado, poderia appellar para o meu excellente amigo e distincto collega, o senador Almino.

Elle conhece-nos de longa data. Desde os seus tempos de academico na Faculdade de Direito do Recife, onde as fulgurações de seu talento, tão robusto e cultivado, quanto sympathicamente espontaneo e original, o faziam alvo das attenções da então provincia...

O Sr. Almino Affonso — Muito obrigado.

O Sr. Pedro Velho — ...S. Ex. tem acompanhado o nosso viver modesto, mas honrado, incapaz de especulações e de tramoias.

E' uma familia de burguezes, quasi todos dedicados ao labor commercial e agricola, mas cujos actos não se arreceiam da critica mais meticulosa e esmerilhadora.

O Sr. Almino Affonso — E, uma familia de muita honra e de muita probidade. Peço a palavra.

O Sr. Pedro Velho — Diz ainda o illustre deputado pela Bahia que eu intervim na recente revisão da Constituição estadual, com o fim de reduzir a edade exigida para o cargo de governador e, dest'arte, preparar a candidatura de um irmão meu, menor de 35 annos.

Nunca, Sr. Presidente, pensei em tal candidatura; e os amigos com quem tenho trocado idéas a respeito, entre elles o meu velho e bom amigo Senador José Bernardo, para que apello, podem affirmar que outro e muito diverso é o meu pensamento. Mas, sem falsa modestia, devo declarar que, si o meu voto não prevalecer e o eleito for o denunciado, não o considero indigno do cargo.

O Sr. José Bernardo — Apoiado. E' muito digno.

O Sr. Pedro Velho — Entro agora na analyse das arguições particularizadas, já, aliás, victoriosamente respondidas pela imprensa republicana do Estado, e que foram extractadas de um periodico de vida ephemera, que me fez opposição.

Antes, porém, de fazer esta analyse, posso affirmar — para isto estou auctorizado — que o meu amigo o Sr. Senador José Bernardo nunca foi proprietario da alludida folha; ...

O Sr. José Bernardo — E' exacto.

O Sr. Pedro Velho — ...e, quanto a ter sido o Dr. Medeiros Dantas um dos seus redactores, devo ao mesmo doutor esta justiça: si é certo que a sua inexperiencia de moço, cujos talentos e cuja bôa fé foram explorados por falsos amigos, o fizeram co-responsavel por aquella publicação, não é menos certo que muito antes de vir collaborar politicamente commigo, como hoje faz, S. S., em documento intimo e, portanto, sincero e insuspeito, que me foi mostrado, declarava que, ao menos, uma

cousa não poderia ser negada ao meu governo — é que havia sido moderado e honesto.

O primeiro ponto de que tenho de occupar-me, no exame das infundadas accusações de que fui alvo, é justamente o que mais me contraria, porque envolve a memoria sagrada de um homem de quem recebi a licção inolvidavel de que um bom nome vale mais do que uma grande fortuna *(lendo)*:

— "A construcção da estrada de rodagem de Natal a Macahyba, feita por seu venerando pae, sem concorrencia e sem fiscalisação, gastando o Estado mais de 80.000$ em um trabalho mal feito e incompleto, que havia sido orçado em menos de 50.000$000."

Sr. Presidente, nunca se mentiu com mais deslavado impudor!

Este serviço foi auctorizado pelo ultimo presidente conservador da monarchia, o dr. José Marcellino Rosa e Silva, e si meu pae, desinteressadamente, accedeu em acceitar a direção dos trabalhos foi por estar convencido de que deste serviço adviriam grandes vantagens para o commercio da capital.

Não sendo politico activo (a primeira vez que votou, aos 63 annos de edade, fel-o para dar-me o seu voto como candidato republicano que fui na ultima eleição do imperio), não sendo politico militante, repito, e não tendo sido essa nomeação filha do partidarismo, o presidente liberal que succedeu ao conservador espontaneamente o conservou na commissão que ainda prolongou-se, ao actual regimen, nas administrações dos drs. Adolpho Gordo e Xavier da Silveira, sendo, finalmente, o trabalho concluido por outro cidadão, penso que o actual thesoureiro da delegacia fiscal.

Esta calumnia, pois, não me irrita pelo que me diz respeito, porquanto o desplante da falsidade é tão escandaloso que ella cae por si mesma.

O que me entristece é a nota infame destinada a marear a reputação de um homem que, laborando mais de 50 annos na agricultura e no commercio, dotado de invejavel actividade e habitos modestissimos, não poude deixar aos seus 13 filhos e aos 78 netos, além do patrimonio inestimavel de uma vida exemplar, sinão uma fortuna inferior a 40.000$000.

Quantas vezes, sr. Presidente, eu não o ouvi, com lagrimas de piedosa reverencia, referir-nos como se achara aos 13 annos de edade, orphão e ao mesmo tempo chefe de familia, tendo de callejar as mãos, lavrando corajosamente a terra, para que não tivessem fome seus irmãos pequeninos!

O Sr. Almino Afonso — Bravos!

O Sr. Pedro Velho — Recordo-me também que, quando ao terminar o meu governo, amigos politicos e particulares pretenderam offerecem-me um predio em Natal, elle me foi dizer que não o acceitasse, por que seria dar um novo pasto aos meus diffamadores.

Tranquilizei-o, affirmando que já tinha resolvido isso mesmo; e accrescentei que, constando-me estarem os promotores da idéa dispostos a fazer a offerta a meus filhos, suppondo assim vencerem a minha resistencia, eu lhes prohibira formalmente de proseguirem nesse intento.

Talvez por isto, ao fallecer, deixou elle, por escripto, a meus irmãos esta ultima vontade: que todos elles, de suas minguadas heranças, distrahissem o necessario para que eu, que elle sabia pobrissimo, tivesse onde residir, sem pagar aluguel.

Eis como e porque, sr. Presidente, eu tenho hoje um humilde tecto; e, si a alguem constar que possuo outros haveres, é arrecadar sem cerimonia e sem escrupulos.

Reza assim o segundo capitulo da accusação:

"A concessão de dois engenhos centraes nos valles da Penha e do Capió aos seus irmãos Fabricio Maranhão e Augusto Severo".

E' absolutamente inveridico: nunca fiz semelhante concessão.

Terceiro ponto:

"A publicação de todos os actos officiaes em um jornal e typographia de sua propriedade, tudo feito sem concorrencia e por preços exaggerados.

O jornal não era de minha propriedade, mas o orgão do partido por mim dirigido, e vivia do auxilio generoso dos republicanos somente.

Quanto à concorrencia, confesso que jamais cogitei de fazer

publicar os actos do meu governo em jornalecos apasquinados, que me diffamavam torpemente; e, no tocante aos preços excessivos, responda quem quer que saiba o que é a imprensa no Brazil, si publicar por 100$ mensaes os actos do governo de meu Estado, ainda pequeno e pobre como o Rio Grande do Norte, é uma exorbitancia.

Ainda hoje eu e os meus collegas de representação, cada mez, enviamos um pequeno auxilio pecuniario para manter o jornal, orgão do nosso partido, que, como se vê, não vive na opulencia e a locupletar-se dos favores do Governo.

Prosigamos *(lendo)*:

"O aforamento de todos os mangues da Penha, onde esta capital se abastece de madeiras de construcção, feito a seu velho pae".

Foi um dos pontos sobre que tive de proceder a indagações, porque desconhecia o facto. Estou informado do seguinte: Usando de um direito, até de uma preferencia legal, meu pae, como outros teem feito e continuam a fazer, requereu e obteve da Alfandega, pelos meios regulares, o aforamento das marinhas fronteiras a uma propriedade agricola que possuia no municipio de Canguaretama; mas somente dessas e não de todos os mangues da Penha, como calumniosamente se affirma, sendo certo que ainda nos ditos mangues continua a abastecer-se, para suas construcções, a população daquelle e de outros municipios.

O que é de notar, porém, é que, ao tempo desse aforamento, era governador do Estado o honrado dr. José Ignacio Fernandes Barros, representante de uma situação politica radicalmente infensa ao meu partido. E ainda quando estivesse eu no governo, nada tinha que ver com isto, que era de attribuição exclusivamente federal.

Outra accusação:

"A lei especial votada pelo Congresso para poder eleger uma intendencia a geito no municipio de Touros, visando uma concessão, que se annuncia, dos terrenos devolutos de Serra Verde".

A lei pela qual deviam ser feitas as primeiras eleições municipaes, depois da organização do Estado, prescrevia que as

mesmas eleições fossem presididas pelas mesas perante as quaes tivera logar a ultima eleição federal. Ora, não tendo havido em Touros a organização dessas mesas, fez-se alli a eleição de intendentes perante mesas illegaes. Sobre esse fundamento, foi a mesma eleição anullada pelo Superior Tribunal de Justiça do Estado; e, não podendo ficar o municipio sem o seu governo local legalmente constituido, o Congresso votou então uma lei especial, mandando que a intendencia do municipio mais proximo — o de Ceará Mirim — elegesse as mesas que deviam presidir a primeira eleição municipal de Touros.

O Sr. Severino Vieira — Mas v. ex. ha de reconhecer que neste caso a autonomia do municipio desappareceu.

O Sr. Pedro Velho — V. exc. não tem razão; essa lei foi feita exactamente para respeitar essa autonomia. Serem as mesas nomeadas pelo governador, não seria regular; serem eleitas pela intendencia de nomeação, daria no mesmo; e, pois, a maneira mais garantidora para amparar a liberdade do voto, naquelle municipio, foi a adoptada.

Com relação à pretensa concessão de terras publicas da Baixa Verde, nada posso informar, porque o facto me é de todo ponto desconhecido. Assevero, entretanto, que jamais quem quer que seja pleiteou perante mim ou no Congresso do Estado semelhante pretenção.

Continua o libello *(lê)*:

"O fornecimento do Hospital de Caridade, feito administrativamente por um seu cunhado, sem concorrencia e sem fiscalisação."

E' uma completa e indigna invenção. Nenhum parente meu foi, em tempo algum, fornecedor do Hospital de Caridade; salvo si chamam de fornecimento os generosos donativos que alguns delles, por varias vezes, teem feito àquelle estabelecimento, conforme consta do thesouro.

O que houve foi o seguinte: Notando que invariavelmente concorriam com propostas ao fornecimento do Hospital apenas dois individuos, e observando o excessivo preço das ditas propostas, encarreguei um empregado do mesmo hospital de fazer directamente as compras, sob a fiscalisação de uma commisão

composta de dois comerciantes e de um antigo funccionario aposentado do thesouro, os quaes, em attenção a mim, caridosamente acceitaram a incumbencia.

Um desses commerciantes era meu cunhado.

O resultado foi immediato e vantajosissimo. Os generos eram da melhor qualidade e a preços consideravelmente inferiores. Só na verba — medicamentos — com que chegou-se a gastar mais de 2.000$ por mez, a despesa desceu a menos de 6.000$ por anno.

Ao mesmo tempo que essa reforma era executada, tive difficuldade em substituir o medico do hospital. Resolvi, então, fazer eu mesmo o serviço clinico, até ser provido o logar. Era mais uma economia. E, como as entidades morbidas que quasi exclusivamente affligem os indigentes alli recolhidos são as filhas directas da miseria e do vicio — a tuberculose e a syphilis — pude, com os meus limitadissimos conhecimentos medicos, tratar os enfermos. A mortalidade não se aggravou e terminei as minhas visitas com a consciencia em paz.

E' o que me ocorre sobre os *escandalos* do hospital.

Temos ainda:

"compra de rewolveres para o Corpo de Segurança e de cadeiras para o Tribunal da Relação, feitas a parentes meus".

Foram doze os rewolveres, sr. Presidente. Não era, portanto, negocio de tentar a ganancia de ninguem, menos de uma casa comercial, que gyra com centenas de contos, gosando do maior credito e do mais elevado conceito.

Eis o facto: Como um cunhado meu, commerciante em Natal, tivesse de fazer encommenda directa de mercadorias para a Inglaterra, os officiaes do Corpo de Segurança pediram-lhe que mandasse vir os taes rewolveres e empenharam-se commigo para compral-os pelo seu custo real, conforme seriam cedidos.

Não vi nisso inconveniente mesmo porque só ao diabo lembraria que esta insignificante encommenda pudesse ser uma patota. Enganei-me. Ainda hoje gritam que, por aquelle facto, delapidei escandalosamente os dinheiros publicos.

O caso das cadeiras: E' falso que fosse um parente meu o

encarregado de encommendal-as para o Recife, onde seriam melhor construidas. Foi um modesto e honrado commerciante de Natal, o sr. Manoel Onofre Pinheiro, que recebeu por ellas (eram cinco) 625$000.

Não estou muito a par dos preços da marcenaria; mas sei que eram cadeiras de espaldar, condignas do nosso Tribunal de Justiça, que timbrei em installar com a decencia compativel com os recursos do Thesouro.

Nem era possivel que aquelle digno cidadão abusasse da minha bôa fé para roubar alguns mil réis ao Estado; pois tal era e é a minha confiança em sua impecavel lisura e probidade que, quando tive de dar chefe a uma de nossas primeiras repartições fiscaes, exigi que elle liquidasse o seu pequeno estabelecimento para prestar, como ainda presta, com geraes applausos, os seus serviços à administração.

Esquecia-me dizer, sr. Presidente, que Manoel Onofre é meu compadre; mas essa circumstancia nada influiu sobre o meu animo. Em primeiro logar, era uma terra pequena, em uma quasi aldeia, como é Natal, si condemnasse a não serem aproveitados para nada os meus compadres, diminuiria de alguma maneira o pessoal idoneo; depois, tenho tambem compadres ruins, que não seria capaz de aproveitar em nada que importasse confiança.

Ora, sr. Presidente, quem attenta para a pequenez miserrima dessas imputações poderá, por ellas, bitolar a estatura dos meus accusadores.

Eu os classifico em duas categorias. Uns calumniam certos de que estão fazendo uma injustiça. *E' politica,* dizem elles. Outros, porém, são sinceros. Parece-lhes realmente inverosimil que quem quer que tenha meios de abusar lucrativamente de sua posição official deixe escapar o ensejo.

O Sr Almino Affonso — Tanto abundam os ladrões.

O Sr Pedro Velho — Muito propositalmente deixei para o fim desta resenha uma das accusações. Ella é verdadeira e, até certo ponto, justa.

Assim como é direito meu, ter a altivez da minha innocencia, devo ter do mesmo modo a coragem dos meus erros.

E' certo que entre os concessinoarios da Estrada de Ferro

de Areia Branca a Luiz Gomes, concessão que felizmente caducou, figura um irmão meu.

Não quero innocentar-me com a circumstancia de que essa estrada traria inestimaveis vantagens para o Estado; não allegarei tão pouco que da sua concessão não adviria onus de natureza alguma para o Thesouro Estadual.

Fiz mal. E está aqui presente quem sabe que, a pratica desse acto sempre me desgostou, embora não me accuse a consciencia de que fosse um desvio da moral politica.

O Sr. José Bernardo — Disso dou testemunho. Peço a palavra.

O Sr. Pedro Velho — Afora isso, que refiro com a desabotoada franqueza com que devo falar ao Senado, podem abrir quantos inqueritos, quantas devassas quizerem sobre a minha vida.

Mas eu não devo sophismar nem torcer a verdade: fiz mal.

O Sr. Almino Affonso — Esta declaração é simplesmente devida a um excesso de delicadeza e melindres de V. Ex.

O Sr. Pedro Velho — Sr. Presidente, dizem que o poder desvaira; que homens honestos e pacatos quando chegados às culminancias governativas tornam-se violentos e improbos. E' a vertigem das grandezas.

Nunca senti os effeitos dessas torturas. Pelo contrario, os meus instinctos de ordem e de paz antes se requintaram à medida das responsabilidades do poder.

Nem por isso, porém, tenho sido poupado, e até a pecha de violento querem atirar-me.

Agora mesmo estou sendo dado como responsavel por um confluicto, todo pessoal, que sinceramente deploro, occorrido com o desembargador José Climaco do Espirito Santo. Mas, como sou figura obrigada, não podia ser esquecido no caso, embora ausente quando se deu o facto, e não obstante não haver um só habitante do Rio Grande do Norte que, em boa fé, me considere capaz de violencias.

Sobre esse lamentavel acontecimento tem havido uma grande exploração. Por isto peço licença para citar, a respeito, dois valiosos testemunhos. O primeiro é o do meu eminente collega o sr. Senador Pinheiro Machado, que me honra com a sua pro-

ciosa amizade. S. Ex., aliás de todo ponto insuspeito no caso, teve occasião de apreciar uma excellente prova de que nenhuma responsabilidade ou coparticipação tive no triste incidente.

O Sr. Pinheiro Machado — E' exacto. Incontestavelmente V. Ex. nenhuma participação directa ou indirecta teve nesse facto.

O Sr. Pedro Velho — O segundo é a asseveração de um cavalheiro distinctissimo a todos os respeitos, inteiramente alheio a paixões politicas, apontado como imparcial pelos meus proprios adversarios, o provecto magistrado dr. Olympio Manoel dos Santos Vital, juiz de secção no Estado do Rio Grande do Norte, a quem devo os lisongeiros conceitos externados na seguinte carta:

"Natal, 9 de Setembro de 1898.

Exm. sr. dr. Pedro Velho — Em resposta à carta de V. Ex. tenho a dizer:

Que havendo exercido por mais de quatro annos o logar de desembargador, membro do Supremo Tribunal de Justiça do Estado, tenho a maior satisfação em dar o mais publico testemunho de que V. Ex., durante o periodo de sua benefica e honestissima administração, como governador, jamais tentou influir nas decisões do Poder Judiciario;

Que não me consta que, na qualidade de chefe do grande partido politico que o apoia e applaude, tenha V. Ex. aconselhado, consentido ou praticado qualquer violencia contra quem quer que seja; e, ao contrario, tem constantemente dado as mais inequivocas provas da maior prudencia e moderação;

Que, relativamente à deplorabilissima ocorrencia havida com o desembargador Espirito Santo, em 7 de julho passado, estou plenamente convencido de que nenhuma co-participação, por minima que fosse, teve V. Ex.; e, si tivesse a menor desconfiança de que ella podia dar-se, procuraria por todos os modos evital-a.

Pode V. Ex. fazer desta o uso que lhe convier.

De V. Ex. amigo affectuoso e obrigado — *Olympio Manoel dos Santos Vital*".

Vou terminar sr. Presidente.

Não o farei, porém, sem relembrar, com magoa e com tristeza, que esse desgraçado vezo de tudo malsinar e tudo denegrir constitue um vicio chronico que, de longos annos, avilta e amesquinha os nossos costumes politicos.

A lucta partidaria é um degladiar insensato em que cada reputação se acha exposta, ainda em seus melindres mais respeitaveis e mais nobres, aos botes da irreverencia atrevida, que não tarda a passar ao insulto e a calumnia.

A imprensa, principalmente a philoxera dos *a pedidos* anonymos, é um verdadeiro pelourinho; e, immune contra as suas incontinencias de linguagem, não ha ninguem no Brasil, desde que figure na politica. O que vale é que diatribes e aleives impressos à força de communs em nosso meio, já não fazem mossa na opinião; e ha espiritos a quem o habito anesthesiou a ponto de não se incommodarem nem pouco nem muito com isso.

E' até bom, dizem elles, é prova de importancia.

Cita-se mesmo um estadista do imperio que, como *reclame* à sua personalidade, escrevia catilinarios contra si proprio.

O homem publico precisa ter o couro grosso para resistir às descomposturas, affirmamos, praticos no officio.

E a essa convicção, nada lisongeira, de que cada militante em politica representa um pachyderme *(riso)* corresponde uma tal vehemencia no arremesso das invectivas, que só uma grande serenidade de animo pode supportal-as, sem descer a identicos desvarios.

Pois bem, sr. Presidente, essa tranquillidade de consciencia, julgo possuil-a em dose que basta para resguardar-me contra o assedio da diffamação; e desvaneço-me em reconhecer que o trabalho de demolição de que tenho sido alvo nada tem podido contra a estima e confiança com que me honra, na mais desprendida e fidalga generosidade, o Estado que immerecidamente represento nesta Casa *(não apoiados)*. Não que tenha a estulta pretenção de reputar-me um roble inabalavel; mas é que os combatentes que me aggridem não me parece que estejam sufficientemente apparelhados de eximias e solidas virtudes, que sejam ariete bastante à pretendida derrocada.

Penso até que o resultado de toda essa campanha diffamatoria tem sido negativo; e auctorizam-me a pensar por esse modo

factos que, na esphera modesta e limitada em que se exerce a minha actividade politica, são, na verdade, significativos e eloquentes.

Quando — por motivo de ter a representação do Rio Grande do Norte tomado a esquerda na scisão que se operou no seio do Partido Republicano Federal — a situação dominante naquelle Estado começou a ser objecto da especial e *carinhosa* solicitude reaccionario do Governo; quando aquelles que alli fazem uma politica de occasião, accommodaticia e humilde julgavam ver diminuidas em densidade e energia as fileiras republicanas, recebia, ao regressar ao meu Estado, tão inequivocas provas de decidido apoio e irrompivel solidariedade que, no archivo das minhas impressões mais caras, jamais se apagará o reconhecimento que me ficou dessas espontaneas manifestações de apreço.

Ainda mais: quando nesta cidade ocorreu a tragedia do Arsenal de Guerra... (E eu não sei, sr. Presidente, o que maior indignação e revolta produziu em meu espirito; si o sulco ensanguentado desse crime hediondo, si o rastro lamacento da baixa especulação a que esse mesmo crime deu logar)... a policia dignou-se de promover-me de minha obscuridade à categoria de faccinora honorario. *(Riso).*

No mesmo dia em que se encerrava o Congresso, um individuo entregava-me à porta do hotel em que eu residia uma carta, em que o dr. Edwiges de Queiroz, pelo orgão de um de seus auxiliares, intimava-me a não retirar-me desta Capital. Seguiu-se o que alguns dos meus nobres collegas conhecem da propria e dolorosa experiencia — uma espionagem insultante e descarada — typos ignobeis e rampantes acompanhavam-nos por toda parte e a toda hora, como si fossem as nossas sombras. Eram os secretas.

O que esteve *a meu serviço,* nos primeiros dias de janeiro, era de um zelo raro. A cada momento perguntava aos empregados do hotel si eu já pedira a conta, si estava fazendo as malas, etc.

Um dia, enfastiados, disseram-lhe que eu seguira na vespera para S. Paulo. E era de ver, sr. Presidente, a dolorosa estupefacção que ensombrou a fronte do *honrado funccionario,* compenetrado dos seus deveres e das suas responsabilidades. Descia

nesse momento a escada e tive de pessoalmente tranquilizal-o, assegurando-lhe que não fugiria.

Por esse tempo forjaram, com a assignatura de um empregado da instrucção publica, do meu Estado, uma carta em que este (meu amigo e, portanto, insuspeito em seu depoimento) declarava que sempre que chegavam paquetes do sul e eram lidas as minhas cartas, os meus correligionarios propalavam, como certo,proximos e graves successos nesta Capital. Mais tarde, o homem descobriu a perfidia, e desmascarou a indigna tramoia urdida com o seu nome.

Entretanto, sr. Presidente, raras vezes eu escrevia; e quando tinha de fazel-o (duas linhas apenas para tranquilizar a minha familia, a quem *obsequiosos* informantes avisavam de quando em vez que eu fôra preso), servia-me de um processo complicado e engenhoso que ainda agora adopto, por excellentes razões que não vem ao caso elucidar.

O Sr. João Cordeiro — Faz muito bem.

O Sr. Pedro Velho — Não contentes com isso, mandaram abrir em Natal um inquerito, em que depuzeram dezenas de cidadãos, para o fim de averiguar-se si algum parente ou correligionario meu algures declarara que o dr. Prudente de Moraes não presidiria a eleição de março.

Parece que esta ultima cartada também não correspondeu à boa vontade do Governo, porque, afinal, resolveram não prolongar a minha detenção.

Voltei ao Rio Grande do Norte; e desta vez ainda mais ostensivos e captivantes se mostraram os meus amigos de todo o Estado, em significar-me que as injustas vexações de que eu fôra victima eram-lhes um estimulo novo para a dedicação e para a lealdade.

Mas já, de sobra, sr. Presidente, tenho abusado da paciencia de V. Ex. e da benevola attenção dos meus illustrados collegas.

Não quero nem devo continuar a distrahir de suas nobres e patrioticas occupações o Senado e a Republica.

Nem eu devia, talvez, ter trazido para este recinto essas miudezas de réles e escandalosa politicagem de aldeia; e não fôra a convicção da minha deficiencia intellectual para collaborar comvosco *(não apoiados)* e, por isso mesmo, um redobrado

zelo para ao menos não deslustrar por claudicações na honorabilidade a corporação a que pertenço, eu não teria pedido a palavra, mesmo porque a impressão pessoal que me produzem os golpes que me atiram, sem attingir-me, gratuitos e impotentes desaffectos é menos indignação do que dó.

Emquanto as correntes contrarias à opinião genuinamente democratica do Rio Grande do Norte não forem mais volumosas e mais fortes do que as que lá existem, posso assegurar que, para levar em bom termo a nao da federação republicana no Estado, basta conservar a machina a meia força. *(Muito bem; muito bem).*

NOTA — Em oposição ao Presidente Prudente de Moraes, Pedro Velho sofreu todos os vexames e perseguições de caráter político. Depois do atentado de 5 de Novembro de 1897 quando o anspessada Marcelino Bispo de Melo tentou assassinar Prudente de Moraes, abatendo a punhaladas o Ministro da Guerra Carlos Machado de Betencourt, ferindo o coronel Mendes de Moraes e outros, vários políticos, começando pelo Vice Presidente da Republica, Manoel Vitorino Pereira, eram acusados de participação criminosa. Especialmente os deputados e senadores do Partido Republicano Federal foram os mais visados, presos, alguns enviados para a ilha de Fernando de Noronha. O chefe de Policia, dr. Edwiges de Queiroz, mandou intimar o senador Pedro Velho a não deixar a Capital Federal sem autorização prévia. Fiel aos seus compromissos o senador norte rio grandense permaneceu ao lado dos seus correligionarios e mereceu, logicamente, os ataques dos deputados e senadores governistas. Um deles, J. J. Seabra, deputado pela Bahia, depois senador, ministro de Estado, eminencia na política nacional, pronunciou na Camara dos Deputados longo discurso de acusações. Pedro Velho defendeu-se cabalmente neste discurso de 23 de setembro de 1898 onde historiando sua vida administrativa, rebatendo uma a uma as acusações teve a mais lisongeira e viva repercussão na imprensa do Rio de Janeiro e nos Estados do Sul e Norte do país. E' a sua prestação de contas, clara e lepida.

"A Republica" de 13 de outubro de 1898.

ARTIGUETES

I

NÃO SERIA UM IMPUTE?

O escrivão do Acary — 78 annos, abrangendo quatro seccas — acaba de ser pronunciado como minotauro de donzellas incautas e pouco exigentes no tocante à juventude dos galans.

Ahi está, dr. Eloy, veja se também diz a este: "Bom dia, caro velhinho de cabeça branca".

Por mim apostrophal-o-ei, com raiva e tedio, nos seguintes termos: O anno do nascimento te persiga, D. João retardatario, que aos multiplos officios do teu reles cartorio queres ainda reunir as funcções de ceifador de virgindades.

Mas quem me affirma que não estarei calumniando o pobre homem que, talvez a esta hora experimente a impressão agridoce de uma imputação, que, ao mesmo tempo lhe deslustra a bôa fama e lisongeia-lhe o amor proprio?

E' verdade que a um jovem magistrado, em quem o criterio madrugou e cujo saber não é obra de fancaria, pareceu que o velhote tinha esbarrado, com escandaloso impudor, contra o sexto mandamento; e o dr. Lamartine não o faria (sem calembourg) sem estar bastantemente esclarecido pelo allegado provado.

Allegado não direi que não; mas provado... só vendo.

— Com que então, menina, aqui o meu amigo o sr. notario foi mesmo quem a descaminhou?

— Nhôr sim... Hi! Hi! Hi!

— Fraqezas humanas! acode o accusado.

— Pois, meu caro, é justamente attendendo às fraquezas da edade em que vossa mercê se acha (como diz o Polycarpo) que eu hesito em julgal-o criminoso. Já não falo nos seus precedentes abonadores de respeito à lei e à moral; porque em de-

lictos desta especie os precedentes nem sempre corroboram as suspeitas.

Tudo tem seus limites. Os Lovelaces chegados aos 78 annos, em regra, aposentam-se; e os teimosos em conservarem-se na activa não fazem figura de causar inveja a ninguém.

A compulsoria não se fez só para a tropa. Ha certos actos que parecendo virtuosos não o são. Uma pessoa, às vezes, não pecca não é porque não quer, é porque não pode, etc.

Deixemo-nos de commentarios, que isso não é assumpto com que se brinque. Palavra puxa palavra, e, n'um descuido qualquer, sae a gente do programma crispiniano e regenerador que desbandalhou a imprensa natalense.

Bem sei que ha formulas veladas e decentes para exprimir as coisas mais escabrosas e menos pudibundas.

Por exemplo: Quando o discipulo diz, alto, ao professor — seu mestre eu vou lá fora — toda a aula fica sabendo o que elle vae fazer, e ninguém se escandaliza; ao passo que si o pequeno proferisse mesmo o feio verbo, alli representado pela expressão *lá fora,* não haveria padre de bôa vida (são quasi todos) que o livrasse de uma duzia de bolos.

Mas sempre é bom não facilitar. Passemos adeante.

I I

TRES TATÚS N'UM BURACO

Eram realmente tres tatús n'um buraco, mas com a aggravante de que o dito buraco não pertencia a nenhum d'elles.

Eu me explico.

Como preparação, para ser acreditado no que vou referir, devo confessar ao leitor que tenho um fraco, um pendor irresistivel por historias do outro mundo; e, nos meus serões de cavaqueira intima, nada me delicia tanto como reproduzir, n'esse assumpto, casos maravilhosos de que tenho conhecimento, ou ouvir a narrativa de outros ainda não inclusos no meu repertorio.

Sabbado, 28 de Janeiro, às nove e meia horas da noite, justamente quando cahia aquelle aguaceiro mais pesado, tomava eu o meu chá com apolices — quero dizer com bolachas — em

companhia de um velho camarada chegado n'aquelle mesmo dia do Patú.

Falámos da secca, da emigração para o Amazonas, dos grandes prejuizos que têm tido os criadores — e, a proposito, combinámos logo arranjar um syndicatozinho para empreitar, por dez reis de mel coado, a futura arrematação dos dizimos — e fizemos o nosso pedacinho de maledicencia, que, com mais ou menos pimenta, é o adubo invariavel das palestras indigenas.

Perguntando-lhe por uma comadre que tenho em Caraúbas, obtive a informação de que a bôa senhora continuava a ter a mesma saúde de ferro e o mesmo carão varonil e avermelhado de padeira e Aljubarrota, com mais alguma neve nos cabellos e muito mais simonte nas bitaculas.

— Santa mulher, accrescentou; mas, com franqueza, seu tenente, si eu fosse Adão e me dessem por Eva sua comadre Joaninha, a humanidade tinha ficado em nós dois, porque haviamos de viver na mais virtuosa e irremissivel infecundidade. Não só não haveria serpente que me seduzisse, como penso que desobedeceria mesmo a uma ordem formal do Padre Eterno, no sentido de *multiplicamini*. Si não pegasse a desculpa de que não entendo o latim, responderia, olhando com desdém para a minha ex-costella — multiplicar-me com quem? com isso?

E por ahi fomos, explorando assumptos varios, até que uma caprichosa associação de idéas fez-me cahir no meu vezo de contar historias de abantesmas e duendes.

"Não accredito em nada disso, objectou o meu hospede. O medo é que gera os phantasmas, quando não são filhos da inventiva dos proprios narradores de casos sobrenaturaes. Ouça lá esta:

Quando eu residia na Villa do Uruá, acontecia-me frequentemente, durante as minhas excursões venatorias, achar-me sozinho, e por noite sem luar, no mais denso e embrenhado das mattas da Estrella. De uma feita estava eu sentado n'uma espera de cutia, quando, de repente, ouço um gemido, tão lamentoso e lugubre, que me fez correr pela medulla um intenso calafrio. Comecei a prestar ouvido attento — e receioso, confesso — aos menores rumores da floresta.

Os gemidos continuavam cada vez mais pavorosos, parecen-

do partirem da copa do arvoredo; mas, nada podendo ver, attenta a escuridão da noite, resolvi deixar-me de caçadas, mesmo porque a minha pontaria, em vista dos *autos*, não deveria estar das mais certeiras, e desandei para casa, a malucar sobre coisa, cantarolando estribilhos de opereta para disfarçar a atrapalhação em que fiquei, e só me sentindo mais desopprimido ao avistar, n'uma curva da vereda, a pequena fogueira que ardia no alpendre da choupana de um velho lenhador.

Na manhã seguinte, voltei ao logar, a ver se percebia algo de extranhavel e insolito.

Nada. E' verdade que então outros gallos me cantavam, isto é, outras eram as disposições do meu espirito.

Os raios triumphantes de um sol de Abril illuminavam as clareiras; as aves esvoaçavam dos ninhos, chilreando; emfim, os dois maiores inimigos do medo — a luz e o movimento — alli estavam a fazer-me a mais animadora companhia.

Vae senão quando, o gemido !...Hum! Ai! Hum! Ai!

Como! Que alma penada assim se atreveria a perturbar a paz dos vivos, a horas tão meridianas e quando a natureza, na opulencia communicativa da sua graça e da sua força, poderia lembrar um berço, uma alcova nupcial, uma missa aldean em domingo de Ramos, tudo que significasse alegria e festa, mas nunca o cyprestal de um cemiterio!

Olhei para o ponto suspeito; e... imaginem como tive de envergonhar-me do meu susto da vespera, quando verifiquei que o mysterio era este: um galho de cajueiro bravo, agitado pelo vento, roçava intermittentemente n'um tronco de peroba, rangindo n'uma tal combinação de sons que arremedava o gemido mais sentimental e mais authentico, com todos os bemoes da angustia, com todos os sustenidos da desesperação.

Ora, meu amigo, como esta devem ser quasi todas as revelações do alem-tumulo.

Ha situações psychicas, em que, conforme a enscenação que nos rodeia, o cerebro abre logar às tripas; e o raciocinio, que se elabora do estomago para cima, cede o passo ao terror, que deve ser um phenomeno intestinal, a julgar pelos seus effeitos drasticos".

Foi isto no sabbado.

Na segunda-feira, passando eu pelo hotel Viterbino, parei alguns instantes à janella do restaurant para antecipar meus parabens ao dr. Berredo que, constava-me, seria nomeado secretario do Governo.

Dentro da sala, um sujeito alto, muito sardento, usando suissas e oculos de tartaruga, referia aos circumstantes qualquer cousa que muito parecia interessal-os.

Prestei attenção.

O sardento contava, sem falha do minimo incidente, a mesmissima historia do gemido, dando-se, porem, a si como o protagonista.

Causou-me especie... mas, afinal, têm-se visto coincidencias ainda mais estapafurdias e chocantes.

E ja não me lembrava de tal coisa, quando, ante-hontem, um moço da Parahyba, que me foi foi apresentado na *Potyguarania,* ao cahir a conversação no terreno das apparições e dos phantasmas, (já lhes disse que, sempre que posso, emcaminho para ahi minhas palestras) chegada a sua vez de contar alguma coisa, começou assim:

— Morei algum tempo na Penha, e, como sou perdido pela caça, costumava, aos domingos, internar-me pelas mattas da Estrella...

— Já sei, já sei, disse eu, irreflectidamente, sem reparar na inconveniencia desta interrupção, o cavalheiro estava n'uma espera de cutia, quando, de repente, um gemido...

O sujeito era cara-dura de primeira classe, com grandeza; nem pestanejou, apesar da surpresa dos circumstantes.

— Tal e qual, proseguiu; e impingiu-nos o resto da historia "ipsis verbis, ipsis virgulis".

Finalmente, hoje, pela manhã, um collega de escriptorio, que reputo impeccavel no capitulo da veracidade e a quem referi não só o caso como a circumpstancia exquisita de se ter reproduzido em três edições perfeitamente identicas, respondeu-me:

— A historia é verdadeira e... deu-se commigo.

— Ein! Que outros me tomem para palito, vá; mas v. não tem licença para abusar da minha bôa fé e da confiança que sempre me inspirou.

— Não estou gracejando. O facto deu-se, e foi commigo;

por signal que, no dia immediato, communiquei-o a três amigos que passaram por nossa casa, em Cuitezeiras, onde eu, então, morava.

E nomeou-me as três testemunhas.

Pasmai, leitores; eram os três — o do sabbado, o da segunda feira e o de ante-hontem; o patuense, o sardento e o moço da Parahyba.

Já vêem que a minha epigraphe é corriqueira, mas não deixa de ter propriedade: Três tatús n'um buraco, e n'um buraco alheio.

Cabe algum commentario nesta veridica historia? Este apenas: Ha pessoas, aliás estimaveis, a quem a irresistivel vaidade de *fazer figuração* e ostentar o desempeno e donaire de homem *lido e corrido* faz, por vezes, esquecer a norma de conducta do velho Epaminondas.

III

A VOLTA

A leva de retirantes que a secca arremeçou à capital não pode, sob pena de um grave desequilibrio na vida social desta cidade — aldeia, permanecer como está, sem abrigo, sem pão e, o que é o peor, sem trabalho. Continuariam esmolando, como se acham até agora. Esperando o que? alguma epidemia.

Não somos um centro agricola, nem um centro industrial; o exodo para o Amazonas não é possivel a todos; e, pois, o remedio é fazer regressar essa pobre gente aos seus respectivos municipios, onde as chuvas, que já vão apparecendo, lhes permittirão, entregarem-se, de novo, nos seus trabalhos de pequenos plantadores.

Mas como?

Voltar para casa e fazer um roçado é um problema duplo e que, para ser resolvido, requer o concurso de dois factores, devendo estar ambos egualmente animados do espirito de humanidade: A população da capital, immediatamente interessada em ver cessar um espectaculo de tristeza, que é tambem um onus permanente para as suas bolsas; e os governos locaes, a

quem incumbe zelar pela sorte dos municipios. São os ossos da autonomia.

E o meio pratico?

Salvo o melhor plano, poderiamos, com as modificações suggeridas pela experiencia, adoptar o seguinte:

Nós proveriamos à volta dos retirantes e as intendencias ao restabelecimento dos mesmos em seus lares.

Para execução da primeira parte do programma instituir-se-iam duas commissões, uma em cada bairro, afim de agenciarem donativos.

Essa caixa de caridade poderia ser auxiliada pelo governo.

Com os recursos, assim obtidos, as commissões distribuiriam algum dinheiro a cada familia de retirantes, subordinando o quantum ao criterio da distancia a percorrer e do numero de pessoas. Juntamente com a esmola, o chefe, ou chefa, da familia receberia uma guia impressa, assignada pela commissão para ser presente ao presidente da intendencia do seu municipio. Cada presidente, com os recursos que o conselho o auctorizasse a despender forneceria aos repatriados algumas sementes de cereaes e algodão, com que pudessem iniciar as suas plantações.

E' inadmissivel que as intendencias se recusem a auxiliar-nos. Ainda as mais *arrebentadas* podem fazel-o.

E' pouco isso; mas é melhor do que nada. Quanto a detalhes de execução, meios de prevenir abusos, etc, combina-se depois.

Para deliberar sobre a praticabilidade e acceitação desta medida ou outra qualquer, pouco importa, a redacção desta folha poz à minha disposição a respectiva sala e dignou-se auctorizar-me a fazer os necessarios convites, não passantes de seis — que é o numero de cadeiras de que dispõe a empresa, incluindo uma que só serve para quem é forte em gymnastica — e declarando que a reunião é à secca, visto tratar-se da dita.

Conto que s. exa. o sr. governador se fará representar pelo seu

1 — Secretario.
2 — Intendencia
3 — A associação commercial.
4 — Um industrial.

5 — O tribunal de Justiça.
6 — Um jornalista.

(Como não deve haver cerimonia entre collegas, talvez que toque a este a tal cadeira de massada).

E eu, que ficarei em pé, e me comprometto a entrar para a caixa de socorros com os meus honorarios de Fevereiro, se m'os pagarem. — 4-2-99.

NEMO.

NOTA — "A Republica" de 5 de fevereiro de 1899.

ARTIGUETES

I

IRONIA

Como te julgam mal e injustamente, querendo dar-te assento na bancada dos vicios, quando tu resides na porção mais bem equilibrada e sã do nosso ser moral.

A ignorancia obtusa e a charlatanice vesga querem ver em ti um desvio da pureza d'alma, quando és, realmente, uma das funcções mais hygienicas do espirito, uma valvula ao *trop-plein* de tedio e de revolta, que a pasmaceira e a safadeza do proximo nos produzem.

Confundem-te com a maledicencia, e tu és a jovialidade — virtude que não cabe nos corações meandrosos e esconsos.

Pensam-te aggressiva, e és amoravel.

A ironia, a bôa ironia inimiga da estupidez e da maldade, a ironia que ri sem escarnecer, que corrige sem pedanteria, que dá piparotes no nariz dos medalhões e palmadas na pansa dos charlatas — se não é a riqueza, é o adorno da nossa vida intellectual.

O catonismo enfezado e a vaidade balofa nem lhe tiram o chapéo, acham-na reles e garota; mas a virtude real e o verdadeiro talento não podem desdenhal-a.

Não toma o rapé doutoral das maximas philosophicas; fuma as leves cigarrilhas da critica benevola.

Não enverga a casaca e o chapéo alto das exhibições rhetoricas; usa a quinzena clara e a flôr no peito das palestras amaveis.

Ironia não é o sarcasmo dos maus, nem a mordacidade dos invejosos; é a alegria dos que não querem ver na vida um fardo e um castigo, mas um jardim, onde ha espinhos, mas tambem ha rosas, e que seria excellente se não fossem as dyspepsias e os directorios.

Eu tinha ainda muitas sublimidades que dizer sobre este thema tão sympathico e tão facil de explorar; mas como sinto um palpite de que o leitor, si já não está roncando, pelo menos, cochila, reservo-me para desenvolvel-o mais erudita e compridamente, n'um discurso que pretendo proferir na installação de uma sociedade de lettras que estou organizando, para metter n'um chinello a *Academia*, o *Polymathico*, o *Monde Marche*, a *Tobias Barreto*, a *Juvenil*, etc. Denominar-se-á "Congregação das Sumidades" e terá por orgão um hebdomadario sob o titulo "O Pinaculo".

Hão-de ver que sucesso.

Os sonetos, de qualquer procedencia, só serão publicados na secção "Solicitadas" e a vinte mil réis por linha, inteira ou *quebrada*.

I I

BELLIS, MASCARENHAS & C.

O reverendo Bellis, padre italiano, de sucia com o capitão Garcia Mascarenhas, delegado de policia na Capital da Republica, e outros confrades menos graduados, lembrou-se de aproveitar os ocios que a ambos ficavam de suas respectivas missões de salvar almas e prover a segurança publica, introduzindo na moeda circulante do paiz alguns melhoramentos de sua invenção.

Fantasias de artista.

Mas como o nosso codigo, irreflectidamente, assentou de classificar na categoria dos moedeiros falsos os amadores deste ramo de industria, recompensando-lhes a habilidade com a aposentadoria gratuita e forçada nas casas de detenção, foram aquelles cavalheiros trancafiados e arrecadados os apparelhos e machinismos que serviam aos seos futurosos ensaios numismaticos.

Falemos serio, leitor: este caso dá que pensar ao espirito mais desprecavido e pachorrento.

Agora, sim, acredito que o mundo não chega mesmo ao fim do anno, e que o rabo do comêta, de que fala *mister* Falb, está incumbido pela providencia de varrer do systema solar este immundo planeta, onde a patifaria e a ladroeira penetraram até nos presbyterios e nas delegacias.

Lembram-se de como a colera do Senhor afogou nas chammas vingadoras a devassidão impenitente de Sodoma e Gomorra? Pois aquillo não passou de um simples ensaio, para assentar a mão, um mero aviso ao publico. E, como não quizeram corrigir-se, o resultado é que agora vai tudo a eito, em ambos os hemispherios e de polo a polo.

Em verdade, senhores, este padre Bellis não está conformado. Tem-se visto muito padre da mão furada, sophismando —clandestinamente ou às escancaras— de collaboração com uma ou mais comadres, os salutares preceitos da castidade e da pureza; outros que não desdenham, no seu banho matinal, o preservativo peccaminoso e perfido do cajú com cachaça; outros ainda que entremeiam a leitura do breviario com puchavantes, mais ou menos energicos, nas orelhas de sota *et coetera, et coetera.* Mas d'ahi a assentar officina de falsificar dinheiro vai distancia, e distancia grande, para peor.

Que a tez morena e os olhos requebrados de certas ovelhas proporcionem alguns escorregos menos virtuosos ao senhores curas, comprehende-se; é historia antiga: desde o tempo do pai Adão que a humanidade come maçães.

Que os liquidos capitosos seduzam, alguma vez, severos monges, como descendentes, que são, do velho borracho da arca diluviana, tambem não é muito de extranhar: lá dizia o outro que só quem não bebe é ovo, porque não tem bocca.

Que, finalmente, aos domingos, depois da missa e subsequente mão de vacca, o senhor vigario se deixe tentar por um trinta-e-unzinho de bode, para matar o tempo, é coisa, se não para louvar, desculpavel.

Mas moedeiro falso é demais, padre mestre.

Felizmente, não era brasileiro o tal padreca.

O nosso clero pode ser accusado de somenos illustração e de insufficiente resistencia às suggestões da carne (tambem isto é um clima damnado... só se elles fossem de pau); mas assassinos e ladrões, graças a Deus, nunca deram para isso os nossos patricios tonsurados.

Foi a bella Italia que nos mandou essa bisca do tal padre Bellis.

Mas que culpa tem ella, a encantadora patria de Raphael

e Dante? Na onda immensa dos seus filhos que veem buscar o abrigo do nosso meio opulento e facil para ganhar a vida, que lá se aperta, cada dia mais, trabalhada de innumeros tropeços, podem vir, e effectivamente veem — commerciantes honestos e emeritos gatunos; distinctos engenheiros e mechanicos inhabeis; medicos notaveis e atrevidos charlatães; artistas primorosos e divas avariadas; sacerdotes de altas virtudes... e o padre Bellis.

E o delegado? Que me dizem ao delegado?

Quem é que poderá embaraçar-me os planos, inquiriu de si para si, o reverendo?

A policia.

Pois associemo-nos à policia.

II

CARA DE MUSICO

Moro paredes meias com um club musical — "Recreio harmonioso da bella camaradagem." Avaliem que o mais inoffensivo e menos barulhento dos consocios é o do dombo. O trombone é um verdadeiro facinora; e à implicancia do clarinetista nem o proprio Job resistiria.

Presentemente ensaiam, todas as noites, das sete às dez e meia, com tenacidade implacavel e desesperadora, uma marcha funebre mais desafinada e agoirenta do que um bando de corujas.

Já tenho gasto para mais de sessenta mil reis em antepyrina, para combater as enxaquecas que me produzem os meus philarmonicos visinhos: e estava mesmo resolvido a mudar-me, quando, na quinta-feira ultima, appareceu-me uma commissão de três membros do tal club, portadores de um diploma de socio honorario (antes fosse um diploma de victima imbelle); e assim procediam — explicaram elles — por lhes contar que eu era doido pela musica.

Quem chama aquillo musica nunca viu orchestra de sapos em beira de lagôa.

Que fazer? Acceitei; e tive o descaramento de mostrar-me reconhecido àquella espontanea e captivante prova de apreço, desejando — com indecorosa hypocrisia — que a sociedade ti-

vesse vida longa e afortunada. No intimo, fazia votos para que o diabo os levasse a todos.

Mas, pelo que vejo, devo ter cara de musico; porque, alem do que lhes venho de referir, já aconteceu-me outra ainda mais encalistrante:

Soffro de um pigarro teimoso que, uma vez por outra, obriga-me a procurar nos ares lavados da Serra do Martins, de onde sou filho, o alivio indispensavel à continuação de minha preciosa saúde.

Em 1892 ia eu, com alguns companheiros, de caminho n'uma d'essas viagens, e tive de parar n'uma pequena villa sertaneja. Havia no aspecto dos habitantes, bipedes e quadrupedes (em todas as especies de animaes e mais o jumento, como reza o edital do capitão Anacleto e do major Raymundo), na vegetação, no céo, nas casas um tom de alegria ingenua irresistivel. Inaugurava-se um sino novo na modesta matriz da freguezia, faltando, somente, para ter começo a cerimonia, que chegassem de Mossoró alguns concertistas que, sob a regencia do habil maestrino Praxedes Alvaiade, viriam abrilhantar a festa.

Entrando na rua principal do povoado, dirigimo-nos ao mercado publico, afim de fazer provisão de alguns artigos que já nos iam rareando nas malas dos comestiveis. N'isso, um sujeito vistosamente endomingado n'um rodaque azul-ferrete, com as gambias premidas n'uns canudos de brim branco rijamente gommados, veiu perguntar-me, cortez e pressuroso:

— Os senhores é que são os musicos?

— Não senhor, cavalheiro; não temos a honra de tocar sinão berimbau, apito e gaita.

Mesmo a puita e o tabaque excedeu a raia modestissima das nossas aptidões na arte de Rossini.

E, intrigados com o typo, que nos tomara por musicos ambulantes, prosseguiamos, instantes depois, nossa jornada, quando, pouco adeante, se nos depara o grupo mais caricatamente disparatado que é possivel imaginar. Em quatro rocinantes lazarentos e esqueleticos vinham montados, fazendo prodigios de equilibrio, nada menos de onze individuos, homens e rapazes, ostentando, do chapéo às botinas, a mais insubmissa oppsição

às normas communs da toilette, e sobraçando cada qual o seu apparelho de moer dobrados e mazurkas.

Esses, sim, eram os músicos; por signal que já vinham meio esquentados e um delles, o ophicleide, que parecia ser o jocoso da *troupe,* atirou-nos esta velha chalaça:

— Vão para o Egypto? Lembranças a Pharaó.

Um dos nossos — coração de ouro, mas desconfiado que nem barbatão na bebida — (Ainda hontem passou-me pela porta, muito catita, n'uma bicycleta, systema Columbia. Admirei-lhe a pericia, manifestando-lhe os meus cumprimentos por vel-o tão correcto e treinado no sport da moda. Vae então, o meu amigo, para mostrar-se, tangeu com tal impeto a machina traiçoeira, que foi esborrachar-se contra um poste de lampeão. Tive immensa vontade de rir da cambalhota; mas livrei-me prudentemente de tal asneira. Conheço o meu homem. Era capaz de atirar-me à cara a propria bicycleta)... Um dos nossos, dizia eu, replicou com azedume.

— Não senhor; vamos para a... e expectorou uma expressão que a licenciosidade dos costumes contemporaneos emprega a cada passo, na linguagem falada, em não havendo senhoras presentes, mas que se não pode repetir, sem abuso criminoso, na escriptura jornalistica.

E ia havendo um rolo de todos os diabos, se o mestre Praxedes, que mostrou-se pessôa muito sizuda e acommodada, não explicasse aos outros que aquillo não passava de gracejo, gracejo um tanto ó quanto pezadote, mas sem intensão offensiva.

E lá se foram os musicos para a festa do sino, e nós para a Oiticica Rachada, onde deviamos pernoitar.

Este *artiguete* não presta para nada, sou o primeiro a confessar; está um perfeito chá sem assucar; mas sempre deu para completar as doze tiras do contracto, e é o que importa ao

NEMO.

11-2-99.

NOTA — "A República" de 12 de fevereiro de 1899.

ARTIGUETES

I

PESAMES

Pesames à França republicana. A morte de Felix Faure, fulminado pela apoplexia em seu gabinete de trabalho, é mais do que o lucto por um leal e devotado servidor da patria, é um ponto de interrogação, prenhe de incertezas e de duvidas, nos destinos de uma grande nação.

Como não deveria pezar, solemne e grave, n'alma do illustre presidente a consciencia de suas responsabilidades, na crise melindrosa que atravessa a França, quando a morte o veio surprehender em suas lucubrações de estadista!

O certo é que o golpe que cortou o fio d'aquella existencia preciosa partiu, ao mesmo tempo, as amarras de uma das melhores ancoras em que se firmava, no oceano revolto das paixões politicas, a nau da republica.

Como não devem estar, a esta hora, ofiando o bico adunco e traiçoeiro a revoada de abutres, que ali anda a farejar o ensejo de atirar-se sobre a obra gloriosa de Gambetta.

Como em torno da grande religião da democracia, que a palavra de fogo do immortal tribuno apostolou em sua patria, não irão, neste momento de perplexidade e de angustia, machinar, sempre rampantes e cada vez mais tenazes, as seitazinhas perfidas da legitimidade e do imperialismo!

Mas não; a obra infame da restauração monarchica só teria exito si a terra fecunda onde brotou o roble gigantesco das liberdades humanas,a cuja sombra augusta, ha mais de cem annos, se abrigou a consciencia politica dos povos, estivesse de todo esterilisada e maldicta, si a flor do patriotismo estivesse de todo murcha no coração dos francezes.

Desta, como de outras tremendas provações que têm emba-

raçado a sua missão regeneradora e pacifica, a republica triumphará.

E, pois, enviando à França as expressões de nossas condolencias pela grande perda que soffreu com a morte do seu digno presidente, ampara-nos a crença de que ella dará por substituto a Felix Faure um patriota egualmente sincero e respeitavel.

I

IDIOSYNCRASIAS

No sentido estrictamente scientifico e no ponto de vista medico — idiosyncrasia ou idiocrase quer dizer uma disposição individual da economia, uma maneira especial, insolita de perceber certos sensações internas ou externas.

Mas o vocabulo tem soffrido uma consideravel ampliação em seu verdadeiro significado; e hoje, na linguagem vulgar, idiosyncrasia exprime, tanto no mundo physiologico, como no terreno da intelligencia e da moral, todas as pecualiaridades, todas as esquisitices, todos os desparates funccionares que não façam directamente jus ao hospital ou ao hospicio.

Quem é que não possue as suas idiosyncrasias mais ou menos accentuadas? Si fossemos a enumerar factos e citar exemplos não acabariamos mais nunca!

E' uma senhora que cai em syncope, sempre que aspira o perfume de uma rosa; um sujeito que tem vomitos à simples vista de um caranguejo; Napoleão Bonaparte com os seus quarenta batimentos cardiacos por minuto, quando o coração do homem, em estado normal, deve pulsar setenta e duas vezes n'aquelle lapso de tempo; o mesmo Bonaparte em que a musica — que, como é sabido, deleita e encanta os proprios irracionaes — produzia apenas o effeito de um barulho como outro qualquer; certo medico notavel que tinha convulsões só de ouvir falar em ratos; um velho magistrado que, pisando casualmente um embuá, ao sentir estalarem, esmagados pelo peso do seu corpo, os anneis do animalejo, soffria dôres crueis na região do figado, etc, etc.

Ha poucos dias presenciei uma respeitavel mãe de familia

de minha amizade correr espavorida ao avistar uma barata, como si fugisse ás chammas devoradoras de um incendio.

Tenho um parente que, encontrando um sapo em seu caminho, procura um atalho qualquer para furtar-se ao aspecto nojoso do bicho. De uma vez — ia commigo — penetrou no matto fechado e carrasquento para não passar por uma larga estrada, onde um bello cururú aquecia-se, voluptuosamente, ao sol. Explicava elle que era bastante fixar os olhos no mais insignificante caçote para ter a impressão de que um milhão de batrachios, horripilantes, viscosos, trepavam-lhe pelas pernas, entravam-lhe pela bocca, fervilhavam-lhe na barba: um supplicio inedito, inenarravel.

Conheço um cavalheiro aqui residente que confessou-me, desgostoso e envergonhado, o seguinte: não pode olhar para um digno advogado do nosso fôro sem chorar. Diz que é uma coisa irresistivel; que, é vêr o homem, dá-lhe um aperto no coração, como se assistisse aos funeraes de um ente querido, ou se lhe deparasse comparando mal — a propria Magdalena, na sua grande desolação de apaixonada hysterica, desfeitas as linhas graciosas da lendaria formosura e abandonada ao mais triste desalinho a cabelleira fulva, pranteando ,aos pés da cruz, a agonia do bello Nazareno.

A minha birra pessoal é com a lagartixa. Quando vejo alguma, parada sobre um monte de pedras, sacudindo a cabeça, na sua ridicula mania cumprimenteira, a cada movimento do inoffensivo reptil corresponde uma careta em que se me contraem todos os musculos da cara. Si eu visse uma pessôa pegar n'uma lagartixa não lhe apertaria mais a mão emquanto me lembrasse do facto.

Mas tudo isso é nada. Não ha como o caso do frade:

Conspicuos tratadistas, que se têm dedicado ao estudo da physiologia dos sentidos, quando se occupam do interessante capitulo do olphato — depois de salientarem a maravilhosa acuidade olphativa das raças inferiores, indios e negros, que farejam como cães a pista de sua caça ou de seu inimigo — citam o facto estupendo de um frade de Praga, o qual frade, ao passar à distancia de alguns passos, por uma mulher, poderia affirmar pelo cheiro, si tratava-se de uma virgem ou de uma... ex-virgem.

Que experiencia de sacerdote!...

Certo dia, n'uma communidade religiosa que abrigava para mais de quatrocentas servas do Senhor, correu fama de qual alguma daquellas innocentes noivas de Christo tinham atirado às ortigas o respectivo veo e o resto.

Urgia tirar a limpo o escandalo, e as auctoridades superiores da ordem não queriam recorrer aos medicos legistas.

Formou-se o pessoal no claustro do convento, e chamou-se o frade.

Envolto em humilde estamenha, descalço, olhos no chão, mãos cruzadas no peito, em attitude seraphica, s. revdm. foi postar-se com a madre abbadessa junto a uma porta por onde deveriam desfilar as monjas. Apenas se lhe notava um certo afflar nervoso nas preciosas e inquisitoriaes bitaculas.

Foi passando o cortejo e — segundo reza a tradição — sempre que apparecia alguma freira para quem a accusação de ter peccado não era propriamente uma calumnia, elle voltava-se para a abadessa e informava, com accento brando, mas convicto: — esta não está conforme.

E não enganou-se um só vez.

III

BODICIDIO

Machado de Assis, o nosso primoroso estylista e *conteur,* em um de seus livros — não me recordo nem tenho meios de verificar no momento em qual delles (constando a minha bibliotheca apenas do Manual Encyclopedico e de algumas brochuras de propaganda evangelista que me ofereceu o meu amigo dr. Diogenes, quasi que só leio livros emprestados, que, entretanto costumo restituir aos respectivos donos, o que constitue virtude digna de louvor e não vulgar) — Machado de Assis, dizia eu, apresenta-nos um typo singular, um tal Fortunato, em que o espectaculo da dor alheia produzia a mais deliciosa sensação de prazer, o supremo requinte do goso.

Um pobre diabo, que era apanhado pelas rodas de um vehiculo e cahiu com as pernas fracturadas e com a cabeça em ca-

carecos; um tysico a debater-se nas ancias da orthopnéa eram para elle motivo de intimo gaudio.

Costumava divertir-se assim:

Apanhava um rato, prendia-o pela cauda, suspenso n'um cordel, sobre um prato onde ardia um pouco de espirito do vinho e onde o descia de quando em vez rapidamente para martyrisal-o demorando a morte, afim de prolongar a sua satisfação.

Ao mesmo tempo, armado de uma tesoura, ia cortando uma a uma as orelhas e as patas da victima, tudo calma e pachorrentamente.

O caso que hontem ouvi narrar é um simile perfeito da phantasia cruel de Fortunato.

Um negociante de carnes verdes costumava matar para consumo publico cabritos e bodes, que, logo depois de esquartejados e amputados os respectivos pés, eram promovidos a carneiros. Segundo o meu informante, esses desgraçados caprinos eram pendurados vivos e, sem a pancada e a sangria previas, eram logo esfolados, n'uma esperneação e n'um berreiro horrorosos.

Facilitaria a operação, abreviaria o trabalho esse barbaro processo? Não, certamente. E, assim sendo, o motivo determinante desse original systema de carneação das rezes só poderia ser analogo à mania feroz que ensombrava o sentimento de piedade n'alma de Fortunato.

Que diabo de esphinge que é o homem! ainda o mais boçal, o mais rude, o menos complicado tem mysterios que a sciencia ha de roer como um osso até à proxima vinda do cometa, sem entendel-os e sem decifral-os.

Nas creanças, essa tendencia perversa para martyrisar os pequenos animaes é de todos conhecida. D. Miguel, de Portugal, aos 9 annos, armava-se de um sacca-rolhas e punha-se a estripar gallinhas, puxando-lhes os intestinos pela mesma porta por onde saem os ovos.

Este phenomeno é um caso de atavismo. Não é raro que o louro e rosado infante que acariciamos, como um cherubim, cahido do céo por descuido, tenha os instinctos ferozes do gorilla, seu tataravô.

Só a educação apaga ou adormece essas tendencias, más e brutas; só a disciplina social acepilha e aplaina essas asperezas de nossa indole. Mas a persistencia desses instinctos no adulto é coisa mais grave e mais assustadora: começa-se por esfolar bodes e pode-se acabar por esfolar o proximo.

19-2-99.

NEMO.

NOTA — "A Republica" de 19 de fevereiro de 1899.

ARTIGUETES

I

O ARROMBADO

Ignoro si v. v. s. s. conhecem o *Arrombado*. Assim se denomina uma vasta e profunda depressão existente no aterro da *Corôa* (Muito esbodegada e em ruina a tal *corôa*. Bem se vê que a monarchia não tem mais adeptos; já ninguem pensa em restaurar a *corôa*). Pois devo declarar-lhes, sob a minha palavra de tenente da guarda nacional e socio honorario da sociedade recreativa — "Mocidade e Folgança", — da villa de Pau dos Ferros, que prefiro uma dôr de dentes em jantar de cerimonia, uma sogra rabugenta, um vizinho que me peça chapéo de sol emprestado em tempo de inverno, uma viagem de canôa, d'aqui para a Macahyba, em noite de mosquitos, uma subscripção para a passagem de emigrante que vae para o Pará, deixando a familia nas costas do proximo, os annucios do Mil-Homens, a influencia politica do dr. Jeronymo, as faiscas das machinas da Estrada de Ferro, as quadrinhas do Lulú Capêta e outras calamidades... ao supremo infortunio de ser forçado a atravessar o celebre *Arrombado* em *maré de lançamento*.

Falo de propria experiencia: Eu vinha de S. Gonçalo, vulgo Paraguay (Adeante se falará desse belo *paiz*). Ao chegar ao perigoso e perfido buraco, diz-me o meu companheiro de viagem: Não tenha mêdo, tenente, afrouxe a redea ao burro, que não ha perigo.

Afrouxei, incauto e confiante; antes não afrouxasse. Quando dei por mim, catrapuz! estavamos de mergulho, com as ventas entupidas de agua salgada, eu e mais o burro. Entretanto, sentia-me jovialmente humorado, depois de uma jornada de três leguas, por uma tarde amena, sob a abobada refrigerante de um vasto capoeirão, em cuja espessura divisavam-se, a mover-se

como sombras, dezenas de mulheres e creanças apanhando guabirabas; tinha quasi ultimada a digestão de um bello almoço, onde o cavalheirismo do meu amphytrião se esmerara em requintes de hospitalidade — um verdadeiro banquete, em que a abundancia e variedade das viandas corriam parelhas com a excellencia appetitosa dos adubos; tinha subido — por uma escada capaz de produzir hesitações e receios aos proprios gatos — à torre da pittoresca e risonha egrejinha, onde se venera o milagroso S. Gonçalo, casamenteiro e paternal; d'alli, depois de respirar a largos haustos a atmosphera oxigenada e confortante que faz a merecida fama do modesto logarejo, justamente reputado o paraiso dos tisicos, descortinara o soberbo panorama do valle adjacente — um lençol de verdura, por onde se espreguiça, qual monstruosa serpente de escamas pardacentas, levando no dorso os destroços da enxurrada, o magestoso Potengy; tinha percorrido, em todas as suas dependencias, a formosa capella, hoje apeiada dos seus foros de matriz, mas sempre a mesma, pompeando no meio do pequeno quadro, que forma o povoado — tranquilla, na paz serena e forte das coisas ao mesmo tempo solemnes e risonhas, monumentais e faceiras, venerandas e atrahentes.

O povo continua a zelar, com a mesma piedosa reverencia e irreprehensivel asseio, o templozinho aldeião. Logo à entrada se me deparou o tumulo do famoso vigario José Paulo, que os fiéis — contra a lei civil que prohibia a inhumação nas egrejas, e sob a ameaça de um levantamento popular, — não consentiram que fosse enterrado no cemiterio. E o presbyterio? — que poetica residencia para um verdadeiro sacerdote, que alli quizesse reinar com o sceptro da caridade e da fé sobre aquelle rebanho de onze mil devotos, que, ainda hoje, tão firmes e sinceros se conservam nas suas velhas crenças, que a celebração da festa de S. Gonçalo é para elles uma questão de honra: vendem-se as criações, empenham-se as lavouras, mas a festa ha de fazer-se, e fazer-se com esplendor e brilho. E no fundo das consciencias, como um fogo sagrado, constante, inextinguivel, a crença inabalavel na restauração da freguezia — ingenuo, sublime e adoravel *sebastianismo*. Lá está tudo como d'antes: Em frente ao adro, vastissima quadra protegida por longas filas

de elevadas pilastras de cantaria, encimadas por pequenas piramydes em caracol, à feição dos saborosos *suspiros*, feitos de assucar refinado e clara d'ovo, estende-se a raia das cavalhadas. Nada, porem, como o sino.

Pode haver sinos colossaes, cujos badalos, só de os ver, mesmo em repouso, faz lembrar os tragicos apuros do juizo final; pode haver sinos sabios, que toquem hymnos e mazurkas; mas não ha deste mundo repique mais festivo e ridente, mais alviçareiro e crystalino do que o do sino de S. Gonçalo, que, no dia solemne em que foi inaugurado, teve por padrinho o meu excellente amigo, coronel João Pinheiro.

Quem o não conhece? — e conhecel-o é estimal-o — aquelle vigoroso camponio de tez requeimada nas intemperies do labor agricola, de traços ao mesmo tempo energicos e bondosos, com os seus hombros robustos, o seu pulso de aço, os seus modos lentos, os seus gestos decançados de leão farto, e o seu pequeno bigode negro — que atravessa o municipio, desde Aldeia Velha ao Potengy pequeno, a ouvir sempre, no meio das aldeias, ao longo dos caminhos, essas vozes amigas, que partem de quasi todas as choupanas: "bons dias, meu compadre"; "a bençam, meu padrinho"! Quem o não conhece! Pois que edade julgam os senhores que tem o João Pinheiro?

— 40 annos;
— Suba;
— 45;
— P'ra riba;
— 50;
— Atrepe;
— 60, com os diabos!
— Vá lá, para encurtar razões, mas não deixa de haver ainda uma certa benevolencia chronologica.

Como ia dizendo, o orgulho, a vaidade, a menina dos olhos da população é aquelle sino amoravel e cantante.

Não assim com o S. Benedicto. Tive o desgosto de vêl-o, retinto e desolado, sobre uma velha commoda de sachristia, com o ventre lascado e a carapinha cinzenta de fuligem. Sem um nicho, sem um cirio, sem uma flor, sem uma toalha de crivo,

o pobre negro parece que, ainda hoje, espera da piedade dos são-gonçalenses o seu 13 de Maio.

Mas eu não lhes vim falar de S. Gonçalo e sim do *Arrombado*. Referi o meu desastre; e affirmo que a actual *passagem* não presta, nem prestará nunca, por que não temos dinheiro que baste a refazer-lhe os estragos. Ao passo que, poucas braças acima, poder-se-ia, sem grande despendio, construir um ponto excellente, livre de marés e já, n'uma grande extensão, dotado de um aterro, sem falar na vantagem de encurtar, de quasi metade, o caminho que vae da outra banda à Aldeia Velha. Si, depois disso, os meus numerosos amigos e admiradores ainda me fizerem a injustiça de declamar contra o meu desamor às coisas pátrias, é que são, realmente, difficeis de contentar.

II

JOÃO CARLOS WANDERLEY

Nenhuma homenagem mais sincera e duradoura se poderá prestar à memoria desse homem laborioso e intelligente — que, ao nascer, encontrou ainda balbuciante o seculo XIX e por pouco assistiria ao seu termino agitado e luminoso — do que fazer conhecidos os seus trabalhos de gabinete, que constituem documento de inestimavel valia para a historia social e politica do Rio Grande do Norte.

Espirito lucidamente systematisador, de uma actividade infatigavel e de uma paciencia de benedictino, as suas notas, as suas observações e os seus commentarios sobre os homens e as coisas de nossa terra teem o merito de divulgar, com a segurança de uma testemunha presencial, todos os lances mais ou menos movimentados da nossa existencia collectiva. Mas nem só os factos em que fôra parte, como personagem de acção ou mero espectador, mereceram a attenção investigadora do velho bibliographo, em cujos papeis velhos a curiosidade mais distrahida e negligente encontraria leitura seductora e attractiva.

Pois bem, à obsequiosidade e gentileza de um dos seus dignos herdeiros, devo hoje a satisfação de poder deliciar-me e aos

leitores da "Republica" com a transcripção de alguns exserptos dos cadernos de lembranças do illustre morto; e affago a esperança de, em breve, dar à publicidade, condensadas em volume, as suas memorias completas, abundante e precioso repositorio, que seria crime deixar esquecido e desaproveitado.

Como disse, João Carlos não se limitava a archivar os factos que lhe foram contemporaneos. Acalentando talvez a nobre idéa de escrever a historia de sua provincia natal, elle coordenava antigas chronicas e colhia dados minuciosos, referentes à genese e ao desenvolvimento da nossa communhão social, desde os primitivos tempos coloniaes.

Acompanhando *pari-passu* o auctor das memorias, começarei pelos factos anteriores à independencia, embora resolvido a passar *à vol d'oiseau* sobre esse período, para internar-me mais detidamente nos acontecimentos que se seguiram à nossa emancipação politica, sem duvida mais palpitante de interesse, pela lembrança ainda viva de muitos personagens que nelles figuraram.

O primeiro dos referidos cadernos, que não ha ainda meia hora se acham em meu poder, tem este prefacio:

"Ligeiros apontamentos referentes à provincia do Rio Grande do Norte, colhidos no archivo da secretaria do governo, durante o meu exercicio no logar de secretario do mesmo governo, cargo que desempenhei, desde 13 de Abril de 1836 até 29 do mesmo mez de 1848.

Acredito serem deficientes os dados que encontrei, mas, em todo caso, podem elles prestar algum subsidio sobre a historia do Rio grande do Norte; e disto convencido foi que me dei a tão paciente trabalho. J. C. Wanderley".

Depois de noticiar a fundação do forte da barra e da cidade, hoje mui vaidosa dos seus dois bairros de *canguleiros* e *charias,* promovida a capital de Estado autonomo, desenrola, com um recheio erudito de cartas regias, datas de juramento e cerimonias de posse, a serie completa dos nossos primeiros governadores, perlustrando, a traços largos, os mais salientes successos de cada periodo administrativo.

De entre esses governadores, destaca João Carlos o cons-

picuo Joaquim Felix de Lima, nomeado governador por carta regia de 29 de Março de 1760, tomando posse a 14 de Junho do mesmo anno, na egreja matriz da cidade de Natal, perante a camara de N. Senhora, titulo que de longa data possuia a municipalidade da mesma cidade.

"De conformidade com as ordens reservadas que havia recebido do rei, prendeu o seu antecessor, João Coitinho de Bragança, quatro dias depois de empossado no governo, mandou-o recolher à fortaleza dos Reis Magos, com sentinella à vista, ordenando na mesma occasião o sequestro de todos os seus bens, com exclusão somente dos trastes e roupas de seu uzo, e a 4 de Novembro remetteu-o para Pernambuco, acompanhado por 1 alferes, 1 cabo e quatro soldados".

Parece que esse bragança, passivel de tão severa punição, deve ter governado os potyguares com bastante tyrannia e não menos ladroeira; e assim penso, por conhecer uma carta regia em que d. Maria I fala com despejada acrimonia de muitos governadores, que vendiam os empregos e desencaminhavam do real erario para as respectivas algibeiras o producto dos impostos em que eram tributados os povos confiados à sua guarda.

"No dia 1.º de Julho de 1761 seguiu o governador Joaquim Felix de Lima para a aldeia de Mipibú a tomar conhecimento de um conflicto, que alli se dera entre o padre missionario, capuchinho frei Annibal de Genova e o syndico Leandro de Souza, dando causa a este conflicto não ter o syndico querido receber na aldeia a duas raparigas indigenas, que, segundo affirmava o mesmo syndico, haviam sido violadas pelo frade, não se achando, portanto, no estado de virgindade em que da aldeia tinha sahido.

"Averiguado o facto, foi o syndico demittido e remettido para Pernambuco; mas alli conseguiu justificar-se, sendo solto e voltando a occupar o logar de que havia sido exonerado".

Presumo, com visos de verosimilhança, que o facto se passara mais ou menos assim: As duas caboclas tinham pedido ao syndico para irem apanhar mangabas e não levavam, coitadinhas, nenhuma intenção peccaminosa. A certa distancia da aldeia encontraram o padre capuchinho, que lia o breviário à sombra de uma gameleira. Logar ermo, temperatura escaldante,

a innocencia das donzellas, que não iriam denunciar a propria deshonra, etc, etc, d'ahi o impute.

"Mezes depois teve o governador de dirigir-se novamente à aldeia de Mipibú, com o fim de conter e apaziguar os indios que se achavam descontentes e, em parte, abandonavam a aldeia, seguindo os perfidos conselhos de um frade carmelita e de um padre de nome Manuel da Cunha.

"Em carta que se lê à folha 159 do livro destinado ao registro da correspondencia, remetteu o general de Pernambuco copia do acto do ministro do reino de Portugal, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, communicando a resolução que sua alteza real havia tomado de fornecer capitaes aos senhores de engenho, mediante o premio de 3% ao anno, realizando-se o emprestimo na proporção da terça parte do trabalho de cada um. "Por carta do mesmo general de 20 de Outubro de 1760, foi communicado ao capitão-mór Joaquim Felix que sua alteza real, por alvará de 8 de Maio de 1758 e carta regia de 16 de Setembro do mesmo anno, resolvera elevar à categoria de villa as aldeias da capitania.

As aldeias então existentes eram as seguintes: Estremoz, Mipibú, Arez, Gramació, Açú e Apody, fundada na serra do Regente. "Effectuou-se a instalação das villas em 1761 pelo corregedor Miguel de Pina Caldeira Castello Branco, que deu às villas as mesmas denominações das aldeias, menos Gramació e Apody que se ficaram chamando Villa Flor e Port'Alegre. "Por carta de 15 de Setembro de 1763, o capitão Joaquim Felix communicou ao governador de Pernambuco haverem dado na costa da capitania 63 extrangeiros, que nessa mesma occasião seguiram para o Recife, escoltados por uma força commandada pelo alferes José Barbosa de Gouveia, a quem foram entregues as fazendas e todo o metal que foram encontrados em poder dos mesmos extrangeiros". Por carta de 5 de Dezembro explicou o general de Pernambuco que taes extrangeiros eram hollandezes, francezes e inglezes que viajavam no navio *Neumer*, pertencente à companhia oriental da Hollanda, que tinham assassinado o capitão e mais officiaes de bordo, afim de apoderarem-se do importante cabedal de que elles eram portadores.

"Em 1768 publicou o governador, na villa do Açú, onde se achava passando revista às milicias, o bando de el-rei d.

José, extinguindo as confrarias e associações religiosas da companhia de Jesus.

"Em 14 de Dezembro do mesmo anno, recebeu-se em Natal a primeira botica enviada para a capitania e que custou à fazenda real 157$120 reis".

Na relação dos medicamentos vinham 15 arrateis de macella e 12 pilulas de familia.

Nem todos os leitores conhecem o que eram as taes pilulas, denominadas de familia porque cada uma dellas destinava-se a purgar uma serie de gerações, desde os tataravós aos respectivos tataranetos. Era uma verdadeira bala de antimonio, acommodada dentro de uma caixinha e envolta em pó de serra. Em havendo necessidade de purga, o paciente engolia a bala, que descia por alli fóra, tripas abaixo, levando tudo na frente até... o fim. Produzido o effeito, a dona da casa mandava apanhar a pilula, fazia-a lavar em três ou mais aguas, conforme os escrupulos de asseio mais ou menos rigorosos da familia, e tornava a guardal-a na caixinha. Na primeira opportunidade, outro doente, que precisasse de desobstruir-se, engolia a mesmissima bala, etc, etc, e assim até à terceira geração.

Basta por hoje. Domingo irão outros casos mais recentes e mais curiosos.

III

O terceiro *artiguete* sob a epigraphe — confronto orçamentario — sete tiras escriptas em lettra revolucionaria, com varias ponderações financeiras e outros tantos cochilos ortographicos — foi-me devolvido com a seguinte nota: Não pode sahir; a redacção lembra ao articulista que *A Republica* não é do formato do "Jornal do Commercio", e que não é do programa da casa moer a paciencia dos assignantes com estopadas que não instruem nem deleitam.

11-3-99.

NEMO.

NOTA — "A Republica" de 12 de março de 1899.

BRINDANDO O SENADOR JOSÉ BERNARDO

Meu amigos:

Nem por ser intimo e despretencioso, deixa de ter condigna significação a solemnidade que baste aos meos intuitos o convivio em que ora nos achamos.

Convocando-vos a este modestissimo repasto, não tive somente em vista proporcionar-me e a cada um de vós alguns instantes de jovial camaradagem. Não: eu vos queria — distinctos e selectos que sois por tantos titulos — para testemunhas de uma verdadeira cerimonia civica de um rito affectivo. E estes consistem em genuflectirmo", eu e o meu velho amigo José Bernardo, ante o altar onde, ao mesmo tempo, se communga a solidariedade politica e a estima pessoal, sem receio de que em nossas consciencias se possa ler outra oração que não seja a que nos sae dos labios, em honra da republica, em louvor da amizade. *(Muito bem).*

Nesta hora, em que, sob o mesmo tecto que abriga minha familia, eu tenho a satisfação de receber o antigo companheiro de luctas e victorias, justo seria que procurassemos repousar o espirito, já agora desanuviado de reciprocas inquietações e duvidas.

Nada, porem, nos impede, nem o pundonor mais melindroso, nem a altivez mais intrasigente — de volvermos os olhos para a estrada que por tão longos e trabalhados annos, juntos, percorremos. (*Apoiados*). E' certo que n'um trecho da jornada, as vicissitudes da vida partidaria bifurcaram o caminho e os nossos rumos divergiram. Mas — por mim o affirmo e creio bem que no coração de José Bernardo a impressão será identica — si o desgosto da temporaria separação foi cruel e amargo, o intimo jubilo com que novamente nos demos as mãos, para proseguir em nossa tarefa de leais servidores do Rio Grande do Norte,

constitue o melhor penhor e o mais solido cimento da nossa união presente e futura. *(Apoiados)*

Ha muito que eu desejava celebrar este acontecimento, como um dos accidentes da minha vida politica que mais intensamente agitaram-me o espirito, dando-lhe mais rija tempera para as resistencias, quando estas se fazem mister, e mais reflectida calma para a tolerancia, que sempre foi o pendor natural do meu temperamento e que, por convicção e por principios, jamais deixarei de cultivar. *(Muito bem)*

A visita do honrado senador a esta capital offereceu-me o almejado ensejo; e, aproveitando-o, relembrarei uma particularidade que entre nós se tem verificado: Para o restabelecimento da paz e da alegria em nossa convivencia, quer intima, quer publica, jamais trocámos o que se costuma chamar explicações. E o meu nobre amigo pode dar-vos testemunho de que todas as vezes que, em sua espontanea franqueza e generosa lealdade, se julgou obrigado a historiar-me as circumstancias — aliás fortuitas e involuntarias — que precederam e motivaram o seu afastamento, eu recusei, por inutil e antiphatico, enveredar nesse terreno cheio de urzes e ravinas. E ainda bem. De que nos serveria exhumar e reviver o que, de propria e decidida vontade, haviamos sepultado e esquecido? Bastaram o esmeril do tempo e a eloquencia dos factos para restituir-nos às nossas antigas e affectuosas relações. *(Muito bem)*

E assim foi; por que esse retorno à cordialidade, por ambos tão sincera e ardentemente desejado, fez-se sem espectaculosas enscenações e sem açodamento. Foi como o fluxo natural de uma maré, ao mesmo tempo tranquilla e assoberbante, que fosse enchendo, subindo e alastrando, até submergir e apagar todos os disentimentos, todos os *malentendus* e todos os equivocos. Por forma que o que hoje existe é a preamar da absoluta confiança, rolando serena na praia branca e lisa da mais perfeita disciplina, sob o puro azul e o claro sol do amor da patria. *(Applausos)*

Por tudo isto, que é sincero e verdadeiro, eu brindo a José Bernardo e conto que me acompanhareis nesta saudação, que é

tambem um merecido preito e uma justa homenagem. *(Muito bem. Palmas)*

NOTA — Pedro Velho ofereceu um banquete ao senador José Bernardo de Medeiros a 21 de janero de 1901. Sua saudação proclamava um entendimento real que a eleição de 31 de dezembro de 1900 (reeleição de José Bernardo para o Senado) consagrára e se manteria ininterrupta. Fôra o politico seridoense aliado e adversario do chefe republicano.

José Bernardo (1837-1907) seis vezes deputado provincial, presidente da Assembléia em 1883 e 1885, chefe do Partido Liberal, derrotára no segundo distrito Amaro Carneiro Bezerra Cavalcanti, "propritário do Partido Liberal" no Rio Grande do Norte na última eleição monarquica, 31 de agosto de 1889. Aderira à Republica ("Manifesto" de 3 de dezembro de 1889), aliando-se a Pedro Velho contra Amaro Bezerra que ainda organizara amigos. Eleito Senador por nove anos a 15 de setembro de 1890 (Pedro Velho deputado) votou contra Deodoro na eleição presidencial de 25 de fevereiro de 1891. Toda a bancada ficára fiel ao Generalissimo. Sofreram ambos a "reação Lucena". Pedro Velho, Governador (28-2-1892 a 25-3-1896), dera vaga na Camara e o indicado fôra o seu irmão Augusto Maranhão (Augusto Severo). Janunció da Nobrega candidatou-se, arrastando a solidariedade de sua região onde era admiradissimo. José Bernardo publicou o seu "manifesto politico" a 24 de abril de 1892, rompendo com Pedro Velho. Em dezembro aliou-se à oposição, Oliveira Galvão, Amaro Cavalcanti, Miguel Joaquim de Almeida Castro e Antônio de Amorim Garcia, singular grupo de anti-florianistas e simpatizantes, como o proprio José Bernardo que se aproximou de Floriano Peixoto em 1894, deixando a coligação e permitindo que amigos seus fundassem o jornal "O Estado", outubro de 1894, contra Pedro Velho e florianista. José Bernardo e Pedro Velho votaram em Prudente de Moraes para Presidente da Republica. Assumindo este, lentamente os dois grandes chefes se foram enlaçando insensivelmente. Pedro Velho, (eleito seu sucessor no governo local, o des. Fereira Chaves) ficára com o Partido Republicano Federal (chefiado por Francisco Glicério) quando do rompimento com Prudente de Moraes. José Bernardo portou-se com inexcedivel correção, defendendo o amigo reconciliado dos ataques feitos no Senado e na Camara, cimentando amisade. Dono da maquina eleitoral Pedro Velho reconduzira ao Senado José Bernardo que, possuindo o colegio eleitoral do Seridó, não venceria, sozinho, o pleito. O banquete de 21 de janeiro de 1901 trazia a primeira palavra oficial e pública de Pedro Velho em louvor de José Bernardo em tudo digno dela. Daí a importan-

cia, na época, da saudação. "O senador José Bernardo, emocionado e comovido, quase que não achou frases com que exprimir o agradecimento que devia a tão honrosa manifestação e dizendo com o coração aquilo que não poderia exprimir por meio da palavra, delegou ao dr. Augusto Lyra a honrosa incumbencia de saudar o seu chefe e amigo, senador Pedro Velho".

"A Republica" de 23 de janeiro de 1901.

BEIJANDO AS ALGEMAS

Meus senhores

Dilatados que sejam os dias que me restem para o amor da familia e o serviço da patria, curtos serão elles para a immensa gratidão que me avassala, neste momento em que o meu fraco merito em tão notavel desproporção se confessa ante a vossa magnanimidade inesquecivel.

A triplice cadeia com que me acabaes de agrilhoar — em nome do partido sob cuja bandeira militamos e por cuja orientação sou um dos responsaveis, em nome de uma associação beneficente, que tanta honra faz à sinceridade dos vossos sentimentos democraticos, e em nome da imprensa, onde fiz as minhas primeiras armas para a vida publica — essa triplice cadeia, quebral-a não seria um livramento, seria uma ingratidão e um suicidio, porque uma tal escravidão afaga e não molesta, enaltece e não deprime. *(Muito bem.)*

Meus amigos, si beijar as proprias algemas foi alguma vez o dever do prisioneiro, esta é a situação que aqui se me depara, irredimivel captivo da vossa bondade; e eu devo confessar que, por mais arduos e complexos que sejam os encargos e os compromissos que me impõe a minha posição, ou os sinto aligeirados e faceis, sempre que os meus concidadãos me confortam a incapacidade pelo seu bem-querer e me amparam a desvalia pelo prestigio. *(Muito bem.)*

Senhores:

Nada conheço mais accidentado e instavel do que o periodo de reconstrucção politica de um povo. *(Apoiados.)* Então, a sociedade é como um mar revolto e perfido, iriçado de abrolhos e prenhe de tempestades. Pois bem, nós temos feito sem ava-

rias e sobretudo com honra essa difficilima jornada. Vimos sossobrarem naos altaneiras, que pareciam arrostar com invulneravel soberba e ufania os ventos desencadeiados das paixões politicas, emquanto o nosso fragil barquinho, em meio dellas, velejava incolome, sempre no mesmo rumo e com os mesmos timoneiros. Porque? Excepcional pericia destes? Não; é que a tripulação era disciplinada e valorosa. *(Apoiados.)*

D'ahi tem resultado que, toda vez que a opinião nacional faz o inventario da firmeza e correção republicanas das vinte e uma unidades territoriaes que compõem a federação brasileira, tem para o R. G. do Norte uma menção especial e honrosissima.

Pode este pensamento, porventura, ser taxado de bairrismo.

Não me pesa um tal juizo. Eu mesmo me confesso, voluntariamente, bairrista. Não desse bairrismo improgressivo e emperrado, que se immobilisa e se enkista em preconceitos locaes, nem sempre dignos de louvor e imitação; não desse bairrismo petulante e vaidoso a quem tudo que está fora das fronteiras se afigura inferior e suspeito; mas desse robusto e nobre sentimento que nos impelle a bem servir e amar o nosso torrão natal, desenvolvendo-lhe a força e provendo-lhe a felicidade, como bons filhos que devem respeito e protecção é mãe idolatrada; desse bairrismo que nos ensina a requintar de devotamento à nossa terra, por isso mesmo que ella é pequena e pobre, e que, no intimo do coração, sem alardes fanfarrões e sem espalhafatosos rompantes, nos segreda este bello e sublime ensinamento: é o teu berço, deves prezal-o tal como elle é, e não o troques por nenhum outro, por opulento e vastissimo que seja. *(Applausos.)*

Esse é o bairrismo que eu não só compreendo e tolero, mas não cessarei de aconselhar. Não possuil-o é ser privado de uma das mais bellas e fragrantes flores d'alma, e perdel-o é tão desairoso e humilhante que, para as victimas dessa monstruosidade moral a opinião não tem odios, tem despreso. *(Muito bem.)*

Um tal bairrismo é a melhor ancora e o mais seguro lastro com que podemos aventurar-nos na travessia tormentosa e asperrima da vida publica. *(Apoiados.)*

Sejamos, pois, um pouco bairristas. O cosmopolitismo, brilhante na apparencia, é, no fundo, uma fraqueza. *(Muito bem.)*

Senhores:

Bem sei que é tido como attestado de valor e prova de coragem o saber expatriar-se, quando as crises sociaes ou climatericas embaraçam ou perturbam o nosso bem estar.

De mim confesso que mais me seduz e commove a resistencia dos que ficam. *(Apoiados.)*

Uns tem mais arrojo, outros mais fé. A uns compelle-os o acicate da necessidade ou o estimulo do lucro; aos outros, prende-os a religião do lar e pertinacia na lucta. A dispersão aventurosa dos primeiros pode proporcionar-lhes o conforto material, mesmo a riqueza; a teimosia heroica dos segundos lhes avigora e retempera a consciencia. *(Muito bem.)*

Sou pelos ultimos e com elles ficarei. Nenhuma seducção, nenhuma fortuna conseguiria desarraigar-me, sem dôr e sem remorso, do solo querido da minha bôa terra. Si o fizesse, reputar-me-ia a mim proprio, além de um filho desnaturado, um irmão ingrato; porque o pouco que tenho feito pelo Rio Grande do Norte — um mero dever — vejo-o sobejamente premiado pela vossa estima, que é um favor. *(Applausos.)*

E é desse ponto de vista, que a alguem poderia parecer estreite e inhabil, mas que a mim se me afigura patriotico, e, antes de tudo, sincero, que vos agradeço, meus dignos correligionarios, as expressões de animação e conforto que me vindes trazer, pelo orgão de um homem cujo merito e lealdade, si os submettessemos à prova plebiscitaria de todos os rio grandenses dignos de tal nome, não teria talvez um suffragio discrepante na consagração dos seus merecimentos. *(Muito bem. Apoiados).*

* * *

Senhores:

Cumpre-me dizer agora duas palavras especialmente dirigidas àquelles que aqui se acham em nome da instituição do monte pio e que, não contentes de haverem eleito para seu interprete um dos mais equilibrados talentos e um dos mais ilibados caracteres que honram a nossa sociedade, *(Apoiados.)* quizeram dar maior realce e brilho a esta festa, associando-lhe a innocencia das creanças e a pureza das virgens. *(Bravos.)*

Como é boa a vida, quando a luz da confiança e da amizade espanca do nosso coração as sombras do pessimismo e da descrença! *(Muito bem.)*

Meu amigos, eu bem percebo — e esta que ora me emociona é daquellas impressões que as almas, em cujo fôro intimo o senso moral se não obliterou, não esquecem jamais — eu bem percebo que algo de intencionalmente pessoal existe nesta generosa manifestação com que vos approuve significar-me o vosso apreço e estima, como collaborador que fui da nossa lei de previdência e amparo às familias dos servidores do Estado, e como vigilante sentinela, que me prezo de ter sido, para assegurar e robustecer a viabilidade desse benemerito estatuto. *(Muito bem.)*

Outro movel, porem mais alto e mais fecundo deve ter actuado em vosso espirito ao promoverdes esta eloquente prova de que sabeis reconhecer e galardoar os esforços daquelles que, por qualquer maneira, demonstrem zelo desinteressado e altruistico desvelo pelas causas justas e pelas ideas meritorias. E este movel mais alto e mais fecundo é a propria estimação e respeito em que tendes a nossa bella instituição de assistencia às familias dos funccionarios.

Bem haja pois a intelligente e honesta intuição que demonstraes no tocante a este moralisador e solemne problema: o culto sagrado e o provido interesse pelo seu futuro.

Nesta corrente de sentimentos e neste diapasão moral vos asseguro que encontrareis sempre afinada pela vossa, a minha consciencia do cidadão e patriota. *(Muito bem.)*

Senhores:

Certo, no modesto campo da nossa legislação, sempre sincera e honradamente inspirada no bem publico, jamais deixou de vicejar, com esplendor e opulencia invejaveis a arvore magestosa a cuja sombra repousam, seguros e transquillos, os imprescreptiveis direitos dos nossos concidadãos; ella nasceu e vive na atmosphera puramente oxygenada do nosso civismo despretencioso e calmo, mas convicto e tenaz. Nada, porem, com mais justa razão nos deve desvanecer do que termos sabido cultivar, junto ao roble da liberdade, realçando-lhe o viço pelo seu per-

fume, essa mimosa flor de confraternisação e piedade que agora mesmo estamos orvalhando com os nossos applausos e as nossas bençãos — a lei do monte pio. *(Applausos).*

Julgo, portanto, e não cessarei de proclamar que todos os responsaveis pela ordem moral do Estado se devem escravisar ao rigoroso e imperativo dever de sustentar, cada vez mais garantido e efficaz, esse compromisso dos nossos legisladores, afim de que não venha jamais a apagar-se nas sombras da desillusão a consoladora confiança dos contribuintes e a doce esperança dos soccorridos pela humanitaria instituição. *(Muito bem.)* E por isso mesmo que o monte pio, quer por imprevidencia em sua organisação, quer por incuria em acompanhar-lhe a marcha, tem levantado em alguns Estados uma certa corrente de desanimo, parecendo impraticavel ou totalmente votado à banca rota, por isso mesmo, repito, é que maior e mais assiduo deve ser o nosso empenho para que, entre nós, elle seja uma realidade no presente e tenha a sua existencia garantida nas gerações que nos vierem succeder. (*Apoiados*).

Senhores:

Si alguma coisa existe que deve merecer a attenção e o cuidado dos espiritos dirigentes é a conservação e o fortalecimento dos sagrados vinculos da familia.

E a velha formula de linguagem que os denomina pedra angular das sociedades não descaiu no vasio das banalidades declamadas porque representa, com precisão, uma grande e immorredoura verdade. *(Apoiados).*

Ora, a organisação dos monte pios é uma das mais significativas demonstrações de respeito e de amor a esses vinculos.

Muita vez a esperança depositada na efficacia dessas instituições constitue o maior e o melhor conforto do obscuro funccionario que sem ella, teria para agoentar-lhe as dores do trespasse a horrida visão da nudez e da fome, assediando os entes queridos e frageis que tinham por exclusivo arrimo o seu labor quotidiano. *(Muito bem.)*

Que ao menos aquelles, cujo unico patrimonio é o suor de cada dia, aliás tão modesto e tão parco em resultados, que lhes

não sobram estes para a mais minguada reserva, garantidora da invalidez e da velhice.

Que ao menos esses novos parias possam fechar os olhos, levando no coração a certeza de que a mãe alquebrada, a esposa carinhosa e os filhinhos innocentes não irão, no dia seguinte engrossar as fileiras, já tão bastas, da mendicidade envergonhada, onde a miseria é aggravada, pelo pejo, como sóe acontecer a tantas infelizes familias, victimas da imprevidencia dos seus chefes. *(Applausos.)*

Por isso, vos dizia: Não é a um individuo, q'estaes applaudindo, os vossos hosannahs dirigem-se a uma instituição, uma instituição q'serve a muitos e nos honra a todos; e para mantêl-a, eu vos hypotheco o meu esforço mais decidido e mais sincero. *(Muito bem.)*

* * *

Senhores:

Devo, finalmente, dirigir-me aos bons camaradas que aqui representam o nosso orgam na imprensa.

A multiplicidade dos encargos tem me trazido, nesses ultimos annos, afastado da effectiva collaboração jornalistica; mas tal é a confiança que merecidamente deposito nos meus dignos companheiros que, nem de leve, me preoccupa e inquieta a circumstancia de achar-se a folha sob a responsabilidade expressa do meu nome.

Podem os rapazes alguma vez errar: nem juizos d'homem jamais foram infalliveis. Mas entibiar na fé republicana, arrefecer na confiança pelos destinos da Patria, contra taes virus, eu vos affirmo, acham-se elles invulneravelmente immunes. *(Muito bem.)*

Sentinelas do partido, jamais os encontrei desattentos na vigilancia ou hesitantes na defeza das instituições nacionaes e do nosso programma.

E', pois, azado e justo que, neste momento, lhes signifique,

alem do meu apreço pessoal, o reconhecimento da pujante aggremiação politica de que são esforçados paladinos. *(Apoiados.)*

* * *

Eis aqui, senhores, o que são, em pallido reflexo, os sentimentos e as ideas que em minha alma se agitam, sem que eu saiba expressal-os.

Mas que a minha ultima palavra seja um appello que a todos e a cada um de vós me occorre endereçar:

— Concentremos as nossas energias civicas e o nosso zelo patriotico em torno do prestigio moral do nosso pequeno Estado; e, emquanto nos restar alento, defendamos a sua autonomia, com a mesma fervorosa devoção e sublime fanatismo com que montariamos guarda a um relicario, onde resplandecessem, immaculados e immortaes, na santa apotheose do martyrio, os proprios corações de Albuquerque e Miguelinho. *(Longos e estrepitosos applausos.)*

NOTA — A grande manifestação politica de 1901 foi a homenagem a Pedro Velho no seu aniversário não somente pela adesão popular como pela presença de todas as autoridades locais, num movimento espontaneo e emocional. Saudou-o o senador Ferreira Chaves, pelo Partido Republicano Federal, Manoel Dantas pel'"A Republica o jornal fundado por Pedro Velho, e o desembargador Meira e Sá pela instituição do Monte Pio Estadual. O discurso do Chefe era esperado e naturalmente muitos mêses foi o melhor assunto. "Terminou a festa com uma girandola, mandada soltar pelo major Teodosio Paiva, que merece um destaque especial, porque foi um fogo deslumbrante, não só pela variedade de foguetes, como pelo tempo que levou a espoucar, quase meia hora".

"A Republica" de 29 de novembro de 1901.

O PREMIO DO TRABALHADOR POLITICO

Meus amigos:

Ver assim accrescidas, requintadas as santas alegrias da paz e, da felicidade domestica por essa espontanea e vigorosa corrente de solidariedade civica, que ora nos congrega, é o maximo da recompensa aspiravel por um pae de familia e por um cidadão, que até hoje tem timbrado em repartir — sem preferencias — todo o seu amor, toda a sua actividade entre os deveres do lar e as responsabilidades, não menos sagradas, do serviço da patria. *(Muito bem.)* Senhores: por muito que eu coteje, encareça e multiplique a valia do meu tirocinio politico, desde que entrei na vida publica, sempre e cada vez mais avulta em minha consciencia a certeza do grande difficit em que me acho ante a vossa inexgotavel e ininterrupta bondade.

Mas tambem, sem falsa modestia, posso assegurar-vos que estes incitamentos do vosso bem querer pessoal e da vossa conformidade com o meu modo de sentir e pensar, na esphera dos interesses communs do Rio Grande do Norte, não têem sido semeados em chão damninho e safaro. O abençoado orvalho da gratidão ha de fazel-os florescer e fructificar. *(Muito bem.)* Toda a seiva, toda a vitalidade da minha alma estão postas a serviço dessa admiravel organisação, meio patriarchal, em que vivemos, e que tem feito do nosso Estado um exemplo de resistencia contra as sophismações dos bons principios democraticos e uma fecunda norma de abnegação e de probidade na pratica do regimen republicano. *(Apoiados.)*

Senhores, esta demonstração de estima pelo obscuro compatriota que, ha tão longos e trabalhados annos, investistes de funcções dirigentes — estima somente justificavel pela vossa magnanimidade — não attinge, somente o individuo. Ella visa tambem as bellas praxes de correção e disciplina que hão sem-

pre norteado as nossas reciprocas relações sociaes e partidarias; a esssas praxes, que me prezo em saber comprehender e praticar, é que principalmente se dirigem os vossos louvores e hosannahs. (*Applauzos.*)

Meus bons amigos, vistes com magua e com sobresalto que me commoveu as melhores fibras do coração, que o modesto timoneiro poderia ter de abandonar, por enfermo e alquebrado, o leme que, confiantes, lhe puzestes entre as mãos, e vindes hoje, com jubilo não menos captivante, significar-lhe por vel-o escapo de immediatos riscos o vosso contentamento cordial e (porque não dizel-o?) patriotico.

Bem sei que se fazem algures com brilho o esplendor muito acima das nossas posses, ruidosas, pomposissimas manifestações de apreço colletivo a homens publicos. O brilho e o eplendor de nossas festas é outro differente e melhor: é a effusão transbordante da affectividade em permuta sincera e desinteressada. (*Muito bem.*) O sentimento que ora, respectivamente, nos anima — em mim tão grato, em vós tão dadivoso — representa mais uma collumna a amparar e fortalecer o bello e solido edificio de confraternisação de que temos sido todos incansaveis obreiros, vigilantes sentinellas. E faço votos para que tão limpido, tão alto, tão puro e imperturbavel, como a nossa irreductivel fé republicana, se conserve este affavel e fortificante commercio de cordialidade, que constitue a nossa ventura e a nossa força. (*Bravos.*)

Senhores: quem quer que tenha olhos para ver e são juizo para apreciar ha de render-se à evidencia de que o Estado do Rio Grande do Norte vai longe da esquecida e explorada provincia que nos legou o regimen decahido. (*Apoiados.*)

Tarde, dirão, remançoso e sem brilho tem sido o nosso progredir. E' certo; mas nisto mesmo estão o nosso bem estar e a nossa segurança.

Que valem, com effeito, na marcha progressiva das sociedades as arrancadas celeres e precipitadas, sem firmeza e continuidade, nas energias impulsoras?!... Que vale avançar, em excesso e por vangloria, para recuar amanhã de fraqueza e cançaço?!... (*Bravos.*)

Esta orientação pode não ser a mais seductora, mas é, com certeza, a mais criteriosa.

Não deixemos a nossa honrada mediania pelas lantejoulas de uma fama artificial e de um renome ephemero. *(Apoiados.)*

Longos dias de luta já tivemos na conquista paciente, infatigavel da nossa autonomia. Mas uma vez solidamente firmados na posse dos nossos direitos, o que nos cumpria fazer era bem aproveital-a para gosar e desenvolver as liberdade adqueridas.

Foi o que fizemos; e desde então, na arena politica, trocámos o gladio da combatibilidade pela charrua do cultivador. *(Muito bem.)*

Não quer, porem, isto dizer que se tenha obliterado a nossa altivez, que seja dormente e insensivel o nosso pundonor; e, onde quer que estejam a honra e o dever, lá chegaremos, custe o que custar. *(Applausos.)*

Obrigado, meus amigos. Formulas convencionaes, expressões consagradas de reconhecimento pela prova de estima e apreço que, aqui vos trouxe, não as sei dizer, nem deveria proferil-as, por indignas que são, de vós e de mim proprio.

Direi apenas, repetindo-me, que o maximo da recompensa aspiravel pelos meus esforços é este: de ver, sob o mesmo tecto, ao lado de minha mulher e de meus filhos, os meus leaes amigos, respirando todos a mesma athmosphera de confiança e alegria, que, por momentos, nos faz esquecer todo o amargor das injustiças a até o veneno da calumnia, que, não raro, conturbam e abrolham a carreira do homem publico. *(Prolongada salva de palmas.)*

NOTA — Depois de ausencia demorada, restabelecido da crise cardiaca, Pedro Velho voltou do Rio de Janeiro a Natal a 14 de janeiro de 1903. Estava no seu meio-dia vitorioso. Ouvido, consultado, prestigiado pelos "leaders" nacionais, senhor da bancada na Camara e no Senado, em plena popularidade entusiastica, recebeu uma manifestação ruidosa, organizada ao velho sabor das festas tradicionais. Pela madrugada a banda de musica do Batalhão de Segurança e a Filarmonica Luis Coelho despertaram os natalenses percorrendo as ruas, executando os saudosos "dobrados" contagiantes. Os logradouros e praças estavam embandeirados, enfestonados e decorados com

postes de folhagem, bandeirolas, galhardetes. As folhas verdes das mongubeiras espalhadas pelo chão pavimentavam o piso. O navio ficava "lá fora", perto do Forte dos Reis Magos. Rebocadores, galeotas, botes, cheios de amigos, foram buscar o Chefe ao som de música e trovejar de bombas queimadas na Praça Augusto Severo. Uma multidão acompanhou Pedro Velho até sua residencia (hoje 355 na avenida Junqueira Aires, onde está funcionando a Imprensa Oficial), com todas as autoridades, tendo à frente o governador do Estado (Alberto Maranhão).

À noite um prestito movimentou-se para saudá-lo, levando-lhe um presente. Falou o dr. Pinto de Abreu. Setecentas duzias de foguetes estalavam no ar. Pedro Velho agradeceu. Festa gostosa e popular de outrora.

"A Republica" de 15 de janeiro de 1903.

OS DOIS HEROISMOS

Meus senhores

A estas congratulações, que me vindes trazer pela passagem do meu anniversario — generosamente expressas pelo orgão eloquente do sonoroso poeta, tão popular e estimado em nosso meio literario — correspondem, não menos sinceros, os votos do meu reconhecimento.

Meus amigos, a solidariedade que, há tantos annos, nos prende, inquebrantavel e crescente, só uma cousa conheço que a exceda e sobrepuje em espontaneidade e em dedicação — é o amor que cada um de nós e todos nós consagramos a esta terra.

Não sei se é um signal de frouxidão na resistencia, se uma prova de incapacidade na adaptação; o certo é que a nostalgia, a ancia de rever o seu torrão natal constitue em pendor quasi invencivel no rio-grandense que, forçosa ou livremente, se expatria.

Entretanto, a quem, longe d'aqui, volver os olhos d'alma para o solo patrio não é bem um oasis o que se lhe representará na mente inquieta e saudosa. Diversa e desoladora deve ser essa imagem; porque a nudez e a fome, fructos da inclemencia do clima e da aridez dos campos, tem sido a nossa partilha.

Nem por isso, porém, diminuem e arrefecem o nosso apêgo e o nosso carinhoso affecto à terra mãi.

Não será esse um phenomeno moral de requintada nobresa e commovente piedade, como o que apura e acrysola no coração dos filhos o seu amor e o seu desvelo pelos paes envelhecidos e alquebrados?

Seja como for, raro rio-grandense trocaria pela opulencia da vida fora da patria a mediania tranquilla no seio maternal da terra em que nasceu, ainda que emmurchecido e exausto, como o vão tornando tão repetidas crises de miseria organica.

Mas, se a natureza nos tem posto a prova, nas torturas de um viver material incerto e angustioso, a nossa existencia moral — longe de abatida e despresivel — tem de que desvanecer-se e orgulhar-se.

Basta lembrar dous mortos — um já consagrado pela auréola do martyrio nas paginas da historia, outro ainda ha pouco baixado à sepultura — Miguelinho e João Maria.

Bem mais intensa se nos afigura, sem duvida, e mais imponente e mais fúlgida a personalidade do martyr politico; e o traço de épico civismo, que o immortalisou nos transes derradeiros do seu tragico destino, ainda rebrilha, como uma licção de altivez e um patrimonio de coragem, na alma das gerações que lhe cultuam a memoria.

Cabeça pensante de valor primacial na revolução de 17, o nosso heroico patricio respondia perante o tribunal de sangue, que o devia condemnar à morte, por haver sonhado a liberdade e a republica.

— Padre — insinúa o conde d'Arcos, antevendo aterrado a visão da sotaina do levita ensanguentada e o seu peito varado de pelouros, no campo da Polvora — talvez adversarios de suas idéas ou invejosos do seus louros tenham simulado, nestes documentos, a sua assignatura, no intuito perverso de perdel-o.

— Não, responde Miguelinho, esta firma, que ahi se lê, é minha e do meu proprio punho a tracei.

Horas depois arcabuzavam-no, sem lhe ouvirem outras vozes além de uma prece a Deus por sua alma de christão, e um brado de enthusiasmo em honra da Republica.

O clerigo modesto e chão, que vem de finar-se, entre as bençãos desta capital, teve um destino mais circumscripto e menos impressionante; mas que serenidade e que constancia na virtude!

O outro, o patriota é tragicamente bello e veneravel; mas a sua missão teve os estimulos da gloria. Este, todo votado à pratica do bem, não queria outro premio além da sua propria humildade.

E, já que citei o rasgo de civismo do primeiro, permitti que relembre um simples episodio, que ha dias me foi referido,

entre tantos outros que formam esse intermino rosario do evangelico devotamento do segundo.

Chega um dia ao presbyterio o portador de uma carta de convite urgente para confessar uma enferma, em perigo de morte.

O vigario ausentara-se, em serviço do seu santo ministerio. Ao recolher-se encontra a carta, mas não já o portador —que lhe trazia montada— e que, impaciente de esperar, se fôra sem resposta.

A noite avisinhava-se e a doente residia a 27 kilometros da cidade.

Mal repousado, parca e apressadamente alimentado, João Maria põe-se em marcha. Em sua consciencia, onde um grande sacrificio é como se fosse um dever elementar, não houve tempo sequer para uma hesitação; e eil-o, descalço, suarento, vergado, a caminhar na treva, sobre o areial fatigante e exaustivo dos nossos taboleiros — balbuciando orações de perdão para a alma que elle ia resgatar do peccado e que talvez já se houvesse partido para a região dos mysterios insondaveis.

Alta noite a familia da moribunda, afflicta por vel-a expirar sem confissão, ouve bater à porta.

— Quem é, perguntam vozes lacrimosas e sobressaltadas?

— O padre João Maria.

Que auroras de redempção, que esplendores de graça não teriam illuminado aquellas almas crentes e singelas! Que benções de gratidão sublime não teriam acolhido o humilde cura, portador da caridade e da fé, da esperança e do perdão!

Pois bem, cumprido o seu dever de parocho, João Maria obtem conducção e regressa immediatamente à capital. E, pela manhã seguinte, vemol-o resando na matriz a sua missa habitual, deslembrado das fadigas da noite, abnegado e piedoso, como se em sua vida nada houvera occorrido que o tornasse meritorio ante aquelle que expirara na cruz, para remir os homens.

Senhores, esssas figuras assim lapidarias e representativas, accentuando na vida collectiva os relevos do heroismo e da virtude, a memoria augusta desses vultos syntheticos, em que se concretisam e accumulam as melhores energias de que é capaz

uma sociedade, compensam a platitude mesquinha dos nullos e até contrabalançam a odiosa percursão dos máos.

Mas — voltando à situação actual do nosso Estado — devemos desanimar e ter por insanaveis os males que o flagellam?

Nunca, meus amigos. Lutemos, congreguemos as nossas forças, orientando-as com prudencia e segurança. Não nos faltam exemplos de verdadeiros milagres realizados pela firmesa da vontade e pela tenacidade do trabalho humano.

Emquanto a terra hollandeza figurar no mappa das nações, o problema do nosso renascimento economico só pode parecer impossivel a espiritos malevolos ou frivolos.

Que este seja o compromisso maximo e irrevogavel de todos os bons rio-grandenses.

Mais vale produzir que maldizer. Antes fazer alguns beneficios, sem pretender a perfeição, do que reprovar systematicamente o esforço alheio e ser inutil.

Conservemo-nos unidos e não desesperemos do progresso de nossa terra. Ella resurgirá dadivosa e abundante, das proprias cinzas a que a secca abrazadora a reduziu, e será, cada vez mais, respeitada pela honra e civismo dos seus filhos.

De mim vos direi que sou um crente nesse futuro de prosperidades e de valimentos. Sêde-o tambem. E' o que de todos solicito e espero, confiante na cordialidade da vossa estima pessoal e na harmonia das nossas relações politicas.

NOTA — No aniversario natalicio, 27 de novembro de 1905, Pedro Velho respondeu à saudação de Segundo Wanderley, o grande poeta aclamado e popular. Fez um dos discursos mais impressionantes pela elegancia e precisão vocabular. Reunira, com felicidade e eloquencia, numa evocação magnífica, as figuras de dois sacerdotes, o Padre Miguelinho, secretario da revolução de 1817, e o padre João Maria Cavalcanti de Brito, vigario de Natal deste 1881, cuja morte recente (16 de outubro) angustiava a cidade inteira. A memória do padre João Maria constitue um culto local. Seu busto em bronze é motivo de romarias diárias, coberto de ex-votos e iluminado pelas velas votivas de promessas alcançadas pela intercessão miraculosa do "santo vigario".

"A Republica" de 28 de novembro de 1905.

SAUDANDO RUY BARBOSA

Meus senhores:

Incumbiram-me de trazer ao senador Ruy Barbosa, com os votos da nossa estima e do nosso respeito, a expressão da nossa saudade, nesta hora de solemne despedida

Vai mais uma vez servir à patria — e agora em terra estranha — representando-a numa assembléa que ha de attrahir a attenção do mundo inteiro e onde, por honra da humanidade, se devem debater os mais graves interesses da vida das nações, porfiantes no empenho de acharem solução ao problema da paz; vai levar o contigente de sua admiravel cultura juridica e dos seus sentimentos de fraternidade christan ao seio da Conferencia Internacional de Haya — aquelle mesmo que, na terra natal, em toda sua vida de homem publico, já hoje consagrada por um longo tirocinio, fecundo e brilhantissimo, sempre apostolou com denodo a liberdade, por amor da liberdade, sempre galhardamente defendeu a fustiça por amor da justiça.

E si alguma coisa nos pode mitigar e arrefecer o pezar do afastamento do querido amigo e sabio mestre é a tranquilla e desvanecedora segurança de que, naquelle Congresso de summidades que, representando a consciencia culta dos povos modernos, anceiam por tornar o direito mais forte do que a força, o nome do Brazil e a sua honra e os seus creditos terão por zelador e guarda um espirito que é o mais energico protesto contra os maldizentes da nossa raça, o mais eloquente testemunho de que a mentalidade latina tem azas para voar aos mais altos pincaros da razão humana.

Senhores: Si alguem pode, a justo titulo, orgulhar-se de ser entre os seus concidadãos um homem eminente, tendo chegado à culminancia do renome e ao apogeo da fama, sem haver jamais requestado o favor da opinião, é aquelle cuja proxima au-

sencia suggeriu este adeus collectivo e sincero de seus admiradores e amigos.

A hegemonia da sua intelligencia, capaz de especializar-se e luzir em todas as modalidades do saber humano, constitue um longo reinado de quasi quarenta annos; bemdito reinado que se exerceu patrocinando as melhores causas da democracia. E' assim que o vemos demolindo a escravidão, e com ella a realeza, para collaborar com os velhos propagandistas na fundação da Republica: dessa republica sob cuja bandeira se arregimentou e a cujo culto, ainda fervente como na primeira hora, se dedicam, não só os legionarios que lhe foram paranymphos no advento glorioso, como essa geração enthusiastica de moços, que lhe montam guarda com lealdade e firmeza; dessa Republica de cuja obra ainda nos sentimos altivos e felizes e que segue a sua marcha triumphal, sob o olhar carinhoso e vigilante de todos os que acceitamos as responsabilidades de sua proclamação inevitavel e de sua estabililade indestructivel.

Mas — voltando a Ruy Barbosa — em suas mais perigosas e asperas pelejas as suas armas foram sempre as da razão, a tribuna o seu posto predilecto de combate; e, nos comicios, na imprensa, no parlamento ou no pretorio, não sabemos o que mais admirar nas manifestações daquelle talento privilegiado; si a perigrina formosura da forma, si a nobre elevação do pensamento, si o profundo saber, si a opulencia inexcedivel no external-o.

Entretanto, esta eminencia não conseguiu empecer nem velar a nativa e encantadora bondade de seu trato pessoal e intima, que, sem nenhum artificio, espontanea e descuidosa, consegue avassalar os corações mais rudes e mais esquivos às doçuras da cordialidade.

E quando, senhores, ao esplendor da intelligencia dest'arte se associa a delicadeza affectiva, que é o perfume da vida; quando, a par das energias que abroquelam contra a prepotencia, se cultiva a piedade pelos humildes e pelos opprimidos; quando as largas vibrações do amor da patria não excluem a consoladora placidez do lar e da familia, o homem tem realizado o supremo ideal da vida intensa e feliz.

E assim é — sem lisonja me desvaneço de reconhecer e

proclamar — o temperamento, a feição, a essencia moral do illustre compatriota a cujos meritos aqui vimos render esta justa homenagem.

NOTA — Os senadores e amigos de Ruy Barbosa, nomeado Embaixador do Brasil à Conferência Internacional de Paz que se reuniria em Haia, ofereceram-lhe um banquete no "Hotel dos Estrangeiros" na noite de 20 de junho de 1907. Fôra escolhido orador o senador pelo Maranhão Augusto Olimpio Gomes de Castro que adoeceu no dia da festa. Á tarde, Pinheiro Machado procurou Pedro Velho e pediu-lhe que fosse o intérprete da homenagem. Angustiado pela saúde vacilante o senador norte-rio-grandense aceitou o encargo depois de relutar. Pronunciou a rápida saudação que toda a grande imprensa elogiou com especial carinho. Respondendo, disse Ruy Barbosa: —**"As palavras de maravilhosa eloquencia, em que me acaba de saudar o vosso orgão, o orador admirável, cujos acentos nos comoveram, o meu caro e bom amigo senador Pedro Velho, essas generosas palavras são joias derramadas de um vaso de oiro. Na pureza da sua ressonância sentiam-se cair do seio da amizade, onde o coração as criára da substancia de si mesmo, espontanea e misteriosamente, como costuma, as lapidára, as cinzelára, as floreára, singelas e rutilantes, para abrirem o sorriso das riquezas da alma na melancolia desta separação".**

Foi o último discurso de Pedro Velho no Rio de Janeiro.

"A República", 3 de junho de 1907.

O ULTIMO DISCURSO

Senhores:

Quando as emoções nos vibram n'alma — intensas e profundas — até nos trazerem do coração aos olhos, n'uma lagrima, a sua propria essencia, é que do nosso ser moral ainda se não evaporou nem a fé, nem o enthusiasmo, nem a lealdade, nem a gratidão, focos d'amor e luz, sem os quaes a vida se transformaria n'um deserto tenebroso e inhospito.

Perdoai, pois, esta commoção irreprimivel.

Não, porem, que eu della me envergonhe, nem que me humilhe ou degrade esta ternura involuntaria e bemdicta; porque, si ella pode parecer uma fraqueza, ao mesmo tempo testemunha que a aridez da maldade e os gelos do scepticismo não fizeram murchar a flôr dos meus melhores sentimentos.

Senhores: Por muito que a vossa bondade, generosa, confiante, me queira emprestar predicados e serviços que me habilitem a falar aos meus amigos com auctoridade um espontaneo pendor affectivo — agora como sempre — me detem e conserva nos limites da cordialidade fraternal, tão cara e tão nos moldes do meu temperamento. E por isso vos direi: O meu maior desejo é que saibamos conservar, com desvelada solicitude, a par d'esta harmonia exemplar, admiravel, as normas de honestidade que tanto valorisam e dignificam a nossa conducta partidaria; porque esta será, como tem sido, a nossa verdadeira fortaleza — inexpugnavel fortaleza dentro da qual temos vivido, luctando e vencendo.

Meus amigos: Ha momentos em que o cansaço e — porque não dizel-o — o desgosto da carreira politica, com os seus meandros, por vezes escuros e lodosos; nos fazem descrer ou recuar da lucta, e quasi desejar o socego egoista de uma vida sem responsabilidades.

Mas tambem, quando a consciencia nos abona, com altivez e segurança, os nossos actos, e quando — supremo consolo e premio incomparavel — a estima dos nossos concidadãos, sincera e desinteressada nos ampara, conforta e robustece, o dever é não desertar o posto que a confiança dos correligionarios nos designou para guardar e defender, dando até o ultimo alento pela causa commum.

Em vez de quedar na modorra de um indifferentismo sem escrupulos, mais vale batalhar e soffrer, para levar a patria aos gloriosos destinos que ella espera de seus filhos.

Obrigado pelas jubilosas congratulações que me vindes trazer, à passagem do meu anniversario, pelo orgão, duplamente caro ao meu espirito, de um compatriota a quem ninguém negaria os mais nobres predicados sociaes e domesticos, e que é ao mesmo tempo, na saudosa miragem da minha juventude, um companheiro presadissimo. Mas, como esta festa é, sobretudo, de ordem politica e à minha vida publica se dirigem os vossos cumprimentos, opportuno me parece declarar — e ufanamente o faço — que esta vida nunca teve mais seguro alicerce do que o vosso apoio.

Unidos, pois, nessa bella e irrompível solidariedade saudemos o nosso estremecido Rio Grande, cujo civismo pundonoroso e correcto terá sempre a admiração dos bons, cujo valimento, embora desambicioso e modesto, será o desespero dos invejosos e cuja honra é bastante adamantina para que nella se quebrem os dentes de todos os mastins.

NOTA — 27 de novembro de 1907, o 51.º aniversário do Chefe. Os presidentes das trinta e sete Intendencias Municipais assinaram uma mensagem de congratulação e solidariedade, valendo a obediencia de todo o Estado; Joaquim Manoel Teixeira de Moura, (Natal); Genuino Fernandes de Queiroz (Martins), Justino Leite da Costa (Patú), Laurindo Augusto de Paiva (Portalegre), Vicente Gomes de Oliveira (Pau dos Ferros), António Leite de Albuquerque Filho (São Miguel), António Fernandes Sobrinho (Luis Gomes), João Jozimo de Oliveira Pinto (Apodi), Reinaldo Gomes Fernandes Pimenta (Caraúbas), Joaquim Martiniano Pereira (Caicó), Silvino Bezerra de Araújo Galvão (Acarí), Bemvenuto Pereira de Araujo (Currais Novos), Felinto Elisio de Oliveira Azevedo (Jardim), João Toscano de Medei-

ros (Flores), Joaquim Honorato de Medeiros (Serra Negra), Manoel Liberalino de Oliveira (Areia Branca), padre Francisco de Almeida (vice-presidente em exercicio de Canguaretama), Rodopiano Fernandes de Azevedo (Santo António), José Ferreira da Rocha (Santa Cruz), Joaquim A. de Medeiros (Augusto Severo), António Filgueira Filho (Mossoró), Olinto Lopes Galvão (Assú), Manoel Rodrigues Baracho (Sant'Ana do Matos), Luis Pinheiro de Vasconcelos (Angicos), José Soares Bilro (Jardim de Angicos), Manoel Eugenio Pereira de Andrade (Taipú), Felismino do Rêgo Dantas Noronha (Ceará-mirim), Estevão César Teixeira de Moura (São Gonçalo), Francisco Zacarias da Costa e Silva (Touros), Inácio Henrique de Paiva (São José de Mipibú), José Joaquim de Carvalho e Araujo (Paparí), João Jeronimo Cabral Fagundes (Goianinha), Aureliano Clementino de Medeiros (Macaíba), Manoel Lopes Teixeira (Vila Nova), padre Tomás de Aquino Mauricio (Nova Cruz), João Pegado Cortez Filho (Arez) e Joaquim José Valentim de Almeida (Macau).

Em nome do Partido falou o deputado dr. José Calistrato Carrilho de Vasconcelos. Pedro Velho respondeu no breve improviso que depois seria comentado com saudades. Foi seu ultimo discurso. Morreria doze dias depois.

"A Republica", de 28 de novembro de 1907.

ADENDOS

OS ULTIMOS DIAS DO SENADOR PEDRO VELHO

DOMINGOS BARROS

Quiz a Fatalidade, que, dentre tantos, fosse eu o escolhido para assistir os ultimos momentos e recolher as derradeiras palavras do maior dos Rio Grandenses.

Entendi dever aos seus patricios a narração fiel e singela destas horas supremas, sagradas pelo seu sofrimento e pela proximidade da grande Sombra que o invadia.

Foi a 2 de Dezembro que juntei-me na estação da Penha ao Senador Pedro Velho em viagem para o Recife, onde ia em busca de lenitivo a seus padecimentos singularmente agravados ultimamente.

A viagem fez-se sem incidente até Guarabira, onde pernoitamos, em companhia dos coroneis Fabricio Maranhão, Joaquim Manoel T. de Moura, Francisco Cascudo e de seu filho Mario.

Fomos muito gentilmente hospedados em casa do sr. coronel Bento Saraiva. A noite de segunda para terça passou-a mal o enfermo, conforme m'o relatara o coronel Joaquim Manoel que lhe fizera companhia.

Soffria o doente de dores persistentes e generalizadas em toda a massa muscular do thorax e do dorso; não vivas, mas tenazes, obtusas e constantes.

Foi mistér passarmos o dia seguinte em Guarabira para alcançarmos o expresso de 4. O doente sentiu extenuado e sofredor todo o dia. Em Natal, surgira nestes ultimos tempos um novo sintoma que o sobresaltou muito e levou-o a emprehender a viagem: foi uma certa difficuldade de deglutição q' subitamente manifestara-se e que um secreto presentimento lhe dizia ser fatal. Desconhecendo a origem desta insolita manifestação, elle a atribuia a irrupção subtanea de um tecido canceroso de marcha rapida e fulminante.

Esquivava-se de beber e de alimentar-se no temor de sentir evidentes os progressos do obstaculo e a certeza do mal que suspeitava. Esta insufficiencia de alimentação aliada ao abatimento trazido pelas insonias e pelo duplo sofrimento real e imaginario o conduzira a um estado de grande fraqueza e prostração.

Deixou-se fotografar durante o dia em companhia de seus gentis hospedes.

Passou mal a noite e no dia seguinte seguimos para o Recife.

A viagem, entretanto, não foi tão má como presagiavamos e o doente leu, conversou e mesmo alimentou-se regularmente em Timbaúba.

Em Nazareth e Floresta dos Leões, encontrou velhos conhecimentos e a viagem foi um tanto animada até ao Recife.

Na estação do Brum, o esperavam, entre outras pessoas, o commendador Manoel Alves Barboza e o sr. Manoel Almeida chefe da caza Alves de Brito & C. que nos apresentou o seu caixa, o sr. Chaves.

O sr. Almeida, muito amavelmente, a pedido do coronel Olympio Tavares, fizera preparar, na Pensão Landy, na Magdalena magnificos aposentos e para lá nos transportou.

A noite de 4 para 5 foi pessima.

As dores exacerbaram-se e quasi não repousou.

Procurei suavisar-lhe estas longas horas de soffrimento com leituras ou palestras de assuntos que lhe despertassem curiosidade ou interesse e quasi sempre o consegui, lendo paginas primorosas de Camillo Castello Branco, de Ramalho Ortigão. de Eça de Queiroz, etc. Entreteve-se muito, sobretudo, com os "Vulcões de Lama" de Camillo e ficava enlevado com a proza fulgurante e tão artisticamente sugestiva do grande estilista, sem demonstrar sofrer.

Admiravel poder da arte, porem, mais admiravel certamente a organização de elite que, em vesperas de extinguir-se, ainda encontrava emoções subjectivas capazes de sufocar o soffrimento.

Por fim chegou a manhã de 5 e com ella um pouco de calma.

Nesse dia, pelas 2 da tarde, fomos ao consultorio do dr. Silva Ferreira, à sua Marquez de Olinda, e depois de ligeira palestra, o clinico encetou a diagnoze.

O dr. Pedro Velho, muito nervozo, advertiu-o de que era o mais puzilanime dos doentes e que se encontrasse qualquer couza de grave nada lh'o dissesse.

Despiu-se e foi para a meza de exame. Este foi longo, meticulozo e feito com a pericia e a consciencia de um pratico consumado. O que mais prendeu a attenção do medico foi a auscultação da região thoraxica.

Com o stethoscopio simples, com o microphonico, e pela percussão fez a exploração do lado esquerdo do thorax e por fim concentrou a attenção em uma pequena zona quasi na parte superior do sternon proximo à articulação da clavicula.

Terminado o exame, fez o diagnostico: — as dores em myalgias arthriticas agravadas pela neurasthenia profunda. Havia um pouco de hypertensão arterial e portanto um começo de arterio-scleroze. Notara tambem uma aortite em formação.

Receitou-lhe, anticalculoze de Chevreux e marcou-lhe o dia seguinte para um exame mais completo em seu gabinete electro-hydroterapico· à rua da Matriz, n.º 11.

Retiramo-nos e o Senador veiu muito impressionado, achando que as palavras do médico mal disfarçavam a gravidade do seu cazo.

Tendo elle esquecido o frasco de anticalculose que adquiriramos, deixei-o seguir só para a Pensão e vim à procura do medicamento. Estando depois na esquina da rua do Crespo com a do Imperador, senti alguem tocar-me no hombro: era o dr. Silva Ferreira.

— Quero previnir-lhe, disse-me, que o Pedro Velho tem uma grande dilatação da aorta, além do que diagnostiquei. Está muito adiantada e amanhã, com a radioscopia lh'a mostrarei. E' aqui, indicou sobre meu peito, e com o dedo traçou o espaço, preenchido pela distensão da grande arteria.

Comprehendi a gravidade extraordinaria do cazo e, em vez de ir para a caza, fui ao telegrafo communicar ao dr. Augusto Lyra o que me tinha sido revelado, pedindo-lhe que consultasse o dr. Murtinho, que conhecia bem o doente, sobre a conveniencia da aplicação da electricidade.

O dr. Silva Ferreira, com efeito, aconselhou com uma grande

insistencia o tratamento electrico, como podendo produzir grandes melhoras.

Certamente o doente deveria ir ao Rio, mas achei que em vista do adiantamento da molestia, tornava-se necessario, primeiro, dar-lhe algumas melhoras que o habilitassem a supportar a viagem.

Mas, tambem, receiava que o temperamento especial do enfermo não tolerasse convenientemente a energia electrica e que, em vez de bem, fosse produzir mal.

Quando recolhi-me à Pensão, já o doente tinha tomado a anticalculoze. Creio que este medicamento suavizou as dores nevralgicas, porque o doente dormiu um pouco mais esta noite.

Pela manhã fomos ao gabinete electrico do dr. Silva Ferreira e depois de ter despido o thorax foi o doente introduzido na camara radioscopica.

As paredes negras e a escuridão completa do quarto, o ruido crepitante e estridente do *trembleur,* a forma singular da ampoula de Crookes e sobretudo o baço clarão mortiço, esverdinhado e misteriozo que se desprendia de toda a superficie do vidro ferida pelos raios cathodicos produziam uma impressão profunda e angustiosa como se estivessemos em recinto estranho ao mundo habitual e onde se fosse produzir alguma couza de inesperado, de novo, de superior.

O auxiliar passou ao operador o *écran,* simples quadro de vidro revestido de uma fina camada de platino-cyanureto de baryo, corpo susceptivel de tornar-se fosforecente e luminoso nos pontos tocados pelas sigulares emanações inviziveis a nossa retina e que Roentgen denominou de Raios X.

O médico colocou o *écron* contra as costas do doente e logo as costellas, uma a uma, as claviculas, e as vertebras espinhaes appareceram nitidamente desenhadas em negro.

Chamou-me a atenção para o movimento do diafragma e vi-o rithmicamente oscilar de baixo para cima com a dilatação e compressão do pulmão. Este ultimo era assignalado por uma mancha clara, luminosa.

O coração, vi-o pulsar, mas confuzamente desenhado entre as massas claras pulmonares.

O braço do medico levantou-se então, e seu dedo assinalou

uma região obscura, transversa, pulsando irregularmente, e occupando acima do coração o espaço, as dimensões e o volume que elle sobre meu peito traçara na vespera, procurando dar-me uma idéia da dilatação da aorta.

Fiquei maravilhado da exatidão do diagnostico, porque não imaginava que a auscultação podesse fornecer uma noção tão rigoroza, por assim dizer, matematica, da lezão vascular.

Nesta occasião por julgar talvez que não entendesse bem o que seu dedo tão insistentemente assignalava, disse: olhe, é aqui a aorta, veja bem.

A arteria não era somente grossa, era enorme. Mais tarde, disse-me que a difficuldade de deglutição era produzida pela compressão do esophago, causado pela dilatação.

Comprehendi, então, que o Rio Grande do Norte não possuiria mais por muito tempo, sua mais pura gloria, seu filho mais ilustre e mais prestante e minha veneração cresceu assim como o meu amor por aquelle que ia morrer.

Depois da exploração radioscopica, sentou-se o paciente na cadeira izolada e recebeu a descarga silencioza da maquina de eletricidade estatica.

Foi submetido ao sopro electrico.

Durou 10 minutos a sessão e de toda a superficie de seu corpo partiam repelidas as moleculas do ar em violento movimento, dando sobre a mão que se aproximasse a impressão de um forte sopro.

Fomos para a caza e pelo trajecto notei o immenso desanimo que se tinha apoderado da alma timida do enfermo.

Desde então, não mais tirou o pensamento de seu fim proximo e de sua familia. Era necessario muita habilidade e esforço para o distrahir.

Lemos o "Alcaide de Santarem", das "Lendas e Narrativas" de Alexandre Herculano e alguns capitulos das "Notas de Viagem" de Ramalho.

A noite, creio que devido à eletricidade estática, foi regular e o doente dormiu um pouco melhor.

Pelas 3 da manhã, surprehendi-o sentado, olhando fixamente para um ponto.

— Em que pensa, doutor?

— Na minha aorta, agora percebo bem o saco de sangue que tenho no peito.

— Seus nervos lhe estão fazendo exagerar muito o que o médico disse. Elle apenas falou-lhe em uma inflamação da aorta; e dahi para o que já supõe vai enorme distancia.

Mas quem poderia ocultar uma intensão a um espirito tão perspicaz e que tão poderoso ascendente exercia sobre todos que delle se acercavam?

Sua aprehensão não era entretanto medo da morte, de que falava com certa indiferença. De suas palavras percebia-se o pezar de morrer e a consciencia dos serviços que poderia prestar.

No dia seguinte, 7, fomos pelas 9 horas ao gabinete do medico e foi-lhe aplicada a voltaização produzida por correntes continuas galvanicas geradas por uma bateria de pilhas de bisulfato de mercurio.

Este tratamento, ao envez do primeiro, produziu-lhe uma excitação que durou 3 horas. Depois o doente cahiu em dizalento. A resposta ao meu telegrama pedindo a opinião do dr. Murtinho, não me tendo satisfeito, repeti a pergunta.

Dahi por diante não pude deixar o doente um minuto, tão aprehensivo o achava.

Entretanto, desde que o assunto o permitia elle interessava-se com a conversação e discutia animado.

Em uma destas palestras tratando-se da interpretação positivista do caracter que Augusto Comte considerava como sintetizando toda a ação, disse que em tais condições era muito deficiente porque faltavão-lhe os elementos essenciaes do caracter. Ao que repliquei:

— Pois, doutor, falando com franqueza e sinceridade, o traço dominante e saliente de sua organização é a meu ver precizamente uma energica manifestação de um alto caracter, como o tem demonstrado a coragem calma e decidida nos momentos mais criticos de sua vida politica, aliada a uma esclarecida prudencia.

Este juizo o comoveu pela espontaneidade e franqueza com que o sabia emitido, e um tal julgamento de sua personalidade que senta verdadeiro, sua modestia quiz ocultar distrahindo a conversação, mas um tanto embaraçado.

Que bella alma a deste grande homem, tão simples, tão modesto e tão poderozo!

A noite de 7 para 8 foi pessima. As dores agravaram-se geralmente e seu desassocego era grande.

Tentei com cautella as leituras.

As "Rcordações de Italia" de Emilio Castelar cauzaram-lhe máu efeito. Achou-o palavroso e banal.

Então, emprehendi, felizmente, a leitura da "Gioconda" de Gabriel d'Anunzio, que pouco a pouco o foi impressionando, ao ponto de no fim do 1.º acto, achar-se enlevado e parecendo absolutamente livre de sofrimento.

— Isto não o fatiga, doutor?

— Não, estou ouvindo com muito interesse, continue.

E assim li o segundo e o terceiro actos sem signal de cansaço nem enfado.

Eram 2 e meia da manhã, quando, na primeira metade do 4.º acto, o dialogo entre Sylvia e Sirinetta, elle adormeceu. E eu gradualmente diminuindo a voz, cessei a leitura para não o acordar.

Na manhã de 8, domingo, depois da resposta de meu ultimo telegrama, convenci-o com cautela de que andariamos melhor indo ao Rio.

Falei-lhe da consulta que fizera ao dr. Murtinho e da incerteza da resposta. Elle concordou logo e procuramos as sahidas de vapores nos jornaes. Estava anunciado o "Brasil" para 10. Rezolvemos não perdel-o.

Durante o dia, lemos a "Retirada da Laguna" de Taunay, que distrahiu-o bem e à noite elle proprio quiz ler para mostrar-me alguns trechos da "Historia da Revolução Franceza" de Carnot.

Foi necessario acender uma vela e com uma correctissima dicção e verdadeiro enthuziasmo, foi lendo trechos anteriormente marcados a lapis no livro. Eram todos belissimos não só pela forma como pela pureza e energia da fé democratica que se manifestava eloquente e sugestiva. Leu as victorias de Valmy e Jemapes e a apreciação sobre Dumouriez.

Adiante encetou um trecho ainda mais bello onde o sentimento republicano vivissimo se manifestava em um grande arroubo patriotico.

Ahi o leitor parou no auge de uma intensa comoção. As lagrimas vieram-lhe aos olhos. Continuou a leitura, como transfigurado, e toda sua fé republicana palpitava-lhe na voz e no gesto.

— E' impossivel ler isto sem a gente comover-se, escuzava-se. Com que calor de verdade e de indignação, defende a Republica da mancha horrivel que o desvario plebeu lançou sobre ella!

Este que assim sentia e falava estava a menos de 20 horas das portas eternas do tumulo; e sua alma entuziasmada e sempre juvenil desprendia-se arroubada das mizerias do corpo palpitando premente e pura agitada pelo culto ardente dos ideaes que sempre a embalaram.

Admiravel coherencia com a fé dos principios que pregara com toda a alma e firmara com propria vida.

O resto da noite passou-a quasi em vigilia e a manhã do seu dia derradeiro veio encontral-o exausto e debilitado.

Às 9 horas da manhã, soubemos que o vapor antecipara a chegada e que partia às 4 da tarde. Não havia tempo a perder.

Fomos ao medico, a quem o senador expoz sua intenção de seguir para o Rio, para o seio de sua familia, com o que concordou, animando-o e fazendo-lhe ver que seu mal maior era o medo e que muito confiava nas brizas marinhas para acalmal-o.

Receitou varios medicamentos e despedimo-nos.

Preparei o necessario para a viagem e como tivessem marcado a partida do vapor para as 5 chegamos a bordo às 4 e cincoenta. O trajecto fora feito de bonde, em companhia do sr. Chaves, empregado da casa Alves de Brito e durante elle, o senador queixava-se de máo estar no estomago, nauseas e por fim qualquer couza no peito: Isto entretanto não apresentava gravidade.

Chegando a bordo, redobrou de inquietação e foi direito ao camarote, onde despiu a roupa de cazemira e deitou-se no beliche inferior. Sobrevieram-lhe os vomitos, ou antes o es-

forço para vomitar, porque nunca conseguiu lançar couza alguma.

Receiando estes esforços, procurei dar-lhe alguma couza que lhe tirasse a indispozição do estomago, como chá, bicarbonato de soda, aguas gazozas. Mas o embaraço gastrico era simples reflexo de complicação mais grave. Era o começo do fim.

Como tivesse baixado a cabeça para procurar vomitar, segurei-lhe a fronte na mão, estando ele deitado quasi de bruços.

Subitamente, senti-lhe a cabeça pezar e pender.

Volvi-lhe o rosto e pouzei-o no travesseiro. Em seu semblante já vagueiavam as sombras da morte. Em que instante transformou-se!

Os labios exangues, o rosto pallido, pallido, e nas orbitas fundas o olhar baço e vitreo. Respirava ainda dificilmente, reflexo extremo da vida.

Chamei pelo medico de bordo e felizmente não tardou. Aplicou sinapismos e inhalações de ether. Lembrei-lhe a respiração artificial. Inutil, depois de 9 a 10 inspirações cada vez mais espaçadas, mais fracas, mais superficiaes, tudo cessou e a grande calma de seu semblante, de seu corpo, deixou de ser perturbada. Tinha vivido.

Contemplei, commovido, aquella fronte intelligente e aquella boca expressiva.

Quanto perde não só a familia, mas a patria, mas a Humanidade com a immobilisação de um tão perfeito aparelho de ideias e tão alta vontade!

Elles são raros, os grandes homens, e mesmo muitos nunca chegam a attingir seu destino normal, a mingua de oportunidade, de meio, de circumstancias adequadas.

Quando isto porém se dá, começa a evolução, a aprendizagem do grande homem reunindo dia a dia o cabedal esparso de experiência e aperfeiçoando seu espirito cada vez mais. Longos annos se passam e só na idade adulta elle atinge a plenitude de suas funções e torna-se uma verdadeira força social. Então vae ser util, pode produzir. Pois bem, é exatamente agora que morre, tendo apenas vivido o suficiente para marcar a grandeza da perda produzida.

Tratei de remover o corpo de bordo para o vapor poder

seguir e às onze da noite, acompanhado de alguns amigos, depozitei-o na capela do cemiterio de Santo Amaro, onde, no dia imediato, foi embalsamado por ordem do Governo do Estado.

Na quarta-feira, 11 de dezembro, era o ataude transportado em brilhante cortejo para a Estação da Great Western, donde seguiu, na mesma noite, chegando ao Natal já tarde no outro dia.

Nestes angustiosos momentos, cuja pungente lembrança jamais se apartará de minha mente, acabrunhado pelo infinito pezar d'aquella perda, fui poderosamente auxiliado na piedosa tarefa que a fatalidade me assignalou por um homem de coração, modesto, simples e bom — o sr. Manoel Almeida, chefe da firma Alves de Brito & Cia. que com uma solicitude e um desvelo sem par poz à dispozição da familia e do Estado sua bolça e seu prestimo relevante.

Eu nunca poderei dignamente agradecer-lhe, nem aos seus sympathicos auxiliares, tudo quanto delles recebi.

Não terminarei sem mencionar igualmente a boa vontade e o interesse do digno agente do Lloyd em Pernambuco, o sr. Domingos Sampaio Ferraz, que com espontanea solicitude aplainou todas as dificuldades que de si dependiam.

Natal, 16 de Dezembro de 1907.

NOTA — Domingos (de Souza) Barros nasceu no Recife a 4 de março de 1865 e faleceu no Rio de Janeiro a 14 de fevereiro de 1938. Farmaceutico-quimico, veio trabalhar em Macau (1899) e depois na Usina Maranhão em Canguaretama onde casou com d. Maria Leonor, filha de Fabricio Maranhão e sobrinha de Pedro Velho de quem se tornou intimo. Inteligente, culto, espirituoso, de conversa empolgante e sedutora, era pessoa querida, cheio de amisades e admirações. Associado a Vale Miranda iluminou Natal com o gaz acetilenio e depois (1911) instalou a tração e iluminação eletrica e também os telefones. Representou o Estado em congressos cientificos. Publicou "Aspectos Norte Riograndenses" (Natal, 1908). Em 1940 a Biblioteca Militar divulgava o seu "Aeronautica Brasileira". Pedro Velho morreu nos seus braços e a página registando os últimos dias do Chefe republicano do Rio Grande do Norte é o documento mais expressivo, clássico e único.

"A Republica", 16 de dezembro de 1907.

PEDRO VELHO

ALCINDO GUANABARA

Senhores:

No meio das vicissitudes do tempo e da mobilidade dos homens, é sempre um grande e consolador espectaculo o de uma assembléa que se congrega para render a sua commovida homenagem às virtudes immortaes de um companheiro que já não existe.

Nesta occasião, esse espectaculo vale por um conforto, um estimulo e um ensinamento: nós nos congregamos para attestar que ha ainda nesta geração quem se não deixe dominar pela exclusividade de um realismo esterilisante e sinta, nos fundos seios d'alma, a gratidão que transborda pela acção social d'aquelles que, como o nosso saudoso amigo senador Pedro Velho, sabiam bem que o dever do homem é lutar, sem intermittencias e sem preoccupações de interesses, pelo que constitue o ideal de sua patria, a suprema aspiração da sua raça e de seu tempo. Envolvido activamente e desde cedo nas lutas tempestuosas e fecundas da vida politica, o senador Pedro Velho affirmou a sua individualidade pelo que eu chamei ha pouco "as virtudes immortaes", — e não deveu a outra circumstancia a felicidade de ter vivido e crescido no seio da estima, da admiração e do respeito, que constituirão eternamente a indestructivel aureola de sua memoria querida.

A fidelidade inalteravel às suas opiniões e principios, a cordialidade dos sentimentos que o animaram para com os outros homens, a solidariedade inquebrantavel com os que lhe partilhavam a fé, a honestidade e a pureza de coração, a paixão das cousas superiores, essa continua aspiração de um bem collectivo, que era o movel supremo da sua acção, — eis o que pode existir

de immortal na parte humana do espirito e eis o que constituiu o fundo d'alma do amigo, cuja memoria aqui hoje reverenciamos.

Eu o conheci em phases diversas desse periodo diffcil e doloroso da consolidação da Republica. Para a geração politica de hoje, isso já é a historia. Vinte annos, nestas regiões tropicaes em que a sazão dos espiritos se faz tão intensa quanto rapida, valem por uma geração: ocotovellamo-nos hoje com homens na plenitude do vigor, que naquelles tempos agitados apenas entravam na puberdade. Eu posso, pois, dar a essa geração um depoimento instruido pela observação, pela experiencia e pela acção em commum; e este depoimento, para ser exacto, ha de ser a glorificação d'aquellas virtudes superiores que são a lealdade, o devotamento, a fé intensa, o respeito pelos companheiros, a affirmação incessante de um caracter limpido e rigido como o crystal de rocha.

O terreno que então pisavamos era vacillante e inseguro. Como na natureza todas as forças se debatem, todos os cataclysmos se produzem, irrompem vulcões, desviam-se rios, surgem correntes, cruzam os ares os rais e céo e terra se contorcem convulsos antes que o terreno se affirme, adquira solidez, cubra-se da relva verde e permitta a vida, assim no mundo politico esses cataclysmos, que são as revoluções, conturbam o meio, anarchisam os sentimentos, geram o despotismo, semeiam a anarchia e todos os que nella se envolvem ou são colhidos por ella ou lutam braço a braço e corpo a corpo com todas as forças em rebeldia, até que a ordem se restabeleça, a autoridade se affirme e a liberdade saneie a atmosphera.

Nessas horas de luta impessoal, o carater se reavigora: a coragem, a energia, o desprendimento, a abnegação são as armas do combate e o preço da victoria. Todas concorriam no nosso saudoso amigo; sempre o vi inaccessivel às suggestões, superior ao alliciamento, como à luta, firme nos seus propositos, fiel aos seus ideaes como às suas amizades e dominado desse fogo fecundo que nos arde no peito e que nos leva a não ter desfallecimentos neste empenho de revigorar a autoridade e de asse-

gurar a liberdade para que triumphem os preceitos moraes e sociaes, por cujo amor affrontamos as tempestades da politica.

Brando no trato, suave na palavra, eminentemente sympathico, um olhar penetrante que a myopia tornava mais agudo, uma cabelleira abundnte que lhe dava o traço da energia e da decisão prompta, o senador Pedro Velho temperava a rigidez de caracter com essa feição de bonhomia, que tanto attrae e seduz. Era pessoalmente *charmeur*. O trato intimo com elle nunca deixava o travo da banalidade: pontilhava a conversa de observações pessoaes, deixava infiltrar-se nella o muito que sabia e derramava sempre em torno de si essa bondade, que era, em seu coração, um oceano.

Esse grande morto, senhores, suggere-nos grandes deveres na vida. Não basta que nos vangloriemos de haver vivido com elle e lutado junto delle; é preciso que nos guiemos pelo seu exemplo e que elevemos até elle o espirito e o coração da geração que ha de succeder à nossa. Esse homem, cuja memoria aqui tão commovidamente recordamos, teve até o ultimo dia de sua vida a paixão do trabalho, a luta pelas suas convicções, o respeito pelos seus companheiros, a energia necessaria para defender sem fraqueza o seu pensamento, a sua fé e a sua obra. Não foi um destruidor cego e apaixonado. Elle não esquecia as palavras do pensador francez que disse um dia, com admiravel sabedoria, que, *"si para derribar um carvalho de nossas florestas não era preciso mais que um pulso e um quarto d'hora, para substituil-o era preciso um seculo."* Não foi um autoritario inconsciente: foi um organisador da autoridade e não contribuiu para isso mais poderosamente do que com a paixão que o animara pela liberdade e pela ordem. E', sobretudo, essa paixão pelas cousas superiores do espirito e pelas aspirações abstractas da sociedade que eu desejava ver substituir na alma da mocidade esse realismo utilitario que a está tão intensamente ameaçando de uma dissolução lamentavel.

A vida politica, sem o ideal, transforma-se num deploravel mercado de interesses e de posições, que desmoralisa e infecciona o paiz.

Onde não existe a fé, e não vibra a paixão pelas cousas superiores, onde não ha a dedicação pela patria, cega, incondicional,

dominadora, abrangendo a vida e a morte nesse idealismo creador que faz de cada homem, no momento preciso, um heroe — o que fica é o pantano do interesse espurio, é um miseravel declinio moral, que macula os individuos, dissolve a sociedade e faz perecer a nação. Não podemos nos submergir, vivendo indifferentes e enervados, roidos pelo scepticismo, sem fé religiosa, sem opinião politica, temendo a todo o instante o peso de uma responsabilidade, fechando os olhos a todo o proposito elevado, famintos da tranquillidade e do repouso que não soubemos merecer, vencidos sem haver lutado e reconhecendo a derrota por puro medo de travar a luta. Que d'aqui, desta assembléa congregada para o fim superior de indicar aos vivos a lição da vida de um grande morto, levante-se, reboando por todo o angulo do paiz o clamor quotidiano da nossa religião: *Sursum corda!* Elevem-se os corações acima do utilitarismo repugnante! Suscitemos no espirito das gerações as illusões fecundas, as paixões generosas, os ideaes ardentes, os enthusiasmos que ennobrecem a coragem e a energia, que transformam o mundo e que foram o apanagio do espirito do nosso morto querido!

Recordemos o exemplo e a lição da vida de Pedro Velho, rendendo-lhe a homenagem que lhe poderia ser mais grata: repitamos a apostrophe eloquente de Montalembert:

"Jovens e velhos, saiamos todos dessa baixa e servil condição das almas. Não sejamos em grao algum cumplices do entorpecimento moral e intellectual de nosso tempo. Não deixemos extinguir em nós o fogo interior, a luz e o calor, a vontade e a vida. Projectemos para além do horizonte dos interesses grosseiros e frivolos um olhar intrepido; e rendendo justiça e homenagem a todas as glorias do passado, procuremos respirar o sopro de um futuro melhor".

NOTA — Alcindo Guanabara nasceu em Guapímirim, Magé, província do Rio de Janeiro, a 19 de julho de 1865 e faleceu na cidade do Rio de Janeiro a 28 de agosto de 1918. Republicano histórico, orador e grande polemista, foi um dos principes do jornalismo politico brasileiro e, sob certos aspetos, possivelmente o maior. Fundou e dirigiu vários jornais. Deputado à Constituinte de 1891, reeleito, passou

para o Senado em 1912, na vaga do general Lauro Sodré, pelo Distrito Federal. Foi um dos fundadores da Academia Brasileiras de Letras. Amigo tradicional do senador Pedro Velho, companheiro na Camara dos Deputados, pronunciou a 15 de janeiro de 1908, numa sessão civica em homenagem à memóia do "Organizador do Rio Grande do Norte republicano" na Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro, o discurso que reproduzimos, considerado a página mais expressiva sobre Pedro Velho. Incluiu-o no seu livro "Discursos fora da Camara", 43-49, Livraria Editora, Rio de Janeiro, 1911.

MEU RETRATO DE PEDRO VELHO

LUIS DA CAMARA CASCUDO

Pedro Velho de Albuqerque Maranhão nasceu na cidade do Natal, rua do Comercio, a 27 de novembro de 1856. É a rua Chile atual. O predio não existe mais. Correspondia ao número 178 dos nossos dias.

Batizou-o no engenho Jundiaí, em Macaíba, a 26 de junho de 1857, o vigário Bartolomeu Fagundes, sendo seus padrinhos Francisco Pedroza e Maria da Cruz Pedroza. O padrinho era seu tio materno.

Deram-lhe o nome do seu avô paterno.

Era o quarto filho dos quatorze totais. O pai, Amaro Barreto de Albuquerque Maranhão, (1) nascera em Nazaré, Província de Pernambuco, a 15 de janeiro de 1827 e faleceu no Recife a 25 de agosto de 1896. Anterior a 1841 já estava no Rio Grande do Norte, pequeno negociante, comprando e vendendo, frequentando as feiras antes de estabelecer-se em comércio fixo e indústria açucareira. Chegou mesmo a viajar para os Estados Unidos e Europa (abril-agosto de 1879) tentando o financiamento para um engenho central no vale do Capió e fabrica de tecidos. Construiu a estrada de Macaíba a Natal.

Os oposicionistas ironizavam Pedro Velho, já politico poderoso, dizendo-o "filho de cigano", alusão ao comércio ambulante do pai.

Amaro Barreto casou-se no engenho Jundiaí, propriedade do seu sogro, a 9 de dezembro de 1851, com Feliciana Maria, nascida em Brejo de Areias, Paraíba, a 30 de março de 1832 e falecida em Natal a 9 de maio de 1893. Era filha de Fabricio Gomes Pedroza, "Fabricio de Guarapes" (2) e de Maria da Silva de Vasconcelos, sua primeira mulher, já falecida quando Dona Chana casou.

A casa cheia de irmãos era uma festa (3). Os costumes eram severos e simples. A forma patriarcal ambientava um vinculo de carinho entre todos. Irmãos e irmãs morreram adorando-se mutuamente.

Os estudos foram feitos em Natal. Primeiras letras com o professor Antônio Ferreira de Oliveira que morreu muito depois do seu ilustre aluno.

O velho Amaro mandou o filho para o Ginásio Pernambucano no Recife e depois para a Bahia, para o Colegio Abilio, de fama espalhada e perene, dirigido pelo futuro Barão de Macaúbas, Abilio César Borges. Pedro Velho foi condiscipulo de Luis Francisco Junqueira Aires de Almeida e aluno de Carneiro Ribeiro, o filologo, professor de Ruy Barbosa.

No Colegio Abilio estudou também música e piano. Governador atarefado ou Senador prestigioso Pedro Velho abria o piano e solfejava as velhas modinhas baianas, especialmente uma de Xisto Bahia e Plinio de Lima, sua favorita, "Quiz debalde varrer-te da memória", acompanhando-a no velho gosto sentimental das serenatas.

Uma vez estando ao piano rebentou uma revolta no Colegio e os insubordinados foram reduzidos e castigados, excluindo-se o norte riograndense sabidamente fora do salão. Sabendo da penalidade, Pedro Velho pediu ao diretor para incluí-lo entre os culpados, declarando-se solidário com a turma. Abraços de Abilio, discursos e revogação da sentença, com popularidade estridente para o estudante romantico.

O curso terminou em 1873 e Pedro Velho matriculou-se na Faculdade de Medicina. Era sua vocação e o velho Amaro ficou radiante. De 1874 a 1877 estudou tenazmente mas veio o exgotamento e ficou pensando na tuberculose. Pedro Velho passou a vida temendo ficar tuberculoso. Fizéra o quarto ano. O pai mandou-o interromper os estudos e viajar para Europa. Foi para Portugal e creio que chegou a Paris. Ao regressar, suspeitando do clima baiano, transferiu-se para o Rio de Janeiro. Recomeçou em 1879 e a 30 de setembro de 1880 apresentou sua tese, *Condições patogenicas das palpitações do coração e dos meios de combatê-las*. Entre as dedicatórias está o nome de Ernesto Carneiro Ribeiro, "ilustre mestre e excelente amigo". De-

fendeu tese a 4 de abril de 1881, obtendo distinção. A escolha da especialidade prendia-se a um motivo emocional. Queria tratar de sua mãe, dona Chana, cardíaca. Pôde realmente prolongar-lhe a vida, com extremos cuidados, doze anos.

Ele próprio, cardíaco, morreria aos 51 anos, da ruptura dum aneurisma.

Doutor em medicina, Pedro Velho casa-se no Rio de Janeiro a 27 de abril do mesmo 1881 com uma irmã de sua mãe, com a linda dona Nila, Petronila Florinda Pedroza, filha de Fabricio Gomes Pedroza, seu avô materno, e de sua terceira esposa, Luiza Florinda, irmã de seu pai. O avô ficára sendo sogro e a mãe cunhada. Casou e veio iniciar a lua-de-mel em São José de Mipibú, com uma farmácia e clinicando (4).

Em principios de 1882 estava residindo em Natal. Fazia clinica, notadamente ginecologia e obstetricia. Os jornais publicavam o número das receitas médicas semanais e Pedro Velho quase sempre era o primeiro ou um dos primeiros. Natal tinha seis médicos. Em 1889 possuia quatorze.

Seu irmão Amaro Barreto Filho, dois anos mais velho, era o musicista da familia. Tocava piano e ficára muitos anos em Paris onde casára em 1878. Estivéra uns tempos no Recife ensinando música, piano e solfejo. Em 1881 voltára e tivera a idéia de fundar um colégio em Natal. Pedro Velho aceitára a sugestão assim como o irmão Augusto Maranhão (Augusto Severo) que ensinaria matemáticas.

O GINASIO RIOGRANDENSE inaugurou-se a 15 de fevereiro de 1882 e durou até o final de 1884. Ficava na Rua Nova, Visconde do Rio Branco, (o barão era ainda desconhecido e seria titulado em 1888) num prédio correspondente ao número 743, Escola Industrial de Natal na avenida Rio Branco. Pedro Velho residia no n.º 55, atual 704, e tinha consultório na Ribeira, na rua Tarquinio de Souza, n.º 36, hoje Rua Chile, das 11 da manhã às 3 da tarde, atendendo chamado por escrito a qualquer hora. Gratis aos pobres.

A clínica era grande mas pouco rendosa. O Ginásio teve curso de conferências divulgadoras de cultura, falando o dr. Hermogenes Tinoco que se bacharelára na Universidade de Paris, e os médicos Henrique Camara e Calistrato Carrilho. Fazia

excursões pedagógicas aos arredores da cidade, ao forte dos Reis Magos, passava domingos nas praias ou sob o arvoredo de Guarapes. Mas o estabelecimento não compensava. Pouco mais de dois anos depois fechou.

Pedro Velho candidatou-se ao ensino de História no Ateneu Norte Riograndense. Prestou concurso a 14 de abril de 1885 e foi aprovado com louvor. Começou a ensinar e dar aulas apaixonadas, empolgando os alunos que desertavam de outros cursos para assistir a evocação colorida do passado. Certas preleções foram conferências arrebatadoras, arrancando salvas de palmas.

O irmão Fabricio Maranhão, senhor de engenho em Canguaretam, era do Partido Liberal. Pedro Velho era indiferente. O Partido Liberal estava *de cima* e o jovem médico foi nomeado Inspetor de Saúde Pública pelo Presidente da Província, dr. Francisco Altino Correia de Araújo, assumindo a 9 de maio de 1885.

Sabia-se que os *luzias* (apelido popular dos Liberais) estavam agonisando. Ninguém parava no governo provincial. O Presidente Altino largou em julho deste 1885 e "O Pandego", jornalzinho humoristico, chorava hipocritamente:

O Altino foi-se embora,
Ai, meu Deus, quanta agonia!
Resemos, pois, por su'alma,
Padre Nosso, Ave Maria!

Na despedida do cujo
Sete lenços ensopei!
Sete punhos de camisa!
E êle diz que não chorei!

O conselheiro José Antonio Saraiva *caíra* em agosto e com êle os Liberais. Na Província assumira o vice-presidente "luzia" Antônio Basilio Ribeiro Dantas e entregava, a 22 de setembro, ao primeiro vice conservador, dr. Alvaro Antônio da Costa, Juiz de Direito de São José de Mipibú, até que chegasse o Presidente nomeado pelo gabinete do barão de Cotegipe, dr. José Moreira Alves da Silva, empossando-se a 22 de outubro. Inaugurava-se a *era saquarema,* nome dos Conservadores, indo até junho de 1889 quando voltaram ao Poder os Liberais com o visconde de Ouro Preto, o derradeiro ministério no Brasil imperial.

Ninguém mexeu com Pedro Velho que continuou Inspetor de Saúde Pública e ainda apresentou relatório ao presidente Moreira Alves da Silva em 22 de fevereiro de 1886.

Alto, claro, forte, a ampla cabeleira anelada e fofa, dentes esplendidos, os olhos castanhos e luminosos, o grosso bigode ornamental, a voz quente, sonora, com todas as inflexões e nuanças musicais, a palavra fácil, brilhante, calorosa, Pedro Velho tornou-se uma figura singularmente querida. O médico generoso era igual ao amigo fiel e bom. E a ausência de côr política fazia-o fraternal nos ambientes mais reservados.

Fabrício Maranhão, já chefe político liberal, era deputado provincial no bienio de 1888-1889 e elegia-se vice presidente da Assembléia Legislativa em 1888.

Em fins de 1887 o movimento abolicionista empolgou Pedro Velho. Tinhamos 3.516 escravos no Rio Grande do Norte. 152 no município da capital. Pedro Velho convocou os amigos, os admiradores, os clientes, gente liberal e conservadora, e foi conversar com o vigário João Maria que lhe disse ser abolicionista e podia contar com êle. Pedro Velho, a 1.º de janeiro de 1888, no Teatro Santa Cruz (correspondia ao n.º 86 da Rua João Pessoa) reuniu os abolicionistas reais e em potencial fundou a Sociedade Libertadora Norte Riograndense. Mossoró em 1883, Assú em 1885, Caraúbas e Triunfo (Augusto Severo) em 1887 não tinham mais escravos. Havia muito trabalho local mas faltava organização geral. Ninguém ousara ainda enfrentar o dono de escravos em toda a Província, ao mesmo tempo. Pedro Velho foi esta primeira coragem. Fez um grande discurso arrebatador, aclamou o padre João Maria para presidente e fundou a Libertadora Norte Rio Grandense, diretoria, comissões, animação, entusiasmo, comunicação do pensamento irresistivel de liberdade. Tudo quando aconteceu posteriormente teve êste nascimento. Natal, a 19 de fevereiro de 1888, não tinha mais escravidão. Era a terceira capital de província no Brasil sem escravos. Fortaleza fôra a primeira e Manáos a segunda (5).

Doente, desconfiado dos pulmões, Pedro Velho fugia sempre para Angicos. Lá animou o abolicionismo junto aos amigos Em 1.º de abril entrega-se a última carta de alforria ao derradeiro escravo em Angicos. Em Natal João Avelino Pereira de Vasconcelos e Odilon de Amorim Garcia fizeram maravilhas. Foram, exatamente, os maiores trabalhadores da causa. Quando

veio o 13 de maio a escravaria rareava, graças à Libertadora, com sua força contagiante de emoção e de espírito. O motor fôra Pedro Velho.

Depois da Abolição, a República. Era a dedução do tempo idealista. Sonhava-se a fase única do domínio da inteligencia, tranquilidade, trabalho, ordem, honestidade, progresso veloz.

João Avelino decidiu Pedro Velho a ser republicano. Convenceu-o em dezembro de 1888. Pdero Velho realizava imediatamente o pensamento surgido nos momentos de meditação, bebendo o lento cognac e fumando o charuto indispensavel às cismas.

Em 27 de janeiro de 1889 fundou o Partido Republicano do Rio Grande do Norte. O lugar da reunião foi a casa de João Avelino, grande, abrigadora, abrindo o janelorio para a campina deserta da Ribeira, olhando a capela do Bom Jesus ainda sem torres.

A 1.º de julho de 1889 Pedro Velho sacode o orgão do Partido. O título diz tudo: — "A REPUBLICA". Começou a propaganda. Escreveu, falou, conversou e convenceu. Era funcionário público provincial, professor catedrático do Ateneu. Ninguém o incomodou. O Imperador dava aos republicanos o direito de sonhar um regimen de liberdade ainda mais desmesurada e sonora. Subia o Liberal com o visconde de Ouro Preto. Um deptuado geral pelo Rio Grande do Norte, deputado conservador, o Padre João Manoel de Carvalho dava um *Viva a República!* na Camara dos Deputados, na sessão da apresentação do novo Ministério, 11 de junho de 1889. O marechal Floriano Peixoto era ajudante-general e, em breves mêses, mostraria o que significavam defesa do Estado e consolidação do regimen.

O Imperador D. Pedro II, a pedido de Ouro Preto, dissolveu a Camara dos Deputados, marcando as eleições gerais para 31 de agosto. O Rio Grande do Norte tinha apenas dois deputados gerais. Ambos conservadores no momento, mas o Padre João Manoel de Carvalho fizera profissão de fé republicana. Seu colega, o conselheiro Tarquinio Braulio de Souza Amaranto, afastou-se vagarosamente da cena. O Padre não mais reapareceu

nos pleitos locais. Nunca se aproximou de Pedro Velho e duas rainhas não cabiam no mesmo trono.

A 14 de julho Pedro Velho reune o Partido e é indicado candidato a deputado pelo primeiro distrito (capital e litoral) e José Leão Ferreira Souto, conterraneo que vivia no Rio de Janeiro, republicano histórico, pelo segundo. O numero de sufrágios e o nome dos sufragados não adiantavam. Essencial era provar que o Partido estava vivo e lutando. O segundo distrito era o sertão.

Não cabe aqui contar a *history and story* dessa eleição inesquecivel. Para as duas vagas foram às urnas sete candidatos.

Miguel Joaquim de Almedia Castro pelo segundo distrito e Amaro Carneiro Bezerra Cavalcanti pelo primeiro (candidatara-se por ambos e José Bernardo de Medeiros, o *Bispo do Seridó,* chefe liberal, derrotára-o no segundo, fazendo valer seu preferido) foram eleitos mas a 15 de novembro dispensou-os de salvar o Império e a Pátria amada.

Pedro Velho obtivera 54 votos. O velho Amaro Barreto, que nunca fôra eleitor, alistára-se para votar no filho republicano. Pedro Velho chorava de emoção, contando o fato aos amigos.

Estava consagrado, aclamado Chefe, conhecido pelos republicanos da Côrte, citado na imprensa do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Ninguém apagaria mais aquela luz provinciana e teimosa, acêsa na vontade incomparável.

Mas continuava a clínica possivel e era homem de leitura diária, jornais do sul, livros de história, economia, literatura. Aos domingos, batia piano, resmungando as modinhas imperiais, saudosas e langues. O nome derramava-se pelo interior, agreste e sertão, como uma esperança infalivel.

Na tarde de 15 de novembro José Leão telegrafa anunciando a proclamação da República. O vice presidente em exercício, Antonio Basilio Ribeiro Dantas, recusando fazer instalar um govêrno de amigos adesistas imediatos, fraudando os republicanos, manda chamar o chefe do Partido. Ha boatos que Benjamim Constant ia fazer a guarnição militar dar posse ao

dr. José Paulo Antunes, um médico baiano, tradicional na cidade, preto e culto, *niger sed sapiens*.

No palácio da Presidência (rua Chile n. 106) com a presença dos chefes militares do Exército e da Marinha Pedro Velho assumiu a 17 de novembro e administrou até 6 de dezembro quando se empossou o governador nomeado pelo Govêrno Provisório, Adolfo Afonso da Silva Gordo. (*).

Não posso comprimir a multidão de fatos até a eleição para a Constituinte, 15 de setembro de 1890. Informo apenas que para os sete lugares da Constituinte, três senadores e quatro deputados, os candidatos foram dezenove.

Todos os recursos políticos de Pedro Velho, sua inteligencia inexgotável, a acuidade, presciência, rapidez de solução, graça irresistível de sedução, resistência admirável, confiança, alegria, bom-humor contagiante, tiveram seu clima natural nestes mêses ásperos e sua aplicação insubstituivel nas horas decisivas de comoção partidária. Viu aglomerar-se contra seu nome quase todos os republicanos históricos, os remanescentes dos partidos antigos, os ambiciosos, os hábeis, os dedicados, os idealitas, todas as gamas do desejo na multiplicidade alucinante de uma campanha disparatada, bravia, atordoante de discursos, manifestos, reuniões e sonhos. Venceu-os a todos.

Sua chapa foi obra prima de habilidade e cuidado. Para o Senador, José Bernardo, o grupo eleitoral disciplinado do Seridó, José Pedro de Oliveira Galvão, cunhado do seu primo José Avelino, um dos Padrinhos da República, capitão em novembro de 1889, major em janeiro de 1890, tenente coronel em março, amigo íntimo do marechal Deodoro, comandante do Terceiro Batalhão de Infantaria que o adorava, e Amaro Cavalcanti, já influente na política nacional, vivo, inquieto, jurista, orador, futuro Ministro de Estado, Embaixador, Prefeito do Distrito Federal, Ministro do Supremo Tribunal Federal. Para a Camara, Pedro Velho (não tinha idade para senador), Miguel Castro,

(*) Como 1.º Vice-governador (nomeado pelo Govêrno Provisório) Pedro Velho assumira, de 19 de setembro a 8 de novembro de 1890, substituindo o Governador Joaquim Xavier da Silveira Junior.

o deputado liberal que vencera na última eleição monárquica, Antônio de Amorim Garcia, um dos chefes conservadores do conselheiro Tarquinio de Sousa, do "grupo da Botica" que pertencia ao seu irmão, o comendador José Gervasio de Amorim Garcia, e Almino Alvares Afonso, antigo candidato conservador pelo "Congresso de Caraúbas", abolicionista famoso, orador do genero declamatório e eficaz, grande latinista, simples, forte, impulsivo e bom como água da fonte. Estes nomes respondiam às necessidades e traziam a força legítima das maiores massas eleitorais do Estado.

Depois da eleição, Pedro Velho era indiscutivelmente o Chefe do Estado, chefe pela naturalidade da ação, expontaneidade do gesto, vocação do comando.

Na eleição para Presidente da República Pedro Velho e José Bernardo, êste por causa daquele, votaram em Prudente de Moraes. Toda a bancada acompanhou a maioria ao lado do marechal Deodoro da Fonsêca.

Mais uma vez Pedro Velho ficou na oposição consciente. Iniciou-se a reação Lucena, de Henrique Pereira de Lucena, ministro da Justiça do Generalissimo. O governador do Estado, Nascimento Castro, amigo de Pedro Velho, foi demitido três dias depois da eleição presidencial e nomeado Amintas Barros, cunhado dos Amorim Garcia, juiz de Direito da Capital, antigo chefe conservador do Grupo da Botica. Amintas não deixou um "pedrovelhista" sem demissão. Naturalmente procedeu-se a eleição para a Constituinte estadual. Havia uma chapa combinada com elementos comuns. Amintas, coerentemente, adiou a eleição de 10 de março para 10 de maio de 1891. Pedro Velho perdeu de ponta a ponta. Foi instalado o Congresso Constituinte a 10 de junho e dois dias depois eleito o Presidente do Estado, Miguel Joaquim de Almeida Castro e a 21 de julho votada e promulgada a Constituição do Rio Grande do Norte republicano Miguel Castro assumiu a 9 de setembro. O generalissimo dissolve o Congresso Nacional a 3 de novembro. Miguel Castro e o Congresso estadual telegrafaram felicitações e também o coronel Francisco de Lima e Silva, comandante da guarnição federal. Deodoro renuncia a 23 do mesmo novembro e Floriano Peixoto assume. Começa a desmanchar-se a administração na-

cional pelas deposições. Ia o povo gritando e os soldados atrás, apoiando. Floriano explicava que a deposição fôra de origem popular.

Pedro Velho esteve em todas as reações contra a dissolução do Congresso. Participou das reuniões, inclusive a célebre, na residencia do general José Simeão de Oliveira. Dos norte riograndenses, Pedro Velho, José Bernardo e Amaro Cavalcanti foram os únicos presentes.

A 28 de novembro deste 1891 o presidente Miguel Castro era deposto em Natal e embarcado para o Ceará (6). Proclamou-se uma Junta Governativa com Ferreira Chaves, Nascimento Castro (o governador demitido por Lucena) e o coronel (futuro general) Lima e Silva, completamente esquecido de que havia aderido ao golpe de Estado talqualmente o presidente deposto pelo mesmo motivo. A Junta dissolveu o "Congresso Amintas", como o denominavam, e elegeu a 31 de janeiro de 1892 o novo Congresso Constituinte, instalado a 20 de fevereiro e promulgando a nova Constituição a 7 de abril. Este Congresso elegeu, a 22 de fevereiro, Pedro Velho Governador do Estado. Pedro Velho assumiu seis dias depois. Governaria até 25 de março de 1896.

O decreto n.º 173, de 10 de dezembro de 1907, vinte e quatro horas depois de sua morte, dava-lhe o titulo de "Organizador do Estado Republicano". E realmente foi. Repartições públicas, a Polícia (Batalhão de Segurança), instrução pública, o Tribunal de Justiça, divisão do Estado em municípios e atribuições das Intendencias, a chefatura da Polícia civil, a justiça estadual, o Tesouro, tudo nasceu de suas mãos. Pagou o débito com o Banco do Brasil. Criou municípios e vilas. Enfrentou a sêca. Chorando de raiva emitiu apólices. Sua primeira e última mensagens ao Congresso Legislativo fotografam o homem cuidadoso, angustiado, inquieto, ciumento de um tostão, rondando o tesouro como um fiel ao seu amor ideal.

Para uma visão do problema financeiro do Estado durante sua administração deixo aqui os algarismos impassíveis da Receita Arrecadada e da Despesa efetuada de 1893 a 1895:

1893	1.070:707$101	854:864$799
1894	707:635$124	778:436$600
1895	861:201$729	971:696$184

Durante seu govêrno Pedro Velho teve, em 1894, pairando sôbre a estabilidade administrativa do pequeno Estado a sombra glacial de Floriano Peixoto, ameaçadora, silenciosa e sinistra como uma grande águia real.

Nunca tinham sido amigos mas correligionários ante a dissolução do Legislativo. Direta ou indiretamente Floriano insinuára a nomeação de um nome (Tavares de Holanda) para desembargador no Tribunal de Justiça. Pedro Velho alegando compromisso anterior nomeára outro, Olimpio Vital, justamente a pedido, diziam, do almirante Custódio José de Melo. Na renovação do terço no Senado, 1893, para os nove anos, o candidato de Floriano fôra Amaro Cavalcanti, um dos defensores hábeis da legalidade jurídica do vice-presidente exgotar o quatriênio. O eleito foi Almino Alvares Afonso. Floriano, diga-se a verdade, não odiava também o norte rio-grandense. Em caso contrário não seria a força limitada estadual barreira capaz de opôr resistência a quem fizéra depor dezenove governadores. Mas, sorrindo enigmáticamente, deixou que tentassem amedrontar o inamedrontável Pedro Velho.

Veio para comandar o 34 Batalhão o tenente coronel Virginio Napoleão Ramos, soldado valente mas desabusado, arrebatado, crédulo, ciente de um papel histórico a desempenhar. Ao redor de Virginio Ramos a oposição acampou, estimulando-o, excitando-o, provocando-o contra o Governador. Diàriamente surgiam as lutas de soldados do 34 com os do Batalhão de Segurança, mortes, espancamentos, crueldades. O "Nortista", de Elias Souto, pedia a deposição imediata. O "Rio Grande do Norte" descarregava as baterias diárias, gritando pela substituição de Pedro Velho. Como a folha era anti-florianista e comprometia sua aliança aos olhos onipotentes do Vice-Presidente da República, nasceu "O Estado", florianista e clamador da indispensabilidade da queda do governador.

Os amigos apareciam de todos os lados. Na hora da provação a figura do governador sugeriu, na presença catalitica de

sua energia tranquila, o apoio expontaneo. Vinham carabinas do Rio de Janeiro enviadas, afirmavam, pelo almirante Custodio. E caixotes de munição remetidos secretamente pelo coronel Fonsêca e Silva, norte riograndense, diretor da Intendência de Guerra. Na madrugada de 13 de outubro o 34 Batalhão desceu, armado em guerra. A Polícia e centenas de amigos entrincheiravam-se desde a Praça da República (Augusto Severo). O 34 voltou do meio da ladeira (Junqueira Aires). Foi a hora da popularidade máxima de Pedro Velho. Este dizia resistir até 15 de novembro. Se Prudente de Moraes não assumisse êle deixaria o govêrno. Certo que Floriano continuaria como ditador a oposição escolheu mesmo uma Junta Governativa para substituir Pedro Velho.

Enquanto durou a Revolta da Armada Pedro Velho oferecera todos os recursos existentes no Estado para debelá-la. Criára o Batalhão Benjamin Constant, composto de rapazes da sociedade. E comentava-se que a Revolta era chefiada por um amigo íntimo de Pedro Velho, o almirante Custódio José de Melo. Mas o governador via antes e acima de tudo a ordem legal, a letra da Constituição que êle votára com tanto orgulho. Floriano não o podia acusar de conivência aos rebeldes. Mas mudou, demitiu e dispensou todas as autoridades federais amigas de Pedro Velho.

Em 15 de novembro de 1894 Floriano não quiz aceitar o movimento militar que o faria ditador. Prudente de Moraes assumiu. Pedro Velho respirou. A oposição enrolou as tendas e, janeiro de 1895, Virginio Napoleão Ramos foi para Mato Grosso, rilhando os dentes. Passára o máu-tempo. (7)

Dois amigos foram inexgotáveis de estímulo encorajador ao ameaçado mandatário do povo norte riograndense; os cunhados Fabrício Gomes Pedroza e Juvino César Paes Barreto.

1894 trouxéra para Pedro Velho a confiança popular integral, o orgulho do Povo pela coragem do seu chefe, seu destemor sereno, a palavra viva e oportuna dita em voz alta, sem restrição e pavor. Quando as nuvens se dissiparam não foi mais possível diminuir a estatura que o entusiasmo desmascara nos momentos históricos da angustia coletiva.

Politique d'abord. Pedro Velho foi essencialmente político

na acepção eleitoral e miúda do vocábulo entre os homens do seu e do meu tempo. A recordação maior é justamente a luta entre os concorrentes aos postos na Camara e no Senado. As atitudes repercutem decorrentemente da conquista ou fracasso para a posse dêstes lugares.

Para sua vaga na Camara, Pedro Velho, ou o Partido que era êle mesmo, indicou a Augusto Severo, seu irmão. Custou-lhe o rompimento com Nascimento Castro, delfim partidário. Januncio da Nobrega, republicano velho apezar de sua trepidante mocidade, protestou também e candidatou-se. Arrastaria o Seridó e nêste o senador José Bernardo, publicando "Manifesto" a 25 de abril de 1892, como se usava naquêle tempo leal.

Augusto Severo era logo depois do irmão a figura mais popular, simpática pela irradiante simplicidade do seu espirito acolhedor e comunicativo. Merecera uma verdadeira aclamação dos centros eleitorais do litoral, agreste e oeste do Estado. Vinha da Propaganda republicana e apenas os outros interessados podiam discutir a legitimidade do acesso. Ganhou a eleição de 22 de maio mas esta foi anulada pela Camara, em 19 de julho. Nova eleição em 23 de abril de 1893. Desta vez o oponente era Tobias do Rego Monteiro, o futuro historiador, jornalista, então político militante, anti-florianista, dispondo de relações e méritos. Severo voltou a vencer e tomou posse a 30 de junho.

Para a segunda legislatura federal Pedro Velho passou Almino Afonso para o Senado não reelegendo Amaro Cavalcanti apezar do pedido indireto e semi divino de Floriano Peixoto, governando o Brasil na vice-presidência. Além de Augusto Severo, cujo papel na Camara era eminente, inclui o coronel da Guarda Nacional Francisco Gurgel de Oliveira, ex-vice presidente de Miguel Castro, chefe político em Mossoró e zona do oeste, aliado na deposição de 28 de novembro de 1891, e Augusto Tavares de Lyra, deputado estadual, uma inteligencia refletida e segura, com a serenidade atilada de um beneditino. A novidade para a quarta vaga foi o *rodizio*, pela primeira vez usado. Não podendo apresentar chapa completa sem desrespeitar o terço, mandava-se votar pelos correligionários um amigo ex-chapa. Assim veio deputado federal o engenheiro Luis Francisco Junqueira Aires de Almeida, companheiro do Colégio Abi-

lio, vivendo em Natal como Fiscal da Estrada de Ferro. Junqueira Aires foi o maior orador da Camara Federal na segunda legislatura. Junqueira Aires faleceu no Recife, em maio de 1896, com 36 anos. Sem querer abria uma vaga para o proprio Pedro Velho que foi para a Camara em agosto dêste ano.

Para a terceira legislatura, 1897-1899, Pedro Velho vai para o Senado na vaga de Oliveira Galvão. De novo ha apenas a eleição de Amaro Cavalcanti para deputado. Foram todos eleitos a 3 de dezembro de 1896.

Prudente de Moraes tomára posse como Presidente da República. José Bernardo se aproximava lento e seguro, depois de uma oposição tempestuosa, não por êle mas pelo seu grupo, vivo e valente onde se pensou, com o apoio do 34 Batalhão na deposição de Pedro Velho na era em que Floriano Peixoto governava. Amaro Cavalcanti aceitou o ministério da Justiça e Negócios Interiores. Pedro Velho reforçou sua bancada mandando, a 20 de junho de 1897, Eloy de Souza, deputado estadual e seu "leader" no Congresso do Estado, para a deputação federal.

Por êste tempo houve a cisão do Partido Republicano Federal, chefiado por Francisco Glicerio, general honorário do Exército, com Prudente de Morais, Presidente da República. A moção do deputado José Joaquim Seabra (28 de maio de 1897) dividiu o Partido. Glicério e Prudente ficaram em campos opostos. Pedro Velho acompanhou, com toda bancada na Camara e no Senado, a Glicério.

Tinhamos tido a primeira eleição direta a 14 de junho de 1895. Pela primeira vez o norte riograndense votava diretamente no seu futuro Governador. Saiu eleito o des. Ferreira Chaves, posse a 25 de março de 1896 e governaria até 25 de março de 1900. Fiel a Pedro Velho, garantia no Estado a tranquilidade da retaguarda administrativa.

A 5 de novembro de 1897 o anspensada Marcelino Bispo de Melo tentou matar o Presidente Prudente de Moraes e abateu a punhal o ministro da Guerra, marechal Carlos Machado Bettencourt e feriu gravemente o coronel Luis Mendes de Moraes, chefe da casa militar, que defenderam o primeiro magistrado, sereno até o fim. Dizia-se crime insinuado e mantido pelos políticos do Partido Republicano Federal, inclusive o vice-presi-

dente da República, Manoel Vitorino Pereira. Amaro Cavalcanti, ministro de Prudente, desenvolveu uma série de pesquisas policiais contra Pedro Velho e seus amigos, no Rio de Janeiro e em Natal. Pedro Velho ficou ao lado de Glicério e de Manoel Vitorino. A bancada acompanhava-o. José Bernardo e Almino Afonso foram de inexcedivel fidelidade pessoal e politica. Em novembro mesmo ,dias depois da tentativa, o deputado Francisco Gurgel de Oliveira telegrafara a Amaro Cavalcanti aderindo. E não mais perdoou Pedro Velho na Camara onde teve respostas imediatas.

O chefe de Polícia do Rio de Janeiro, Edwiges de Queiroz, intimara Pedro Velho a não deixar a capital federal, promovendo-o, como disse no Senado o intimado, a *facinora honorário*. Apenas em janeiro de 1898, passada a tempestade, chegou Pedro Velho a Natal tendo uma manifestação estrepitosa de apoio fanatico. Ainda lembravam seu discurso, na porta da casa, antes de entrar e abraçar a família, concitando o povo delirante a mostrar-se digno de sua história. O discurso perdeu-se.

Ha um acontecimento que merece ressurreição. O Partido Republicano Federal escolhera Lauro Sodré e Fernando Lobo como candidatos à presidência e vice presidência da República. Os governistas indicaram Campos Sales e Rosa e Silva. Pedro Velho garantiu o apoio do Rio Grande do Norte e Ferreira Chaves manteve a palavra dada pelo seu chefe.

Eleições de 1.º de março de 1898. O Rio Grande do Norte deu 9.514 votos a Lauro Sodré e 3.024 a Campos Sales; Fernando Lobo, 9.514 e Rosa e Silva, 3.036. De todos os Estados que tinham afirmado solidariedade apenas o Rio Grande do Norte e o Paraná foram às urnas com seus candidatos de honra, certos de perder e alegres pela atitude que ninguém compreende mais.

No Congresso Federal Pedro Velho mantém o equilíbrio das forças sob seu comando. Em 1896, vaga de Almino Afonso, seguiu Francisco Gomes da Rocha Fagundes, espécie matuta do Visconde de Ourém na exatidão e limpidez do serviço burocrático que lhe fosse confiado, posse em 1900. Manoel Pereira Reis, engenheiro, astronomo, geógrafo, matemático, com serviços prestados ao Estado, foi eleito para a quarta e quinta legis-

latura, na vaga do coronel Gurgel que se afastára em 1897. José Bernardo, reeleito em 1899 para os nove anos, evidenciava a segurança de uma amisade sólida. Em 1900 Rocha Fagundes renunciou e Ferreira Chaves foi ocupar sua vaga no Senado. Para Governador fôra eleito Tavares de Lyra, substituido na Camara por Alberto Maranhão (1904). Na quinta legislatura apareceu deputado o coronel Francisco Vitor da Fonseca e Silva, o amigo fiel nas horas terríveis de 1894 e, falecendo em 1905, teve como seu sucessor o dr. Juvenal Lamartine de Faria, um chefe do Seridó, magistrado, jornalista de oposição em 1894 e lealissimo amigo de Pedro Velho com um afeto que a morte não interrompeu. Reeleito, na renovação do terço (1905), Pedro Velho faleceu quase no início do mandato (1907). José Bernardo falecera no mesmo ano, a 15 de janeiro.

Este é o Pedro Velho político, administrador, homem de partido, enfrentando Floriano Peixoto e Prudente de Moraes, criador de entusiasmo, determinando a maior concentração devotada e fiel de amigos de que já foi exemplo o Rio Grande do Norte. Derredor fazia nascer o correligionário, o imitador, fanático, aliado, servo, massa plástica que suas mãos potentes moldavam à sua imagem e semelhança.

Era voluntarioso, egoista, centralizador, princípio e fim de todas as cousas estaduais com um ar desprendido de desinteresse e alheiamento. Conservava a forma impecável de gentilhomem, senhorial e fidalgo, uma graça natural e condescendente que a todos seduzia, mantendo cada um no seu lugar em distancias inalteráveis. Chefe inimitável, conscio de sua autoridade e dos recursos pessoais de conquista, tinha a ciência do comando a voz especial para cada pessoa, a técnica essencial da contaminação política, escolhendo um virus para cada soldado. Alcindo Guanabara chamára-o "organizador da autoridade".

Era emocional, romantico, amando frases, livros, versos, música. Guardava muitos domingos para ler, dizer versos, ouvir os poetas, as páginas maiores que o arrebatavam. Domingos Barros e Henrique Castriciano leram dezenas de livros para Pedro Velho.

Cavalheiresco, denodado, duma valentia serena que o fazia atravessar os momentos mais tempestuosos com uma tranquili-

dade impassivel de um ídolo clássico, manteve intactos os dons pessoais de intuição artística, a maneira elegante e donairosa de falar e portar-se, com uma distinção incomparável.

Vestindo-se sempre de escuro, a sobrecasaca de gola de seda, calça de casimira de fantasia, o colete branco, a gravata borboleta de retroz negro, os óculos de aros de ouro ,o chapéu do Chile que se tornou moda para quase todos os chefes políticos do Estado, impunha-se com a força simples da presença, o metal rico e maleavel da voz admirável, os gestos estudadamente familiares, o tratamento de *tu* em vez do brasileiro *você*, o hábito de chamar aos amigos *meu filho*, segurando-os pelos ombros, abraçando-os demoradamente e, nos minutos de alta emoção, beijando-os, eram suas características infalíveis e disputadas pelo entusiasmo crescente dos correligionários.

Nunca perdeu a mais absoluta naturalidade na expressão e no ademane. Tudo era incomum e lógico em Pedro Velho. Diferente dos outros. Naturalmente imitavam-no e tentaram imita-lo muitos e muitos anos depois sem a menor possibilidade de efeito e aproximação psicológica.

Incapaz de uma violencia, horrorizado com o sofrimento físico pessoal e nos outros, emocionando-se com a narrativa de uma desgraça, correndo ao auxílio de um sofrimento, manteve, como raramente é possível, a popularidade intensa em todas as camadas sociais. Sua personalidade surgia com a naturalidade de um força indiscutível. No Rio de Janeiro ou em Natal possuia o seu círculo, os amigos que não sabiam discutir e sim obedecer aquele homem alto, claro, de cabeleira ondulada e voz quente, mandando como quem pede obséquio e dominando com um ar de não querer nada.

Não foi apenas o Organizador do Estado na Republica. Foi seu valorizador. Divulgou-o na política nacional. Fê-lo conhecido, prestigiado, presente. Nos últimos anos de sua vida era Pedro Velho um dos "leaders" do Brasil político. Indispensável sua opinião e presença nas reuniões decisivas e altas. Pediam sua ida, urgente, para a deliberação suprema. Sua memória é homenageada no Senado por Pinheiro Machado e Ferreira Chaves pela bancada, e na Camara por Jaime Darcy, "leader" da maioria e Eloy de Souza. O discurso de Alcindo Guanabara

fora um apoteose. Seu nome denomina ruas em quase todas as cidades norte riograndenses e ha o municipio de Pedro Velho. Ha uma Rua Senador Pedro Velho no Rio de Janeiro.

Para apoiá-lo e reforçar-lhe a posição política possuia o pequeno Rio Grande do Norte, pobre e despovoado. Fácil é deduzir da projeção de Pedro Velho com maiores contingentes dispostos à sua bandeira sedutora.

Era, entretanto, homem do seu tempo. Arreceiava-se da tribuna embora nela tivesse sempre felicidade. Amava a vida, o movimento, as alegrias da convivência, os jantares com amigos, o charuto, o cognac, os banquetes de outrora que duravam quatro horas, cardápio sem fim e uns trinta discursos estalantes. Gostava de conversar, andar a pé, debater política, contar anedotas limpas e, sorrindo, ouvir as sujas, de usar roupas bem feitas, o asseio impecável, as unhas cuidadas, as mãos aristocráticas, sabidamente eloquentes. Amava os folguedos tradicionais, prestigiando-os, trazendo-os para casa sob pretexto de contentar aos filhos. Jogava gamão, "chorando os pontos", com o ritual inapagável e quasi sempre o "poker" com "entradas" fabulosas de dez mil réis.

Nunca confundiu má-educação com democracia.

Dono do Estado viveu e morreu pobre. Honestidade integral, pura, congênita. Deixou apenas a casa em que residia. (*) Os objetos melhores tinham sido presentes. As ofertas maiores, palacete, carruagem, joias, recusou-as, inabalável. Quando casava uma filha ficava muito contente se lhe era possível arranjar um conto de réis, trocado em notinhas novas, para os alfinetes da menina. Às vezes, no seu aniversário, casa cheia, nada tinha para oferecer. Mandava abrir cerveja, paga, ocasionalmente com dinheiro emprestado. Nada mais .(8).

Nas primeiras semanas depois da proclamação da República

(*) Era a residência do pai, concluída em janeiro de 1895. Depois de 1896 Pedro Velho morou sempre nesta casa, abrigadora e ampla, tornada sua propriedade por uma dádiva paterna e unanime aquiescência dos irmãos e irmãs. A viúva vendeu o imóvel ao Estado. Embora remodelado ainda guarda as linhas gerais características. E' o prédio da Imprensa Oficial, avenida Junqueira Aires n.º 355.

andava com um flamejante colête de cetim escarlate, feito pelo alfaiate Gabriel Narciso Aranha. Era a moda no momento e seus irmãos, Fabricio, Adelino e Alberto, ostentaram estes colêtes estupendos. Depressa libertou-se de qualquer vaidade na indumentária sóbria. Não precisava de penacho. Sentia-se o Chefe na sua figura amável, dominadora e serena.

Num pic-nic que ofereceu aos deputados estaduais, (**) um dêles, Antônio Ferreira Pinto, chefe político do Apodí, o engraçado e vivo "Fuim", sentou-se na mesma rêde em que estava Pedro Velho e esta veio abaixo, num estrondo. Fuim teve uma frase elogiativa e feliz:

— Caí mas caí com o Chefe...

— Acho difícil...

ripostou Pedro Velho fazendo num duplo sentido a psicologia da solidariedade.

Tinha observações risonhas e certas. "Todo eleitor neutro é contra o Governo"; "A oposição é simpática porque não tem a responsabilidade de realizar o que promete"; "Promovam o Progresso que manterei a Ordem".

Numa fase áspera como fôra 1897 tivera tempo espiritual e clima humorístico para escrever ARTIGUETES, assinando-os "Nemo" que êle encontrára no comandante do "Nautilus" do "Vinte mil léguas submarinas" de Julio Verne. E numa destas cronicas registou as figuras dos deputados amigos, os mais populares, com as tintas leves e graciosas da amisade afetuosa.

Tinha pavor da morte e pouca confiança na terapeutica do seu tempo. Apezar de médico, ou por isto mesmo, afirmava: — "Estamos andando no escuro". Alto e forte, temia supersticiosamente a tuberculose. Uma tosse renitente ou febre gripal assombravam-no.

Era um extrovertido ao mesmo tempo tímido e sensível. Emocionava-se com a moléstia dos amigos e dos adversários. Adorava as crianças. Amava evocar os pequeninos episódios

(**) O almoço campestre realizou-se a 11 de setembro de 1904 na chácara "Solidão", de sua propriedade, na av. Hermes da Fonsêca. Meu Pai, que assistiu ao episódio, foi o informante.

familiares, pondo a voz num timbre de extrema doçura. Comedido no vocabulario, repugnavam-lhe expressões violentas ou obcenas. Nunca as empregou. Dava-se ao ar de homem experimentado e velho, o Chefe, venerado, embora muito mais jovem que alguns dos comandados.

Lembro-me de tê-lo visto apenas duas vezes. Em nossa casa, sentado, derreado, exausto, numa cadeira de balanço, todo de escuro, a gravatinha preta de retroz subindo e descendo no ritmo da respiração angustiada, cercado de senhores solícitos, queixando-se vagamente de todas as visceras, culpando a mostarda pelas dôres que sentia. Deu-se aí o fato que narrei no "História que o Tempo leva..." (Monteiro Lobato editor, S. Paulo, 1924) quando entendi de levantar a vozinha menima e aconselhar que não fosse, como queria, para a Sicília por ser uma ilha e sujeita a terremotos. Riu delicado, perguntando em que geografia estudara. Respondí que aprendera no "Tico-Tico", uma revista infantil do meu tempo.

Depois, suspenso nos braços de Fabricio Maranhão, pálido e vestido de cazaca, olhei a face morta, desfeita e branca, de Pedro Velho através do cristal do seu caixão dourado, coberto de flores, no salão nobre do Congresso Legislativo (hoje Tribunal de Justiça. (*).

Pela mão de meu Pai assisti a inauguração do seu monumento a 7 de setembro de 1909. O arranjo da praçuela, batizada com nome inglês ("Square Pedro Velho") é posterior dois anos.

O busto de Pedro Velho foi projeto de Corbiniano Vilaça e executado em Paris pelo escultor Edmond Badoche. A mulher representa a "Pátria Norte Riograndense" e o povo pensava que era Dona Nida, a viúva. Pedro Velho estava de óculos, óculos de bronze, desaparecidos depois.

Recordo-me bem. 7 de setembro de 1909 era um domingo. O governador Alberto Maranhão presidiu o cerimonial muito emocionado. Eloy de Souza foi o orador oficial. Pinto de Abreu

(*) Pedro Velho falecera a bordo do "Brasil", do Lloyd Brasileiro, no pôrto do Recife, às 6,15 da tarde de 9 de dezembro de 1907. Vêr "Os últimos dias do Senador Pedro Velho", de Domingos Barros.

falou pela Intendência Municipal. O poeta Ferreira Itajubá que não tivera delegação de ninguém, declamou um soneto Falára, sem saber, pelo povo.

O busto ficaria deante do Congresso Estadual até que findasse o serviço de terraplenagem da Praça Pedro Velho em Petropolis. Esperou 45 anos. O governador Sylvio Piza Pedroza, sobrinho-neto de Pedro Velho, instalou o busto no local escolhido, transformando-o em monumento. Com a presença civil, militar e estudantal, numa movimentada e sugestiva moldura, realizou homenagem digna ao primeiro governador do Rio Grande do Norte republicano. Deu ao dia presente, apressado e tumultuoso, a lembrança do passado labor e da glória provinciana de Pedro Velho.

O corpo ficára no túmulo de Juvino Barreto, de dezembro de 1907 a agosto de 1932, quando o puzeram noutro, humilde, provisório e sem lápide, provocando uma minha crônica, muito comentada no momento, "Onde anda Pedro Velho?" Somente a 1.º de julho de 1939 Pedro Velho teve sepultura definitiva, no cemitério do Alecrim. Fôra projeto dos deputados estaduais Pedro de Alcantara Matos e Cincinato Galvão Ferreira Chaves na Assembléia Legislativa em sessão de 13 de novembro de 1936.

Não é possível explicar apenas pelos meios existentes no tempo a altura de Pedro Velho e sua inarredável popularidade. Muito de sua vitória nasceu, irradiante e luminosa, do encanto pessoa invulgar, da elegancia e magestade física, dos gestos, da forma personalissima de falar e tratar. Nem os homens com os quais privou, aqueles que fizeram a Abolição e a República e a dirigiram, Quintino Bocaiúva, Aristides Lobo, Campos Sales, Floriano Peixoto, Prudente de Moraes, Afonso Pena, Pinheiro Machado, Ruy Barbosa, Francisco Glicério, Lauro Sodré, Manoel Vitorino, Alcindo Guanabara, os mentores políticos dos Estados do centro e do sul do Brasil, tiveram outro ambiente além da presença prestigiosa do nordestino na força de sua inteligência envolvente. Não podia ser o Estado, fraco e pobre, sustentáculo e égide para seu nome. Mas nunca Pedro Velho fez desaparecer sob o seu nome o Rio Grande do Norte. Citava-o sempre com um orgulho obstinado e discreto de filho amoroso. Seus discur-

sos, de otimismo vibrante, denunciam o clima comum do seu temperamento afetivo e transbordante.

A geração política influente depois de sua morte verificou a impossibilidade de substituí-lo. E mesmo de compará-lo. Maiores ou menores as dimensões não se ajustaram jamais às medidas pessoais de Pedro Velho.

E agora, olhando o centenário do seu nascimento, e sua breve vida de cinquenta e um anos, sentimos a necessidade de reavivar seu nome e assegurar sua presença, culta, nobre, limpa, entusiasta, sonora de patriotismo e de fé, como a homenagem do Passado ao Presente político, administrativo e social do Rio Grande do Norte, num testemunho de que tivemos o maior homem no Organizador do Estado Republicano.

Natal, maio-junho de 1954.

NOTAS

(1) Amaro Barreto de Albuquerque Maranhão foi comerciante de 1830 até 1880 quando comprou o engenho na Ilha Maranhão em Canguaretama, sendo então agricultor até 1888, data de sua residencia em Natal. Já em 1841 era empregado do seu futuro sogro. De um seu livrinho de notas, copiado por seu filho Joaquim Cipião, transcrevo as informações de velho sabor do passado. "Tomamos casa na capital, Cidade do Natal em 27 de janeiro de 1852. Mudanças: de Natal para Guarapes, a 27 de janeiro de 1859. De Guarapes para Macaíba, a 24 de maio de 1859. De Macaíba para o Ceará-mirim, a 6 de novembro de 1860. Do Ceará-mirim para Macaíba, a 24 de abril de 1863. De Macaíba para Guarapes, a 17 de fevereiro de 1875. De Guarapes para o Engenho Ilha Maranhão, na Penha, 26 de julho de 1880. Do Engenho Ilha Maranhão para Guarapes, 1.° de setembro de 1887. De Guarapes para Natal, 22 de setembro de 1888. Mudei-me para a casa nova no dia 15 de janeiro de 1895".

Não pude entroncar Amaro Barreto de Albuquerque Maranhão com os Albuquerque Maranhão diretos. Creio que pertencia a familia igualmente ilustre, os Velho Barreto, de Olinda, Goiana, Igaraçú. Era neto paterno de Pedro Velho Barreto ou Pedro Velho do Rego Barreto, Casado com d. Isabel Candida da Camara de Albuquerque, e bisneto de João José Barreto, casado com uma Rego Barros, apelidada **dona Senhorinha.**

Dona Isabel Candida era filha de José Jeronimo de Albuquerque

Maranhão. Vem daí o Albuquerque Maranhão da família? Não conheço documentos para afirmar ou negar. E' o único que deparo com êsse nome.

A família Velho Barreto veio para o Brasil na pessoa de Luis do Rego Barreto, fidalgo de Viana do Castelo, no Minho, filho de Afonso de Barros Rego, instituidor do Morgado da Quinta de "Do Christi" e padroeiro da Capela do Espirito Santo da Matriz de Viana do Castelo em Portugal, casado com d. Maria Nunes, filha de João Velho Barreto. Luís do Rego Barreto foi Juiz Ordinário na Camara de Olinda e faleceu a 10 de abril de 1611, deixando viuva dona Inês de Goes, falecida a 24 de fevereiro de 1612. Inês de Goes era filha de Arnau de Olanda (filho de Enrique de Olanda, barão de Rhenebourg, em Utrecht e de Margarida Florença, irmã do Papa Adriano VI) e de d. Brites Mendes de Vasconcelos.

Esta é a que me parece ser a familia de Amaro Barreto em varonia até que se possa articular a ascendência de José Jeronimo de Albuquerque Maranhão e sua ligação com os Velho Barreto.

Amaro Barreto usava o Albuquerque Maranhão de sua mãe. Seus filhos não usaram o Barreto e sim o Albuquerque Maranhão da avó paterna.

(2) Fabricio Gomes Pedroza nasceu na Paraíba a 26 de outubro de 1809 e faleceu em Santa Teresa, no Rio de Janeiro, a 22 de setembro de 1872. Fundára a Casa de Guarapes, centro comercial de ampla irradiação economica, exportando e importando diretamente da Europa, especialmente da Inglaterra. Os navios subiam o rio Potengí carregando açucar, algodão, couros em Guarapes onde atualmente existem ruinas. A casa veio de 1859 a 1872 e houve um novo surto, depois da República, com Fabricio-moço, segundo do nome.

Fabricio-velho casou três vezes e abençoou trinta e dois filhos. Cito apenas os que interessam a esta nota.

Com d. Maria da Silva de Vasconcelos (falecida em Natal a 29 de setembro de 1847) vem d. Feliciana Maria, conhecida por **Dona Chana**

Com d. Damiana Maria Bandeira de Melo (falecida em Natal a 3 de julho de 1857) nasceu Fabricio-moço, Fabricio Gomes Pedroza, nascido na rua da Praia, 49, em Macaíba, a 13 de julho de 1856 e falecido no Rio de Janeiro a 12 de julho de 1925.

Com d. Luiza Florinda Barreto (falecida em Natal a 20 de janeiro de 1910) nasceu d. Petronila Florinda, **Dona Nila.**

D. Luiza Florinda, terceira esposa de Fabricio-velho, era irmã do Amaro Barreto de Albuquerque Maranhão que se casou com d. Feliciana Maria, Dona Chana, filha de Fabricio-velho e de sua primeira mulher.

Fabricio-moço, filho de Fabricio-velho e de sua segunda esposa,

casou com d. Isabel Candida, sua prima, filha de sua irmã, dona Chana.

Pedro Velho, filho de Amaro Barreto e de Dona Chana, casou com sua tia, Petronila Florinda, irmã de sua mãe.

Tais eram as ligações entre a familia Pedroza e Albuquerque Maranhão.

(3) Os filhos de Amaro Barreto de Albuquerque Maranhão e Dona Chana foram:

1 — Fabricio Gomes de Albuquerque Maranhão nasceu no engenho Jundiaí, Macaíba, a 13 de setembro de 1852 e faleceu no Rio de Janeiro a 19 de abril de 1924. Casára em Goiana, Pernambuco, a 3 de fevereiro de 1875, com d. Militina Augusta Pessoa de Araújo Tavares, falecida em Vila Nova, hoje cidade de Pedro Velho, a 19 de outubro de 1904.

2 — Maria da Silva, nascida em Natal a 16 de agosto de 1853 e falecida em Olinda, Pernambuco, a 12 de dezembro de 1937. Casou-se em Macaíba a 23 de junho de 1867 com Julio César Paes Barreto, falecido no Recife a 8 de abril de 1899.

3 — Amaro Barreto Filho, nascido em Macaíba a 1.º de setembro de 1854 e falecido no Rio de Janeiro a 30 de junho de 1922 Casára em Paris a 14 de agosto de 1878 com d. Louise Antoinette, falecida no Rio de Janeiro a 18 de outubro de 1927.

4 — Pedro Velho nasceu em Natal a 27 de novembro de 1856 e faleceu no Recife a 9 de dezembro de 1907. Casára no Rio de Janeiro a 27 de abril de 1881 com d. Petronila Florinda Pedroza, falecida em Natal a 27 de dezembro de 1926.

5 — Inês Augusta nasceu em Guarapes a 22 de setembro de 1858 e faleceu em Natal a 5 de agosto de 1932. Casou-se em Macaíba a 28 de janeiro de 1873 com Juvino César Pes Barreto, falecido em Natal a 9 de abril de 1901.

6 — Sérgio Pantaleão nasceu em Macaíba a 27 de julho de 1860 e faleceu nesta então povoação a 10 de janeiro de 1874.

7 — Adelino Augusto nasceu na vila do Ceará-mirim a 17 de julho de 1862 e faleceu em Natal a 6 de janeiro de 1904. Casou-se na Ilha Maranhão, Canguaretama, a 14 de agosto de 1884 com d. Maria Minervina Tavares, falecida em Natal a 19 de janeiro de 1942.

8 — Augusto Severo nasceu em Macaíba a 11 de janeiro de 1864 e morreu em Paris na explosão do dirigivel "Pax" a 12 de maio de 1902. Casára no Recife a 2 de maio de 1888 com d. Maria Amélia Teixeira de Araújo, falecida em Paquetá, Rio de Janeiro, a 20 de outubro de 1896.

9 — Isabel Candida nasceu em Macaíba a 5 de agosto de 1865 e faleceu em Natal a 8 de março de 1895. Casou-se em Guarapes a 8 de julho de 1882 com Fabricio Gomes Pedroza, falecido no Rio de Janeiro a 12 de julho de 1925.

10 — Luís Carlos, nascido em Macaíba a 8 de janeiro de 1867 e faleceu, solteiro, na Penha (Canguaretama) a 2 de fevereiro de 1925. Era irmão-gemeo de

11 — Joaquim Cipião, nascido na mesma data acima e falecido em Natal a 17 de abril de 1947. Casára na Penha a 25 de agosto de 1889 com d. Debora Carolina Pessoa de Melo, falecida em Natal a 17 de março de 1931.

12 — Amélia Augusta nasceu em Macaíba a 14 de junho de 1871 e reside no Rio de Janeiro. Casou na Ilha Maranhão a 18 de setembro de 1886 com Olimpio Tavares Pessoa de Araujo, falecido no Recife a 7 de março de 1925.

13 — Alberto Frederico nasceu em Macaíba a 2 de outubro de 1872 e faleceu em Angra dos Reis, Estado do Rio de Janeiro, a 1.º de fevereiro de 1944. Casou em Natal a 3 de setembro de 1895 com d. Inês Barreto, falecida em João Pessoa, Paraíba, a 13 de setembro de 1943.

14 — Aurea Justa nasceu em Macaíba a 18 de março de 1874, religiosa da Congregação de Santa Dorotéia e faleceu em Cajazeiras, Paraíba, a 28 de dezembro de 1941.

(4) Os filhos de Pedro Velho foram: — Sofia, 21 de janeiro de 1882, casada com o dr. Augusto Tavares de Lyra; Dalila, 21 de janeiro de 1883, casada com o dr. Sergio Paes Barreto; Mario, 3 de abril de 1884; Gastão, 26 de setembro de 1885; Ernesto, 22 de dezembro de 1886; Amaro, 3 de fevereiro de 1888; Carlos, 30 de março de 1889; Carmen, 10 de abril de 1890; Pedro Velho Filho, 1.º de agosto de 1892; Paulo, 28 de junho de 1893; Camilo, 28 de fevereiro de 1895; Clovis, 5 de março de 1896 e Aurelio, em agosto de 1900, que o pai apelidara Tamandaré. Ao falecer Pedro Velho, exceto Amaro e Carmen, viviam todos. Em agosto de 1954 vivem as senhoras Sofia e Dalila e os drs. Ernesto, Paulo e Camilo e Aurélio. A viúva de Pedro Velho faleceu em Natal a 27 de dezembro de 1926.

(5) A SOCIEDADE LIBERTADORA NORTE RIOGRANDENSE, instalada a 1.º de janeiro veio até 14 de maio de 1888 quando encerrou suas atividades. Publicou um BOLETIM, divulgando o movimento abolicionista. O 1.º número saiu a 8 de janeiro e o último a 20 de maio, num total de nove.

ATA DA PRIMEIRA SESSÃO ABOLICIONISTA CONVOCADA PARA A FUNDAÇÃO DA SOCIEDADE LIBERTADORA NORTE RIO-GRANDENSE. — "As 12 horas do dia 1.º de janeiro do corrente ano, no teatro SANTA CRUZ, à Praça d'Alegria, desta cidade, e em presença de numeroso concurso de povo, teve lugar a reunião abolicionista convocada para a fundação da LIBERTADORA NORTE RIO-GRANDENSE. Tomou a palavra o Dr. Pedro Velho, e, depois de ter

proferido um discurso análogo àquela reunião, apresentou aos circunstantes as bases da projetada associação, que foram aceitas e aprovadas. Ao terminar a respectiva leitura, lembrou e propoz para presidente da associação o virtuoso sacerdote vigario João Maria Cavalcanti de Brito, que com tanto zêlo e dedicação dirige espiritualmente esta freguezia e que por seu caráter religioso estava fora e acima de qualquer paixão, para tornar-se segura garantia de união e concórdia entre os associados. Para 1.º secretário lembrou o nome do dr. Oliveira Santos que, não se achando presente, veio depois ocupar o seu lugar. Fram igualmente lembrados para 2.º secretário o major Antonio Pinheiro da Camara e para tesoureiro o capitão Urbano Barata, todos os quais, depois de aceitos unanimemente, passaram a ocupar os seus respectivos lugares. Após a indicação da diretoria seguiu-se a de duas comissões executivas, compostas de 12 membros cada uma e que ficaram assim organizadas: Cidade Alta: Capitão José Antonio, O Grady, José Gabriel, Antonio Caldas, Antonio Viveiros, dr. Zacarias Monteiro, Miguel Lobo, Virgilio Uzeda, José Gabriel, João Lindolfo e Angelo Roseli. Cidade Baixa: Padre Constancio, dr. Souto, capitão João Avelino, Dr. Milanez, Olimpio Tavares, Daniel Sampaio, Nicolau Bigois Laurentino, Odilon Garcia, Joaquim Honório, José Leite e Jovino Barreto. Havia um lugar em disponibilidade na comissão da Cidade Alta e o dr. Pedro Velho pediu para preenche-lo com o seu nome, protestando a sua gratidão. Falou em segundo lugar o sr. dr. Moreira Brandão sobre o objeto daquela reunião e concluiu congratulando-se com a província pela instalação da LIBERTADORA NORTE RIO GRANDENSE. De ordem do presidente leu o 1.º secretário 8 cartas de liberdade concedidas pelos seguintes cavalheiros: Vitor José de Mediros, Joaquim Romão Seabra de Melo, Antonio Idalino de Vasconcelos, André Paulino de Albuquerque, d. Emilia de Albuquerque, d. Maria Emiila de Albuquerque, d. Joana Evangelista Seabra de Melo e d. Josefa de Matos. Em seguida tomou a palavra o sr. dr. Souto, declarando-se francamente abolicionista e fazendo votos para que o Rio Grande do Norte dê mais uma prova de sua energia e patriotismo, libertando todos os seus escravos, correspondendo assim às vistas da associação. Falou também, por sua vez, o 1.º secretário, agradecendo a honra que lhe conferiram e protestando a sua codjuvação e esforços em prol da idéia da abolição. Sucedeu-lhe o dr. Nascimento, dizendo que, filiado desde os tempos acadêmicos à causa da democracia, não podia deixar de rejubilar-se por ver presentes naquela reunião liberais e conservadores, todos com o único empenho da liberação dos cativos. Para responder a um aparte do discurso do dr. Nascimento tomou a palavra o sr. capitão João Varela, sendo por vezes interrompido por uns e aplaudido por outros. A este pequeno incidente da festa abolicionista puzeram termos entusiásticos, vivas à Liberdade e à emancipação dos cativos, solenizados pelo hino nacional, executado

pela banda de música que alí tocava. O sr. presidente convidou aos que quizessem ser sócios da LIBERTADORA a darem suas assinaturas, ficando então a sociedade constituida com 54 sócios. Em uma bolsa aberta à generosidade dos comparecentes foi arrecadada a importancia de 126$000 produto da contribuição expontanea, para as despesas da publicação e outras que se tornem indispensáveis. Não havendo mais nada a tratar-se naquela ocasião, o sr. presidente levantou a sessão, marcando o dia 15 do corrente para nova reunião dos associados, na qual deverão tratar dos trabalhos ordinários da sociedade".

Na sessão de 8 de abril o dr. Zacarias do Rego Monteiro e João Lindolfo Camara foram nomeados 1.º e 2.º secretários na ausência e impedimento dos efetivos.

A 14 de maio o 1.º secretário, Zacarias Monteiro, encerrou os trabalhos na séde provisória no Club Familiar, discursando e organizando um préstito cívico que percorreu as principais ruas da cidade, com muitos oradores, visitando as redações de jornais e elementos abolicionistas. "Algumas ruas e casas estavam embandeiradas e iluminadas. Fecharam-se as repartições públicas".

A Abolição espera ainda o seu historiador.

(6) Floriano Peixoto não decretára a intervenção nos Estados mas prestigiava, naturalmente, a deposição dos governadores, operações efetuadas com a indispensável presença do Exército. Pedro Velho chegára a Natal a 26 de novembro de 1891 e naturalmente o trabalho de entendimento com o 34 Batalhão fora anterior. No dia seguinte recebia telegramas do Rio de Janeiro (estava no Recife quando Deodoro renunciára) de curiosa veemencia. Amaro Cavalcanti exclamava: — **"Perdendo tempo? Vários Estados depuseram governadores".** O deputado Anibal Falcão era persuasivo: — **"E' ocasião. Aproveite".** (Tavares de Lyra, SENADOR PEDRO VELHO, Rio de Janeiro, 1942). Miguel Castro foi deposto no dia imediato, 28 de novembro.

7) Pedro Velho contava, no momento, com a amizade do presidente eleito, Prudente de Moraes. Devia êste ao senador norte riograndense um gesto de corajosa lealdade. Esclarece A. Tavares de Lyra (opus cit.): — "O Partido Republicano Federal fora fundado em junho de 1893 para congregar, em torno dos princípios básicos da Constituição ,as forças políticas que agiam isoladamente nos Estados; e, de acordo com os estatutos aprovados, sua Convenção devia reunir-se em setembro do mesmo ano para indicar os candidatos à presidência e vice-presidência da República no quatriênio de 1894 a 1898. Sobreveio, porém, a revolta da esquadra e os partidários mais exaltados de Floriano Peixoto propuseram o adiamento dessa reunião, sob o pretexto de que a indicação de candidatos enfraque-

ceria sua resistência na defesa do poder legalmente constituido. Glicério intervem e consegue conciliar os pontos de vista opostos; o manifesto apresentando os nomes escolhidos não seria publicado pelo partido antes de 15 de novembro, a juizo do Chefe do Estado. Esses nomes foram os de Prudente de Mores e Manoel Vitorino, não combatidos, mas de fato, simplesmente tolerados nas regiões oficiais.

Passado, porém, aquele dia — 15 de novembro —, ninguém se animava a recomendá-los aos sufrágios eleitorais pelo receio de incorrer no desagrado do alto. Quem toma a iniciativa de fazê-lo é Pedro Velho. E Prudente de Moraes, no govêrno, não esquece esse ato de altivez cívica, cumulando-o de demonstrações de consideração e aprêço".

Esta iniciativa é proclamada pelo próprio Francisco Glicério no discurso em que saudou Pedro Velho a 10 de agosto de 1896 e publicado n'"A República", Natal, a 5 de setembro do mesmo 1896. Coerentemente, um ano depois, Pedro Velho ficava com o seu Partido contra Prudente de Moraes.

(8) O ministro Augusto Tavares de Lyra, discipulo no GINASIO NORTE RIOGRANDENSE em 1884, ainda aparentado com Pedro Velho e, em 21 de janeiro de 1902, seu genro, possue o arquivo do sogro, regista uma nota expressiva sobre a simplicidade das finanças do senador Pedro Velho e a limitada extensão de seus recursos economicos. "Economico, metódico, meticuloso, escriturava diariamente, desde 1885, sua receita e sua despesa, encerrando, no começo de cada ano, o balanço do ano precedente. Veja-se o último encerrado, o de 1906:

RECEITA

Caixa em 1.º de janeiro	4:460$000
Ajuda de custo	1:0000000
Susidio de senador	15:698$000
Renda d'"A República" (era seu jornal) e publicações avulsas	3.:427$000
Juros de apólices e dinheiro	6:020$000
Venda de uma charrete e de um cavalo	600$000
Jogo de "pokèr" (era uma de suas distrações em Natal: "poker" baratissimo, com a entrada de 10$000)	229$000
Dinheiro recebido de empréstimos	1:530$000
Negócio de gado (comprava garrotes e vendia bois, de sociedade com um de seus irmãos, Fabricio Maranhão, que dirigia o negócio)	5:000$000
	38:164$000

DESPESA

Casa e impostos	3:626$000
Educação de filhos	7:673$000
Alimentos	7:036$000
Vestuário	5:598$000
Lavagem e engomado	1:299$000
Toilette	583$000
Criados	880$000
Móveis e utensilios	1:344$000
Esmolas	319$000
Presentes	689$000
Diversões	505$000
Biblioteca	583$000
Viagens	822$000
Agua e luz	328$000
Moléstias	608$000
Fumo	320$000
Política	1:055$000
Eventuais, inclusive festas de aniversário	1:485$000
	35:553$000

Saldo do ano	3:611$000

Parte dêste saldo foi empregado em apólices estaduais e ações do Banco de Natal. Pelos balanços dos diferentes anos, verifica-se como adquiriu, dia a dia, o pouco que possuia então e que consta do caderno em que se encontram os algarismos que reproduzi, sob o seguinte título:

SITUAÇÃO FINANCEIRA EM 1.º DE JANEIRO DE 1907

Dinheiro em caixa	1:866$000
Apólices (em parte herdadas por sua mulher)	47:500$000
Ações do Banco de Natal	6:600$000
Casas e terrenos em Natal	26:000$000
Tipografia d'"A República"	6:000$000
Joias, biblioteca, móveis e utensilios	11:000$000
Dinheiro em giro	19:600$000
Total	118:566$000

Possuia ainda a casa onde residia, herança de seu pai, com a desistência de seus irmãos.

Tal era todo patrimônio do cidadão exemplar que, durante dezoito anos, foi onipotente em seu Estado e um dos mais prestimosos chefes da política nacional" (**opus cit.**).

Um ex-governador, senador poderoso, rico de amisades, conseguindo economizar 3:611$000 num ano de equilibrio e poupança, é exemplo claro da tradição de pureza moral dos velhos republicanos, herança do pudor imperial pelos dinheiros públicos. Poucos mêses antes de falecer, num balanço íntimo, Pedro Velho escriturava todo seu patrimonio, 118:566$000. Era o que a vida trabalhada lhe dera materialmente para a mulher e os doze filhos. Falava-se, entretanto, da **riqueza** de Pedro Velho. **Sola miseria caret invidia**...

Composto e impresso nas oficinas do Departamento de Imprensa, Natal, Rio Grande do Norte, tendo sido respeitada a ortografia original de cada texto.

edufrn
Editora da UFRN

Este livro foi projetado pela equipe da
Editora da Universidade Federal do Rio
Grande do Norte.

UFRN
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
SEDIS
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
Cooperativa Cultural
Sua Livraria na UFRN
40 Anos
ABEU
Associação Brasileira das Editoras Universitárias